

NOVA REGNI PORTUGALLIAE ET ALGERIBIAE DESCRIPTIO AUCTORE A. SINSON

REGNI PORTUGALLIAE

ROSAEM
PORTUGAL
ALGERIAE

ROSAEM

Mário Rui Simões Rodrigues
Margarida Sobral Neto

Informações Paroquiais e História Local

A Diocese de Coimbra
(Século XVIII)



Palimage
Imagem Palavra

Publicação apoiada por:

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

**Informações Paroquiais
e
História Local**

**A Diocese de Coimbra
(Século XVIII)**

**Coimbra
2012**

Título: *Informações Paroquiais e História Local. A Diocese de Coimbra (Século XVIII)*

Autores: Mário Rui Simões Rodrigues e Margarida Sobral Neto

Revisão gráfica: António Manuel Bandeira de Oliveira

Capa: Pormenor do mapa *Le Royaume de Portugal e des Algarves divisé en ses Archevêchés, Evêchés, et Territoires*, elaborado já nos finais do século XVII por Nicolas Sanson, e depois inserto no *Atlas Nouveau* comercializado por Pierre Mortier

© 2012 Terra Ocre edições e

© CHSC – Centro de História da Sociedade e da Cultura

Direitos reservados por Terra Ocre, Lda.

Co-edição:

CHSC - Centro de História da Sociedade e da Cultura – Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra

e

Palimage

Apartado 10032

3031-601 Coimbra

e-mail: palimage@palimage.pt

site: www.palimage.pt

ISBN: 978-989-703-056-7

Depósito Legal n.º 353384/13

Impressão: Artipol – Artes Tipográficas, Lda.

ISBN da edição digital: 978-989-703-230-1



PALIMAGE É UMA MARCA EDITORIAL DA TERRA OCRE EDIÇÕES

MÁRIO RUI SIMÕES RODRIGUES
MARGARIDA SOBRAL NETO

Informações Paroquiais e História Local

Percursos da História Local Portuguesa

**Informações Paroquiais Setecentistas
da Diocese de Coimbra:
Roteiro para os Investigadores de
História Regional e Local**



Palimage
A Imagem e A Palavra

História da Região Centro de Portugal

Nos anos setenta da anterior centúria, esteve em agenda política a questão administrativa da “regionalização” em cotejo com um possível “regionalismo”. Então, o Centro de História da Sociedade e da Cultura, como unidade de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), sediada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, concebeu e começou a concretizar um projecto científico para detectar, à escala da “Região Centro”, *identidades locais* (umas mais de pendor histórico ou passadista, outras mais presentistas ou actuais, outras ainda mais projectivas ou futuristas), que ajudassem a perceber que o “regionalismo” não era detectável nem no Portugal Continental, nem no Insular. Em última instância, estes estudos de História Local, típica ou atípicamente, concorreriam para suportar, criteriosamente e com suficiente sustentabilidade, projectos de crescimento e desenvolvimento na referida unidade administrativa. Poder-se-ia, deste modo, evitar a pecha histórica (com o inevitável esbanjamento dos dinheiros públicos) de oferecer às populações o que elas não pedem e de não lhes dar o que elas culturalmente reivindicam.

O projecto *História da Região Centro de Portugal* tem-se vindo, pois, a materializar em três domínios ou vertentes, a saber: num levantamento (divulgado e disponível) de *Fontes e Estudos* (de preferência associados); na realização e correspondente publicação de “Estudos parcelares” (ou monográficos); na elaboração de *Sínteses* (apoiadas nos estudos anteriores) que concorrem para a definição de identidades colectivas.

Entre outras, têm constituído curiosidades históricas (actuais) dos investigadores deste projecto, as seguintes: Como é que se tem processado a reprodução biológica, social e cultural dos habitantes de uma determinada

circunscção administrativa? Que épocas ou ciclos poderão ser estabelecidos relativamente à fixação e à evolução dos povoadores? Que sinais ou marcas vão deixando nos sítios habitados, nos tipos de habitação e nas várias formas de organização comunitária? Que meios utiliza(ra)m para produzir bens e serviços e para os fazer circular ou trocar? Como se tem processado a distribuição da riqueza e o que resultou dela ao nível do consumo e do investimento? De que valores, conhecimentos, signos e símbolos se serviram e mantêm ainda vivos para afirmar e dinamizar as respectivas culturas? Que papel tiveram os vários poderes locais nos processos do crescimento e do desenvolvimento?...

Naturalmente, é neste *item* último que mais e melhor se cruza o vetusto e prestigiado poder municipal com outras formas de poder, o que tem suscitado abordagens múltiplas que podem ir desde a transcrição e o estudo dos “forais” até à apreensão (diacrónica e sincrónica) das relações do municipalismo com o senhorialismo, o Poder Central e até com Poderes transnacionais.

Um momento importante do estreito e intenso diálogo que, secularmente, as instâncias enunciadas têm mantido foi o que se verificou durante o Iluminismo quando os governantes portugueses (e não só, obviamente) decidiram proceder a levantamentos *estadísticos* ou estatísticos, mas também a descrições, narrativas, corografias, representações cartográficas, hagiografias... para se conhecer, à escala micro (e depois macro) o País que administravam. Este projecto foi temporalmente amplo e objectivamente complexo, pelo que convém conhecê-lo melhor. É, em grande parte, o sentido do estudo que, ora, Margarida Sobral Neto e Mário Rui Simões Rodrigues publicam, com o expresso agrado do Centro de História da Sociedade e da Cultura.

João Marinho dos Santos

Coordenador Científico do

Centro de História da Sociedade e da Cultura

- I -

Percursos da História Local Portuguesa

Percursos da História Local*

No panorama da historiografia portuguesa actual destacam-se, pela inovação teórica e metodológica, as investigações feitas às escalas local e regional, os estudos que têm como território de análise a freguesia, o concelho ou a região. O interesse dos historiadores por estas dimensões espaciais explica-se por factores de natureza científica, intrínsecos às concepções e às práticas historiográficas, e por motivos de ordem sociopolítica, decorrentes dos novos paradigmas de organização das sociedades e dos poderes.

De notar, no entanto, que o progresso registado no campo da historiografia local, sobretudo após a década de setenta do século passado, se alicerça numa herança historiográfica construída pacientemente, ao longo do tempo, por estudiosos locais, ou simples curiosos das “Antiguidades” das terras, e por investigadores ligados a academias e instituições universitárias.

A história local foi sempre, e continua a ser, um ramo historiográfico plural que não se deixa aprisionar em classificações rígidas, redutoras da sua complexidade. A análise deste campo multifacetado do saber histórico pressupõe, no entanto, a apreensão de alguns dos seus eixos estruturantes, que nos propomos apresentar em seguida¹.

* Por Margarida Sobral Neto, Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Membro do Centro de História da Sociedade e da Cultura.

¹ Para uma caracterização da história local portuguesa *vide* P. M. Laranjo Coelho, *Vantagens do estudo das monografias locais para o conhecimento da história geral portuguesa*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926; Luís Reis Torgal, “História... Que História? Algumas reflexões introdutórias à temática da História Local e Regional”, *Revista de História das Ideias*, Coimbra, 9, 1987, pp. 843-867; José Viriato Capela e João Arriscado Nunes, “O Concelho de Barcelos do Antigo Regime à Primeira República.

1. A narrativa histórico-corográfica

A história local portuguesa tem uma tradição muito antiga no nosso País, remontando os primeiras estudos sobre antiguidades das terras ao século XVI². Os estudos das pequenas pátrias, elaborados sobretudo por eruditos locais, constroem-se com base em narrativas, que podemos designar histórico-corográficas, constituídas por descrições geográficas e históricas, de âmbito local ou regional, em forma de livro ou dicionário, elaboradas com o objectivo de conhecer e dar a conhecer o País, no seu todo³ ou nas diversas partes que o compunham.

A literatura corográfica portuguesa afirma-se nos séculos XVI e XVII com algumas sugestivas “pinturas” de regiões e cidades portuguesas⁴. A obra de referência neste campo é, no entanto, a *Corografia Portuguesa* da autoria do Padre Carvalho da Costa, publicada nos inícios do século XVIII, sendo dedicada ao rei D. Pedro II. A importância deste livro decorre do facto de incorporar elementos da literatura anterior, constituindo-se, ainda, como fonte de informação reproduzida posteriormente em dicionários corográficos e histórias de localidades⁵.

Fontes para o seu estudo”, Sep. de *Barcelos-Revista*, 1993; José Viriato Capela, “História municipal, História Local e História Nacional: notas para um projecto de estudo”, in *Amar, Sentir e Viver a História. Estudos em Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão*, Lisboa: Colibri, 1995, pp. 721-729; João Nunes Estêvão, “Reconstituição histórica de comunidades locais (séc. XVII-XX)”, in *2º Congresso Histórico de Guimarães, Actas*, vol. 7, Guimarães: Câmara Municipal, 1996, pp. 470-571; Armando Malheiro da Silva, “O Minho nas monografias locais, sécs. XIX-XX: notas para uma revisão sistemática dos estudos locais”, *Bracara Augusta*, Braga, 94-95 (107/108), 1991-1992, pp. 27-96.

António de Oliveira, “Problemática da História local”, sep. do Colóquio *O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XIX*, Horta, Núcleo Cultural da Horta, 1995 (republicado em *Pedaços de História Local*, Coimbra: CHSC/Palimage, 2010, pp. 19-53). António de Oliveira, “Da história das pátrias à história local”. *A Cidade e o Campo*. Colectânea de Estudos, Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2000.

² André de Resende, *Historia da antiguidade da cidade de Évora*, Évora, André de Burgos, 1553.

³ Duarte Nunes do Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, 1610.

⁴ *Ibidem*.

⁵ Antonio Carvalho da Costa, *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*, 3 Tomos, Lisboa, 1706-1712; Ana Cristina Nogueira da Silva, “Uma Gramática de Descrição de Espaços: a Corografia Portuguesa do padre Carvalho da Costa”, *Anais da Universidade Autónoma de Lisboa*, Série História, vol. II, 1997.

A narrativa elaborada pelo “clérigo matemático” organiza-se por províncias (circunscrição de referência na descrição do território), desdobrando-se estas em comarcas, cidades e vilas cabeças de concelho em cujo termo se identificam as freguesias. A informação contida na obra, cujo nome completo é “Corografia Portuguesa, e Descrição Topografica do Famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das Cidades, Villas, & Lugares, que contêm; Varões illustres, Genealogias das Famílias nobres, fundações de Conventos, Catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens”, é muito diversificada, sendo os temas mais recorrentes os seguintes: tópicos de cariz histórico ou lendário referentes às “antiguidades” (testemunhos mais longínquos da presença humana); toponímia; lendas e mitos vinculadores da terra ao sagrado; romagens, santos protectores, fundação e conquista da autonomia do lugar (foral); acontecimentos ou personagens relevantes no campo da religião, das letras e da guerra; genealogias; instituições civis e eclesiásticas (bispos, cabido, paróquias, misericórdias, confrarias e irmandades, governo municipal); quantitativos populacionais; recursos naturais relevantes pela sua beleza ou pelas potencialidades económicas (riqueza do subsolo, rios, florestas e terras); património artístico e arquitectónico.

O tom elogioso e engrandecedor da terra marca o discurso corográfico. Este estilo laudatório, emanado da pena dos autores das obras ou dos seus informadores, por norma naturais da terra, explica-se pela subjectividade ditada pelo amor à pequena pátria local⁶. Há que ter ainda em conta a ligação existente, sobretudo nas épocas medieval e moderna, entre a qualidade da terra e a dos homens que nela habitavam, ou tutelavam, a diversas escalas. Com efeito, a qualidade dos recursos naturais valorizava os habitantes, engrandecia os senhores do lugar, o País e o monarca. De notar, no entanto, que com o tempo, a representação das localidades construída pelos autores de corografias se transformou em memória configuradora das identidades locais⁷.

⁶ Sobre o conceito de pátrias ver: Maria Beatriz da Rocha-Trindade, “As micro-pátrias do interior português”, *Análise Social*, vol. XXVIII (98), 1987, pp. 721-732.

⁷ Sobre a projecção de estudos de comunidades na construção das identidades locais, ver Joaquim Pais de Brito, *Retrato de aldeia com espelho*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1995.

O conhecimento vertido nos textos em análise decorre de motivações intelectuais, sociais e políticas. Quanto às primeiras, importa destacar o espírito de curiosidade e de observação que se acentua a partir do humanismo (séc. XVI), tornando-se, progressivamente, esforço de racionalização da percepção do real no sentido de nele intervir com maior eficácia⁸.

No que concerne às segundas, é de relevar a necessidade sentida pela coroa de se dotar de instrumentos informativos referentes ao território que se constituíssem como suporte político e financeiro do seu domínio, como informação necessária à promoção de uma política de desenvolvimento do território ou à construção da memória nacional. É neste contexto que, no século XVIII, foram elaborados vários inquéritos – nomeadamente os promovidos pela Academia Portuguesa da História (1721) e pela Secretaria de Estado do Reino (1732, 1756 e 1758) – cujas respostas se assumem como fonte preciosa para a história das localidades, como se demonstra no estudo de Mário Rui Simões Rodrigues⁹.

A necessidade de “perscrutação do real” acentuou-se no ambiente iluminista da Academia das Ciências de Lisboa, expressando-se em projectos de “Viagens filosóficas”, “Memórias” e “Descrições Geográficas e Económicas”, bem como em esforços de quantificação da população (numeramento de Pina Manique (1798) e o censo de (1801-1802)¹⁰.

A missão assumida pelos académicos da Academia Real das Ciências não foi apenas a de descobrir o passado, mas também, e talvez sobretudo, a de identificar e inventariar os recursos existentes com o objectivo de traçar as políticas que permitissem desenvolver as diversas regiões do País, num tempo em que o Império, nomeadamente o Brasil, já dava sinais de grande vulnerabilidade¹¹.

⁸ Margarida Sobral Neto, “A desagregação das estruturas de Antigo Regime: alguns indicadores”, in Fernando Marques da Costa; Francisco Contento Domingues; Nuno Gonçalo Monteiro (org.), *Do Antigo Regime ao Liberalismo: 1750-1850*, Lisboa: Vega, 1989. pp. 251-258.

⁹ Sobre este assunto cf. Maria José Mexia Bigotte Chorão, “Inquéritos promovidos pela Coroa no século XVIII”, *Revista de História Económica e Social*, 21, 1987, pp. 93-130.

¹⁰ Joel Serrão, *Demografia Portuguesa (1800-1862)*, Lisboa: Livros Horizonte, 1973; José Luís Cardoso, *O pensamento económico em Portugal nos finais do século XVIII. 1780-1808*, Lisboa, Editorial Estampa, 1989.

¹¹ Citamos a título exemplificativo as seguintes obras: José de Abreu Bacelar Chichorro, *A memória económico-política da Província da Estremadura*, publicada com introdução e notas por Mosés Bensabat Amzalak, Lisboa, 1943; *Mapa do estado actual da provincia de*

O esforço de conhecimento dos recursos do território prosseguiu no século XIX traduzindo-se na publicação de diversas corografias e dicionários corográficos, obras cujos conteúdos reflectem as necessidades de informação de uma sociedade política em profunda mudança. Com efeito, estes estudos dão-nos conta da reorganização administrativa que se operou neste século em articulação com a estruturação do estado oitocentista, assumindo-se como instrumentos legitimadores da nova geografia política¹². A literatura corográfica oitocentista reflecte, igualmente, as novas necessidades da construção do Estado ao integrar nos seus conteúdos informação estatística¹³.

Uma das produções de referência da literatura corográfica e da história local oitocentista é a obra organizada por Pinho Leal intitulada *Portugal antigo e moderno: diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*¹⁴. O título deste dicionário, que integra 12 volumes, reporta-se a dois tempos históricos (a antiguidade e a modernidade) e enumera os campos temáticos nos quais a informação se inscreve: a geografia, a corografia, a estatística, a história, a arqueologia, a biografia, a etimologia e a heráldica. Para a elaboração desta obra de síntese publicada entre 1873 e 1890, o autor utilizou a informação disponível sobre as localidades na literatura corográfica anteriormente publicada, socorrendo-se ainda de testemunhos orais e de dados disponíveis em monografias locais.

Tras-os-Montes, de Columbano Pinto Ribeiro de Castro, publicado por José Maria Amado Mendes, *Trás-os-Montes nos fins do século XVIII*, Coimbra: CHSC, 1981.

¹² João Baptista da Silva Lopes (coord.), *Diccionario postal e chorographico do Reino de Portugal comprehendendo a divisão administrativa, judicial e ecclesiastica do Continente do Reino e dos archipelagos dos Açores e Madeira*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1891-1894, 3 vol.

¹³ João Baptista da Silva Lopes, *Corografia ou memória económica, estadística e topográfica do reino do Algarve*, Lisboa: Typographia da Academia, 1841.

¹⁴ Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira, 12 vols., 1873-1890.

2. A história particular das localidades

Atribui-se a designação de história particular das localidades às monografias de comunidades rurais ou urbanas, elaboradas maioritariamente por eruditos locais que se dedicavam à pesquisa de fontes históricas com objectivo de conhecer e preservar a história e a memória da sua terra natal.

O tempo da elaboração, por excelência, das histórias nacionais, mas também de estudos locais, foi, entretanto, o século XIX. Este facto explica-se pela conjugação de factores de natureza institucional e política, decorrentes dos processos centralizadores inerentes à construção, ou afirmação dos Estados, e por motivos de natureza científica que se articulam com as exigências da construção histórica influenciada pela escola metódica¹⁵.

Este grande investimento na história traduziu-se na publicação de estudos e na elaboração de colectâneas documentais como a que a Academia das Ciências elaborou por sugestão de Alexandre Herculano, intitulada *Portugaliae Monumenta Historica*. Esta obra contém documentos fundadores da nacionalidade portuguesa, mas também muitas cartas matriciais de concelhos (forais) e outra documentação muito relevante para a história dos municípios medievos, caso das inquirições.

Importa, entretanto, notar que o governo liberal ao mesmo tempo que promovia a construção de uma história nacional, legitimadora de um processo de integração política alicerçada na ideologia liberal, contribuía igualmente para a preservação da história dos municípios ao ordenar às câmaras, por portaria de 8 de Novembro de 1847, a publicação dos seus Anais. Esta disposição legislativa deu origem à elaboração de grandes colectâneas de documentos referentes à vida municipal, caso da obra intitulada *Elementos para a História do Município de Lisboa*, de Eduardo Freire de Oliveira.

¹⁵“A história faz-se com documentos”. Esta frase emblemática da escola metódica marca a afirmação da história como disciplina científica no contexto do positivismo, corrente de pensamento que se afirmou no século XIX. Sobre o enquadramento problemático e a metodologia da construção histórica positivista ver: Langlois, Ch. V., Seignobos – *Introduction aux études historiques*, Paris, Librairie Hachette, 1898.

A relevância da história local para o conhecimento da história pátria, bem como para a criação do sentimento de apego às pequenas pátrias, viria a ser reconhecida por Oliveira Martins no prefácio à *Monografia sobre Oliveira do Hospital*: “Considerarei sempre que um dos subsídios principais para a história geral do país consiste nas monografias locais, onde se estuda Arqueologia e História, as biografias e as tradições, com os documentos à vista e às mãos nos Arquivos municipais e particulares. Um corpo de monografias destas relativas aos principais concelhos do reino, formaria um tesouro de inestimável valor para o estudioso; ao mesmo tempo que serviria para arraigar nas localidades esse amor à terra, base natural e necessária ao sentimento mais abstracto a que se chama patriotismo”¹⁶.

Os sentimentos do célebre historiador oitocentista foram partilhados por muitos outros autores que deram a lume histórias locais, movidos por amor à terra (em alguns casos da pátria ausente¹⁷) mas também por amor à ciência histórica, que, no contexto oitocentista, influenciado pelas correntes do positivismo histórico alemão e francês, se traduzia em narrativas alicerçadas em documentos lidos à luz do método crítico.

A história local, no século XIX, não atraía, porém, apenas o interesse de estudiosos movidos “por amor à terra”; convocava igualmente intelectuais interessados na elaboração de histórias locais. É o caso de P. W. de Brito Aranha, membro da Sociedade de Geografia e da Academia das Ciências de Lisboa, que publicou, em 1871, uma obra com o título *Memórias Histórico-Estatísticas*, dedicada a várias localidades: Póvoa de Varzim, Lousã, Marinha Grande, Peso da Régua, Mossâmedes e Vista Alegre.

Para além dos meios eruditos e das academias, o estudo das localidades era igualmente acolhido em meio universitário. Com efeito, em meados do século XIX Frederico Laranjo, professor da Faculdade de Direito de Coimbra, indicava, como tema de trabalhos escolares, monografias das terras da naturalidade dos alunos, iniciativa de que resultaram alguns estudos como: a “Memória Histórica do Concelho de Serpa” e a “Memória Histórica do Concelho de Mesão Frio”.

¹⁶ Citado por P. M. Laranjo Coelho, *As monografias locais na literatura histórica portuguesa*, Lisboa, 1935, p. 52.

¹⁷ Um exemplo muito expressivo em: D. João Maria Pereira d’Amaral e Pimentel, *Memórias da Villa de Oleiros e do seu concelho*, Angra do Heroísmo: Typographia da Virgem Immaculada, 1881.

O plano gizado pelo professor de direito para estes trabalhos não se confinava, entretanto, a uma história erudita, antecipando temas que haveriam de constituir-se como assuntos centrais de uma nova história económica e social¹⁸. Na mesma linha se inserem as obras de Alberto Sampaio, autor de obras de referência na área da história local e regional, de que se destacam *As vilas do Norte de Portugal* e as *Póvoas Marítimas*¹⁹.

As duas primeiras décadas do século XX revelaram-se, igualmente, muito propícias à realização de estudos locais e regionais graças à convergência de factores de natureza científica e política. Entre os primeiros, destaca-se o ambiente de renovação das ciências sociais na Europa, assumindo particular protagonismo a geografia humana, a sociologia e a etnografia. Por sua vez, no campo da história faziam-se ouvir as vozes de jovens historiadores que proclamavam a urgência de uma “história nova” sintonizada com os desafios de uma sociedade em mudança²⁰. Nesta linha de pensamento, Marc Bloch escrevia em 1932: “Que as monografias regionais apoiadas numa sólida erudição alimentada por uma ampla cultura histórica são o único meio que nos pode restituir pouco a pouco, na sua diversidade, a imagem da velha sociedade francesa – ou para dizer melhor, da sociedade francesa de todos os tempos, tanto presente como passada – é uma verdade cuja evidência se impõe a todos os historiadores com maior força que nenhuma outra”²¹.

Neste contexto, a Universidade de Coimbra convidou, em 1909, Léon Poinard para fazer um conjunto de conferências destinadas a vulgarizar as metodologias para a elaboração de monografias. Esta iniciativa deu origem à publicação intitulada “*O estudo dos agrupamentos Sociais*

¹⁸ O plano das monografias era o seguinte: Introdução – Origem histórica do concelho e seu desenvolvimento. Distribuição da propriedade antes e depois do regime liberal (cap. 1.º); distribuição da população antes e depois do regime liberal; emigração e imigração, se as há: suas causas e efeitos (cap. 2.º); indústrias antes e depois do regime liberal, seu desenvolvimento ou decadência e causas (cap. 3.º); Misericórdia, sua história e estado actual (cap. 4.º); confrarias e estabelecimentos de beneficência (cap. 5.º); Associações (cap. 6.º); Institutos de crédito (cap. 7.º).

¹⁹ No prefácio à edição de 1979 afirmou Maria José Trindade: “Relido o trabalho de Alberto Sampaio, confrontado com estudos posteriores, portugueses e estrangeiros, fica-nos a convicção de que estamos perante algo de excepcional na historiografia portuguesa – pelo conteúdo, pelo método, pela actualidade”, Alberto Sampaio, *Estudos históricos e económicos: as vilas do Norte de Portugal*, Lisboa: Editorial Vega, 1979.

²⁰ Marc Bloch, *Introdução à História*, Lisboa: Europa-América, s.d.

²¹ Marc Bloch, *La Historia rural francesa*, Barcelona: Editorial Crítica, 1978, p. 48.

pelo método monográfico segundo Le Play e H. de Tourville” (1909), obra de cariz metodológico que inspirou pequenas monografias locais²².

No mesmo período, pontuavam no meio académico português, nas áreas da geografia, da etnografia e da filologia personalidades que lançaram os alicerces científicos de estudo de base regional, carreando, ao mesmo tempo, importantes contributos para a definição de identidades locais: caso de Leite de Vasconcelos, Virgílio Taborda, Amorim Girão, dos jovens Orlando Ribeiro e Fernandes Martins, bem como dos filólogos Paiva Boléo e Herculano de Carvalho.

Por sua vez, o ambiente político da Primeira República alimentou alguns sentimentos de regionalismo expressos, por exemplo, nos congressos regionais que se realizaram nos anos 20 do século passado em algumas capitais de distrito.

O contexto continuava a ser propício à realização de estudos locais, sentindo já, alguns autores, a necessidade de coligir em livro a bibliografia relativa a monografias testemunhada nos seguintes títulos: Brito Aranha, *Bibliographie des ouvrages portugaises pour servir à l'étude des villes, des villages (...) du Portugal, Açores, Madère et Possessions d'Outremer* (Lisboa, 1900); Eduardo Rocha Dias, *Monographias e outras obras referentes a várias localidades e monumentos do Continente de Portugal* (Lisboa, 1908); Mesquita de Figueiredo, *Subsídios para a Bibliografia da História Local Portuguesa* (Lisboa, 1933).

O reconhecimento científico deste género historiográfico expressa-se, igualmente, no facto de Laranjo Coelho ter proferido, em 1934, na Academia das Ciências de Lisboa duas lições subordinadas ao tema: *As monografias Locais na Literatura Histórica Portuguesa*. “Se a história, como de todos é sabido, deixou de ser uma simples e fria narração de factos de ordem geral, a recordação dos sucessos gloriosos de um homem ou de uma família, ou o conjunto de normas para a preparação da vida política e militar; se a história, ao transformar-se em ciência, teve que alargar, cada vez mais, o raio visual da sua acção, necessário foi que, além das ciências auxiliares que hoje a servem, completam e fundamentam, cada país lhe fornecesse as contribuições parciais do estudo dos seus agregados urbanos, – províncias,

²² P. M. Laranjo Coelho, *As monografias locais na literatura histórica portuguesa*, p. 55.

idades, vilas, aldeias e casais, agregados que constituem, por assim dizer, as células embrionárias da vida orgânica e social de um povo, de uma nação”²³. Este texto proferido perante a comunidade científica portuguesa do tempo é, por um lado, revelador das novas concepções de História que se afirmavam na Europa e, por outro, da percepção da ligação entre história local e história nacional, considerada a primeira como ciência auxiliar da segunda.

As prioridades do Estado Novo em relação à História centravam-se, nos finais da década de trinta, na preparação das comemorações dos Centenários da Fundação e Restauração da Nacionalidade, num ambiente de fervor nacionalista. Neste contexto a investigação universitária, muito vigiada ideologicamente, confina-se ao domínio da história política e institucional centrada nas grandes figuras políticas e nos acontecimentos considerados politicamente mais relevantes da vida nacional, caso dos Descobrimientos Portugueses²⁴.

Saliente-se, no entanto, que Marcello Caetano, prof. da cadeira de direito administrativo na Faculdade de Direito de Lisboa, aconselhava os alunos a realizarem monografias de concelhos, tendo para o efeito elaborado um plano pormenorizado. Este plano integrava duas partes que se subdividiam em vários capítulos: o primeiro era dedicado à história do concelho (data da fundação, origem, circunscrição municipal, organização municipal e factos notáveis da vida do concelho); o segundo intitulava-se “vida económica e social” e tinha como objectivo uma caracterização da sociedade local na época contemporânea. A metodologia aconselhada era a definida pela escola metódica, tanto no que diz respeito à procura da objectividade como à rigorosa fundamentação do texto²⁵.

²³ P. M. Laranjo Coelho, *As monografias locais na literatura histórica portuguesa*, pp. 7-8.

²⁴ Luís Reis Torgal, “História em tempo de ditadura”, in Fernando Catroga, José Amado Mendes, Luís Reis Torgal, *História da História em Portugal, séculos XIX-XX*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1996, pp. 241-276.

²⁵ Transcrevemos alguns conselhos dados aos alunos pelo autorizado prof. de direito administrativo, atendendo à actualidade dos pontos 2, 3 e 4: “1. Evitará o estudante cuidadosamente exprimir opiniões próprias ou deixar transparecer tendências pessoais, procurando pelo contrário que o seu trabalho tenha o cunho da perfeita objectividade; 2. Todos os dados históricos devem ser extraídos de fontes autênticas. Impõe-se a visita e exploração dos arquivos municipais; 3. As informações que tenham de ser pedidas a pessoas idóneas devem, quanto for possível, ser contrastadas, ouvindo sobre elas outras

O sentimento regionalista e localista permanecia, entretanto, bem vivo em alguns espaços, expressando-se em publicações relativas a história e a curiosidades locais. Do espólio existente na Biblioteca Popular de Lisboa, criada em 1918 e com depósito legal a partir de 1931, nos dá conta Durval Pires de Lima na obra *Bibliografia Corográfica de Portugal*, publicada em quatro tomos, entre 1962 e 1969. O autor refere a existência nesta biblioteca de três mil obras sobre história local, arqueologia, filologia, geografia, etnografia e economia.

A história local que se configura como história particular das localidades, praticada fora dos meios académicos, constitui-se como um sector muito importante da historiografia portuguesa. Comparando esta história, elaborada por eruditos locais, com a produzida no seio das Universidades, podem detectar-se algumas fragilidades ao nível da metodologia e da elaboração teórica. De notar, no entanto, que se tomarmos como objecto de comparação os conteúdos, os temas tratados, somos levados a concluir que, em Portugal, este género historiográfico entrou nos caminhos de uma nova história mais cedo do que a história académica, condicionada pelos modelos da história positiva (ou positivista) e não dispondo da liberdade que sempre foi possível respirar fora dos ambientes vigiados da produção do saber.

Na verdade, num tempo em que a investigação histórica universitária se centrava fundamentalmente na história política e institucional ou na história da arte e da cultura “erudita”, a pesquisa elaborada fora das Academias ao mesmo tempo que tratava de temas tradicionais, como o património monumental local ou personalidades relevantes na carreira das letras, das armas ou da vida religiosa, abordava igualmente outros temas que faziam parte de uma nova história: caso das lendas e costumes locais, ou de aspectos referentes à vida económica: como recursos e produções locais (agrícolas e industriais, comércio) ou formas de sociabilidade civil (feiras, associações) ou religiosa (romarias e festas, irmandades e confrarias).

peças de igual competência, a fim de reduzirem ao mínimo as probabilidades de erro; 4. Aconselha-se o estudante a que procure produzir obra sua, bem pessoal, e evite transcrever o que já foi dito por outros ou utilizar sem verificação prévia os dados e afirmações publicadas” (“Monografias sobre os concelhos portugueses. Plano elaborado pelo professor da cadeira de Direito Administrativo, Prof. Marcello Caetano”, in José V. Capela (dir.) – *O Município Português na História, na Cultura e no Desenvolvimento Regional*, Braga, 1998, pp. 271-276).

As fragilidades de abordagem destes assuntos decorriam da tendência em abarcar vastos arcos temporais (ainda que privilegiando os extremos, as épocas mais recuadas e a contemporaneidade) e múltiplas áreas temáticas.

A maior parte destes estudos configura-se, assim, como bem se compreende, como história particular das localidades dado estar ausente a dimensão comparativa, bem como a necessária integração do local no nacional, objectivos que só se podem atingir com a redução das escalas espaciais, temporais e temáticas.

3. Percursos de uma nova história local

Com a nova história local surgiu a necessidade de delimitar períodos cronológicos e espaços geográficos, caminho que levou inevitavelmente aos estudos à escala local²⁶.

As primícias de uma nova história local portuguesa devem-se a jovens investigadores que nos inícios da década de sessenta começaram a concretizar sonhos ainda vedados aos seus professores. Com efeito, as teses de licenciatura constituíram um espaço de inovação no contexto universitário português. Nelas foi possível experimentar novas metodologias e territórios, nomeadamente no campo da demografia histórica. Os estudos de população, aparentemente inócuos do ponto de vista ideológico, foram introduzidos nas Faculdades de Letras, na década de 60 do século passado, como tema de teses de licenciatura dedicadas a freguesias urbanas e rurais²⁷. As monografias locais dedicadas à história da população e à história da família tornar-se-iam, nos anos setenta e oitenta do século passado, expressões sólidas de uma história local académica²⁸.

²⁶ Jacques Revel, *Jeux d'échelles. La micro-analyse à l'expérience*, Paris: Gallimard, 1966; Margarida Sobral Neto, "A história uma ciência em mudança: novos e velhos temas na investigação historiográfica", *Revista Portuguesa da História*, Coimbra, 39, 2007, pp. 255-271.

²⁷ Guilhermina Mota, "Teses apresentadas à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Estudos de População", *População e Sociedade*, n.º 3, 1997.

²⁸ Norberta Amorim, *Guimarães de 1580 a 1819, estudo demográfico*. Lisboa: INIC, 1987; Guilhermina Mota, "Notas para o estudo da família em Penela no século XIX", in *'Na Morte de Um Homem Bom': homenagem ao Professor Salvador Dias Arnaut*, Coimbra-Figueira da Foz, 1998, pp. 81-90.

A partir dos inícios da década de 70 do século XX, a historiografia portuguesa liberta dos constrangimentos de natureza política, e renovada por jovens investigadores que integraram os quadros das Universidades já existentes, bem como das Universidades então criadas, lançou-se à aventura da descoberta de novos “territórios”.

A abertura de novos campos de investigação – económico, social, cultural – levou o historiador a optar por outras escalas que se ajustavam aos novos problemas em análise bem como às novas exigências da investigação histórica, sendo uma delas, e talvez a principal, a necessidade de trabalhar, com vastíssimos núcleos documentais, nomeadamente os constituídos por fontes seriais (registos de população, notariais, documentação fiscal e judicial).

Os primeiros marcos da renovação e abertura da historiografia portuguesa são as monografias de cidades (Coimbra, Porto), regiões (Algarve, Entre Douro e Minho, Aveiro, Baixo-Mondego) e concelhos em que se articulou a história da população, a economia e a sociedade²⁹.

O território, por excelência, da história local é, no entanto, o concelho, principal estrutura de enquadramento das populações ao longo da história, de uma forma particular nos tempos medievais e modernos. A história do municipalismo surge com Alexandre Herculano, configurando-se como história da resistência aos processos de centralização do poder. A este historiador, no dizer de António de Oliveira, “assenta-lhe bem o papel de fundador da nova história local, doravante, até hoje, enquadrada nos espaços do poder municipal”³⁰.

A história dos municípios renasce em Portugal, em 1974, num contexto de recuperação pelas autarquias do exercício de poder de que tinham sido privados no Estado Novo. Uma vez mais a promoção dos estudos locais ocorre devido à conjugação de circunstâncias de natureza científica e política. Com efeito, enquanto as investigações históricas, conduzidas por novas concepções de poder, levavam os historiadores aos arquivos municipais, os autarcas e as comunidades concelhias almejavam construir,

²⁹ António de Oliveira, *A vida económica e social de Coimbra de 1537 a 1640*, Coimbra: Faculdade de Letras, 1971, 2 vols; Francisco Ribeiro da Silva, *O Porto e o seu termo (1580-1640): os homens, as instituições e o poder*, Porto, 1986, 2 vols; Joaquim Romero Magalhães, *O Algarve Económico. 1600-1773*, Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

³⁰ Cf. Oliveira, António de, “Problemática da História local”, *Op. cit.*, p. 17.

aprofundar ou alargar as memórias concelhias, isto é, procuravam, e procuram, no passado a legitimação para um poder que pretende crescer em autonomia.

Muitos caminhos têm conduzido, nas últimas décadas, ao estudo da história das localidades. Um dos mais especializados é o da micro-história.

Marc Bloch definiu história local como “um problema de história geral colocado a testemunhos que proporcionam um campo de experiências restrito”³¹. Esta definição pode aplicar-se à micro-história, corrente que nasceu em Itália nos anos oitenta. A novidade desta corrente, ou correntes (atendendo à sua diversidade), reside na redução da escala de observação, temática ou espacial, para tentar captar comportamentos de “homens concretos”, reconstituindo percursos individuais (biografias e histórias de vida), perfis e redes sociais (estudos prosopográficos, *network analysis*)³².

Este caminho historiográfico que conduziu à história local cumpre o conselho de Peter Burke expresso nas palavras seguintes: “Para evitar a miopia e o bairrismo – ossos do ofício dos historiadores empíricos – é preciso aprender a ver o geral no particular. Os problemas e as situações são recorrentes. Mas, obviamente, nunca se repetem exactamente da mesma maneira. Contudo, é impossível ver aquilo que há de único numa situação determinada sem a comparar com outras, ou com uma teoria geral”³³.

4. A história local: uma história aplicada

A história local pode transformar-se numa história aplicada. Com efeito, os estudos de história local constituem o suporte necessário para a execução de projectos de reconstituição do património local, organização de ecomuseus ou de outros projectos associados às novas concepções de turismo cultural³⁴. Por sua vez a divulgação do conhecimento histórico, nas suas múltiplas vertentes, confere densidade histórica aos lugares

³¹ Marc Bloch, *Op. cit.*, p. 49.

³² Giovanni Lévi, *Le pouvoir au village. Histoire d'un exorciste dans le Piémont du XVIII siècle*, Paris: Gallimard, 1989. Jacques Revel, *Jeux d'Échelles. La micro-analyse à l'expérience*, Paris: Gallimard, 1996.

³³ Peter Burke, *O Mundo como Teatro. Estudos de Antropologia Histórica*, Lisboa: Difel, 1992, p. 11.

³⁴ Um exemplo: João Marinho dos Santos, *O concelho de Almeida. Esboço histórico-sociológico*, Coimbra: Palimage, 2005.

concretos, facto que, segundo penso, contribui para o estabelecimento de laços entre as populações e os lugares, o que gera enraizamento, criação de afectos e sentimentos de pertença pelos espaços da vivência quotidiana.

Do atrás exposto decorre que a história local construída com fontes produzidas a nível local é absolutamente necessária para conhecer o passado e eventualmente projectar o Futuro das comunidades locais.

De notar ainda que os estudos de história local deram um forte contributo para o enraizamento de uma concepção de História como construção de um povo e não apenas de figuras eminentes da cultura e da política, concepção que se espera frutificar na construção de uma cidadania activa.

A história local tem-se revelado, igualmente, um espaço de profícuo diálogo com a sociedade, em particular com as instituições de poder local, de modo particular com as autarquias. Com efeito, o saber histórico deixou de se confinar às Academias, às revistas e aos livros especializados e encontrou outros espaços de debate, criação e difusão. Testemunham este fenómeno os múltiplos colóquios promovidos pelas Autarquias Locais, muitas vezes em colaboração com as Universidades, e realizados nos espaços dessas Autarquias, a criação de revistas de história local, bem como o aparecimento de Associações e Gabinetes, espaços onde se pratica história local aplicada, nomeadamente no que concerne à identificação e preservação do património artístico e cultural no seu sentido mais amplo.

A historiografia elaborada nos meios académicos chegou, assim, a novos públicos e começou a destruir barreiras, e preconceitos, existentes entre a história local académica e a não académica, diálogo que urge continuar a promover.

– II –

**Informações Paroquiais Setecentistas
da Diocese de Coimbra:
Roteiro para os Investigadores de
História Regional e Local**

**Notícia breve de algumas Informações Paroquiais
setecentistas desconhecidas
ou pouco conhecidas da Diocese de Coimbra
(1717, 1763, 1769 e 1774),
acompanhada de alguns inventários úteis
para os estudantes e investigadores da História local
de várias paróquias deste Bispado,
situadas nos distritos de
Aveiro, Coimbra, Guarda, Leiria, Santarém e Viseu.**

APRESENTAÇÃO

Informações Paroquiais Setecentistas da Diocese de Coimbra: Roteiro para os Investigadores de História Regional e Local*

Como já afirmámos, a nova história local, sobretudo a que resulta de investigações conducentes à elaboração de teses de mestrado e de doutoramento, tem-se afirmado como um profícuo campo de experimentação das potencialidades de arquivos não frequentados por uma historiografia tradicional – caso dos arquivos municipais e das misericórdias – bem como de núcleos documentais contendo informações de carácter serial – registos paroquiais, notariais, fontes eclesiásticas e senhoriais. Definiram-se, igualmente, novas metodologias para o tratamento e cruzamento de dados provenientes de múltiplas fontes adequadas ao esforço de reconstituição de aspectos da vida quotidiana de uma comunidade local.

Ao mesmo tempo, revisitaram-se fontes tradicionais da história local, nomeadamente as resultantes de inquéritos promovidos por organismos estatais ou por instituições culturais e eclesiásticas que, por norma, assumem a designação de informações paroquiais. As mais conhecidas, e as mais ricas em informação, são as *Informações de 1758* que contêm as respostas dadas pelos párocos a um inquérito promovido pela Secretaria de Estado do Reino. A publicação integral dos 44 volumes das “Memórias Paroquiais”, à guarda do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, era requerida há muito tempo pelos historiadores. Com efeito, a diversidade de informação nelas contida (em resposta ao inquérito que foi difundido para

* Por Margarida Sobral Neto.

todas as paróquias do país através dos bispados) permitirá esboçar o perfil do país em meados do século XVIII em múltiplos aspectos: organização administrativa, judicial e eclesiástica; poderes locais; paisagens, recursos naturais e economia agrícola; população; património religioso (igrejas e ermidas) e estruturas de defesa (castelos ou muralhas); manifestações de sociabilidade religiosa ou profana (romarias ou feiras); serviço de correio. Numa perspectiva global, será ainda possível apurar o impacto do terramoto de 1755 nas várias zonas do país.

Saúda-se, assim, o projecto, financiado pela FCT e coordenado pelo Doutor José Viriato Capela, de publicação das *Informações Paroquiais de 1758* referentes às diversas paróquias do país.

Para o século XVIII dispomos, entretanto, de outras *Informações* prestadas por oficiais régios e, sobretudo, por párocos bem como *Notícias* diversas. O Centro de História da Sociedade e da Cultura (CHSC) propõe-se publicar as *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas* referentes à região centro do País, agrupadas por concelhos, tendo sido já editadas as que se reportam aos municípios de Viseu, Marinha Grande, Batalha, Almeida, Alvaiázere, Castelo Branco, Mangualde, Leiria, Lousã, Ansião e Pombal.

O CHSC acolhe, agora, com entusiasmo, nesta colecção, o estudo de Mário Rui Simões Rodrigues intitulado *Informações Paroquiais Setecentistas da Diocese de Coimbra: Roteiro para os Investigadores de História Regional e Local*. Este livro é fruto de um trabalho minucioso e persistente nos arquivos e bibliotecas portuguesas movido pelo objectivo de encontrar o rasto de todas as informações paroquiais e outras notícias elaboradas no século XVIII referentes à Diocese de Coimbra. Assim, para além das, há muito tempo conhecidas *Memórias Paroquiais* de 1721, 1732 e 1758, o autor identificou *Informações* referentes aos anos de 1717, 1756, 1763, 1769, 1774, 1775.

Em relação a cada uma destas fontes, apresenta-se o contexto de produção, o conteúdo, bem como as paróquias a que se reportam, havendo ainda a preocupação de publicar o inquérito que lhes deu origem, nos casos em que é possível identificá-lo. Este estudo complementa os elaborados por Maria José Bigotte Chorão¹ e por Joaquim Ramos de Carvalho e José

¹ «Inquéritos Promovidos pela Coroa no Século XVIII», *Revista de História Económica e Social*, 21 (Setembro-Dezembro de 1987), pp. 93-130.

Pedro Paiva², acrescentando informação muito relevante para a história do bispado de Coimbra, bem como de cada uma das paróquias que o constituem.

Mário Rodrigues afirma que os principais destinatários deste seu *Roteiro* ou *Guia* são os estudantes universitários e os recém-licenciados. Tendo em conta este público-alvo, apresenta-se neste seu estudo outra informação relevante para todos os que pretendam iniciar-se na investigação em história local como: Bibliografias de História Local, Cartografia, Corografias e Geografias Setecentistas, Repertórios, Catálogos e Censos, Memórias e Relatos de Viagens.

A leitura atenta desta obra leva-nos, entretanto, a considerar que o autor produziu um instrumento de trabalho obrigatório para todos os que se iniciam na pesquisa em história local e de extrema utilidade para todos os investigadores que lidam com as fontes que são objecto de análise neste estudo. Alicerçamos esta convicção, por um lado, no facto de nos serem reveladas fontes desconhecidas e, por outro, na preocupação de contextualizar todas as Informações e Notícias disponíveis para a Diocese de Coimbra apresentando as suas potencialidades e os seus limites.

Saudamos, deste modo, o Dr. Mário Rodrigues pela generosidade de nos transmitir o seu saber sobre núcleos documentais que tem explorado de forma tão proficiente.

² «A Diocese de Coimbra no Século XVIII. População, Oragos, Padroados e Títulos dos Párcos», *Revista de História das Ideias*, vol. 11 (1989), pp. 175-268.

1. Introdução*

São sobejamente conhecidas as *Informações Paroquiais de 1721* da Diocese de Coimbra desde que, em 1934, António Gomes da Rocha Madahil, então 1.º conservador do Arquivo e Museu de Arte da Universidade de Coimbra, iniciou uma ampla divulgação destas preciosas fontes para a feitura da História local³.

No entanto, além das *Informações Paroquiais de 1721*, outras se produziram no século XVIII neste Bispado mas que beneficiam de menor divulgação ou que são quase totalmente ignoradas por parte dos historiadores: umas originadas por vontade pessoal de estudiosos ou por projectos de academias; outras impulsionadas por decisão régia; outras, ainda, geradas por iniciativa eclesial. De várias destas *Informações Paroquiais* damos breve notícia no presente trabalho, publicando algumas e elencando-as a todas do modo mais exaustivo que nos foi possível, freguesia por freguesia, para propiciar o seu acesso aos investigadores ou aos simples cultores dos estudos historiográficos.

Mais do que um estudo erudito, este *Roteiro* pretende ser, essencialmente, um guia ou, mais especificamente, um repertório utilitário para quem deseje

* Por Mário Rui Simões Rodrigues. Ao longo deste *Roteiro*, utilizamos as seguintes siglas: AUC – Arquivo da Universidade de Coimbra; AHP – Arquivo Histórico Parlamentar; BGUC – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra; BNP – Biblioteca Nacional de Portugal. Na edição da presente obra, respeitámos as normas da *Convenção Ortográfica Luso-Brasileira de 1945*, com ligeiras adaptações no uso das iniciais maiúsculas na referenciação das pessoas colectivas territoriais, eclesiásticas ou civis.

³ Entre outras, referimos estas publicações deste autor sobre as *Informações Paroquiais de 1721*: António Gomes da Rocha Madahil, *As Informações Paroquiais da Diocese de Coimbra pedidas pela Academia Real da História em 1721. Novas fontes de história local portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora, 1934; Idem, *As Informações Paroquiais da Cidade de Coimbra recolhidas em 1721* (Sep. do Arquivo Coimbrão, III), Coimbra, 1937.

realizar estudos sobre o passado setecentista das localidades, freguesias ou municípios da vastíssima região que constituiu a Diocese de Coimbra no século XVIII.

Como inventário documental, esta obra pretende ser um auxiliar para os que desejem recorrer a este tipo de fonte histórica nos seus trabalhos de pesquisa, reduzindo o mais possível o demorado e cansativo tempo de buscas. Para os menos familiarizados com estas *Informações* ou *Memórias*, a publicação de alguns espécimes documentais permitirá aos investigadores, sobretudo aos que dão os primeiros passos nestas lides, apreciar e compreender, facilmente, o grande interesse destes documentos como fonte histórica. Os estudantes universitários e os recém-licenciados, contam-se entre os principais destinatários deste instrumento de trabalho⁴.

Para além das *Informações* ou *Memórias* que aqui se estudam ou, pelo menos, se referenciam, outras mais terão sido produzidas na centúria de Setecentos como se depreende da consulta da documentação episcopal conservada no Arquivo da Universidade de Coimbra. Com efeito, sempre que a administração da Diocese carecia de alguma informação, generalizada a toda a circunscrição eclesiástica do prelado conimbricense ou limitada apenas a algumas paróquias, socorriam-se os órgãos governativos do Bispado de estafetas, *cursores* ou de caminheiros que, seguindo um itinerário pré-estabelecido, se dirigiam a cada uma das freguesias especificadas num «roteiro» solicitando aos respectivos párocos a resposta a determinados quesitos. O processo era expedito e em poucos dias retornavam a Coimbra os estafetas, *cursores* ou caminheiros com as respostas ou informações pretendidas. Noutros casos, era dado um prazo aos párocos para fazerem chegar a Coimbra as respostas exigidas⁵. No Arquivo da Universidade de Coimbra conservam-se vários desses «roteiros», ainda que, geralmente, não se encontrem as respectivas respostas dos párocos.

⁴ Tendo em consideração os destinatários principais deste *Roteiro*, presidiu à redacção do seu texto e, especialmente, das suas notas de rodapé uma permanente preocupação didáctica.

⁵ Sobre este assunto, veja-se: José Pedro Paiva, «As Comunicações no Âmbito da Igreja e da Inquisição», in *As Comunicações na Idade Moderna* (Coord. de Margarida Sobral Neto), Lisboa, Fundação Portuguesa das Comunicações, 2005, pp. 147-175.

As volumosas perdas sofridas pela documentação diocesana, motivadas pela habitual incúria humana ou por inultrapassáveis circunstâncias históricas, não nos permitem aspirar senão a obtermos um conhecimento muito parcial e imperfeito dessas variadas *Informações*⁶.

2. A Diocese de Coimbra no Século XVIII⁷

Embora distante da grandeza dos tempos suévicos ou da Reconquista – épocas em que o seu bispo senhoreava grande parte do extenso território que mediava entre o Douro e o Tejo –, a Diocese de Coimbra, no século XVIII, abrangia uma amplíssima área geográfica do litoral centro, com aproximadamente 7.500 km² que se distribuíam pelos actuais distritos de Aveiro⁸, Coimbra⁹, Guarda¹⁰,

⁶ Seria necessário proceder a uma pesquisa em todos os cartórios paroquiais da Diocese de Coimbra para se conseguirem preencher algumas das lacunas que a investigação realizada no Arquivo da Universidade de Coimbra deixou em aberto. Os estudos realizados por António Franquelim Sampaio Neiva Soares na Arquidiocese de Braga comprovam que, em vários casos, a notícia de alguns inquéritos paroquiais só pode ser obtida através da documentação subsistente nos arquivos das paróquias.

⁷ Com este exíguo capítulo pretende-se fazer pouco mais do que fornecer um enquadramento geográfico muito sumário da Diocese de Coimbra no século XVIII. Para um conhecimento aprofundado, leiam-se: Joaquim Carvalho e José Pedro Paiva, «A Diocese de Coimbra no Século XVIII. População, Oragos, Padroados e Títulos dos Párcos», in *Revista de História das Ideias*, vol. 11 (1989), pp. 175-268; José Pedro Paiva, «A Administração Diocesana e a Presença da Igreja. O caso da diocese de Coimbra nos séculos XVII e XVIII», in *Lusitânia Sacra*, 2.^a Série, 3 (1991), pp. 71-110.

⁸ Em 1774, pelo breve *Militantis Ecclesiae gubernacula*, Clemente XIV transferiu para a recém-criada Diocese de Aveiro as paróquias da Comarca de Esgueira pertencentes ao Arcediado do Vouga, da Diocese de Coimbra. Para a sua constituição, a Diocese de Aveiro recebeu, também, algumas paróquias até aí pertencentes à Diocese de Viseu.

⁹ A Diocese de Coimbra compreende actualmente todo o Distrito de Coimbra, «à excepção da Paróquia de São Gião no Concelho de Oliveira do Hospital» (A. Brito Cardoso, *A Diocese de Coimbra. Esboço Histórico*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1995, p. 7) que pertence à Diocese da Guarda.

¹⁰ A Diocese de Coimbra, como adiante se dirá, perdeu em 1774, pelo breve *Militantis Ecclesiae gubernacula*, de Clemente XIV, várias freguesias em favor da Diocese da Guarda. Outras paróquias, continuando a pertencer à Diocese de Coimbra, situam-se no Distrito da Guarda. Ao actual (2012) Concelho de Celorico da Beira pertencem as paróquias de São Lourenço da Carrapichana, Nossa Senhora da Assunção de Linhares da Beira, Nossa Senhora do Rosário de Mesquitela e Nossa Senhora das Neves de Salgueirais. Ao actual Concelho de Fornos de Algodres pertencem as paróquias de São Tiago de Juncais e Nossa Senhora da Graça de Vila Ruiva. Na área do actual Concelho de Gouveia

Leiria¹¹, Santarém¹² e Viseu¹³: ocupando quase integralmente a área dos dois primeiros distritos; abrangendo muito parceladamente a superfície dos distritos restantes.

situavam-se as paróquias de São Cosme de Alrote, Nossa Senhora da Assunção de Arcozelo da Serra, São Jerónimo de Cabra, São Sebastião de Cativelos, Nossa Senhora da Conceição de Figueiró da Serra, São Pedro de Folgoso, Nossa Senhora da Expectação de Freixo da Serra, São Julião de Gouveia, São Pedro de Gouveia, São Paio de Gouveia, Santa Eufémia de Lagarinhos, São Vicente de Mangualde da Serra, Santo Isidoro de Melo, São João Baptista de Moimenta da Serra, São Martinho de Nabainhos, São Cosme de Nabais, Nossa Senhora da Graça de Nespereira, São Miguel de Paços da Serra, São Domingos de Rio Torto, Nossa Senhora da Conceição de Vila Cortês da Serra, São Vicente de Vila Franca da Serra e Nossa Senhora da Assunção de Vinhó. São Martinho de Nabainhos foi anexada à Paróquia de Santo Isidoro de Melo. A antiga vila de Cabra viu, entretanto, alterado o seu nome para Ribamondego. Na área do actual Concelho de Seia situavam-se as paróquias de Nossa Senhora do Rosário de Alvoco da Serra, São Sebastião da Carragosela, São Pedro da Folhadosa, Santa Justa de Girabolhos, São Domingos de Lages, Santa Maria Maior de Loriga, São Martinho de Paranhos, Santa Luzia de Pinhanços, São João Baptista de Sabugueiro, São Martinho de Sameice, São Pedro de Sandomil, Santa Comba, Santa Eulália, Santa Marinha, São Tiago a par de Seia, São Martinho a par de Seia, Nossa Senhora do Socorro de São Romão, Nossa Senhora do Rosário de Sazes da Beira, Nossa Senhora da Assunção de Seia, Nossa Senhora do Rosário de Torroselo, Salvador de Tourais, Nossa Senhora do Rosário de Travancinha, Nossa Senhora do Rosário de Valezim, São Tiago da Várzea de Meruje, Nossa Senhora da Assunção de Vide e São Mamede de Vila Cova à Coelhoira. Não dispomos de qualquer *Informação Paroquial* de São Sebastião da Carragosela. Os seus registos paroquiais iniciam-se em 1772.

¹¹ Na área do actual (2012) Distrito de Leiria, tal como ainda sucede, pertenciam à Diocese de Coimbra as freguesias mais setentrionais. Na área do actual Concelho de Ansião, as freguesias de Nossa Senhora da Conceição do Alvorge, Nossa Senhora da Conceição de Ansião, Espírito Santo do Avelar, Nossa Senhora da Consolação de Chão de Couce, São Domingos da Lagarteira, Nossa Senhora da Expectação da Orada – actualmente extinta –, Nossa Senhora das Neves de Pousaflores, São Tiago da Guarda e Nossa Senhora da Graça da Torre de Vale de Todos. Na área do actual Concelho de Alvaiázere situavam-se as freguesias do Senhor Salvador do Mundo de Almoester, Santa Maria Madalena de Alvaiázere, Nossa Senhora da Graça de Maçãs de Caminho, São Paulo de Maçãs de D.^a Maria, São João Baptista da Pelmá, Santo Estêvão de Pussos e São Pedro do Rego da Murta. Na área do actual Concelho de Castanheira de Pêra existiam as freguesias de São Domingos da Castanheira do Pedrógão e Nossa Senhora da Nazaré do Coentral. Na área do actual Concelho de Figueiró dos Vinhos localizavam-se as freguesias de Nossa Senhora da Graça da Aguda, Nossa Senhora da Conceição de Arega, Nossa Senhora da Graça de Campelo e São João Baptista de Figueiró dos Vinhos. Na área do actual Concelho de Pedrógão Grande havia as freguesias de Nossa Senhora da Graça de Pedrógão Grande, Nossa Senhora da Assunção de Pedrógão Grande e Santa Catarina de Vila Facaia. Na área do actual Concelho de Pombal situavam-se as freguesias de Nossa Senhora das Neves de Abiul, Nossa Senhora da Graça de Almagreira, São Tiago do Lourçal, São Mamede de Mata Mourisca, São Martinho de Pombal, Nossa Senhora da Conceição da Redinha, São Tiago de Litém e São Bartolomeu de Vila Cã.

A autoridade do prelado conimbricense fazia-se sentir sobre mais de três centenas e meia de paróquias¹⁴, repartidas por três arcediagados¹⁵ rurais – Penela, Seia e Vouga – e por um pequeno arcediagado urbano, restringido às paróquias da cidade de Coimbra. Escapavam ao poder episcopal algumas paróquias¹⁶ incluídas no *Isento* de Santa Cruz de Coimbra¹⁷, relativamente às quais, quase invariavelmente, não dispomos das respostas dos párcos aos inquéritos realizados no século XVIII.

¹² No actual Distrito de Santarém situam-se as freguesias hodiernamente pertencentes ao Concelho de Ferreira do Zêzere: Nossa Senhora da Graça de Águas Belas, Nossa Senhora da Graça de Areias, Santo Aleixo do Beco, São Silvestre de Chãos, Nossa Senhora do Pranto de Dornes, São Miguel de Ferreira, Espírito Santo da Igreja Nova (do Sobral), São Vicente de Paio Mendes e São Luís de Pias. No século XVIII pertenciam à Diocese de Coimbra apenas as freguesias de Nossa Senhora da Graça de Águas Belas, Santo Aleixo do Beco, Nossa Senhora do Pranto de Dornes, São Miguel de Ferreira e São Vicente de Paio Mendes. As outras quatro freguesias pertenciam à Prelazia de Tomar.

¹³ Pertenciam à Diocese de Coimbra as seguintes freguesias situadas agora no Distrito de Viseu. Na área do actual Concelho de Mortágua situavam-se as freguesias de Santo Isidoro de Almaça, Nossa Senhora da Conceição de Cercosa, São Tiago de Cortegaça, São Pedro de Espinho, São Miguel da Marmeleira, Nossa Senhora da Assunção de Mortágua, São Gens de Pala, São Miguel de Sobral, São Tomé de Trezói e São Mamede de Vale de Remígio. Na área do actual Concelho de Santa Comba Dão localizavam-se as freguesias de Santa Columba do Couto do Mosteiro, Nossa Senhora da Assunção de Santa Comba Dão e São João Baptista de São Joaninho.

¹⁴ Joaquim Ramos de Carvalho e José Pedro Paiva computaram 369 paróquias. Vide Joaquim Carvalho e José Pedro Paiva, «A Diocese de Coimbra no Século XVIII. População, Oragos, Padroados e Títulos dos Párcos», in *Revista de História das Ideias*, vol. 11 (1989), pp. 175-268: 178). Quase no final deste nosso *Roteiro* pode ver-se um quadro com as paróquias setecentistas da Diocese de Coimbra existentes até cerca de 1774, assinalando-se as *memórias* ou *informações* existentes de cada uma delas.

¹⁵ Sobre a história destes arcediagados, veja-se: P.º António Brásio, «Arcediagado de Penela», in *Papel das Áreas Regionais na Formação Histórica de Portugal. Actas do Colóquio*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1975, pp. 321-328; Maria Alegria Fernandes Marques, «O Arcediagado de Penela na Idade Média: Algumas notas», in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, n.º 8 (2008), pp. 97-144; António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, «Dignidades do Cabido de Coimbra: O Arcediagado do Vouga. Breves Apontamentos Históricos» (Sep. do *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. VI), Aveiro, 1940.

¹⁶ «As freguesias nesta situação, e que estavam como que encravadas no interior da diocese de Coimbra, eram as de Tocha (ou Quintã), Travassô, Ribeira de Frades, Travanca, Antuzede, Eirol e Santa Cruz na cidade de Coimbra» (Joaquim Carvalho e José Pedro Paiva, «A Diocese de Coimbra no Século XVIII. População, Oragos, Padroados e Títulos dos Párcos», in *Op. cit.*, pp. 175-268: 178-179).

¹⁷ Vide António Gomes da Rocha Madahil, *O Privilégio do Isento de Santa Cruz de Coimbra*, Coimbra, Coimbra Editora, 1940.

Por volta de 1730, os presbíteros daquelas mais de três centenas e meia de paróquias – ostentando títulos de *cura*, *prior*, *vigário* e, em raros casos, de *reitor* – exerciam o seu múnus eclesiástico sobre aproximadamente 270.000 *almas*, isto é, 270.000 fregueses maiores de 7 anos de idade¹⁸.

Em 1774, pelo breve *Militantis Ecclesiae gubernacula*, de Clemente XIV, a Diocese de Coimbra perdeu, em favor do Bispado de Aveiro, então erigido, a área das freguesias da Comarca de Esgueira que lhe estavam sujeitas¹⁹. Pelo mesmo documento pontifício, à Diocese egitanense foram «*unidas dezanove Igrejas paroquiais do grande arcediagado de Seia*», até essa data pertencentes à Diocese conimbricense²⁰.

Para além destas alterações, os investigadores de História local, que buscam nas *Informações Paroquiais* dados para os seus estudos, terão de ter em atenção que a realidade paroquial da Diocese de Coimbra não permaneceu estática entre o século XVIII e a actualidade (2012): algumas paróquias extinguiram-se, entretanto; outras foram erigidas nessa centúria ou nos dois séculos seguintes; outras, ainda, mudaram de nome ou viram modificada a localidade que lhes servia de sede²¹.

¹⁸ Joaquim Carvalho e José Pedro Paiva, «A Diocese de Coimbra no Século XVIII. População, Oragos, Padroados e Títulos dos Párcos», in *Op. cit.*, pp. 175-268, *maxime* 206-210.

¹⁹ A Comarca de Esgueira estendia-se sobre várias freguesias do Bispado do Porto – como, por exemplo, Santa Cristina de Mansores, São Tiago de Beduído, São Bartolomeu de Veiros ou São Mamede de Madahil – e do Bispado de Viseu – como Nossa Senhora do Loreto da Paradelá, São Martinho de Pessegueiro do Vouga ou São João Baptista de Rocas do Vouga.

²⁰ Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal* (Nova edição preparada e dirigida por Damião Peres), vol. IV, Porto-Lisboa, Livraria Civilização, 1971, pp. 247-252: 248^b. Tratava-se das igrejas de «*Nabais, Nabainhos, Melo, Freixo da Serra, Folgosinho, Figueiró da Serra, Linhares, Salgueirais, Carrapichana, Vila Cortês, Vila Ruiva, Mesquitela, Juncais, Vila Franca, Cabra, Arcozelo, Nespereira, Vinho e Rio Torto*» (*Ibidem*, p. 250^b).

²¹ Seguindo integralmente o que Joaquim Ramos de Carvalho e José Pedro Paiva tão meticolosamente investigaram, considere-se o que se segue. Quanto a paróquias extintas, procurem-se: Doninhas em Talhadas; Galizes em Nogueira do Cravo; Nabainhos em Melo; Orada em Santiago da Guarda; Pedrulha em Santa Cruz de Coimbra; Redondos em Buarcos; e São Facundo em Antuzede. Quanto a novas paróquias, busque-se a informação nos inquéritos das paróquias a partir das quais se originaram: Alqueidão em Paião; Amoreira da Gândara em Sangalhos; Antes em Ventosa do Bairro; Barril de Alva em Vila Cova de Sub-Avô; Bustos em Mamarrosa; Calvão em Vagos; Febres em Covões; Fonte de Angeão

3. As Informações Paroquiais Setecentistas

O presente *Roteiro* versa sobre as *Informações Paroquiais* do século XVIII, por pertencer a esta centúria a grande maioria dos inquéritos e respectivas respostas que ainda se conservam nos arquivos portugueses.

Mas os utilizadores desta obra – estudantes e investigadores de História local – devem ter consciência de que este tipo de fonte histórica não se cinge a esta centúria.

Conhecem-se *Informações Paroquiais* tanto do século XVII como do século XIX. Para a Diocese de Braga, António Franquelim Sampaio Neiva Soares publicou respostas a inquéritos paroquiais de 1825 e de 1845²².

em Covão do Lobo; Gafanha da Boa Hora em Vagos; Gafanha da Encarnação em Ílhavo; Gafanha da Nazaré em Gafanha da Encarnação (e, por sua vez, Gafanha da Encarnação em Ílhavo); Gafanha do Carmo ou dos Caseiros em Gafanha da Encarnação (e, por sua vez, Gafanha da Encarnação em Ílhavo); Marinha das Ondas em Lavos; Moura da Serra em Avô, Benfeita, Pomares e Teixeira; Olivais de Coimbra em São Pedro de Coimbra; Ouca em Soza; Mealhada em Vacariça; São Bernardo de Aveiro em Vera Cruz de Aveiro; São Jacinto em Vera Cruz de Aveiro; Teixeira em Vide; Torres do Mondego em Olivais de Coimbra (e, por sua vez, em São Pedro de Coimbra); Vila Nova em Miranda do Corvo; Vila Verde em São Julião da Figueira da Foz e Alhadadas; Nariz em Requeixo; Pelariga em Pombal; e Vila Nova de Oliveirinha em Eixo. Quanto a paróquias que mudaram de nome, temos: Bemposta para Pinheiro da Bemposta; Cabra para Ribamondegó; Castanheira do Pedrógão para Castanheira de Pêra; Cortiça para São Martinho da Cortiça; Farinha Podre para São Pedro de Alva; Oliveirinha para Vila Nova de Oliveirinha; Oliveira do Cunhedo para Oliveira do Mondego; São Paio de Codeço para São Paio de Gramaçós; Travanca de Farinha Podre para Travanca do Mondego; Vila Cova de Sub-Avô para Vila Cova de Alva; Vila Nova do Casal para Vila Nova de Tázem; e Várzea de Góis para Vila Nova do Ceira. Quanto a mudanças da localidade sede da paróquia, considere-se: São Cosme de Alrote para Aldeias; Cioga do Campo para São João do Campo; e Reveles para Abrunheira. Vide Joaquim Carvalho e José Pedro Paiva, «A Diocese de Coimbra no Século XVIII. População, Oragos, Padroados e Títulos dos Párcos», in *Revista de História das Ideias*, vol. 11 (1989), pp. 175-268: *maxime* 182-185.

²² A. Franquelim S. Neiva Soares, *O Concelho de Vila do Conde e os Inquéritos Paroquiais de 1825 e 1845*, Póvoa de Varzim, 1974; Idem, «O Distrito de Viana do Castelo nos Inquéritos Paroquiais de 1775, 1825 e 1845», in *Arquivo do Alto Minho*, vol. 21.º, t. I (1975), pp. 1-27; Idem, *Ibidem*, vol. 21.º, t. II (1976), pp. 200-207; Idem, *Ibidem*, vol. 22.º t. único (1977), pp. 108-177; Idem, *Ibidem*, vol. 23.º, t. único (1978), pp. 169-198; Idem, *Ibidem*, vol. 24.º, t. único (1979), pp. 190-207; Idem, *Ibidem*, vol. 25.º, t. único (1980), pp. 99-134; Idem, *Visitações e Inquéritos Paroquiais da Comarca da Torre de Moncorvo de 1775 a 1845*, Braga, 1981. Guimarães possui um inquérito paroquial de 1842, promovido pelo próprio município nas 88 paróquias do seu termo, que está publicado em: *Revista de Guimarães. Publicação da Sociedade Martins Sarmento*, n.º 108 (1998), pp. 11-644.

Para a Diocese de Coimbra, conhecemos dois inquéritos paroquiais do século xvii: um de 1674 e outro de 1684.

O inquérito de 1674 deveu-se ao bispo de Coimbra, D. Frei Álvaro de São Boaventura, e destinava-se à preparação de uma *visita ad limina apostolorum*²³. As «*copiosas relações*» de «*todas as Igrejas*» do Bispado que este prelado então realizou destinavam-se à preparação do relatório sobre o estado da Diocese conimbricense que o antiste deveria entregar quando, no ano seguinte se encontrasse com o Papa no âmbito da visita a Roma, aos túmulos de São Pedro e de São Paulo²⁴. No Arquivo da Universidade de Coimbra conservam-se, dispersamente, pelo menos, as respostas dos párocos das freguesias de São Pedro de Avelãs de Cima, São Mateus do Botão, Nossa Senhora da Assunção de Fajão, São Domingos das Lages e Nossa Senhora da Conceição de Ourentã. No *Archivo Segreto Vaticano* existe a súplica, em língua italiana, das respostas de cada um dos párocos da Diocese de Coimbra.

O segundo inquérito seiscentista deveu-se ao bispo de Coimbra, D. João de Melo, que «*numa pastoral datada de 4 de Julho de 1684, imediatamente após a sua nomeação, pede a todos os párocos da diocese que lhe enviem uma relação das suas paróquias em que conste qual o seu orago, quem as apresenta, quantos eclesiásticos têm e se são ou não residentes na freguesia, quais os confessores com licença, quantos fogos possui, que ermidas nelas existem, etc.*»²⁵. Não encontramos nenhuma resposta paroquial a este inquérito de 1684. Apenas se tem conhecimento dele através de um *Livro de capítulos de visitação* existente no arquivo da Paróquia de Santo Isidoro do Eixo, localizada nos arredores de Aveiro, então pertencente ao Arcediado do Vouga.

²³ As *visitas ad limina apostolorum* constituem uma fonte histórica de grande valor para a História religiosa e para a História Local, quase inexplorada pelos investigadores portugueses. Sobre as *visitas ad limina apostolorum* das dioceses portuguesas, veja-se a seguinte introdução: Carlos A. Moreira Azevedo, «*Visitas “Ad Limina”*», in *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (Dir. de Carlos Moreira Azevedo), vol. P-V, Lisboa, Círculo de Leitores, 2001, pp. 370^A-371^A.

²⁴ «*Carta Inedita do bispo de Coimbra D. fr. Alvaro de S. Boaventura ao Collegio cardinalicio*», in *O Instituto. Jornal Científico e Litterario*, vol. 15.º (1872), pp. 92-95: 92.

²⁵ José Pedro Paiva, «*A Administração Diocesana e a Presença da Igreja. O caso da diocese de Coimbra nos séculos XVII e XVIII*», in *Lusitânia Sacra*, 2.ª Série, 3 (1991), pp. 71-110: 74; Arquivo Paroquial do Eixo, *Livro de capítulos de visitação. 1667 a 1760*, fl. 30 v.º.

Já do século XIX, os investigadores da área geográfica da Diocese de Coimbra dispõem das riquíssimas informações paroquiais sobre os estragos causados pelos invasores franceses, solicitadas pelo prelado conimbricense através de um Aviso de 25 de Março de 1811, que se conservam no Arquivo da Universidade²⁶.

Através de buscas sistemáticas nos cartórios das paróquias poderá avançar-se no conhecimento de mais *Informações Paroquiais* dos séculos XVII, XVIII e XIX. Procedendo deste modo, António Franquelim Sampaio Neiva Soares encontrou para a Diocese de Braga referências a inquéritos para os anos de 1762, 1775, 1795, 1796, 1818, 1821, 1822, 1825, 1828, 1831 ou 1832, 1839 e 1845²⁷, embora para poucos deles localizasse as respostas dos párocos²⁸.

²⁶ Também no século XIX, logo após o término das Invasões Francesas, a Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, por um ofício de 16 de Abril de 1812, dirigido ao bispo de Coimbra, requeria a colaboração da Diocese, através dos seus párocos, na elaboração de uma «*descrição topografica das Cidades, Villas, Aldeias, Lugares, Casas, ou Quintas*», contendo «*o numero das Praças, Ruas, Travessas, Becos, Sítios, Propriedades, e Fogos*», que era indispensável à elaboração do *Alistamento Geral, ou Cadastro do Reino* (AUC – *Invasões Francesas* (IV, 1.ª E, 4, 2, doc. 16)). No Arquivo da Universidade, principalmente na colecção designada por *Mapas da População*, constata-se que ao longo do século XIX não esmoreceu o recurso do Estado aos serviços da Igreja, requerendo aos párocos, aos arceprestes ou ao bispo, a sua prestimosa colaboração no fornecimento de informações, sobretudo demográficas, com vista à realização de censos ou ao apuramento dos movimentos anuais da população. O pedido de colaboração da Igreja fez-se, também, no âmbito das reformas administrativas. De 1860 data um formulário, estampado na Imprensa da Universidade, intitulado “*Descrição das Freguezias do Districto que, convém que fiquem subsistindo, e das povoações de que cada uma d’ellas se deverá compôr*”. No item das *Observações*, alguns párocos redigiram breves descrições das suas freguesias, com os seus limites e as suas características geográficas.

²⁷ A descrição histórica do que, trabalhosamente, foi possível apurar destes inquéritos pode consultar-se em: António Franquelim Sampaio Neiva Soares, *O Concelho de Vila do Conde e os Inquéritos Paroquiais de 1825 e 1845*, Póvoa de Varzim, 1974, *maxime* pp. 7-14; Idem, *Visitações e Inquéritos Paroquiais da Comarca da Torre de Moncorvo de 1775-1845*, Braga, 1981, *maxime* pp. XXXVIII-LX.

²⁸ O seu testemunho é elucidativo: «*Destes numerosos inquéritos à vida da vetusta arquidiocese de Braga as minhas modestas investigações só conseguiram detectar as respostas aos de 1775, 1825 e 1845, além de um ou outro livro isolado de 1795, 1798, 1818, 1822...*» (A. Franquelim S. Neiva Soares, *O Concelho de Vila do Conde e os Inquéritos Paroquiais de 1825 e 1845*, Póvoa de Varzim, 1974, p. 14).

3.1. As Informações Paroquiais de 1717

A 26 de Maio de 1717, a pedido do núncio apostólico, o provisor do Bispado de Coimbra, Manuel Moreira Rebelo, em nome do bispo-conde, António de Vasconcelos e Sousa, ordena aos reverendos priores das colegiadas da cidade de Coimbra que, no prazo de 24 horas, informassem quantos beneficiados simples tinha cada uma das suas igrejas e quanto rendia cada benefício, tanto em frutos certos como em frutos incertos.

Dispomos das breves respostas relativas às igrejas colegiadas de Salvador, Santa Justa, São Bartolomeu, São Cristóvão, São João de Almedina, São Pedro e São Tiago²⁹.

Limitando-se apenas à cidade capital do Bispado, compreende-se que estas *Informações* não tenham merecido atenção historiográfica, tanto mais quanto são escassos os conteúdos que fornecem.

3.2. As Informações Paroquiais de 1721

Bem diferente tem sido a atenção prestada pelos investigadores às *Informações Paroquiais de 1721*, cuja origem e processo de execução foram objecto de aturadas averiguações.

A 8 de Dezembro de 1720 instituiu D. João V a Academia Real da História Portuguesa, a quem incumbiu de escrever uma história eclesiástica e uma história secular do Reino e das suas conquistas.

Para concretização deste régio desiderato, aprovaram os ilustres académicos, logo a 5 de Janeiro de 1721, o texto de cinco inquéritos que, respectivamente, seriam remetidos aos arcebispos e bispos, aos cartórios das câmaras eclesiásticas, aos cabidos das catedrais, às ordens religiosas, às câmaras das cidades ou vilas e aos provedores das comarcas³⁰.

A 4 de Fevereiro, escreveu esta academia ao Cabido da Sé de Coimbra, requerendo a redacção de uma memória das informações que nos cartórios

²⁹ AUC – *Cabido da Sé de Coimbra: “Informações que se houveram a respeito de algumas das Igrejas da cidade e Bispado de Coimbra”* (III, 1.ª D, 7, 5, 42).

³⁰ Estes questionários encontram-se em: *Collecção dos Documentos, Estatutos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa*, vol. 1, Lisboa, Na Officina de Pascoal da Sylva, 1721.

e arquivos se achassem com préstimo para a elaboração da pretendida história eclesiástica e secular de Portugal.

Dando execução ao que se lhes exigia, os capitulares conimbricenses entenderam por bem fazer imprimir um questionário que remeteram a todos os párcos da Diocese, aos quais concederam 15 dias para darem resposta aos quesitos, acrescidos de mais cinco dias para que as respostas ao inquérito fossem recebidas pelo escrivão da Câmara Eclesiástica³¹.

Até 1917 conservaram-se estas respostas no Cabido da Sé de Coimbra, ano em que deram entrada no Arquivo da Universidade. Apesar de algumas perdas esporádicas, aqui se guardam mais de três centenas de *Informações* de toda a Diocese, faltando cerca de três dezenas para corresponder à totalidade das paróquias então existentes³².

3.2.1. As “*Memorias Ecclesiasticas do Bispado de Coimbra*” e a “*Historia Ecclesiastica de Coimbra*”

A Academia Real da História Portuguesa promoveu, também, a redacção de *Memorias Ecclesiasticas* de diversos bispados do Reino. Manuel Pereira da Silva Leal redigiu e publicou – ainda que só fosse impressa a primeira parte – as *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Bispado da Guarda*³³. D. Jerónimo Contador de Argote publicou, em quatro volumes, as *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga*³⁴. Henrique Henriques de Noronha escreveu as *Memorias Seculares e Ecclesiasticas para a Composição da Historia da Diocesi do Funchal*³⁵.

³¹ António Gomes da Rocha Madahil, *As Informações Paroquiais da Cidade de Coimbra recolhidas em 1721* (Sep. do Arquivo Coimbrão, III), Coimbra, 1937; Idem, *As Informações Paroquiais da Diocese de Coimbra pedidas pela Academia Real da História em 1721. Novas fontes de história local portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora, 1934.

³² AUC – *Cabido da Sé de Coimbra: Informações Paroquiais de 1721* (III, 1.^a D, 5, 4, 27-29).

³³ P.^e Manuel Pereira da Silva Leal, *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Bispado da Guarda*, Tomo Primeiro, Lisboa, Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1729.

³⁴ D. Jerónimo Contador de Argote, *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga*, 4 vols., Lisboa, Na Officina de Joseph Antonio da Sylva – Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1732-1747.

³⁵ Henrique Henriques de Noronha, *Memorias Seculares e Ecclesiasticas para a Composição da Historia da Diocesi do Funchal*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura – Centro de Estudos de História do Atlântico, 1996.

Francisco Leitão Ferreira foi incumbido de redigir umas *Memorias Ecclesiasticas do Bispado de Coimbra* mas, falecendo em 1735, não conseguiu concretizar tão trabalhoso projecto. Fruto do seu extenuante labor historiográfico, podemos usufruir, no entanto, do *Catalogo Chronologico-Critico dos Bispos de Coimbra* e das *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra*.

Para a redacção das *Memorias Ecclesiasticas do Bispado de Coimbra*, realizaram-se várias pesquisas e trabalhos preparatórios, de que resultou um códice manuscrito existente na Biblioteca Nacional de Portugal, que, no seu frontispício, exhibe o seguinte título: “*Extracto das Noticias que o Doutor Bertolameu de Macedo Malheiro, Provedor da Comarca de Coimbra, remeteo á Academia Real da Historia Portugueza no anno de 1721. E na dita Academia forão entregues a mim o Beneficiado Francisco Leitam Ferreira, para as Memorias Ecclesiasticas do Bispado de Coimbra, que me estam encomendadas*”³⁶. Da leitura deste códice ressalta à evidência quanto a sua redacção deve ao aproveitamento das respostas dos concelhos e das vintenas enviadas ao provedor da Comarca de Coimbra, compiladas na “*Noticia das Villas e Lugares da Comarca de Coimbra*”. O “*Extracto das Noticias*” é, basicamente, como o próprio título o sugere, uma súmula das informações contidas na “*Noticia das Villas e Lugares da Comarca de Coimbra*”, sendo aproveitáveis, sobretudo, quando se tenham perdido as respostas originais da administração dos concelhos e das vintenas³⁷ desta comarca.

³⁶ BNP – *Manuscritos (COD)*: Códice 108. Na Biblioteca Pública de Évora existe uma cópia manuscrita, em dois volumes, intitulada «*Noticias para as memorias ecclesiasticas do bispado de Coimbra, colligidas por Francisco Leitão Ferreira*» (Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara e Joaquim António de Sousa Telles de Mattos, *Catalogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica Eborensis*, t. III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1870, p. 33).

³⁷ Estas pequenas circunscrições administrativas e judiciais, estabelecidas nas *Ordenações Manuelinas (Ordenações Manuelinas*, Livro I, Título XLVIII, § 64) e, mais tarde, nas *Ordenações Filipinas (Ordenações Filipinas*, Livro I, Título LXV, § 73) mereciam um estudo especializado. No extensíssimo termo da cidade de Coimbra existiam várias dezenas de vintenas, vulgarmente designadas por *concelhos*. O exercício da função dos seus magistrados – por todo o Reino chamados *juizes das aldeias*, *juizes pedâneos* ou *juizes das vintenas* – foi objecto de regulamentação pela Câmara de Coimbra em dois regimentos distintos (um para os lugares do termo em que a cidade tinha jurisdição cível e crime, e outro para os lugares do termo em que tinha apenas jurisdição crime) que se encontram no *Livro I da Correa*, cujos originais se conservam no Arquivo Histórico Municipal de Coimbra, os quais se encontram publicados em: *Livro I da Correa (Legislação Quinhentista*

Resultado do mesmo projecto que a Academia Real da História Portuguesa pretendeu concretizar, subsiste na Biblioteca Nacional um manuscrito intitulado “*Historia Ecclesiastica de Coimbra*”³⁸, formado por cinco tomos, cujos títulos são reveladores do propósito e do alcance que enformava o empreendimento: 1.º – *Memorias que se extrahiram do Archivo da Sé de Coimbra para se remeterem ao Academico Real da Historia Portuguesa D. Antonio Caetano de Souza*; 2.º – *Noticias das Igrejas do Bispado de Coimbra*; 3.º – *Noticias dos conventos do Bispado de Coimbra*; 4.º – *Memorias do Bispado de Coimbra para a Historia Ecclesiastica de Portugal*³⁹; e 5.º – *Extractos varios tirados do Real Archivo da Torre do Tombo, relativos a Historia Ecclesiastica do Bispado de Coimbra*.

3.2.2. As “*Noticias das Igrejas do Bispado de Coimbra*”

Coube aos cônegos Pantaleão Pereira de Sampaio e Manuel Moreira Rebelo a tarefa de recolher as *Informações Paroquiais* do Bispado de Coimbra, de 1721, e de as remeter para a Academia Real da História Portuguesa.

Servindo-se das respostas ao inquérito recebidas na Câmara Eclesiástica, estes cônegos redigiram sínteses de cada uma das informações paroquiais que foram reunidas nas “*Noticias das Igrejas do Bispado de Coimbra*”. Enviado para Lisboa, em inícios de 1723⁴⁰, este manuscrito conserva-se actualmente na Biblioteca Nacional de Portugal⁴¹.

do Município de Coimbra), Coimbra, Biblioteca Municipal, 1938). Em 1739 foi aprovado um novo regimento (*Novo Regimento para os Concelhos do Termo da Cidade de Coimbra*, Coimbra, Na Officina de Antonio Simoens Ferreyra, 1740). Neste arquivo encontrará o investigador alguns dos documentos que sobreviveram à extinção das vintenas nos primórdios do Liberalismo, designadamente os seus regimentos, os juramentos dos juízes eleitos e o pagamento das *juradias*.

³⁸ BNP – *Manuscritos (COD.)*: Códices 147-151.

³⁹ Este volume dedica-se em grande parte à problemática das origens da cidade de Coimbra, mas tem algum interesse para o conhecimento da Coimbra setecentista pela descrição que nos fornece da cidade e das suas freguesias.

⁴⁰ «O livro 2.º da correspondência expedida e recebida pela Academia Real de História», in *O Archeologo Português*, vol. XXVI (1923-1924), pp. 37-163: 84.

⁴¹ BNP – *Manuscritos (COD.)*: Códice 148: “*Noticias das Igrejas do Bispado de Coimbra*”.

Comparadas com as autênticas *Informações Paroquiais de 1721*, as “*Notícias das Igrejas do Bispado de Coimbra*” não passam de uma colecção de súmulas das respostas dadas pelos párocos ao inquérito remetido pelo Cabido da Sé de Coimbra por determinação da Academia Real da História Portuguesa. Mas permitem-nos recuperar o teor fundamental das respostas que, entretanto, se perderam e se não acham já no Arquivo da Universidade. O códice intitulado “*Notícias das Igrejas do Bispado de Coimbra*” constitui o segundo do conjunto de cinco tomos que compõem a “*Historia Ecclesiastica de Coimbra*”. Contém *notícias* sobre mais de três centenas e meia de igrejas paroquiais desta Diocese.

3.2.3. As “*Notícias dos Conventos do Bispado de Coimbra*”

Era ambiciosa a soma de *memórias* ou *notícias* que, na conferência de 5 de Janeiro de 1721, os membros da Academia Real da História Portuguesa decidiram solicitar aos *prelados* das Ordens Religiosas: um catálogo dos conventos de cada Ordem, com informação dos lugares em que estavam, da sua fundação e dos seus fundadores; um inventário de «*todos os papeis, titulos e Instrumentos*» dos seus cartórios; um «*Inventario de todas as doações, e privilegios antigos*»; os catálogos «*dos livros das Livrarias dos Conventos, especialmente dos manuscritos*»; o aviso da existência de papéis antigos com letras dificultosas de ler; a cópia de «*todos os letreiros de Capellas, e sepulturas de todos os Conventos, e Collegios*»; a «*noticia dos Ritos antigos, Reliquias, Milagres, e mais cousas notaveis de cada Mosteiro*»; as «*noticias de pessoas de hum, e outro sexo, que na sua Religião morrèrão com opiniaõ de santidade*»; bem como a notícia de bispos, arcebispos e autores de livros de cada Ordem Religiosa.

Comparada com tão agigantada pretensão, bem modestas se afiguram as “*Notícias dos Conventos do Bispado de Coimbra*”, tanto mais quanto apenas a escasso número de institutos religiosos se refere este códice manuscrito. De apenas cerca de uma dezena e meia de instituições se conservam as *notícias*; portanto, uma inexpressiva minoria dos numerosos institutos religiosos, masculinos e femininos, que povoavam quase toda a Diocese de Coimbra.

3.2.4. A “Notícia das Villas e Lugares da Comarca de Coimbra”

Embora não se integre na tipologia documental que podemos designar como “*Informações Paroquiais*”, fazemos aqui referência à “*Notícia das Villas e Lugares da Comarca de Coimbra*”. Origina-se na sequência do mesmo processo que suscitou as *Informações Paroquiais de 1721*. Difere destas na natureza da instituição produtora da informação: não já as paróquias, mas as autoridades civis locais, quer vilas, quer simples vintenas. Com efeito, quando, em Janeiro de 1721, a Academia Real da História Portuguesa deliberou requerer informações para a redacção da *história eclesiástica* e da *história secular* do Reino de Portugal e suas conquistas, entre as entidades a quem se solicitava colaboração no preenchimento dos inquéritos, achavam-se os provedores das comarcas. Requereu-se-lhes, então, que: a) Enviassem «*hum Inventario de todas as instituições de Morgados, Capellas, Confrarias, Irmandades, Hospitaes, e mais legados, e lugares pios de sua jurisdição*»; b) Mandassem «*com grande cuidado trasladar os letreiros dos Romanos, Godos, ou Mouros*»; c) Procurassem saber da existência de «*livros manuscritos*» que contivessem «*Epitafios, e outros letreiros de Portugal*»; d) Avisassem da existência de «*peessoas curiosas*» que tivessem «*noticias, e memorias antigas, ou livros manuscritos*» proveitosos para a história «*dos lugares, e Aldeas de sua Comarca*»; e) E dessem notícia se nesses lugares havia «*algumas antiguidades notaveis*»⁴².

Desta diligência da Academia Real da História Portuguesa junto dos *provedores das comarcas*, além da “*Notícia*” referente à Comarca de Coimbra, possuímos ainda os resultados referentes às circunscrições de Leiria⁴³ e de Vila Real⁴⁴. O produto da actividade do provedor da Comarca

⁴² *Collecçam dos Documentos, Estatutos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa*, vol. 1, Lisboa, Na Officina de Pascoal da Sylva, 1721.

⁴³ BGUC – *Manuscritos*: Códice 503: “*Noticias remetidas á Academia Real*”, pelo provedor da Comarca de Leiria, Brás Raposo da Fonseca. As “*Noticias*” da Comarca de Leiria interessam ao estudo de várias paróquias do sudoeste da Diocese de Coimbra, designadamente as que se situavam no corpo ou no termo das vilas de Ega, Pombal, Soure e Redinha, razão por que aqui as não olvidamos. Os interessados neste códice dispõem de uma reprodução fotocopiada no Arquivo Distrital de Leiria.

⁴⁴ BNP – *Manuscritos (COD)*: Códice 222.

de Coimbra conserva-se em Lisboa, na Biblioteca Nacional, num códice intitulado “*Noticia das Villas e Lugares da Comarca de Coimbra*”⁴⁵.

A “*Noticia das Villas e Lugares da Comarca de Coimbra*” complementa os dados fornecidos pelas *Informações Paroquiais de 1721*. Conjugando as diferentes perspectivas das autoridades civis e das autoridades eclesiásticas, enriquece-se a visão histórica sobre um emaranhado de circunscrições a que faltava coincidência de limites territoriais num espaço confuso e destituído de racionalidade, como era característico da (des)organização administrativa e judicial da época, a que só no final da centúria, no reinado de D.^a Maria I, se tentou pôr cobro pelas leis de 19 de Julho de 1790 e 7 de Janeiro de 1792⁴⁶.

3.2.5. As “*Memorias Geographicas e Historicas da Comarca de Coimbra*”

Entre o espólio existente na Biblioteca Nacional de Portugal que subsiste da actividade da Academia Real da História Portuguesa, designadamente dos trabalhos suscitados em 1721, conta-se um pequeno códice, apenas com 37 fólios que, abreviadamente, tem por título “*Memorias Geographicas e Historicas da Comarca de Coimbra*”.

O nome completo⁴⁷ do códice transcreve os títulos de diversas *memórias* ou *relações* sobre as antiguidades históricas, arqueológicas e epigráficas de diversas localidades, maioritariamente da Comarca de Coimbra, para além de uma descrição do rio Mondego e da sua notável ponte, sita na própria cidade de Coimbra⁴⁸. Na quase totalidade das *memórias* ou *relações*

⁴⁵ BNP – *Manuscritos (COD.)*: Códice 212.

⁴⁶ Sobre este assunto, veja-se com grande proveito: Ana Cristina Nogueira da Silva, *O Modelo Espacial do Estado Moderno. Reorganização Territorial em Portugal nos Finais do Antigo Regime*, Lisboa, Editorial Estampa, 1998. No Arquivo Histórico Parlamentar podem os investigadores encontrar a documentação deste processo de tentativa de reorganização administrativa e judicial. Dentre esses documentos, salientamos o seguinte: AHP – Sec. I/II, cx. 102, n.º 8: “*Informação das Terras da Comarca de Coimbra, e seu Mappa, e por, apenço as Respostas das Camaras da mesma na forma da Ordem de 11 de Novembro de 1791*”.

⁴⁷ BNP – *Manuscritos (COD.)*: Códice 213.

⁴⁸ O título completo é o seguinte: “*Memorias Geographicas e Historicas da Comarca de Coimbra, isto he Descrição do Mondego. Relação das Antiguidades da Villa do Bispo;*

deste código estamos apenas perante as singelas respostas dos juizes locais ao inquérito da Provedoria de Coimbra e não diante de *memórias* literariamente trabalhadas.

3.2.6. As “Noticias” da Comarca de Leiria

O provedor da Comarca de Leiria, Brás Raposo da Fonseca, cumprindo zelosamente o pedido de D. João V, enviou a 26 de Outubro de 1721 para a Real Academia da História Portuguesa um volume de “Noticias” das quais se guarda um precioso exemplar na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra⁴⁹.

Integrando-se na Comarca de Leiria a parte litorânea mais meridional da Diocese de Coimbra, o manuscrito tem manifesto interesse para os investigadores de História local da região, porquanto nele se incluem valiosas informações para as vilas de Ega, Pombal, Redinha e Soure, e seus respectivos termos⁵⁰. Além das informações mais gerais que nos oferece destas vilas e das suas aldeias, Brás Raposo da Fonseca dá destaque a matérias como procissões, capelas, morgados, irmandades, confrarias e inscrições epigráficas.

3.3. As Informações Paroquiais de 1732 e o Dicionário Geográfico

Em 1732⁵¹ terá a Secretaria de Estado remetido aos cabidos das dioceses portuguesas um Aviso para que fosse enviado aos párocos dos respectivos

do Concelho de Cepins piqueno. Descrição de Condeixa a Nova. Relação do Concelho de Mortede”. Como adiante se especificará, as diversas *memórias* que contém não se circunscrevem à área geográfica da Comarca de Coimbra. Para a área geográfica aqui em estudo, interessa também uma «*Lembrança dos livros que se acharam, antigos e modernos, na Câmara da vila de Montemor-o-Velho*». Sem interesse para a região, o Código 213 contém ainda uma notícia da praça de Almeida e outra da vila alentejana de Veiros.

⁴⁹ BGUC – *Manuscritos*: Código 503: “*Noticias remetidas á Academia Real*”, pelo provedor da Comarca de Leiria, Brás Raposo da Fonseca.

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ Eduardo Costa, investigador dedicado às terras do Distrito de Aveiro, teve o mérito de ter sido um dos primeiros, senão mesmo o primeiro, a comprovar a existência das *Informações Paroquiais de 1732*. Veja-se: Eduardo Costa, «Os Inquéritos Paroquiais do

bispados um interrogatório, de cujas respostas se serviria o Padre Luís Cardoso para redigir o *Diccionario Geografico*.

A ideia de se realizar o inquérito foi do próprio Padre Luís Cardoso que, sem a colaboração régia e episcopal, não conseguiria obter da generalidade dos párocos as informações pretendidas. Inicialmente, este presbítero oratoriano almejava tão-somente redigir, para uso pessoal, «*hum Index geral, ou Repertorio*» de tudo o que se compreendia nos três tomos da *Corografia Portuguesa, e Descrição Topografica do Famoso Reyno de Portugal*, do Padre António Carvalho da Costa, obra organizada com base num critério administrativo, por províncias e comarcas. Mas vendo como faltavam a este corpo «*as veyas, e os ossos, que são as serras, as fontes, e os rios*», o Padre Luís Cardoso redigiu «*tres interrogatorios, o primeiro das terras, o segundo das serras, e o terceiro dos rios*». Não podendo, sozinho, distribuir por todo o Reino os interrogatórios, valeu-se «*de braço superior*», de modo que «*por ordem de Sua Magestade se remetterão aos Bispos, e Cabidos, para que pelos Parocos seus subditos mandassem as noticias, que alli se lhe pediaõ*»⁵².

O inquérito realizou-se, mas das respostas dos párocos poucas sobreviveram ao século XVIII, talvez devido ao cataclismo de 1755. Da Diocese de Viseu⁵³ subsistem 66 respostas, encadernadas nos volumes 42 e 43 das “*Memórias Paroquiais*” que se conservam na Torre do Tombo⁵⁴, como que perdidas entre as milhares de respostas que dão corpo às *Informações Paroquiais de 1758*.

Da Diocese de Coimbra nenhuma resposta se conhece. Como sucedeu com quase todas as outras, as respostas dos párocos deste Bispado terão

século XVIII e algumas das freguesias do Distrito de Aveiro (1732)», in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. XXI, n.º 82 (1955), pp. 130-148.

⁵² P.º Luiz Cardoso, *Diccionario Geografico, ou Noticia Historica de todas as Cidades, Villas, Lugares, e Aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas*, Tomo I, Lisboa, Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1747, pág. inum. do «*Prologo*».

⁵³ Algumas destas paróquias vieram posteriormente a fazer parte da Diocese de Aveiro, caso de Cedrim.

⁵⁴ Maria José Mexia Bigotte Chorão, «Inquéritos Promovidos pela Coroa no Século XVIII», in *Revista de História Económica e Social*, 21 (Setembro-Dezembro de 1987), pp. 93-130: 109. Algumas respostas ao Inquérito da Academia Real da História Portuguesa, da Diocese de Viseu, com data de 1722, encontram-se igualmente insertas nas “*Memórias Paroquiais*” existentes na Torre do Tombo.

perecido com o Terramoto de 1755. A terem existido as *Informações Paroquiais de 1732*, como parece seguro, o seu conteúdo terá sido aproveitado por aquele presbítero na redacção do *Diccionario Geografico*, obra da qual se imprimiram dois tomos, na Régia Oficina Silviana e da Academia Real, respectivamente, em 1747 e em 1751: o primeiro comportando as entradas começadas pela letra A; o segundo abrangendo as entradas iniciadas pelas letras B e C. A consulta do *Diccionario Geografico* permite, parcialmente, resgatar essas perdidas *Informações Paroquiais de 1732* até à letra C⁵⁵.

3.4. O inquérito populacional de 1732

Em 1736, na Oficina de José António da Silva, imprimiu-se o tomo segundo da *Geografia Historica de todos os Estados Soberanos de Europa*, de D. Luís Caetano de Lima. Em apêndice, editou-se nesta obra a «*Lista dos Fógos, e Almas, que ha nas terras de Portugal, communicada ao Autor, para se incorporar nesta Geografia, no anno de 1732, pelo Marquez de Abrantes*».

Organizada por províncias, correições ou ouvidorias, concelhos e paróquias, a «*Lista*» fornece o número de fogos e de *almas*⁵⁶ de cada freguesia do Reino⁵⁷.

⁵⁵ O investigador, de modo fácil e cómodo, pode aceder aos dois tomos desta obra setecentista pela Internet, através da Biblioteca Nacional Digital.

⁵⁶ Embora a «*Lista*» contenha apenas os quantitativos dos fogos e das *almas*, provavelmente o inquérito populacional de 1732 seccionava a população em grupos etários e em sexos: até aos 15 anos (*rapazes e raparigas*); dos 15 aos 25 (*moços e moças*); dos 25 aos 50 (*homens e mulheres*); e mais de 50 (*velhos e velhas*). É o que se verifica na “*Relação universal de todas as pessoas existentes nas freguesias do Arcebispado de Évora feita por ordem de S. Magestade, que Deos guarde, o Augustissimo Senhor Dom João Quinto, no mês de Junho do presente anno de 1732*” (BNP – *Manuscritos (MSS.)*: cx. 1, doc. 6; publicado em: João Cosme, «Subsídios para a história da população do Arcebispado de Évora na 1.^a metade do século XVIII», in *Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora. Actas*, vol. I, Évora, Instituto Superior de Teologia – Seminário Maior de Évora, 1994, pp. 479-519). Os dados das dioceses de Elvas e de Portalegre encontram-se no mesmo fundo da Biblioteca Nacional de Portugal e estão publicados em: João Cosme, «A População das Dioceses de Elvas e Portalegre na 1.^a metade do século XVIII», in *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*, nova série, n.º 7 (1992), pp. 153-183.

⁵⁷ Infelizmente, a «*Lista*» apresenta algumas lacunas, não abrangendo a totalidade das freguesias do Reino.

Na história demográfica portuguesa, esta fonte tem sido das mais discutidas, pelas dúvidas que se suscitaram tanto sobre a data exacta dos dados populacionais⁵⁸ como sobre a sua origem. Ambas as dúvidas levantaram o problema da utilidade e da validade dos quantitativos fornecidos por esta «*Lista*»⁵⁹.

No Arquivo da Universidade de Coimbra conserva-se o texto de uma Ordem do vigário capitular da Diocese de Coimbra, D. Luís Simões Brandão⁶⁰, datada de 9 de Maio de 1732, que talvez possa solucionar aquelas dúvidas, ajudando-nos a formar a forte convicção de que os valores constantes da «*Lista*» se reportam, de facto, à realidade demográfica de 1732 e permitindo-nos concluir que neste ano foi elaborado um inquérito paroquial específico⁶¹ que pretendeu obter essa informação populacional.

Esta Ordem do vigário capitular da Diocese de Coimbra visava dar execução a um Decreto Régio de 25 de Abril de 1732, de D. João V, na sequência do qual foram remetidas para aquele prelado um conjunto de folhas impressas para serem distribuídas por todos os párocos do Bispado. Cada um destes párocos, «*por certidão*», passaria «*as noticias de todos os seus freguezes, escrevendo o numero delles na mesma folha impressa*».

⁵⁸ Joaquim Romero Magalhães defendeu que, relativamente ao Algarve, os quantitativos da «*Lista*» se reportavam ao ano de 1705 (Joaquim Romero Magalhães, *O Algarve Económico: 1600-1773* (Dissertação de Doutoramento em História Económica e Social apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra), vol. 2, Coimbra, 1984, pp. 1072-1080, *apud* Joaquim Carvalho e José Pedro Paiva, «A Diocese de Coimbra no Século XVIII. População, Oragos, Padroados e Títulos dos Párocos», in *Revista de História das Ideias*, vol. 11 (1989), pp. 175-268: 192, nota 35).

⁵⁹ Sobre esta problemática, veja-se a seguinte tese de mestrado: Maria Isabel Oliveira Lopes da Silva Almeida Monteiro, *A População Portuguesa em 1732* [Texto policopiado], Porto, s.n., 1997. A leitura deste trabalho é recomendável para quem pretenda usar a «*Lista*» como fonte histórica.

⁶⁰ Entre 1717 e 1740 decorreu uma longa vacatura na Diocese de Coimbra. Na falta de um bispo, o governo da Diocese foi assegurado por vigários capitulares, um dos quais foi D. Luís Simões Brandão. *Vide* A. Brito Cardoso, *A Diocese de Coimbra. Esboço Histórico*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1995, p. 20.

⁶¹ Sem conhecerem o documento a que nos referimos, Maria Luís Rocha Pinto, José Damião Rodrigues e Artur Boavida Madeira, comparando várias fontes demográficas setecentistas, concluíram que «*pelo menos para grande parte do território nacional*», a «*Lista*» correspondia «*a um levantamento específico e não ao somatório ou levantamento dos seus valores a partir dos inquéritos paroquiais da época*» (Avelino de Freitas de Meneses (Coord. de), *Portugal. Da Paz da Restauração ao Ouro do Brasil* (Vol. VII da *Nova História de Portugal*, Dir. de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques), Lisboa, Editorial Presença, 2001, p. 392).

Um *cursor* ou caminheiro do Juízo Eclesiástico percorreria todas as paróquias da Diocese de Coimbra distribuindo o formulário impresso; e cada pároco, «na folha impressa que» o *cursor* lhe deixasse, escreveria «as notícias de seus freguezes», remetendo ao vigário capitular «a mesma folha e certidão por portador seguro, em termo de des dias dipois que esta ordem lhe» fosse «intimada». No «roteiro» que o *cursor* levava, os párocos declarariam «o dia, e hora em que esta» Ordem «lhe foi apresentada». Como injunção, para os párocos cumprirem a Ordem, cominou-se a «pena de obediencia» e «suspensão do Officio Parochial»⁶².

Desconhece-se o paradeiro deste «roteiro» e das folhas impressas. Mas, acreditando-se que as informações contidas na «Lista» correspondem às do inquérito populacional de 1732, em lugar deste pode consultar-se a fonte impressa: a *Geografia Historica de todos os Estados Soberanos de Europa*, de D. Luís Caetano de Lima⁶³.

Tendo a informação demográfica da «Lista» uma origem eclesiástica, há que usá-la com algumas precauções. A «Lista» fornece o número dos fogos e das *almas* de cada paróquia, certamente computados a partir dos *róis de confessados*. Estes, na Diocese de Coimbra, eram elaborados do seguinte modo, conforme estatuído nas *Constituições Sinodais*, de 1591, que continuavam em vigor naquela data do século XVIII. Em cada ano, na Septuagésima⁶⁴, os priores, reitores e curas de cada paróquia teriam de começar a fazer um rol, que estaria concluído na Quinquagésima⁶⁵, no qual rol listariam «*todos seus freguezes por seus nomes, & sobrenomes*» com «*a rua, & lugar, onde*» vivessem, pondo «*os de quatorze annos para sima em huma parte; & os moços de sete até quatorze em outra*».

Os maiores de sete anos tinham a obrigação de «*confessar seus peccados, ao menos huma vez no anno*», pelo tempo da Quaresma. Os maiores de 14 anos tinham a obrigação de comungarem pelo menos uma vez por ano, pela Páscoa. Anualmente, «*em tres Domingos*», os párocos deveriam admoestar os seus fregueses para se aparelharem para receber estes sacramentos.

⁶² AUC – *Câmara Eclesiástica*: III, 1.^a D, 7, 1, 13, doc. 22.

⁶³ A obra está disponível, através da Internet, na Biblioteca Nacional Digital.

⁶⁴ A Septuagésima corresponde ao terceiro Domingo anterior ao primeiro Domingo da Quaresma.

⁶⁵ A Quinquagésima corresponde ao primeiro Domingo anterior ao primeiro Domingo da Quaresma.

Além do dever de sancionarem os incumpridores e de fazerem várias diligências para que os fregueses faltosos se desobrigassem, os párcos estavam incumbidos de levar ao provisor e vigário do Bispado os róis dos confessados e dos comungados⁶⁶.

Devido a estes procedimentos de controlo eclesial, ninguém melhor do que a Igreja conhecia o número de *almas* de cada paróquia e, conseqüentemente, de todo o Reino.

Portanto, esta, como outras fontes, não nos fornece o número de habitantes, mas o número de *almas* que, em princípio, eram os *maiores de confissão*, os que já haviam completado 7 anos de idade, sendo os maiores de comunhão os moços que já tinham completado 14 anos de idade. As fontes, muitas vezes, designam estes grupos populacionais por *pessoas de confissão* ou por *pessoas de comunhão*. Problema difícil de resolver é quando as fontes usam apenas a designação *pessoas*. E, mesmo quando usam o vocábulo *almas*, podem estar a usá-lo como sinónimo de habitante. Quando se utiliza o vocábulo *morador*, geralmente, é equivalendo a *vizinho* ou *fogo*. Estas expressões, se usadas impropriamente, podem levantar dúvidas insolúveis. A comparação dos valores de várias fontes setecentistas pode ajudar a precisar a significação do vocábulo utilizado no caso concreto de determinada paróquia⁶⁷ e é imprescindível à análise crítica dos dados quantitativos.

Quando operamos com o conceito de *fogo*, *vizinho* ou *morador*, é inevitável recorrer a um multiplicador para apurar o número de indivíduos. Têm sido utilizados diferentes multiplicadores que oscilam entre 3,5 e 5. Para a Diocese de Coimbra os investigadores têm o trabalho enormemente facilitado graças ao estudo de Joaquim Ramos de Carvalho e de José Pedro Paiva, historiadores que calcularam para cada freguesia o número médio de *almas* por fogo⁶⁸.

⁶⁶ *Constituições Synodales do Bispado de Coimbra*, Coimbra, No Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1731, pp. 13-18.

⁶⁷ A designação de *almas* parece ter evoluído nos finais do século XVIII. «O fogo, unidade de contagem privilegiada e quase exclusiva do Antigo Regime, cede o passo, rapidamente, à quantificação das *almas*, isto é, das *pessoas* ou habitantes.

*Se o fogo continua a ser sinónimo de vizinho e família, as *almas* perdem o significado de maiores de comunhão ou de confissão e passam a identificar-se com os homens e as mulheres existentes, com as *pessoas* ou habitantes» (Fernando de Sousa, «A População Portuguesa em Finais do Século XVIII», in *População e Sociedade*, n.º 1 (1995), pp. 41-55: 52).*

⁶⁸ Joaquim Carvalho e José Pedro Paiva, «A Diocese de Coimbra no Século XVIII. População, Oragos, Padroados e Títulos dos Párcos», in *Revista de História das Ideias*, vol. 11 (1989), pp. 175-268.

Quando operamos com o conceito de *almas*, para apurarmos os quantitativos demográficos totais, há que estimar a percentagem da população com menos de 7 anos. Para evitar demorados estudos realizados através dos registos paroquiais, poderemos extrapolar os dados a partir de estudos já realizados para áreas geográficas próximas ou, em alternativa, se estamos a estudar o século XVIII, recorrer ao Censo de 1801⁶⁹.

Considerando que as informações populacionais fornecidas pelos párocos assentavam nos *róis dos confessados*, há ainda que ter outras precauções. Nem toda a população constava dos *róis de confessados* ou *de comungados* e aos censos dos fogos escapam realidades não coincidentes com as comunidades familiares. Nestas fontes «*são inteiramente excluídas considerações de franjas populacionais tão relevantes como as respeitantes a expostos e a órfãos, a escravos, à criadagem de casas senhoriais, de igrejas, de mosteiros e de corporações, ou ao próprio clero regular e seus acostados (conversos, confessores, capelães, sacristães e serventes, ou, no caso dos claustros femininos, das mulheres seculares recolhidas ou das pupilas), senão à própria população prisional, decerto existente, em número considerável, em cárceres civis, eclesiásticos ou militares*»⁷⁰.

3.5. As Informações Paroquiais de 1756

Após o Terramoto de 1 de Novembro de 1755, Sebastião José de Carvalho e Melo, a 20 de Janeiro de 1756, por intermédio da Secretaria dos Negócios Interiores do Reino, fez expedir para as dioceses portuguesas uma carta-circular ordenando que as administrações diocesanas remetessem para os seus respectivos párocos um interrogatório, composto de 13 questões, cujo teor permitiria conhecer os efeitos do cataclismo e saber das providências localmente tomadas para minorar as suas consequências, bem como computar os efectivos populacionais de cada freguesia.

⁶⁹ *Os Recenseamentos da População Portuguesa de 1801 e 1849: Edição crítica* (Coord. de Luís Nuno Espinha da Silveira), 3 vols., Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, 2001. Esta obra pode descarregar-se, gratuitamente, pela Internet, a partir da *página Web* do Instituto Nacional de Estatística. Veja-se complementarmente: Fernando de Sousa, *A População Portuguesa nos Inícios do Século XIX* (Texto policopiado), 2 vols., Porto, 1979.

⁷⁰ Saul António Gomes, *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas. Leiria, Coimbra, Palimage, 2009, p. 106.*

Limitando-se quase totalmente a matérias ligadas ao Terramoto de 1755, o Inquérito Paroquial de 1756 granjeou a fama de ser considerado um trabalho pioneiro a nível internacional na investigação sísmológica. Montessus de Ballore considerou este inquérito um passo decisivo no nascimento da sismologia moderna⁷¹.

Mas se tem sido Sebastião José de Carvalho e Melo quem mais louros tem recebido por este suposto pioneirismo, em abono da verdade não se pode olvidar que a prioridade da realização de um inquérito imediato ao Terramoto de 1755 coube ao monarca espanhol Fernando VI que, apenas uma semana depois do cataclismo, ordenou ao Governador Supremo do Conselho de Castela a realização de um questionário⁷² sobre o que sucedera nas principais cidades e vilas de Espanha⁷³. O estado em que ficou Lisboa e as difíceis prioridades que então se impuseram aos governantes

⁷¹ Fosse quem fosse o autor do questionário espanhol e das alterações que lhe foram introduzidas em Portugal, as questões manifestam um claro propósito científico, onde se detectam os sinais evidentes da grande discussão que então se travou na comunidade científica e na população mais instruída sobre a causa dos terramotos e sobre a propagação dos abalos sísmicos. A diversidade e amplitude das questões é bem reveladora da intenção de abranger a totalidade das manifestações do fenómeno sísmico. Sobre este assunto, veja-se a apreciação que António Gomes Coelho faz sobre cada um dos quesitos do inquérito (António Gomes Coelho, «Do “Inquérito do Marquês de Pombal” ao Estudo de Pereira de Sousa sobre o Terramoto de 1 de Novembro de 1755», in *O Grande Terramoto de Lisboa*, vol. I, Lisboa, Público – FLAD, 2005, pp. 143-188).

⁷² Coube a Julio Guillén o mérito de divulgar esta fonte (Julio Guillén, «En el segundo centenario del maremoto de Cádiz (1755)», in *Boletín de la Real Academia de la Historia*, CXXXIX, 1 (1956), pp. 107-158), e a José Manuel Martínez Solares a sua publicação (J. M. Martínez Solares, *Los Efectos en España del terremoto de Lisboa (1 noviembre de 1755)*, Madrid, Instituto Geográfico Nacional, 2001). Veja-se, também: Fernando Rodríguez de la Torre, «Documentos en el Archivo Nacional (Madrid) sobre el Terremoto del 1 de Noviembre de 1755», in *Cuadernos Dieciochistas*, n.º 6 (2005), pp. 79-116.

⁷³ Embora se continue, impropriamente, a designar este sismo como *Terramoto de Lisboa*, é bem sabido que atingiu não só Portugal inteiro, mas também, com assinalável violência, a Espanha e Marrocos, tendo-se feito sentir a forte ondulação oceânica em várias partes das costas atlânticas, da Europa até à América. Em Espanha o terramoto terá produzido cerca de 2.000 vítimas mortais e um impacto muito destrutivo tanto no interior como no litoral sul. Sobre os efeitos do terramoto em Espanha, veja-se: José Manuel Martínez Solares e Alfonso López Arroyo, «O Terramoto de 1755 em Espanha», in *O Grande Terramoto de Lisboa*, vol. I, Lisboa, Público – FLAD, 2005, pp. 237-264.

À tragédia não escapou o próprio embaixador espanhol em Lisboa, Bernardo de Rocaberti, que faleceu num desabamento. E até o Conde de Aranda, que após o cataclismo veio à capital portuguesa prestar a solidariedade do país vizinho e prometer apoio, por pouco escapou a um incêndio no arruinado palácio do Duque de Aveiro onde se acolhera.

portugueses não lhes permitiam a celeridade com que pôde agir o monarca espanhol.

Como mais adiante melhor se verá, as muitas semelhanças entre o inquérito português e o espanhol prenunciam que Sebastião José de Carvalho e Melo se inspirou na iniciativa de Fernando VI, e que as oito questões do inquérito de Espanha se incorporaram no inquérito de Portugal que contém treze questões⁷⁴.

Por iniciativa e labor do infatigável investigador Francisco Luís Pereira de Sousa, boa parte das respostas dos párocos portugueses foi já publicada⁷⁵. A sua morte inesperada e prematura deixou, porém, inacabado o seu ambicioso trabalho.

No apêndice documental deste *Roteiro*, elencaremos as respostas dos párocos que ainda se conservam na Torre do Tombo referentes à área geográfica da Diocese de Coimbra, considerando a configuração que tinha em 1755.

O inquérito de 1756 parece ter sido o único de todos os que aqui analisamos que na sua origem teve uma iniciativa indubitavelmente estatal. Os restantes inquéritos foram da iniciativa da Nunciatura Apostólica (1717 e 1775), da Academia Real da História Portuguesa (1721), do próprio Padre Luís Cardoso (1732⁷⁶, 1758 e 1763) ou da administração episcopal conimbricense (1721, ao serviço da Academia Real da História Portuguesa; 1763, ao serviço do Padre Luís Cardoso; 1769 e 1774, nestes dois casos, aparentemente, por iniciativa própria)⁷⁷.

⁷⁴ António Gomes Coelho, «Do “Inquérito do Marquês de Pombal” ao Estudo de Pereira de Sousa sobre o Terramoto de 1 de Novembro de 1755», in *O Grande Terramoto de Lisboa*, vol. I, Lisboa, Público – FLAD, 2005, pp. 143-188.

⁷⁵ Francisco Luís Pereira de Sousa, *O Terremoto do 1.º de Novembro de 1755 em Portugal e um Estudo Demográfico*, Lisboa, Serviços Geológicos, 4 vols., 1919-1932.

⁷⁶ Como atrás se viu, realizaram-se dois inquéritos em 1732: um de natureza histórico-geográfica, por iniciativa do Padre Luís Cardoso; outro de natureza demográfica. Quanto a este, apesar de se supor estar respaldado num Decreto de D. João V, ainda não foi possível apurar o desempenho que na sua génese terá tido o Marquês de Abrantes e a Academia Real da História Portuguesa. Quanto a esta instituição, patrocinada pel’*O Magnânimo*, nem sempre é fácil pesar e destringer, nas suas iniciativas, o que tem um objectivo eminentemente científico-cultural e o que incorpora subliminares ou manifestos intuitos políticos.

⁷⁷ Não se pode negar o facto de que, na sua implementação, vários destes inquéritos receberam apoio régio. E os seus resultados – fosse pela publicação dos estudos que deles derivariam, fosse pelas informações de interesse público que deles se poderiam

3.6. As Informações Paroquiais de 1758

Em 1758, a Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, dirigida por Sebastião José de Carvalho e Melo, retoma a iniciativa de enviar para as autoridades episcopais portuguesas um Aviso, pelo qual, à semelhança do que já sucedera nos inquéritos anteriores, requereu que fosse remetido aos párocos de cada diocese um novo interrogatório que deveria ser respondido no prazo de três meses.

Dividindo-se em três secções – cada uma das quais, separadamente, tratava das *terras*, das *serras* e dos *rios* –, o inquérito seguia de perto o que

retirar – permitiriam à administração régia extrair alguns proveitos, ora pela promoção da imagem mecenática do monarca, ora pela utilidade prática que poderia advir da recolha de determinadas informações, mormente as económicas, as demográficas e as administrativas. Mas, quando, quase em unísono, tantos historiadores vêem nos inquéritos paroquiais setecentistas inequívocas manifestações do absolutismo régio e do despotismo iluminado, talvez se deva ponderar melhor o verdadeiro papel que o aparelho de Estado teve na concepção da ideia, na redacção do questionário, no envio dos inquéritos para as diversas paróquias, na recepção das respostas, na sua organização e no ulterior aproveitamento da informação tendo por escopo a realização dos fins do Estado. Para se apreciar a natureza estatal de um inquérito setecentista, desde a concepção da ideia à sua concretização prática, estude-se aquele que, em Espanha, realizou o Marquês de la Ensenada, em meados do século XVIII, ordenado por um Real Decreto de Fernando VI, de 10 de Outubro de 1749, com o propósito de realizar uma reforma fiscal que permitiria substituir as complexas e injustas *rentas provinciales* por um só imposto, designado *Única Contribución*. Veja-se: Antonio Matilla Tascón, *La Única Contribución y el Catastro del Marqués de la Ensenada*, Madrid, Servicio de Estudios de la Inspección General – Ministerio de Hacienda, 1947; Ignacio Durán Boo e Concepción Camarero Bullón (Dir.), *El Catastro de Ensenada. Magna averiguación fiscal para alivio de los Vasallos y mejor conocimiento de los Reinos. 1749-1756*, Madrid, Dirección General del Catastro – Ministerio de Hacienda, 2002. A comparação com a realidade portuguesa é esclarecedora. A Espanha tem em matéria de inquéritos estatais uma longa tradição que remonta às *Relaciones Topográficas* ordenadas por Filipe II, que abrangem mais de 700 localidades espanholas (Manuel Fraile Miguélez, *Las Relaciones Histórico-Geográficas de los Pueblos de España hechas por orden de Felipe II*, Madrid, Imprenta Helénica, 1915). E desde este monarca, continuando nos séculos seguintes, o governo espanhol promoveu a realização de extensos e minuciosos inquéritos nos seus territórios ultramarinos, designados por *Relaciones Geográficas*. Já falando de iniciativas privadas, Portugal ganha vantagem graças ao Padre Luís Cardoso que se antecipou ao dicionário da *Real Academia de la Historia*, de Espanha (*Diccionario Geográfico-Histórico de España. Sección I, comprende el Reyno de Navarra, Señorío de Vizcaya y provincias de Álava y Guipuzcoa*, 2 tomos, Madrid, En la Imprenta de la Viuda de D. Joaquin Ibarra, 1802), e ao cartógrafo Tomás López que, tendo ingressado nesta instituição em 1776, para aperfeiçoar a sua colaboração no projecto daquela academia, promoveu a realização de um inquérito que fez distribuir pelas diversas regiões da Espanha (*Índice de las relaciones geográficas enviadas a Tomás López que se conservan en el Gabinete de Manuscritos de la Biblioteca Nacional*, Madrid, Biblioteca Nacional, 1987).

foi elaborado em 1732 e é muito parecido com o rol de questões publicado no primeiro tomo do *Diccionario Geografico*.

O Padre Luís Cardoso terá ficado incumbido de organizar as respostas ao inquérito de 1758, mas a morte surpreendeu-o em 1769 e o seu projecto quedou-se inconcluso. Os papéis que se achavam na Casa das Necessidades foram ordenados e encadernados em 41 volumes. E um autor, de que se desconhece o nome, acrescentou-lhes mais dois volumes de suplementos. Posteriormente, foi elaborado um volume de índices.

Conhecidas pelo nome de “*Memórias Paroquiais*”, estas *Informações* conservam-se agora na Torre do Tombo, depois de terem passado pela Biblioteca da Ajuda e pelo Depósito Geral das Livrarias⁷⁸.

O acesso aos 44 volumes das “*Memórias Paroquiais*” pode agora ser feito remotamente, pela Internet, graças ao sistema informático disponibilizado pelo Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

3.7. As *Informações Paroquiais de 1763*

A 25 de Fevereiro de 1763, por Ordem do bispo de Coimbra, o provisor do Bispado enviou a alguns párocos um inquérito, contendo apenas sete questões, pelo qual se pretendia saber o nome da terra, o orago da freguesia, quem apresentava a igreja, o título do pároco, que rendimento tinha (avaliado em dinheiro), a distância relativamente a Lisboa e a Coimbra, e o número de fogos.

«*Da veridica, e exacta averiguação sobre a materia conteûda nos interrogatorios*» dependia «*o acerto de huma geografia que se*» pretendia «*fazer*» – dizia-se no preâmbulo do interrogatório.

Parece certo que tal «*geografia*» seria a obra *Portugal Sacro-Profano* que em 1767 e em 1768 se publicou na Oficina de Miguel Manescal da Costa, assinada por Paulo Dias de Niza, nome que diversos historiadores pensam ser um pseudónimo do Padre Luís Cardoso⁷⁹.

⁷⁸ Vide Maria José Mexia Bigotte Chorão, «Inquéritos Promovidos pela Coroa no Século XVIII», in *Revista de História Económica e Social*, 21 (Setembro-Dezembro de 1987), pp. 93-130: 107-112.

⁷⁹ Vide Maria José Mexia Bigotte Chorão, *Op. cit.*, pp. 93-130: 112-115.

A correlação entre as *Informações Paroquiais de 1763* e a obra *Portugal Sacro-Profano* é indiscutível. «*Não só as respostas dizem respeito a freguesias para as quais não existiam informações em 1758*⁸⁰; *não só os pontos do inquérito são os mesmos das entradas da obra publicada, como a informação apresentada no Portugal Sacro-Profano e nas respostas a este inquérito de 1763 é rigorosamente a mesma*»⁸¹.

Conservam-se pouco mais de sete dezenas de respostas dos párocos da Diocese de Coimbra⁸².

Em Agosto de 1763, faltando algumas respostas integrais ou parciais aos interrogatórios, para que o preenchimento das lacunas se efectuasse com a maior celeridade possível elaborou-se um «roteiro» das várias freguesias dos arceidiagos de Seia e do Vouga por onde passaria um «caminheiro» levando consigo um questionário. Para «*major expedição*», os párocos foram autorizados a «*dar a sua informação*» sobre as freguesias alheias que se seguiriam nesse «roteiro», desde que soubessem dar resposta ao interrogatório. Relativamente a algumas das freguesias, apenas se solicitava resposta a um dos sete quesitos por apenas faltar tal informação. Os párocos deram as suas respostas nos cadernos apensos ao «roteiro» que o «caminheiro» transportava. Graças a estes expedientes, em pouco tempo, entre 18 de Agosto e 5 de Setembro de 1763, o «caminheiro» percorreu cerca de três dezenas de freguesias do Bispado de Coimbra⁸³.

3.8. As “Relações” Paroquiais de 1769

No Arquivo da Universidade de Coimbra acha-se uma *informação paroquial* com data de 28 de Maio de 1769, intitulada “*Relação do*

⁸⁰ Há, porém, aqui, várias excepções: Águas Belas, Cabra, Carvalho, Covelo, Mata Mourisca, Pinhaços, Pinheiro de Coja, Rio Torto, São Martinho de Árvore, Trezói, Valezim, Vila de Vide, Vila Cova à Coelheira e Vila Ruiva.

⁸¹ Joaquim Carvalho e José Pedro Paiva, «A Diocese de Coimbra no Século XVIII. População, Oragos, Padroados e Títulos dos Párocos», in *Revista de História das Ideias*, vol. 11 (1989), pp. 175-268: 193.

⁸² AUC – *Cabido da Sé de Coimbra: “Informações que se houveram a respeito de algumas das Igrejas da cidade e Bispado de Coimbra”* (III, 1.^a D, 7, 5, 42).

⁸³ *Ibidem*.

estado da Parochia de São Thiago da Guarda”⁸⁴, assinada pelo Padre Diogo Mendes.

No mesmo arquivo existe uma *informação paroquial* com data de 29 de Maio de 1769, da autoria do Padre José Fernandes da Serra, intitulada “*Relassam da Freguezia de Ancião*”⁸⁵. Divide-se em três secções, com os subtítulos: «*Relassam do estado em que se achão a Igreja, Confrarias e Capellas da villa, e Freguezia de Ancião deste Bispado de Coimbra*»; «*Relassam dos Clerigos desta Freguezia de Ancião*»; e «*Relassão pello que pertence ao Povo desta Freguezia de Ancião*».

Uma terceira *informação paroquial* data de Junho⁸⁶ daquele ano e reporta-se à Paróquia de Santo Varão da Lamarosa, tendo sido redigida pelo Padre Manuel Soares Couceiro. Limita-se à «*Relação do estado desta freguezia [de Santo] Varão de Lamarosa pelo que pertence ao povo*»⁸⁷, presumindo-se que as restantes duas partes ou estão perdidas ou se encontram dispersas.

Desconhecem-se as circunstâncias em que foram elaborados estes documentos; e as buscas empreendidas não permitiram encontrar outros exemplares semelhantes para as demais freguesias da Diocese de Coimbra. Encontrámos um acórdão do Cabido, de 19 de Janeiro de 1769, que poderá ter alguma ligação a estas “*Relações*”. Depois de expostas «*todas as rezoens, que obrigavão a este corpo eccleziastico ao mayor cuidado que devia ter, e fazer ter aos seus curas na limpeza, asseyo, e provimento das suas respectivas igrejas*», determinou-se que «*se mandassem vir relaçãoes dos inventarios, que cada huma das igrejas tinha, e da necessidade que mostrassem haver de ornamentos, ou outra alguma couza das que pertencem aos padroeyros*»⁸⁸.

Ignoramos se estas “*Relações*” foram requeridas apenas a estas três paróquias, se a todas as freguesias dos arcediagados de Penela e do Vouga,

⁸⁴ AUC – *Cabido da Sé de Coimbra* (III, 2.^a D, 14, 5: *Colações de S. Tiago da Guarda*). Em anexo possui uma *memória* descritiva da Igreja Paroquial de São Tiago da Guarda que inclui uma planta do edifício.

⁸⁵ AUC – *Cabido e Mitra da Sé de Coimbra*, cx. I, doc. 61.

⁸⁶ O documento sofreu alguns danos, estando perdidas algumas porções das diversas páginas subsistentes. Um desses danos impede-nos de saber o dia do mês de Junho em que foi assinado o documento.

⁸⁷ AUC – *Cabido da Sé de Coimbra: Mapas da População*, caixa n.º 5 (III, 1.^a D, 5, 4, 31).

⁸⁸ AUC – *Cabido da Sé de Coimbra: Acórdãos do Cabido* (III, 1.^a D, 1, 1, 23, fl. 55).

se a todas as paróquias da Diocese de Coimbra. É-nos, portanto, impossível, neste momento, saber se estas “*Relações*” se estenderam a toda a Diocese e qual foi o seu móbil. Se existiram mais “*Relações*” e se desapareceram quase totalmente, a perda foi enorme, a avaliar pela quantidade e detalhe dos dados fornecidos pelos exemplares das freguesias de Nossa Senhora da Conceição de Ansião e de São Tiago da Guarda, como se poderá constatar pelo teor desta última que se reproduz em anexo⁸⁹ a este *Roteiro*.

No ano em que foram elaboradas estas “*Relações*”, encontrava-se o bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação, preso em Pedrouços, onde permaneceu mais de oito anos, até Fevereiro de 1777, quando, três dias antes de morrer, o Rei D. José I decidiu a sua libertação. Governava a Diocese, como bispo coadjutor, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, que sucederia a D. Miguel da Anunciação após o falecimento deste prelado em 1779.

Além de sua mãe pertencer à família dos Távoras, D. Miguel da Anunciação publicou uma pastoral a 8 de Novembro de 1768, na qual condenava a leitura de livros de autores franceses, que gerou acesa polémica e concitou a animadversão do Conde de Oeiras, proximamente, também titulado como Marquês de Pombal. D. Miguel da Anunciação «*foi um defensor intransigente da jurisdição episcopal e dos direitos episcopais contra a Inquisição e contra os abusos da “Real Mesa Censória”, criada a 5.4.1768, indo até ao ponto de manter uma tipografia clandestina na sua Quinta de São Martinho do Bispo, para publicar os seus manifestos e outros escritos*»⁹⁰. Sebastião José de Carvalho e Melo submeteu esta pastoral a exame da Real Mesa Censória. D. Miguel da Anunciação acabou acusado de pertencer ao grupo dos *jacobeus* e de ser sigilista⁹¹.

Alguns conteúdos destas “*Relações*”, especialmente os que se referem a confessores, pecados públicos e principalmente ao controlo dos livros pela Real Mesa Censória, deixam transparecer duas polémicas muito acesas

⁸⁹ Por serem excessivamente longas estas “*Relações*”, publicamos aqui apenas a da Paróquia de São Tiago da Guarda.

⁹⁰ A. Brito Cardoso, *A Diocese de Coimbra. Esboço Histórico*, Coimbra, 1995, pp. 20-21.

⁹¹ Vide Manuel Augusto Rodrigues, *D. Miguel da Anunciação e o Cabido da Sé de Coimbra* (Sep. do *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, vol. V), Coimbra, 1983.

nessa época – a do Sigilismo e a da Jacobeia – em que se viu envolvido D. Miguel da Anunciação e que se afiguraram como circunstâncias que conduziram à inibição da liberdade do Prelado conimbricense e à declaração da sua *morte civil*⁹². A inimizade de Sebastião José de Carvalho e Melo relativamente ao Bispo de Coimbra não foi causa menor da sua desventura, especialmente pelo facto de D. Miguel da Anunciação ter posto em causa a autoridade da Real Mesa Censória que contra ele veio a proferir uma violenta sentença a 23 de Dezembro de 1768⁹³.

3.9. As possíveis Informações Paroquiais de 1769

No Arquivo da Universidade de Coimbra, misturada com as *Informações Paroquiais de 1721*, acha-se uma resposta do reitor da Paróquia de São Miguel de Fermelã, do Arcediado do Vouga, datada de 10 de Setembro de 1769.

No intróito, o documento refere-se a uma «*ordem circular*» do vigário capitular do Bispado de Coimbra, datada de 17 de Agosto.

Nenhuma semelhança tem com as “*Relações*” das paróquias de São Tiago da Guarda, de Nossa Senhora da Conceição de Ansião e de Santo Varão da Lamarosa do mesmo ano.

A resposta do pároco está organizada por articulados, em correspondência com cinco quesitos que conjecturalmente podemos tentar reconstituir:

- a) Se a paróquia tem privilégios e doações dos senhores reis deste Reino;
- b) Se tem arquivo onde se guardem os livros, títulos ou papéis;
- c) Se os mordomos das confrarias haviam dado cumprimento às leis de 4 de Julho de 1768 e 22 de Agosto de 1769;
- d) Se a igreja tem procurador;
- e) Se tem mestre de meninos que ensine a ler e a escrever, e se este tem salário determinado.

⁹² Sobre esta polémica setecentista, veja-se: António Pereira da Silva, *A Questão do Sigilismo em Portugal no Século XVIII: história, religião e política nos reinados de D. João V e D. José I*, Braga, Tip. Editorial Franciscana, 1964.

⁹³ Vide Manuel Augusto Rodrigues, «Pombal e D. Miguel da Anunciação, Bispo de Coimbra», in *Revista de História das Ideias*, vol. 4 (1982), pp. 207-298.

Pela resposta ao terceiro quesito deste inquérito, parece possível inferir-se que a sua génese se liga aos actos normativos de 4 de Julho de 1768⁹⁴ e 22 de Agosto de 1769⁹⁵ relativos à desamortização de bens foreiros que haviam ingressado no domínio útil das corporações de mão-morta em violação da lei. Nada mais foi possível apurar, designadamente quanto ao âmbito territorial sobre o qual incidiu o inquérito para lá do estrito limite daquela paróquia, embora seja de crer que não se restringiu a ela.

Esta resposta do reitor da Paróquia de São Miguel de Fermelã permite-nos saber que, na sequência desta legislação, o corregedor da «*Comarca de Aveiro*», em 1768 ou em 1769, «*emviou cartas da parte de Sua Magestade, a todos os Parochos deste Arsidiagado, do Vouga, para que lhe mandaçem relaçam de todas as propriedades adventiças desde o anno de 1611. a esta parte, que se não tiuessem aforado, ou vendido*»⁹⁶. Daqui se depreende que, além dos inquéritos de quesitos múltiplos, quando necessário, a administração central enviaria às paróquias cartas-circulares questionando sobre a execução de certas determinações legais.

3.10. As Informações Paroquiais de 1774 e o “Estado das Igrejas, Fabricas, e Confrarias”

Misturada entre as mais de três centenas de respostas dos párocos da Diocese de Coimbra que compõem o fundo das *Informações Paroquiais de 1721*, do Arquivo da Universidade de Coimbra, encontra-se uma resposta do cura da Paróquia de Santa Maria Madalena do Rabaçal, com data de 26 de Dezembro de 1774. Tanto pela diferença de conteúdo relativamente

⁹⁴ A Carta de Lei de 4 de Julho de 1768 declarou nulas, abusivas e sem efeito as consolidações do domínio útil com o domínio directo nos bens foreiros praticadas pelas igrejas, mosteiros e demais corpos de mão-morta como as confrarias (António Delgado da Silva, *Collecção da Legislação Portuguesa desde a ultima compilação das Ordenações. Legislação de 1763 a 1774*, Lisboa, Na Typografia Maigrense, 1829, pp. 355-358).

⁹⁵ A Provisão de 22 de Agosto de 1769 mandou «*proceder a sequestro nos bens*» que as confrarias «*possuião sem licença regia*» (Manoel Fernandes Thomaz, *Repertorio Geral, ou Índice Alfabético das Leis Extravagantes do Reino de Portugal*, Tomo Primeiro, Coimbra, Na Real Imprensa da Universidade, 1815, p. 213^B).

⁹⁶ AUC – *Cabido da Sé de Coimbra: Informações Paroquiais de 1721*, doc. 106 (III, 1.^a D, 5, 4, 28).

às demais respostas, como pela sua data, é evidente, para qualquer leitor, que nenhuma ligação existe entre este documento e o conjunto de respostas dos párocos ao inquérito promovido, em 1721, pela Academia Real da História Portuguesa, achando-se ali completamente fora do seu contexto.

A referida resposta do cura Diogo José refere uma circular de 22 de Dezembro que foi remetida pela administração episcopal aos párocos da Diocese de Coimbra em finais do ano de 1774.

No mesmo arquivo universitário, noutro fundo documental, existe outra resposta, agora do cura Diogo Mendes, de 28 de Dezembro de 1774, referente à Paróquia de São Tiago da Guarda⁹⁷, do actual (2012) Concelho de Ansião.

À circular de 22 de Dezembro de 1774 foi dada célere resposta, entre finais de Dezembro do mesmo ano e os primeiros dias de Janeiro de 1775. No Arcediagado de Penela, a primeira resposta tem data de 23 de Dezembro, pelos párocos de Alfarelos e do Espinhal. Neste mesmo arcediagado, a última resposta foi dada pelo pároco de Santo Varão, em 17 de Janeiro. Quase todas as respostas são anteriores a 8 de Janeiro de 1775⁹⁸.

Conhecemos estes factos por meio de um manuscrito existente no Arquivo da Universidade de Coimbra, intitulado “*Estado das Igrejas, Fabricas, e Confrarias*”⁹⁹. Terá sido redigido em 1775. Nele se sintetizam as respostas dadas pelos párocos das freguesias dos três arcediagados rurais da Diocese de Coimbra: Penela, Seia e Vouga. Depois de cada síntese, transcreve-se a data da carta de resposta e a assinatura do respectivo pároco. Graças a este facto, não resta a menor dúvida da ligação entre o códice “*Estado das Igrejas, Fabricas, e Confrarias*”¹⁰⁰ e as respostas dos párocos das freguesias de Santa Maria Madalena do Rabaçal e de São Tiago da

⁹⁷ AUC – *Cabido da Sé de Coimbra* (III, 2.ª D, 14, 5: *Colações de S. Tiago da Guarda*). Devemos à amabilidade e presteza da Dr.ª Ana Maria Leitão Bandeira, ilustre arquivista do Arquivo da Universidade de Coimbra, o conhecimento deste documento, bem como da “*Relação do estado da Parochia de São Thiago da Guarda*”.

⁹⁸ Há duas respostas com data anterior a 23 de Dezembro, mas deve haver lapso: 21 de Dezembro, de Assafarge; e 29 de Novembro, do Beco. Estando a Circular datada de 22 de Dezembro, a data correcta, nestes dois casos, talvez seja 29 de Dezembro.

⁹⁹ AUC – *Cabido da Sé de Coimbra*: “*Estado das Igrejas, Fabricas, e Confrarias*” (III, 1.ª D, 4, 1, 120).

¹⁰⁰ Não foi possível encontrar no Arquivo da Universidade de Coimbra nenhuma outra resposta para além das dos párocos de Santa Maria Madalena do Rabaçal e de São Tiago da Guarda, nem a carta-circular destas desconhecidas *Informações Paroquiais de 1774*.

Guarda, de Dezembro de 1774, o que permite comprovar a existência das *Informações Paroquiais de 1774*.

Parecem ter sido excluídas do inquérito de 1774 as paróquias urbanas da Diocese de Coimbra, porquanto não constam deste códice as sùmulas das respostas das freguesias da urbe conimbricense. A proximidade geográfica relativamente à administração episcopal terá, talvez, justificado a desnecessidade de abranger no inquérito as paróquias da cidade de Coimbra. Datando de 12 de Abril de 1774 o documento pontifício que erigiu a Diocese de Aveiro, do “*Estado das Igrejas, Fabricas, e Confrarias*” já não consta o conjunto de paróquias do Arcediado do Vouga que foi transferido para o novo bispado.

3.11. As *Informações Paroquiais de 1775*

Do ano de 1775 conhecem-se as respostas a dois inquéritos realizados, respectivamente, nas paróquias da Arquidiocese de Braga¹⁰¹ e nas da Diocese de Aveiro¹⁰².

O inquérito da Diocese de Aveiro foi promovido pouco depois da criação deste bispado. Com efeito, estando o bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação, encarcerado em Pedrouços, desde 1768, em 1773 o Rei D. José I solicitou ao Papa Clemente XIV a criação da Diocese de Aveiro, à custa da área da comarca e provedoria de Esgueira cujas paróquias pertenciam à Diocese de Coimbra. O novo bispado foi erigido pelo breve *Militantis Ecclesiae gubernacula*, de 12 de Abril de 1774, com cerca de sete dezenas de freguesias amputadas a Coimbra. Os actos que deram execução a este documento pontifício foram celebrados em Abril de 1775 na Igreja da Misericórdia de Aveiro, então elevada a catedral.

¹⁰¹ *Inventário das Visitas e Devassas* (Introdução, Inventário e Índices de Maria da Assunção Jácome de Vasconcelos), Braga, Arquivo Distrital, 2011, pp. 47-48.

¹⁰² Os inquéritos da Diocese de Aveiro foram integralmente publicados em: P.^e João Gonçalves Gaspar, *A Diocese de Aveiro no Século XVIII. Um inquérito de 22 de Setembro de 1775* (Sep. do jornal *Correio do Vouga*, Ano 43, n.º 2161, 7-IX-1973 e ss.), Aveiro, 1974. Os inquéritos da Arquidiocese de Braga foram parcialmente publicados em: António Franquelim Sampaio Neiva Soares, «O Distrito de Viana do Castelo nos inquéritos paroquiais de 1775, 1824 e 1845», in *Arquivo do Alto Minho*, vols. 21.º (1975) a 25.º (1980); Idem, *Visitações e inquéritos paroquiais da comarca de Torre de Moncorvo de 1775-1845*, Braga, 1981.

Foi seu primeiro bispo o Dr. António Freire Gameiro de Sousa, que recebeu a ordenação episcopal das mãos do Cardeal D. João Cosme da Cunha e Távora, mais conhecido apenas como Cardeal da Cunha.

Antes que aquele prelado tomasse posse do bispado – o que só ocorreu em 1778 –, por determinação da Sé Apostólica o Cardeal da Cunha expediu para Aveiro e, pelo menos, também para Braga, uma carta em que requeria que «*sem perda de tempo lhe*» enviassem «*uma relação de todos os benefícios simples e curados, ora nesta Diocese [de Aveiro] existentes, posto que do padroado real, particular, ou das ordens militares, individuando o rendimento anual de cada um deles, tanto certo como incerto, ou pé-de-altar, tiradas as despesas a que [estivessem] obrigados com especificação de todos os encargos, pensões e mais obrigações a que [estivessem] sujeitos, tudo com individuação e clareza*»¹⁰³.

Ausente em Lisboa, o Bispo de Aveiro determinou ao seu provisor e vigário-geral, o Padre Gabriel da Costa Neves, que desse pronta execução à solicitação do Cardeal da Cunha. Nesse sentido, o Padre Gabriel da Costa Neves, a 22 de Setembro de 1775, assinou uma Ordem-circular em quadruplicado, dirigida, respectivamente, aos quatro distritos eclesiásticos da Diocese: a cidade de Aveiro, o Distrito Eclesiástico da Bairrada, o Distrito Eclesiástico de Além do Vouga e o Distrito Eclesiástico de Vale de Cambra. O teor da Ordem-circular ia acompanhado de um interrogatório com sete grupos de quesitos. Um *cursor* ou caminheiro fez chegar os interrogatórios a cada uma das paróquias, ordenando-se aos «*reverendos párocos das igrejas e freguesias*»¹⁰⁴ que, no prazo de seis dias, contados do conhecimento da Ordem-circular, remetessem as respostas em carta selada à Câmara Eclesiástica.

As *Informações Paroquiais de 1775*, de Braga e de Aveiro, têm a mesma origem na solicitação do Cardeal da Cunha, por determinação da Sé Apostólica. Porém, os questionários, embora respeitem ao mesmo assunto, são completamente diferentes, concluindo-se que a redacção das

¹⁰³ P.º João Gonçalves Gaspar, *Op. cit.*, p. 12.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 15.

questões foi efectuada distintamente por cada uma das duas administrações diocesanas¹⁰⁵.

4. Outras informações setecentistas com interesse para a História local

Além das *Informações Paroquiais*, o investigador de História local tem vantagem em respigar algumas *notícias*, *informações* ou *relatos* do século XVIII em diversas outras fontes, quase todas impressas na época. Por vezes, são escassos os elementos que aí se coligem, os quais exigem uma apurada crítica documental. Mas, quando tratamos de uma simples paróquia ou de um mero concelho, mesmo essas poucas informações são preciosas, na justa medida em que – à excepção dos registos paroquiais e dos registos notariais – são raros os documentos, para a realidade local e produzidos localmente, anteriores à centúria de Oitocentos, existentes nos arquivos de âmbito municipal ou distrital.

Apesar da riqueza informativa das *Informações Paroquiais*, é evidente e manifesto que estas fontes não dispensam a pesquisa em importantes fundos, como cartórios das paróquias, arquivos das misericórdias, espólios das juntas de freguesia, arquivos municipais¹⁰⁶, arquivos distritais e arquivos nacionais, sem esquecer, para algumas localidades, arquivos pessoais e arquivos de empresas.

Nos arquivos municipais, poucas vezes a documentação sobrevivente começa antes do século XIX¹⁰⁷. Mas, nos arquivos distritais conservam-se, invariavelmente, os riquíssimos e pouco explorados registos notariais e os registos paroquiais. Também se encontram aqui fundos de ordens religiosas,

¹⁰⁵ Mais adiante discorreremos sobre este questionário que, posteriormente, se transcreve nos anexos da presente obra.

¹⁰⁶ O Instituto dos Arquivos Nacionais editou uma colecção, organizada por distritos, intitulada *Recenseamento dos Arquivos Locais. Câmaras Municipais e Misericórdias*, que permite aos investigadores conhecerem os fundos e colecções existentes nestas instituições locais.

¹⁰⁷ Para a área da Diocese de Coimbra, exceptuam-se os concelhos de Arganil, Cantanhede, Coimbra, Figueira da Foz, Góis, Lousã, Mira, Montemor-o-Velho, Oliveira do Hospital, Pedrógão Grande, Penacova, Penela, Pombal e Soure, em cujos arquivos municipais ou das misericórdias ainda se encontram alguns espólios documentais numericamente significativos anteriores a Oitocentos.

de confrarias e de irmandades. Para quem se dedica à História local, na Torre do Tombo é imprescindível consultar os seguintes fundos e colecções, pensando primacialmente na centúria de Setecentos¹⁰⁸: Casa do Infantado, Casa das Rainhas, Chancelarias das Ordens Militares, Chancelarias Régias, Desembargo do Paço, Gavetas, Instituições Religiosas, Junta do Comércio, Mesa da Consciência e Ordens, Ministério do Reino, Registo Geral de Mercês, Registo Geral de Testamentos, entre outros.

4.0. Dicionários

A leitura e transcrição dos documentos, mesmo dos setecentistas, confronta, constantemente, o estudante ou o investigador com dificuldades lexicográficas. À falta de um dicionário histórico da língua portuguesa que para a Idade Moderna se revista da utilidade que para a Idade Média nos faculta o *Elucidário* de Frei Joaquim Santa Rosa de Viterbo, o melhor que há a fazer é recorrer aos dicionários linguísticos publicados no século XVIII. São vários os dicionários publicados nesta centúria¹⁰⁹, a maior parte deles bilingues.

Para a resolução da esmagadora maioria das dúvidas que surjam ao estudante ou ao investigador na leitura e transcrição das *Informações Paroquiais* setecentistas, é suficiente a consulta de:

- RAPHAEL BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino*, 10 vols., Coimbra-Lisboa, No Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu
- Na Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. Além da sua utilidade

¹⁰⁸ Pensando também em épocas anteriores ao século XVIII, o investigador de História local da região onde se implantou a Diocese de Coimbra tirará grande proveito das pesquisas que efectuar noutros fundos e colecções da Torre do Tombo, como: Casa Real, Cabido da Sé de Coimbra, Capelas da Coroa, Corpo Cronológico, Forais, Inquirições, Inquisição de Coimbra, Leitura Nova, Manuscritos da Livraria, Mitra Episcopal de Coimbra, Morgados e Capelas, Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Mosteiro de Santa Maria de Lorvão, Núcleo Antigo, Provedoria de Coimbra, Provedoria de Leiria, Provedoria de Santarém e Tomar, entre outros.

¹⁰⁹ O conhecimento destes dicionários pode obter-se em: Telmo Verdelho e João Paulo Silvestre, *Dicionarística Portuguesa. Inventariação e Estudo do Património Lexicográfico*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2007.

como dicionário linguístico quase monolíngue, esta monumental obra contém breves descrições de algumas vilas e cidades portuguesas.

- ANTÓNIO DE MORAIS SILVA, *Diccionario da Lingua Portuguesa, composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e accrescentado por Antonio de Moraes Silva*, 2 tomos, Lisboa, Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Esta obra teve sucessivas reedições aumentadas. A mais útil ao investigador é a 10.^a edição revista, corrigida e muito aumentada e actualizada, por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado, publicada pela Editora Confluência, em 12 volumes, entre 1949 e 1959¹¹⁰.

4.1. Bibliografias de História local

A pesquisa bibliográfica está hoje enormemente facilitada pelas bases de dados informáticas e pela Internet. Mas o investigador ainda retirará algum proveito da utilização de vários dos antigos ficheiros manuais de determinadas bibliotecas e arquivos, e não deve desaproveitar algumas bibliografias impressas existentes, ainda que já bastante desactualizadas pelo inexorável decurso do tempo e pela exponencial produção historiográfica das últimas décadas.

Antes de tudo o mais, falando de bibliografia orientadora, quem se inicia nas demoradas e trabalhosas lides da História local deve começar por um precioso guia, a *Introdução ao estudo da História e Património Locais*, de Jorge de Alarcão; obra esgotada há muito, que merecia uma reedição actualizada, mas que apesar das suas três décadas de idade (1982) conserva ainda grande utilidade.

Quanto às já vetustas, mas ainda prestimosas, bibliografias históricas e bibliografias de História local, consultem-se:

¹¹⁰ O *Vocabulario Portuguez, e Latino*, bem como a primeira edição do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de António de Moraes Silva, encontram-se disponíveis na Internet, em formato digital, gratuitamente.

- DURVAL RUI PIRES DE LIMA, *Bibliografia Corográfica de Portugal*, 7 vols., Lisboa, Biblioteca Popular, 1962-1975.
- A. MESQUITA DE FIGUEIREDO, *Subsidios para a Bibliografia da História Local Portuguesa*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1933.
- POSSIDÓNIO MATEUS LARANJO COELHO, *As Monografias Locais na Literatura Histórica Portuguesa*, Lisboa, Academia das Ciências, 1935.
- EDUARDO ROCHA DIAS, *Monographias e outras obras referentes a várias localidades e monumentos do Continente de Portugal. Breve indicação* (Sep. do *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*), Lisboa, 1908.
- PEDRO WENCESLAU DE BRITO ARANHA, «Monographias, Referencias e Estudos de Terras, Monumentos, Instituições e Cousas Notaveis de Portugal», in INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. XVII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1894, pp. 345-401; vol. XVIII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1906, pp. 351-392; vol. XIX, Lisboa, Imprensa Nacional, 1908, pp. 369-406; vol. XX, Lisboa, Imprensa Nacional, 1911, pp. 383-397.
- IDEM, *Bibliographie des Ouvrages Portugais pour servir à l'étude des villes, des villages, des monuments, des institutions, des moeurs et coutumes du Portugal (...)*, Lisboa, Section Portugaise à l'Exposition Universelle de 1900, 1900.
- JORGE CÉSAR DE FIGANIERE, *Bibliographia Historica Portugueza*, Lisboa, Na Typographia do Panorama, 1850.

Coimbra dispõe de um excelente inventário bibliográfico que, apesar de desactualizado pelo decorrer dos anos, ainda se revela prestável, sobretudo pelos títulos insertos em publicações periódicas que escapam às bases de dados bibliográficas monográficas:

- JOSÉ PINTO LOUREIRO, *Bibliografia Coimbrã*, Coimbra, Câmara Municipal, 1964.

Apresenta-se também muito útil, pelas inseparáveis ligações entre a História e a Geografia, apesar da data em que foi publicada, esta bibliografia geográfica:

- HERMANN LAUTENSACH, *Bibliografia Geográfica de Portugal*, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura – Centro de Estudos Geográficos, 1948.

Escusado será referir a utilidade do conhecimento das obras dos nossos mais prestigiados geógrafos das últimas décadas, como Amorim Girão, Orlando Ribeiro, Raquel Soeiro de Brito ou Carlos Alberto Medeiros, entre outros.

4.2. Cartografia

O investigador de História local, mais do que qualquer outro, necessita de ter um conhecimento do espaço geográfico sobre o qual realiza as suas pesquisas.

Além da imprescindível visita directa e pessoal às localidades em estudo, o investigador deve munir-se de instrumentos cartográficos, tanto antigos como actuais.

A cartografia antiga portuguesa encontra-se muito dispersa por várias instituições¹¹¹, como a Secção de Cartografia da Biblioteca Nacional de Portugal, a Cartoteca do Instituto Geográfico Português¹¹², a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, a Cartoteca do Instituto Geográfico do Exército¹¹³, a Mapoteca do Centro de Estudos Geográficos da Universidade

¹¹¹ Procure-se na Internet o seguinte documento digital: Maria Joaquina Esteves Feijão, *Directório de Cartotecas e de Coleções Cartográficas em Instituições Portuguesas*, Lisboa, Biblioteca Nacional, [2010].

¹¹² O Instituto Geográfico Português foi o sucessor do Instituto Geográfico e Cadastral. O seu espólio de cartografia histórica está inventariado em: Humberto Gabriel Mendes, *Catálogo de Cartas Antigas da Mapoteca do Instituto Geográfico e Cadastral*, Lisboa, Instituto Geográfico e Cadastral, 1969. Este inventário pode consultar-se na Internet, numa base de dados digital ou num ficheiro em formato PDF, na *página Web* desta instituição: <http://www.igeo.pt>

¹¹³ <http://www.igeoe.pt>

de Lisboa ou o Arquivo Histórico Militar¹¹⁴. As primeiras três destas instituições dispõem de recursos acessíveis pela Internet: a *Biblioteca Nacional Digital*¹¹⁵, a *Cartoteca Digital*¹¹⁶ e a *Alma Mater*¹¹⁷.

Além das informações que se podem obter na Internet ou nos ficheiros e bases de dados destas instituições, revelam-se úteis diversos estudos:

- MARIA HELENA DIAS e HENRIQUE FERREIRA BOTELHO (Coord.), *Quatro Séculos de Imagens da Cartografia Portuguesa*, Lisboa, Comissão Nacional de Geografia – Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa – Instituto Geográfico do Exército, 1998.
- MARIA HELENA DIAS (Coord.), *Os Mapas em Portugal: da tradição aos novos rumos da Cartografia*, Lisboa, Edições Cosmos, 1995.
- MARIA FERNANDA ALEGRIA, «Cartografia Antiga de Portugal Continental», in *Finisterra*, 12(24) (1977), pp. 169-210.
- LUÍS DE PINA MANIQUE, «Subsídios para a história da cartografia portuguesa», in *Boletim do Instituto Geográfico e Cadastral*, 3 (1943), pp. 183-288.

São numerosos os mapas setecentistas de Portugal, sobretudo de autores estrangeiros. Tendo sido produzidos com fins geralmente comerciais, apresentam abundantes deficiências, sendo frequentemente cópias de outros mapas da mesma época ou mais antigos. Por representar graficamente as dioceses portuguesas, tem interesse o mapa *Le Royaume de Portugal e des Algarves divisé en ses Archevêchés, Evêchés, et Territoires*, elaborado já nos finais do século XVII por Nicolas Sanson, e depois inserto no *Atlas Nouveau* comercializado por Pierre Mortier¹¹⁸.

¹¹⁴ O catálogo sistemático dos mapas do A. H. M. está publicado no *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, n.º 59.

¹¹⁵ <http://purl.pt/>

¹¹⁶ <http://www.igeo.pt>

¹¹⁷ No momento actual (2012), a documentação cartográfica digitalizada da BGUC é ainda muito escassa: <http://almamater.uc.pt>

¹¹⁸ Disponível em: BNP – *Cartografia*: C.A. 21 R. Representações cartográficas actuais da Diocese de Coimbra no século XVIII obtêm-se no estudo, já várias vezes aqui referenciado, de Joaquim Ramos de Carvalho e de José Pedro Paiva.

Considerando o que se pretende neste *Roteiro*, interessam especialmente os mapas das províncias da Beira e da Estremadura, nas quais se situava a Diocese de Coimbra. Entre eles, destacam-se os de João Silvério Carpinetti¹¹⁹.

Como a representação gráfica das vias de comunicação terrestre era rara e muito parcelar nos mapas setecentistas, tem utilidade a *Carta militar das principaes estradas de Portugal*, de 1808, de Lourenço Homem da Cunha de Eça¹²⁰. Ainda que produzidas já em pleno século XIX, por serem as mais antigas representações cartográficas de Portugal elaboradas com o apoio de redes geodésicas, é de grande utilidade para os investigadores da História local o recurso à *Carta Chorographica do Reino*, composta por 37 folhas¹²¹, publicada entre 1856 e 1904, na escala 1/100.000¹²², tendo o levantamento decorrido entre 1853 e 1892; bem como à *Carta Geographica do Reino*, cujos trabalhos se realizaram entre 1859 e 1864, que se publicou pela primeira vez em 1865 na escala 1/500.000¹²³. Além dos dados toponímicos, são utilíssimas as informações gráficas do povoamento e das vias de comunicação.

Embora muitos municípios já possuam cartografia de escalas menores, os instrumentos que se afiguram mais prestáveis são as cartas topográficas

¹¹⁹ João Silvério Carpinetti, *Mappas das Provincias de Portugal Novamente Abertos, e Estampados em Lisboa*, Lisboa, Imp. Francisco Manuel, [1759-1769] (Disponível em: BNP – *Cartografia*: C.C. 826 V). Estes mapas acham-se separadamente inseridos na obra *Mappa de Portugal Antigo, e Moderno*, do Padre João Baptista de Castro. Use-se, também: José Monteiro de Carvalho, *Carta Geographica da Provincia da Beira* (Disponível em: BNP – *Cartografia*: D. 159 R).

¹²⁰ Existem várias versões: a cores ou a preto e branco; manuscrita ou impressa; em português ou bilingue português-francês. Esta carta de Lourenço Homem da Cunha de Eça baseou-se numa carta de Tomás López, inicialmente editada em Madrid, em 1778. Pode aceder-se pela Internet a este exemplar: <http://purl.pt/6302>

¹²¹ Para a área da antiga Diocese de Coimbra, interessam as folhas n.ºs 10 (Aveiro), 11 (Viseu/Guarda), 13 (Coimbra), 14 (Covilhã), 16 (Leiria) e 20 (Santarém). Para identificação das folhas pretendidas, existe um *Quadro de junção das folhas que formam a Charta Chorographica de Portugal. 1876*. Este está disponível, em formato digital, através da Internet, no *Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de Lisboa*.

¹²² Em algumas regiões, designadamente no Minho, os levantamentos foram realizados numa escala 1/50.000. Das 37 cartas, 22 foram levantadas nesta escala, ainda que impressas na escala de 1/100.000. Até 1862 o relevo foi figurado através de “normais” ou “hachures”. A partir desta data usaram-se curvas de nível com intervalos de 25 metros.

¹²³ Esta carta representa o relevo através de curvas de nível, com intervalos de 100 metros.

do Exército, da Série M888, na escala 1/25.000. Algumas das 633 folhas já vão na 5.^a edição, mas para fins historiográficos convém comprar as edições mais antigas que ainda existam disponíveis, por vezes com trabalhos de campo realizados nos anos 30 ou 40 do século xx¹²⁴. Pela riqueza e variedade das informações propiciadas por estas cartas, o investigador que pretenda realizar estudos de História local não carece de recorrer a outra cartografia. As imagens de satélite, agora disponibilizadas pelo *Google Earth* permitem uma excelente visão e compreensão do espaço, principalmente em termos de orografia, hidrografia, vegetação e povoamento, apesar das grandes transformações verificadas nos últimos dois séculos.

A toponímia é uma das áreas temáticas mais úteis para o investigador. Continuam a ter utilidade os dicionários corográficos e os repertórios toponímicos, como por exemplo:

- JOÃO BAPTISTA DA SILVA LOPES, *Diccionario Postal e Chorographico do Reino de Portugal*, 3 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1891-1894.
- AMÉRICO COSTA, *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular*, 12 vols., Azurara-Porto, Ed. do autor – Livraria Civilização, 1929-1949¹²⁵.
- BAPTISTA DE LIMA, *Terras Portuguesas. Arquivo Histórico-Corográfico ou Corografia Histórica Portuguesa*, 8 vols., Póvoa de Varzim, Tipografia Camões Editora, 1932-1941.
- *Reportório Toponímico de Portugal. 03 – Continente (Carta 1/25.000)*, 3 vols., Lisboa, Serviço Cartográfico do Exército, 1967.

Actualmente, graças aos meios electrónicos, é mais fácil a localização ou identificação de um topónimo, a partir de qualquer letra ou conjunto

¹²⁴ As cartas podem encomendar-se na própria *página Web* do Instituto Geográfico do Exército, onde facilmente se identifica o número das folhas pretendidas. Devem expressamente solicitar-se as edições mais antigas; caso contrário, o IGEOE fornece as edições mais actualizadas.

¹²⁵ Ao longo do demorado processo de edição desta obra variaram os seus diversos elementos de referenciação: grafia do título, local de edição e editor.

de letras¹²⁶, na *página Web* do Instituto Geográfico do Exército¹²⁷, fazendo pesquisas sobre as cartas topográficas 1/25.000 no *IgeoE-Sig*.

4.3. Corografias e Geografias setecentistas

Apesar das suas limitações e imperfeições, as geografias e corografias setecentistas comportam alguma utilidade, desde logo a *Corografia Portuguesa* do Padre António Carvalho da Costa, redigida nos últimos anos do século XVII e primeiros anos do século XVIII¹²⁸. Comparada com a generalidade das corografias oitocentistas, que resultam em grande parte de trabalho de gabinete ou de biblioteca, a *Corografia Portuguesa*, sendo obra pioneira, deve muito às deambulações que no terreno realizou o seu autor, um presbítero muito sabedor de matérias como a Matemática, a Geografia e a História:

- P.^E ANTÓNIO CARVALHO DA COSTA, *Corografia Portuguesa, e Descrição Topografica do Famoso Reyno de Portugal*, 3 tomos, Lisboa, Na Officina de Valentim da Costa Deslandes – Na Officina Real Deslandesiana, 1706-1712.

- D. LUÍS CAETANO DE LIMA, *Geografia Historica de todos os Estados Soberanos de Europa*, 2 tomos, Lisboa, Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1734-1736.

- ANTÓNIO DE OLIVEIRA FREIRE, *Descrição Corografica do Reyno de Portugal*, Lisboa, Na Officina de Miguel Rodrigues, 1739.

¹²⁶ No *Reportório Toponímico de Portugal* somos forçados a fazer a pesquisa por ordem alfabética das primeiras letras de cada topónimo. Na *página Web* do Instituto Geográfico do Exército podemos pesquisar por letras do princípio, do meio ou do final de cada topónimo pretendido, o que permite identificar topónimos que sofreram alterações gráficas. Outra vantagem deste recurso resulta do facto de as palavras obtidas no resultado da pesquisa constituírem ligações (*links*) para as próprias cartas topográficas. Esta *página Web* parece funcionar melhor com o *browser* “*Internet Explorer*”.

¹²⁷ <http://www.igeoe.pt>

¹²⁸ Sobre a problemática da data de redacção da *Corografia Portuguesa*, do Padre António Carvalho da Costa, veja-se: Manuel Silva, «Uma questão historico-bibliographica – A Chorographia do P.^o Carvalho», in *Revista de Historia*, Ano V, n.º 19 (Julho-Setembro de 1916), pp. 285-286.

- P.^º LUIZ CARDOSO – *Diccionario Geografico, ou Noticia Historica de todas as Cidades, Villas, Aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal, e Algarve*, 2 tomos, Lisboa, Na Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1747-1751.
- P.^º JOÃO BAPTISTA DE CASTRO – *Mappa de Portugal Antigo, e Moderno*, 2.^a ed. revista e aumentada, 3 vols., Lisboa, Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1762-1763.
- FR. MANUEL DE FIGUEIREDO, *Descripção de Portugal, Apontamentos e Notas da sua Historia Antiga e Moderna, Ecclesiastica, Civil e Militar*, Lisboa, Na Officina de Francisco Luiz Ameno, 1788.
- JOSÉ DE ABREU BACELAR CHICHORRO, *Memoria Economico-politica da Provincia da Estremadura*. AHP – Sec. I/II, cx 106¹²⁹.
- JERÓNIMO FERNANDES MORGADO COUCEIRO DE ALMEIDA, *Corografia Económico Política da Provincia da Beira* (1794). Manuscrito da biblioteca pessoal do Prof. Doutor António Manuel Hespanha.
- JOSÉ CORNIDE, *Estado de Portugal en el Año de 1800*, 3 tomos, Madrid, Imprenta y Fundición de Manuel Tello, 1893-1897 (Tomos XXVI-XXVIII do *Memorial Histórico Español*).

4.4. Repertórios, Catálogos e Censos

Para complementar os conteúdos que se extraem das *Informações Paroquiais* setecentistas, com grande proveito para a História local pode consultar-se:

¹²⁹ Existe uma raríssima edição impressa: José de Abreu Bacelar Chichorro, *A Memória Económico-Política da Provincia da Estremadura* (Publicada com introdução e notas de Moses Bensabat Amzalak), Lisboa, 1943.

a) Um catálogo das freguesias do Reino:

– PAULO DIAS DE NIZA, *Portugal Sacro-Profano, ou Catalogo Alfabetico de todas as Freguezias dos Reinos de Portugal, e Algarve*, 3 vols., Lisboa, Na Officina de Miguel Manescal da Costa, 1767-1768.

b) Um repertório das imagens marianas milagrosas:

– FR. AGOSTINHO DE SANTA MARIA, *Santuário Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora*, 10 tomos, Lisboa, Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1707-1723¹³⁰.

c) Um repertório das fontes e nascentes de águas medicinais:

– FRANCISCO DA FONSECA HENRIQUES, *Aquilegio Medicinal, em que se dá noticia das agoas de Caldas, de Fontes, Rios, Poços, Lagoas, e Cisternas, do Reyno de Portugal, e dos Algarves, que ou pelas virtudes medicinaes, que tem, ou por outra alguma singularidade, são dignas de particular memoria*, Lisboa, Na Officina da Musica, 1726.

d) Dois roteiros das estradas:

– P.^E JOÃO BAPTISTA DE CASTRO, *Roteiro Terrestre de Portugal*, Lisboa, Na Officina de Miguel Manescal da Costa, 1748. O Roteiro Terrestre de Portugal foi reeditado muitas vezes nos séculos XVIII e XIX, algumas delas integrado no *Mappa de Portugal Antigo, e Moderno*, do Padre João Baptista de Castro.

– D. PEDRO RODRÍGUEZ CAMPOMANES, *Noticia Geografica del Reyno y Caminos de Portugal*, Madrid, En la Oficina de Joachin Ibarra, 1762.

¹³⁰ Para a área do Bispado de Coimbra interessa o quarto tomo que abrange as imagens do Arcebispo Primaz de Braga e os seus sufragâneos, incluindo o Bispado de Coimbra. Alguns investigadores de História local desta região poderão ter proveito na consulta do tomo terceiro que inclui as imagens cultuadas nos bispados da Guarda, Lamego, Leiria e Portalegre, no Priorado do Crato e na Prelazia de Tomar. No tomo sétimo podem encontrar-se algumas imagens ignoradas nos anteriores tomos por falta de informação do seu autor.

e) Três censos de fogos e *almas*:

- «Lista dos Fógos, e Almas, que ha nas terras de Portugal, communicada ao Autor, para se incorporar nesta Geografia, no anno de 1732, pelo Marquez de Abrantes», in D. LUÍS CAETANO DE LIMA, *Geografia Historica de todos os Estados Soberanos de Europa*, t. II, Lisboa, Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1736.
- «Mappas de Portugal, ou Padrão do número de Freguesias, moradores, e almas, etc^a» (1765), in JOÃO PEDRO FERRO, *A População Portuguesa no Final do Antigo Regime (1750-1815)*, Lisboa, Editorial Presença, 1995¹³¹.
- *A População de Portugal em 1798. O Censo de Pina Manique* (Introdução de JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO), Paris, Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português, 1970.

4.5. Memórias

Dos finais do século XVIII e, mormente, dos inícios do século XIX, existem várias *memórias* económicas, políticas e militares, algumas das quais com interesse para a História local. Grande parte delas permanece inédita. Outras podem achar-se impressas, designadamente nas seguintes publicações:

- *Memorias Económicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal e suas Conquistas*, 5 tomos, Lisboa, Na Officina da Academia Real das Sciencias, 1789-1815.

¹³¹ Pelas discrepâncias que esta fonte setecentista apresenta relativamente a outras do mesmo século, utilize-se com muita cautela e redobrada atitude crítica. Sigam-se as considerações hermenêuticas de Joaquim Ramos de Carvalho e de José Pedro Paiva para as fontes demográficas do século XVIII, no estudo já atrás referenciado.

- *Memórias Económicas Inéditas: 1780-1808* (Prefácio de MANUEL JACINTO NUNES; Introdução e notas de JOSÉ LUÍS CARDOSO), Lisboa, Academia das Ciências, 1987.
- ANTÓNIO PEDRO VICENTE, *Memórias Políticas, Geográficas e Militares de Portugal: 1762-1796* (Sep. do *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, 41), 1971.
- ANTÓNIO PEDRO VICENTE, *Manuscritos do Arquivo Histórico de Vincennes referentes a Portugal*, 3 vols., Paris, Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português, 1971-1983.

4.6. Relatos de viagem

Nos relatos de viagem, mormente dos estrangeiros por terras portuguesas, encontram-se preciosas informações para a História regional e local.

Para se localizarem os relatos de viagem em Portugal, é imprescindível consultar as seguintes obras:

- ARTURO FARINELLI, *Viajes por España y Portugal desde la Edad Media hasta el Siglo XX*, 4 vols., Roma-Firenze, Reale Accademia d'Italia – Accademia Nazionale dei Lincei, 1942-1979.
- RAYMOND FOUCHÉ-DELBOSC, *Bibliographie des Voyages en Espagne et en Portugal*, Paris, H. Welter Editeur, 1896.
- CARLOS GARCÍA-ROMERAL, *Bio-Bibliografía de Viajeros por España y Portugal (Siglo XVIII)*, Madrid, Ollero y Ramos Editores, 2000.
- IDEM, *Bio-Bibliografía de Viajeros Españoles (Siglo XVIII)*, Madrid, Ollero y Ramos Editores, 2000.
- IDEM, *Diccionario de Viajeros Españoles. Desde la Edad Media a 1970*, Madrid, Ollero y Ramos Editores, 1997.

Ainda tem alguma utilidade a obra de Manuel Bernardes Branco, *Portugal e os Estrangeiros*, editada em 5 volumes pela Livraria A. M. Pereira e pela Imprensa Nacional, entre 1879 e 1895.

Para a região de Coimbra – incluindo todos os concelhos da Diocese situados ao longo da *Estrada Coimbrã* que ligava Lisboa ao Porto – é imprescindível aproveitar este meticoloso trabalho de inventariação:

– JOÃO JARDIM DE VILHENA, *Coimbra vista e apreciada pelos Estrangeiros*, 2 vols. (Sep. do *Boletim Bibliográfico da Universidade de Coimbra*, n.ºs 17 e 22), 1945-1954¹³².

Quase todos os relatos de viagem de estrangeiros em Portugal se podem obter gratuitamente, em formato digital, através da Internet, no *Google Books* (books.google.com), no *Internet Archive* (www.archive.org) e na *Biblioteca Nacional Digital* (purl.pt). Na Biblioteca Nacional de Portugal é precioso o espólio de Duarte de Sousa que possui a esmagadora maioria das obras de viagens que foram impressas¹³³.

5. As Informações Paroquiais como fonte histórica

Não é recente o reconhecimento do interesse que as *Informações Paroquiais* setecentistas possuem para os estudos histórico-arqueológicos. Já no crepúsculo do século XIX, em 1895, José Leite de Vasconcelos, no primeiro volume d’*O Archeologo Português*, publicou alguns excertos das respostas ao inquérito de 1758, sobre as *Terras de Miranda*. Na mesma revista e ao longo de vários números, Pedro de Azevedo e A. Mesquita

¹³² Embora este inventário de viagens de estrangeiros que passaram por Coimbra se centre nas informações sobre esta cidade, a consulta das mesmas fontes permitirá obter relatos com interesse para muitas das freguesias da antiga Diocese de Coimbra (incluindo a actual Diocese de Aveiro), especialmente as que eram atravessadas pela *Estrada Real* que ligava Lisboa ao Porto.

¹³³ Este fundo dispõe de catálogos impressos: *Catálogo da Livraria Duarte de Sousa. Séculos XV a XVIII*, Lisboa, Secretaria de Estado da Informação e Turismo, 1974; *Catálogo da Livraria Duarte de Sousa. Séculos XIX e XX*, Lisboa, Secretaria de Estado da Informação e Turismo, 1972.

de Figueiredo deram à estampa notícias arqueológicas colhidas na mesma fonte setecentista guardada na Torre do Tombo. E bastante tempo antes de José Leite de Vasconcelos, já Emil Hübner, no *Corpus Inscriptionum Latinarum*¹³⁴ e nas *Noticias Archeologicas de Portugal*¹³⁵ usara abundantemente as informações do *Diccionario Geografico* do Padre Luís Cardoso.

As *Informações Paroquiais de 1758*, ao longo de todo o século xx, serviram de fonte documental a inúmeras monografias de História regional ou local, e em muitas freguesias ou concelhos foram merecedoras de publicação autónoma – integral ou parcial.

Algo de semelhante ocorreu na área da Diocese de Coimbra com as *Informações Paroquiais de 1721*, na sequência dos trabalhos de divulgação empreendidos desde 1934 por António Gomes da Rocha Madahil.

Entre finais do século xx e inícios da centúria seguinte, as *Informações Paroquiais de 1758* deram origem a variados projectos editoriais ou de divulgação na Internet, envolvendo algumas universidades e o seu corpo académico, ao invés do que sucedera até um passado bem recente em que as “*Memórias Paroquiais*” quase só suscitavam o interesse de alguns cultores ou curiosos da História local.

Olhando para as diversas *Informações Paroquiais* da Diocese de Coimbra atrás referenciadas, desde 1717 a 1774, facilmente nos apercebemos de quão desigual é a extensão dos elementos históricos que nos facultam e o seu valor ou interesse como fonte historiográfica. Vejamos cada uma delas:

a) As *Informações Paroquiais de 1717*

As *Informações Paroquiais de 1717* são, entre todas, as que menor préstimo têm para os historiadores desta vasta região. Cingindo-se às igrejas colegiadas da cidade de Coimbra, limitam-se, em obediência ao que era solicitado pelo núncio apostólico, a dar-nos notícia de quantos benefícios simples tinha cada uma destas igrejas e quanto rendia cada benefício.

¹³⁴ Emil Hübner, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, Berlim, Georgium Reimerum, 1869.

¹³⁵ Emil Hübner, *Noticias Archeologicas de Portugal*, Lisboa, Tipographia da Academia das Sciencias de Lisboa, 1871.

Com um questionário tão reduzido e tendo os párocos apenas 24 horas para dar execução à Ordem do núncio apostólico, não se poderia esperar destes presbíteros mais do que lacónicas respostas. Exceptuou-se o prior da Colegiada de São Bartolomeu que se esmerou um pouco mais nos detalhes.

Apesar do seu carácter muito sinóptico, as informações que nos fornecem não são, obviamente, de desperdiçar. E se, por outras fontes se pode chegar ao mesmo resultado, ao menos da comparação entre elas melhor se ajuizará do seu rigor e veracidade.

b) As *Informações Paroquiais de 1721*

Já o vasto conjunto de *notícias* ou *informações* solicitadas em 1721 pela Academia Real da História Portuguesa afigura-se de enorme valor, não apenas para os investigadores da História regional e local da área geográfica coincidente com a Diocese de Coimbra, mas também para os estudiosos de âmbito nacional, mormente nas temáticas de História religiosa, de História cultural, de História social e de História institucional. As *Informações Paroquiais de 1721* permitem-nos saber, para cada freguesia: as capelas e ermidas existentes, bem como os seus instituidores; a presença nelas de relíquias ou de imagens milagrosas; o número dos seus fregueses; a existência nesta circunscrição eclesial de mosteiros, casas de misericórdia, hospitais ou recolhimentos; as inscrições epigráficas das sepulturas e das capelas com os respectivos brasões; as memórias antigas que havia no cartório da igreja; o número de benefícios das colegiadas e quem os apresentava; os livros de registos paroquiais; e a existência de algum varão ilustre em virtudes ou em letras.

c) As *Informações Paroquiais de 1732*

Tal como veio a suceder com as *Informações Paroquiais de 1758*, o inquérito das *Informações Paroquiais de 1732* dividia-se em três secções: *terra, serra e rios*.

Da leitura das quase sete dezenas de respostas dos párocos da Diocese de Viseu ao inquérito de 1732 que escaparam às destruições do Terramoto de

1755 e às acostumadas incúrias portuguesas, conclui-se que o questionário que o Padre Luís Cardoso inseriu no prólogo do *Diccionario Geografico* era muito semelhante ao que efectivamente foi enviado aos párocos das diversas dioceses do Reino naquele ano.

Como nenhuma das respostas dos párocos da Diocese de Coimbra sobreviveu ao Terramoto de 1755 ou a qualquer outra acção deletéria dos homens ou da Natureza, só nos resta consultarmos as entradas do *Diccionario Geografico* sobre as localidades ou sobre alguns elementos geográficos (ribeiras, rios, serras) com nomes iniciados pelas letras A, B e C. Conforme nos diz no prólogo do primeiro tomo, além das respostas dos párocos, o Padre Luís Cardoso, na redacção do seu *Diccionario*, valeu-se «*de varios libros manuscritos, e impresos*» que descreviam algumas partes do Reino de Portugal, bem como de informações que lhe «*remetterão amigos, e pessoas bem instruidas*».

d) As Informações Paroquiais de 1756

Como atrás dissemos, fizeram-se dois inquéritos sobre o Terramoto de 1755: um em Espanha¹³⁶ e outro em Portugal.

O inquérito espanhol, com oito questões, limita-se à matéria sismológica. Pretendia saber: se se sentiu o terramoto; a que horas; quanto tempo durou; que movimentos se observaram nos solos, paredes, edifícios, fontes e rios; que ruínas ou prejuízos causou nas fábricas; se resultaram mortes ou ferimentos em pessoas e em animais; se ocorreu outra coisa notável; e se, antes do terramoto, houve sinais que o prenunciassem.

O inquérito português, com treze questões, parece ter aproveitado os quesitos do inquérito espanhol.

¹³⁶ Para melhor se poder comparar, transcrevemos aqui as questões do interrogatório espanhol: «1. *Se sintió el terremoto?* 2. *A qué hora?* 3. *Qué tempo duró?* 4. *Qué movimientos se observaron en los suelos, paredes, edificios, fuentes y rios?* 5. *Qué ruinas o perjuicios se han ocasionado en las fábricas?* 6. *Han resultado muertes o heridas en personas y animales?* 7. *Ocurrió otra cosa notable?* 8. *Antes de el, hubo señales que lo anunciasen?»* (António Gomes Coelho, «Do “Inquérito do Marquês de Pombal” ao Estudo de Pereira de Sousa sobre o Terramoto de 1 de Novembro de 1755», in *O Grande Terramoto de Lisboa*, vol. I, Lisboa, Público – FLAD, 2005, pp. 143-187: 161).

Especificamente sobre a matéria sismológica, o inquérito português pretendia saber a que horas principiou e o tempo que durou; de que ponto cardeal foi o seu maior impulso; o número de casas que se arruinaram e o estado em que ficaram os seus mais notáveis edifícios; as alterações que se verificaram no mar, nos rios e nas fontes, mas também em terra; se houve incêndios e os danos que causaram; se se repetiram terremotos desde o 1.º de Novembro em diante ou se havia memória de outros terremotos em tempo passado.

Com clara utilidade para a administração central, interessaria a Sebastião José de Carvalho e Melo e ao seu governo saber: quantas pessoas morreram e a sua qualidade; o número de pessoas existentes em cada freguesia, se possível distinguindo os dois sexos; que providências foram imediatamente tomadas pelas autoridades eclesiásticas, civis e militares; e se se experimentou falta de mantimentos.

O inquérito português, sendo mais extenso, acaba por ultrapassar o espanhol em conteúdo, mesmo se considerarmos só a sua utilidade científica para os estudos sismológicos. Tal ocorre especialmente quanto ao apuramento dos efeitos hidro-geológicos do terremoto e, mormente, quanto ao *tsunami* que é ignorado no questionário de Fernando VI, apesar de ter sido este fenómeno marítimo o que maior mortandade causou em Espanha, principalmente na região de Cádiz.

Na Torre do Tombo subsistem 566 respostas paroquiais de 1756: 131 do Distrito de Coimbra; 69 do Distrito de Aveiro; 58 do Distrito de Leiria; 43 do Distrito da Guarda; e 13 do Distrito de Viseu, entre outros dos demais distritos do País¹³⁷. De alguns distritos – seguindo a organização actual deste espólio documental – ter-se-ão perdido todas as respostas. Pelos números referidos, conclui-se que para a área da Diocese de Coimbra, tal como esta se configurava em 1756, as perdas não são tão avultadas, embora esteja extraviada cerca de metade das respostas.

¹³⁷ Estes números obtêm-se em: Maria do Rosário Themudo Barata *et alii*, *Sismicidade de Portugal. Estudo da documentação dos séculos XVII e XVIII*, vol. I, Lisboa, Gabinete de Protecção e Segurança Nuclear, 1988, pp. 41-46. Estes números podem não ser exactos porque, na Torre do Tombo, há algumas respostas arquivadas indevidamente em distrito diferente daquele a que efectivamente pertencem. Mas os erros que existem não alteram, senão muito marginalmente, estes valores.

Além dos efeitos materiais da catástrofe que se fizeram sentir sobre cada freguesia, das respostas ao inquérito retiram-se preciosas informações para a História da Arte e do Urbanismo, para a Demografia e para o estudo das atitudes religiosas e mentais perante o medo e a morte¹³⁸.

Para a História local, afiguram-se mais valiosas as respostas às questões que não tinham um propósito eminentemente sismológico, embora não sejam de negligenciar as respostas que visavam saber como se percepcionou o sismo e compreender melhor um fenómeno sobre cujas causas se suscitou, nessa época, acesa polémica¹³⁹.

e) As Informações Paroquiais de 1758

Por possuírem uma amplitude geográfica que se estende potencialmente à totalidade das freguesias do Reino; por serem estas as *informações paroquiais* que resultam do mais extenso¹⁴⁰ e completo de todos os inquéritos setecentistas; e, ainda, por estarem depositadas no mais importante e mais frequentado arquivo histórico português, as *Informações Paroquiais de 1758* foram e continuarão a ser as mais estudadas e as mais editadas

¹³⁸ Grande parte das respostas do inquérito sobre o Terramoto de 1755 foram publicadas por Francisco Luís Pereira de Sousa (Francisco Luís Pereira de Sousa, *O Terramoto do 1.º de Novembro de 1755 em Portugal e um Estudo Demográfico*, 4 vols., Lisboa, Serviços Geológicos, 1919-1932). O investigador de História local deve recorrer aos originais que estão na Torre do Tombo, não só por razões que se prendem com os critérios de transcrição mas, sobretudo, porque Francisco Luís Pereira de Sousa suprimiu partes significativas do teor das respostas, mormente as partes ligadas às providências religiosas e às reacções emocionais das populações, durante e após o cataclismo.

¹³⁹ Sebastião José de Carvalho e Melo esteve, obviamente, no epicentro da polémica. «A insistência do Ministro na tese das causas naturais do tremor de terra serviu de pretexto à indignação pública de muitos religiosos que, no fundo, conscientemente ou não, lhe faziam oposição política. O opositor mais activo foi o padre jesuíta Gabriel Malagrida, pregador de sermões iracundos em que denunciava o escândalo de se considerar o terramoto um fenómeno natural, e prognosticava novos castigos terríveis para tal impiedade» (António Gomes Coelho, «Do “Inquérito do Marquês de Pombal” ao Estudo de Pereira de Sousa sobre o Terramoto de 1 de Novembro de 1755», in *O Grande Terramoto de Lisboa*, vol. I, Lisboa, Público – FLAD, 2005, pp. 143-188: 164).

¹⁴⁰ O questionário inserto no *Diccionario Geografico* contém mais cinco quesitos do que o das *Informações Paroquiais de 1758* mas, tanto quanto até hoje foi possível saber, não corresponde a um inquérito efectivamente realizado. A base documental fundamental da obra do Padre Luís Cardoso foram as *Informações Paroquiais de 1732*, cujas respostas se perderam quase totalmente. Não existe uma coincidência perfeita entre os três questionários.

de todas quantas se realizaram no século XVIII. Tidas, erroneamente, por muitos investigadores ou estudiosos como as únicas do seu género, transformaram-se, por antonomásia, nas *Informações Paroquiais*, ou nas “*Memórias Paroquiais*” como na Torre do Tombo são designadas.

Começadas a publicar avulsamente desde finais do século XIX, têm servido de substancioso repasto para centenas de investigadores ou cultores da História local por todo o País: utilizadas umas vezes apenas para respigar dados dispersos; outras vezes aproveitadas para publicação inserta em trabalhos monográficos; e, ainda, já em numerosos casos, usadas para edição integral e autónoma, diplomática ou crítica, à escala de uma freguesia ou mesmo à escala de um concelho.

Ultimamente, já entrados no século XXI, surgiram projectos mais ambiciosos de publicação sistemática das respostas dos párocos, com um âmbito geográfico alargado, nalguns casos incluindo estudos interpretativos ou de contextualização histórico-geográfica.

A norte, José Viriato Capela, docente da Universidade do Minho, dinamizou a publicação da colecção *Portugal nas Memórias Paroquiais de 1758*. Entre 2003 e 2011 foram publicadas, em 7 volumes, as respostas dos párocos das freguesias de oito distritos: Braga, Viana do Castelo, Vila Real, Bragança, Porto, Viseu, Aveiro e Coimbra¹⁴¹.

Na Universidade de Coimbra, o Centro de História da Sociedade e da Cultura, em colaboração com a editora Palimage, lançou em 2005 a série *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas*. Não se limitando às *Informações Paroquiais de 1758*, incluem-se em cada volume, numa base concelhia, todos os inquéritos do século XVIII, bem como as notícias de obras geográficas, de corografias e de relatos de viagem.

Mais a Sul, o Centro de História, da Universidade de Lisboa, em colaboração com a editora Caleidoscópio, lançou em 2009 a publicação «*sistemática e integral*» das “*Memórias Paroquiais*” de 1758 que existem na Torre do Tombo, seguindo a mesma organização do manuscrito¹⁴².

¹⁴¹ O sétimo volume inclui as freguesias destes dois distritos: Aveiro e Coimbra. Anuncia-se um volume 8 para as freguesias do Distrito da Guarda e um volume 9 para as freguesias dos distritos de Castelo Branco e Portalegre.

¹⁴² Em 2009 e em 2010 publicaram-se os dois primeiros volumes. Em 2011 foi editado o terceiro volume.

A Internet foi também mobilizada no esforço de disponibilização e de divulgação destas preciosas fontes históricas. A Torre do Tombo facultou a visualização das “*Memórias Paroquiais*” através do *Ciber-espaço*, permitindo a pesquisa por freguesia e a *navegação* ao longo dos seus 44 volumes¹⁴³. A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, no âmbito do projecto *Atlas de Cartografia Histórica*¹⁴⁴, tentou disponibilizar as imagens digitalizadas da Torre do Tombo através da *navegação* visual no mapa de Portugal. Na Universidade de Évora, o Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, criou um sistema colaborativo visando disponibilizar as transcrições das *Memórias Paroquiais de 1758* relativas ao Alentejo¹⁴⁵.

Nenhuma outra fonte histórica primária, em Portugal, permite em tão poucas páginas, um manancial tão rico e variado de informações. Para mais, estas “*Memórias Paroquiais*” dão ao investigador absolutas garantias de autenticidade e de credibilidade, salvo qualquer pequeno lapso involuntário que pode sempre ocorrer por parte dos párocos que foram chamados a responder ao inquérito. Destas garantias exceptua-se, porém, em termos de rigor e de veracidade, o teor das notícias dos dois volumes de suplementos, redigidos já no século XIX por autor anónimo que recorreu a várias fontes não identificadas, algumas delas impressas. Faltando as respostas autênticas dos párocos, as breves notícias contidas nos volumes 42 e 43 devem ser usadas com redobradas precauções críticas¹⁴⁶.

¹⁴³ <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4238720>

¹⁴⁴ <http://www.fcsh.unl.pt/atlas>

¹⁴⁵ <http://portugal1758.di.uevora.pt>

¹⁴⁶ As seguintes considerações de Joaquim Ramos de Carvalho e de José Pedro Paiva são eloquentes sobre o cuidado a ter com estes volumes das chamadas “*Memórias Paroquiais*”: «*Uma breve achega sobre os volumes 42 e 43 de suplementos às informações paroquiais de 1758: podemos verificar que o anónimo compilador utilizou sobretudo fontes impressas para suprir as faltas (cerca de 500 paróquias) nas informações originais. Assim, vemos serem referidos quantitativos de população colhidos em Costa, Caetano de Lima e Cardoso (tanto no Dicionário como no Portugal Sacro-Profano). Por vezes detectam-se curiosas manipulações aritméticas dos dados: na tentativa de dar a estimativa mais recente da população, o autor dos suplementos utilizou o número de fogos do Portugal Sacro-Profano e calculou as almas correspondentes fazendo uma regra de três simples com os valores fornecidos por Caetano de Lima*» (Joaquim Carvalho e José Pedro Paiva, «A Diocese de Coimbra no Século XVIII. População, Oragos, Padroados e Títulos dos

Se, como nos asseverou o Padre António Carvalho da Costa, a *Corografia Portuguesa* era «*huma anatomia do Reyno de Portugal*», as *Informações Paroquiais de 1758* afiguram-se quase como uma vasta coleção de fotografias panorâmicas de cada uma das paróquias portuguesas setecentistas que dão ensejo a uma enorme variedade de trabalhos de investigação.

Numa perspectiva geográfica, as *Informações Paroquiais de 1758* permitem a realização de pesquisas aos mais diversos níveis: local, regional e nacional, propiciando, inclusivamente, a realização de estudos comparativos com outros países europeus sobre temas afins.

Numa perspectiva temática, para além dos estudos integrais que mais interessam ao investigador de História local, estas fontes setecentistas facultam a possibilidade de estudos especializados nas mais diversas temáticas abrangidas nas 60 questões do inquérito: poderes senhoriais, demografia, práticas religiosas, devoções populares, títulos dos párocos, benefícios eclesiásticos, rendimentos paroquiais, institutos religiosos, instituições de assistência social, culturas agrícolas, justiça e administração local, feiras e mercados, correios, águas termais, plantas medicinais, mineralogia, criação de gado, caça, pesca, navegabilidade dos rios, vias de comunicação (como portos de mar e pontes), estruturas pré-industriais (como moinhos, lagares de azeite, pisões e outros engenhos) ou vestígios arqueológicos¹⁴⁷. O único obstáculo a este tipo de estudo especializado de

Párocos», in *Revista de História das Ideias*, vol. 11 (1989), pp. 175-268: 200-201, nota 48 *in fine*).

¹⁴⁷ Os trabalhos arqueológicos foram, dentre os estudos especializados, os que mais têm recorrido às *Informações Paroquiais de 1758*. Mas outros exemplos interessantes podemos dar: Francisco Ribeiro da Silva, «As Memórias Paroquiais de 1758 – Uma micro-fonte para a Macro-História do Vinho do Douro», in *Os Arquivos da Vinha e do Vinho no Douro. Livro de Actas*, Porto, CEPSE-Edições Afrontamento, 2003, pp. 59-70; Helena Osswald, «Em torno dos inquéritos paroquiais. Uma fonte para o conhecimento do espaço litoral», in *O Litoral em Perspectiva Histórica (Séc. XVI a XVIII)*, Porto, Instituto de História Moderna, 2002, pp. 127-143. A reconstituição da geografia administrativa numa época de multiplicidade de circunscrições sobrepostas, assimétricas e repleta de enclaves e exclaves quase não é viável sem esta fonte histórica. A este propósito, veja-se: Inês Amorim e Helena Osswald, «Fontes, Problemas e Métodos na Reconstrução do Espaço Histórico. O Concelho de Aveiro na Segunda Metade do Século XVIII», in Fernando Taveira da Fonseca (Coord.), *O Poder Local em tempo de globalização: uma história e um futuro. Comunicações*, Coimbra-Viseu, Centro de História da Sociedade e da Cultura – Palimage Editores, 2005, pp. 141-170. As *Informações Paroquiais de 1758*, vistas numa perspectiva externa, prestam-se até ao estudo da cultura dos párocos que as redigiram.

âmbito geográfico alargado reside na necessidade de compulsar um fundo tão vasto de quatro dezenas de volumes, se se pretender ler a totalidade das respostas dos párocos de todo o Reino.

Mas é, sobretudo, na perspectiva da monografia local que as *Informações Paroquiais de 1758* se assumem como uma fonte de extraordinário valor que permite fornecer de cada paróquia uma imagem bastante completa e razoavelmente nítida.

Desde logo, sobre geografia física, falam-nos os párocos dos limites da sua freguesia, da sua situação «*em campina, valle, ou monte*», das suas serras, dos seus rios, ribeiras, lagoas ou fontes, da vegetação natural que revestia os seus terrenos e da paisagem que se vislumbrava da sede da paróquia até às paróquias circunvizinhas.

Também da geografia humana nos fornecem os presbíteros locais dados sobre os aglomerados populacionais (casais, lugares, aldeias, vilas ou cidades), o tipo de povoamento e os efectivos populacionais¹⁴⁸.

Para a economia, conhecemos, pelas respostas aos inquéritos, as produções agrícolas e pecuárias (embora só qualitativamente), a caça e a pesca, a exploração de minas ou de pedreiras, as feiras e mercados, as actividades artesanais (como a moagem e a pisoteagem), bem como as actividades marítimas e portuárias (no caso de paróquias situadas junto ao mar).

Para o conhecimento da estrutura social, temos a referência aos grupos privilegiados – a nobreza e o clero –, importando de modo especial saber quem era o donatário da terra, se havia «*familias nobres*» e quais eram «*os seus braços, appellidos, e prerogativas*».

No capítulo administrativo, ficamos a saber o estatuto jurídico da localidade («*Se he Couto, cabeça de Concelho, Honra, ou Behetria*»), a sua inserção em circunscrições hierarquicamente superiores (diocese,

Veja-se: José Viriato Capela, «Autores e obras de referência nas *Memórias Paroquiais de 1758* do Distrito de Braga (Elementos para o Estudo da Cultura Eclesiástica Portuguesa)», in *Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, pp. 341-352. Franquelim Neiva Soares acaba de usar estas *Informações Paroquiais* num estudo sobre o culto eucarístico. Ainda que limitado à área de um concelho, era possível fazer um estudo de âmbito regional ou nacional sobre o culto eucarístico e as confrarias do Santíssimo Sacramento. Veja-se: Franquelim Neiva Soares, *Culto Eucarístico no Concelho de Esposende. Sacrário e Confraria do Senhor de S. Bartolomeu do Mar*, Braga, 2012.

¹⁴⁸ Sobre os dados de natureza demográfica, tenha-se em consideração o que atrás dissemos no seguinte capítulo: «3.4. O inquérito populacional de 1732».

província, comarca e provedoria), as justiças locais (juízes ordinários, de fora ou de vintena), os ofícios autárquicos e os poderes senhoriais.

Quanto a assuntos eclesiásticos, é-nos dado a conhecer a titulação do curador das almas («*Se o Paroco he Cura, ou Vigario, ou Reytor, ou Prior, ou Abbade*»), quem detinha o padroado, se havia beneficiados e quais os rendimentos do pároco.

Em matéria de culto e de práticas religiosas, esta fonte setecentista diz-nos o orago da igreja e os seus altares, as capelas e ermidas da freguesia com os respectivos santos, a existência de imagens milagrosas e de romarias.

No que concerne a instituições religiosas, de assistência e de piedade, ficamos com a notícia dos conventos e dos mosteiros, dos hospitais, das misericórdias, das irmandades e das confrarias.

A arte, em especial a arquitectura religiosa e a arquitectura militar, merece justo destaque, incluindo-se, além das alusões a vários tipos de edifícios, a referenciação da imaginária hagiográfica existente nas igrejas e nas capelas.

Há ainda as informações sobre correios, distâncias em relação à sede do bispado e à capital do Reino, os efeitos do Terramoto de 1755, a existência de «*homens insignes por virtudes, letras, ou armas*» e sobre «*alguns privilegios, antiguidades, ou outras cousas dignas de memoria*».

Do empenhamento do pároco, do seu nível cultural, da duração da sua presença na paróquia, da sua idade ou da sua saúde, depende a riqueza informativa destas respostas. Ainda que algumas primem pelo laconismo, todas elas merecem estudo e publicação, mesmo que, comparativamente, evidenciem, entre si, desigual valor.

f) As Informações Paroquiais de 1763

Conforme já se deixou expresso, as *Informações Paroquiais de 1763* de que dispomos para a Diocese de Coimbra estão intimamente ligadas à redacção e publicação da obra do Padre Luís Cardoso, *Portugal Sacro-Profano*, editada, alegadamente, com o pseudónimo de Paulo Dias de Niza.

Através das suas singelas sete questões, apenas pode o investigador obter o nome da terra, o orago da freguesia, a pessoa ou entidade a quem

cabia o direito de apresentação do pároco, o título deste, o rendimento que auferia contado em dinheiro, a distância em léguas da freguesia relativamente à capital do Reino e à sede do bispado, bem como o número de fogos da circunscrição paroquial.

A generalidade dos párocos limitou-se a responder apenas ao que lhe era requerido, não se estendendo em mais informações, pelo que a leitura das respostas pouco permite acrescentar aos dados que se colhem pela consulta do *Portugal Sacro-Profano*.

Ainda assim, não perde o investigador em ler as respostas dos párocos. Há sempre alguns detalhes que o espírito sinóptico do *Portugal Sacro-Profano* e a escrupulosa uniformidade desta obra furtaram aos documentos originais; além de que, a sua consulta pode obviar a alguns lapsos que o autor desta obra possa ter cometido – e cometeu alguns¹⁴⁹ – no vastíssimo tratamento de informações sobre um reino inteiro. Supondo-se que o Padre Luís Cardoso não tenha visto as respostas originais dos párocos da Diocese de Coimbra, mas talvez a sua síntese, a responsabilidade pelas possíveis falhas não caberá totalmente a este esforçado presbítero.

g) As “Relações” Paroquiais de 1769

Como atrás dissemos, das “*Relações*”¹⁵⁰ de 1769 apenas se conservam no Arquivo da Universidade de Coimbra três exemplares: um da Paróquia de São Tiago da Guarda; outro da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Ansião, ambas pertencentes actualmente (2012) ao Concelho de Ansião, do Distrito de Leiria; e um terceiro exemplar de Santo Varão da Lamarosa, pertencente actualmente ao Concelho de Coimbra.

Além de terem sido redigidas quase no mesmo dia – 28 e 29 de Maio de 1769, respectivamente –, as “*Relações* das freguesias de São Tiago da Guarda e de Nossa Senhora da Conceição de Ansião” possuem um conteúdo

¹⁴⁹ Por exemplo, na área da Diocese de Coimbra, a obra *Portugal Sacro-Profano* inclui duas localidades com o nome *Chão de Couce*: uma com o orago de Nossa Senhora da Consolação; outra com o orago de Nossa Senhora da Graça. Repete também *Oiã* e *Oyã*, com o mesmo orago de São Simão.

¹⁵⁰ Esta afirmação é feita com reservas, pois, tal como se encontraram estas “*Relações*”, outras podem ser encontradas futuramente.

semelhante, o que nos permite concluir que estas duas “*Relações*” resultam de uma mesma determinação emitida pela administração episcopal conimbricense. A “*Relação*” da Paróquia de Santo Varão da Lamarosa refere-se a uma «*Ordem, e Carta Circular*».

Apesar de evidenciarem um considerável carácter inspectivo, estas “*Relações*” não se assemelham à documentação habitual das visitas pastorais.

Os assuntos sobre que versam as duas “*Relações*” são idênticos e observa-se uma estrutura organizativa semelhante nos dois relatórios.

A “*Relação do estado da Parochia de São Thiago da Guarda*” subdivide-se nas seguintes secções:

1.º – «*Pello que pertense ao temporal, material da Igreja, Confrarias, e Capellas*»;

2.º – «*Relação pello que pertense ao Clero*»; e

3.º – «*Relação do estado da Parochia pello que pertense ao Povo*».

A “*Relassam da Freguezia de Ancião*” subdivide-se nas seguintes secções:

1.º – «*Relassam do estado em que se achão a Igreja, Confrarias e Capellas da villa, e Freguezia de Ancião deste Bispado de Coimbra*»;

2.º – «*Relassam dos Clerigos desta Freguezia de Ancião*»; e

3.º – «*Relassão pello que pertence ao Povo desta Freguezia de Ancião*».

A “*Relação*” da Paróquia de Santo Varão da Lamarosa, como atrás dissemos, apresenta-se incompleta, subsistindo apenas a terceira secção, relativa ao «*estado desta freguezia [...] pelo que pertence ao povo*».

Em nenhuma das três “*Relações*” de que dispomos o texto está redigido por articulados, o que não nos permite ter a certeza de ter existido um questionário bem discriminado¹⁵¹. Existiria, no entanto, um elenco de assuntos a contemplar na “*Relação*”, constante da «*Ordem, e Carta Circular*», o que facilmente se conclui, tanto pela estrutura das várias secções como pelos assuntos reportados em cada uma delas.

¹⁵¹ Tenha-se em atenção que, mesmo nos casos em que existia questionário impresso, por vezes, alguns párocos davam as respostas sem articulados, ignorando os quesitos, embora quase sempre respeitem a ordem das questões.

Partindo das respostas conhecidas, tentamos reconstituir, conjecturalmente, as matérias requeridas aos párocos na dita «*Ordem, e Carta Circular*», para cada uma das três “*Relações*” ou secções temáticas:

1.º – Relação do estado da Freguesia pelo que pertence ao temporal, material da Igreja, Confrarias, e Capelas:

Qual o orago da Freguesia, o título do pároco e quem o apresenta?

Quanto rende ao Pároco, o certo, e o incerto?

Quanto rende a fábrica da Igreja, se possui casas de residência, passais ou legados, e que obrigações têm?

Como é o edifício da Igreja, quantas naves tem, e em que estado está?

Que ornamentos, paramentos e livros tem a Capela-mor da Igreja e a Sacristia?

Quantos altares tem a Igreja, quais, que imagens têm, quais os seus ornamentos e paramentos, e em que estado estão, e que rendimentos e obrigações têm?

Que Confrarias tem a Igreja, que ornamentos e paramentos possuem, que rendimentos e obrigações têm, e se deram contas na Provedoria?

Que outras Capelas ou Ermidas existem na Freguesia fora da Igreja, que imagens, ornamentos, paramentos e livros têm, e os seus rendimentos e obrigações, se são públicas ou particulares, e quem as repara?

Que Festas se costumam fazer na Freguesia, em honra de quem são dedicadas, se nelas pregam sermões, que rendimentos dão, e em que se aplicam as ofertas?

O que é de uso pagar-se nos ofícios de defuntos, nos recebimentos dos noivos, nos baptizados, nas desobrigações da Quaresma e no reparo da Igreja?

2.º – Relação do estado da Freguesia pelo que pertence aos Clérigos:

Quantos Clérigos de missa e de menores há na Freguesia, onde residem, qual a sua idade, estado de saúde, património, funções, temperamento, conduta, estudos, e os livros que possuem?

3.º – *Relação do estado da Freguesia pelo que pertence ao Povo:*

Quantas Aldeias, Lugares e Casais tem essa Freguesia, e quantos fogos, se estão juntos ou dispersos, qual a sua distância em relação à Igreja da paróquia, e onde vão os seus moradores receber os sacramentos?

Se os moradores sabem suficientemente a Doutrina, se há nessa Freguesia cópia bastante de catecismos e quais os seus autores?

Se o Povo dessa Freguesia é bem procedido, e se cumpre com as obrigações da Santa Madre Igreja?

Se os seus moradores cuidam de assistir à explicação dos Evangelhos, e se enviam os filhos e criados à Doutrina?

Se os Fregueses ouvem com atenção as admoestações do seu pároco, e se temem as censuras da Igreja?

Se os Fregueses assistem à missa nos dias de preceito?

Se há notícia de haver ociosos ou ociosas que deixem de trabalhar para sustentar o governo de suas famílias?

Se os homens se entregam em excesso aos jogos ou à bebida?

Se há Feiras na Freguesia, onde e em que dias se realizam, quem a elas concorre, que géneros se negociam e se há memória da sua antiguidade?

Se o Povo é fácil de persuadir dos embustes de feiticeiras, benzedeiros ou mezinheiras, e se o pároco sabe quem exercite este modo de vida?

Se há na Freguesia homens orgulhosos, litigiosos ou inquietos, e se o pároco tem notícia de pecados públicos de que resulte escândalo ou discórdias graves entre as famílias?

Como é demasiado escasso o número de “*Relações*” de 1769 que até este momento (2012) localizámos, escusamo-nos a fazer outras considerações sobre a utilidade destas fontes documentais para a feitura da História local.

A notícia da existência destas “*Relações*” tem essencialmente dois propósitos:

a) Alertar para a possibilidade de se encontrarem outras “*Relações*” no Arquivo da Universidade de Coimbra, nos arquivos privados que a Diocese conserva ou nos cartórios das paróquias que continuam sem um projecto global que garanta a sua preservação para o futuro;

b) Comprovar que, para além das *Informações Paroquiais* mais conhecidas e que sobreviveram ao fluir inexorável dos anos, outras se requereram

e se executaram, não apenas no século XVIII, mas também nos séculos XVII e XIX.

h) As possíveis Informações Paroquiais de 1769

Considerando que apenas se conhece a resposta do reitor da Paróquia de São Miguel de Fermelã, e que nem certeza temos quanto a terem existido umas Informações Paroquiais de 1769 extensíveis a todo o Bispado, nenhuma considerações se justificam sobre esta fonte histórica que, neste momento (2013), se reporta somente àquela circunscrição paroquial.

Apenas se realça a pertinência de os investigadores que pretendam estudar as *informações paroquiais* setecentistas fazerem buscas mais sistemáticas no Arquivo da Universidade de Coimbra, nos cartórios paroquiais – se for possível contar com o favor dos respectivos párocos – e ainda nos arquivos privativos da Diocese que eventualmente existam – se se puder beneficiar da disponibilidade da autoridade episcopal.

i) As Informações Paroquiais de 1774

Não dispomos do questionário, nem foi possível localizar outras respostas das restantes freguesias da Diocese de Coimbra para além das freguesias de São Tiago da Guarda e de Santa Maria Madalena do Rabaçal. Mas, pelas respostas dadas à circular pelos párocos destas duas freguesias, podemos, sem grande dificuldade, apreender o previsível teor das questões do interrogatório de 1774:

a) O número de eclesiásticos da freguesia, sua naturalidade, idade, funções, património, formação intelectual e conduta moral;

b) O estado de conservação da igreja, condições, asseio, necessidade de obras, número de altares e situação da sua fábrica¹⁵²;

¹⁵² Designava-se e continua a designar-se por *fábrica* os «*capitais e rendas aplicados às despesas de culto e manutenção de uma igreja*» ou «*a conservação e manutenção da igreja com essas rendas e capitais*». Usava-se o vocábulo também significando «*a construção de um edifício, a composição, estrutura, decoração, feito ou labor dele*» (António de Moraes Silva, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10.^a ed., vol. V, Lisboa, Editorial

c) As confrarias e irmandades, seus rendimentos e patrimónios.

Pelas respostas dos párocos de São Tiago da Guarda e de Santa Maria Madalena do Rabaçal, facilmente concluímos da grande riqueza de elementos históricos que nos poderiam facultar as *Informações Paroquiais de 1774*, para o estudo do clero local, para a arte religiosa e para o conhecimento das redes de sociabilidade e de assistência na comunidade cristã.

O sucedâneo destas *Informações*, designado “*Estado das Igrejas, Fabricas, e Confrarias*”, compensa parcialmente a lastimável perda, quase total, de uma colecção documental tão substanciosa e útil ao conhecimento das paróquias do Bispado de Coimbra. Mas o seu carácter muito sintético não permite, ao nível de uma paróquia isolada, colher grande soma de dados. Ao invés, se se pensar num estudo global de toda a Diocese, a imagem setecentista que se consegue reconstituir de toda esta circunscrição eclesiástica a partir deste códice já adquire uma extensão e uma densidade que não são despiciendas.

O “*Estado das Igrejas, Fabricas, e Confrarias*” está dividido em três secções, por arcediagados: Penela, Vouga e Seia. No final do códice existe uma quarta secção relativa apenas ao Arcediagado de Seia, no qual se sintetizam as informações do inquérito sobre o número de eclesiásticos da freguesia, a sua naturalidade, idade, funções, património, formação intelectual e conduta moral – matérias que não constam da síntese geral dos três arcediagados rurais.

j) As *Informações Paroquiais de 1775*

Embora para a actual (2012) Diocese de Coimbra não disponhamos das respostas ao Inquérito de 1775, tendo em atenção que até 1774 – data da criação do novo bispado – as paróquias da Diocese de Aveiro estavam sob jurisdição do prelado conimbricense, tecemos aqui alguns breves considerandos sobre esta fonte.

Confluência, 1953, s.v. «fábrica»). *Fabriqueiro* ou *fabricário* era o «*encarregado de receber as rendas da fábrica de uma igreja e de cuidar das alfaías, paramentos e administração interna da mesma igreja*» (Idem, Idem, s.v. «*fabriqueiro*»).

Embora com uma temática eclesial muito mais alargada, o Inquérito de 1775 apresenta alguma semelhança com o Inquérito de 1717 que só conhecemos para as igrejas colegiadas da cidade de Coimbra, embora exclusivamente quanto à sexta questão daquele interrogatório e quanto à entidade promotora da iniciativa – a representação apostólica em Lisboa.

O questionário da Diocese de Aveiro, ainda que tenha numeradas sete questões, compõe-se na prática de várias dezenas de perguntas. Na primeira questão pretende-se saber o orago da freguesia, a sede da igreja, a distância em relação à cidade de Aveiro, a natureza dessa igreja (matriz ou filial e anexa), as freguesias com que confina e se é percorrida por *estrada real* ou por rio. Na segunda questão pergunta-se se o pároco é perpétuo ou anual amovível, como se intitula (prior, vigário, reitor ou cura), quem o apresenta, se recebe a totalidade dos dízimos e quanto rendem anualmente. Na terceira questão procura-se saber «*se essa igreja é colegiada, quantos benefícios tem, quem os apresenta, se são perpétuos, simples ou com obrigação de cura de almas, se o seu rendimento consiste em cômgrua certa, e quem a paga, ou em frutos e benesses, quanto importa o rendimento certo e o incerto de cada benefício anualmente*». Na quarta questão interroga-se quem tinha a «*obrigação de reedificar, ornar e ornamentar a capela-mor e a sacristia*» da igreja paroquial e quanto se despendia «*anualmente na fábrica, ornato e paramentos dela*». Na quinta questão intenciona-se saber se «*além do reverendo pároco principal*» havia na freguesia «*um ou mais curas coadjutores, perpétuos ou amovíveis, quem os*» apresentava, quanto tinha «*cada um de cômgrua anual e quem*» costumava satisfazer-lha. Na sexta questão manifesta-se o propósito de saber em que consistia «*o rendimento anual do reverendo pároco principal dessa igreja, se em todos ou parte dos dízimos, frutos e pé-de-altar ou em cômgrua anual, quem lha paga e quanto importa o rendimento certo e o incerto anualmente*» deduzido das «*despesas de cômgruas e quaisquer outros encargos anexos*». Finalmente, na sétima e última questão, pergunta-se se a igreja e os frutos dela se achavam agravados «*com alguma pensão eclesiástica, perpétua ou ad tempus*» anualmente e «*a favor de quem*».

Ainda que de natureza quase exclusivamente eclesial, as respostas ao Inquérito de 1775 são de uma riqueza informativa excepcional, permitindo obter um conhecimento muito aprofundado da administração eclesiástica de cada paróquia e da sua situação financeira.

6. Critérios de transcrição

A publicação das *Informações Paroquiais* setecentistas, como de quaisquer outras fontes históricas, exige o estabelecimento prévio de critérios de transcrição documental.

Em vão se tem tentado em Portugal, mesmo para a Idade Média, uma uniformização de critérios de transcrição, apresentando-se dificilmente conciliáveis os da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa¹⁵³ com os da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra¹⁵⁴, para não ir mais longe.

Transcrevemos a seguir os critérios adoptados nos três grandes projectos de edição das *Informações Paroquiais de 1758*, presentemente (2012) em curso de publicação:

A — Projecto *A Descrição do Território Português do Século XVIII: Portugal nas Memórias Paroquiais de 1758*, da Universidade do Minho

O principal promotor do projecto, José Viriato Capela, na sequência de outras edições, utilizou os seguintes critérios que extraímos do primeiro volume das *Memórias* das terras do Distrito de Braga:

1. *Suprime-se o uso de consoantes duplas, salvo quando entre vogais;*
2. *As vogais duplas iniciais ou finais, equivalentes a uma vogal aberta, transformam-se numa só vogal acentuada. Exemplo: **pee** = pé; **soo** = só;*
3. *As letras **i e j, i e y, c e ç, u e v**, transcrevem-se segundo o seu valor na respectiva palavra;*
4. *O **n** final converte-se em **m** e o **m** antes de consoante converte-se em **n** exceptuando-se quando antes de **p** ou **b**; o **s** e o **z** finais convertem-se para o uso do português actual;*
5. *A forma **u** nasalado é convertida em **um**;*

¹⁵³ João José Alves Dias, A. H. de Oliveira Marques e Teresa F. Rodrigues, *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Editorial Estampa, 1987.

¹⁵⁴ P.^o Avelino de Jesus da Costa, *Normas Gerais de Transcrição e Publicação de Documentos e Textos Medievais e Modernos*, 3.^a ed., Coimbra, Faculdade de Letras, 1993.

6. *Actualizam-se as maiúsculas e as minúsculas segundo o português actual;*

7. *Desdobram-se as abreviaturas seguindo-se a forma mais frequente no texto. Corrigem-se os lapsos de escrita evidentes;*

8. *Ligam-se as partes fraccionadas da mesma palavra: **a cerca** = à cerca;*

9. *Separam-se as partes unidas diferentes: **dis seque** = disse que; hifenizam-se as palavras quando necessário;*

10. *Acentuam-se de um modo geral os vocábulos agudos polissilábicos e actualiza-se a acentuação existente;*

11. *Usa-se o apóstrofe em casos como os seguintes: d'Este; d'Ajuda;*

12. *Insere-se dentro de parêntesis rectos a reconstituição ou suplecção hipotética de letras ou palavras ilegíveis ou omissas no documento;*

13. *Actualiza-se a pontuação e introduz-se a paragrafação necessária. Aplicam-se os sinais da pontuação considerados indispensáveis à melhor leitura e compreensão do texto;*

14. *Não se transcrevem frases ou palavras repetidas;*

15. *Actualizaram-se as grafias das formas verbais.*

Os casos não contemplados nestas normas, incluindo dúvidas de leitura, falta de elementos e casos particulares serão devidamente assinalados, visando o seu esclarecimento.



B — Projecto *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas*, do Centro de História da Sociedade e da Cultura, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / Palimage

Os vários colaboradores deste projecto têm usado diferentes critérios de transcrição. Publicamos aqui os critérios essenciais que usámos nas *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas*. *Ansião*, quase idênticos aos que Saul António Gomes utilizou para os concelhos de Batalha, Marinha Grande e Leiria:

Principais critérios de transcrição e de edição seguidos:

A – Na transcrição dos documentos manuscritos, foram respeitados os seguintes critérios:

1) Transcrição do documento em linha contínua;

2) Respeito pela ortografia do texto original, mas normalizando o emprego de maiúsculas e de minúsculas, da pontuação original, etc., separando as palavras indevidamente unidas no original e reunindo as sílabas ou letras de uma mesma palavra que se encontrassem separadas. Por vezes, na separação de palavras, usou-se o apóstrofo para suprir a elisão de alguma vogal. A normalização das maiúsculas e minúsculas e da pontuação orientou-se pelos princípios da menor intervenção, da coerência interna do documento, da unidade sistemática da obra e da ponderação dos usos ortográficos mais comuns na época de produção do documento. Estabeleceram-se parágrafos para maior inteligibilidade do texto;

3) Desenvolvimento das abreviaturas, sem assinalar as letras restituídas, mantendo-se a forma dos numerais;

4) Colocação entre parênteses rectos de tudo o que tenha sido interpretado ou acrescentado ao texto original, e da palavra [sic] a seguir aos erros do próprio texto. Nos documentos com excessivo número de erros que prejudicavam uma fluente leitura, optou-se, algumas vezes, pela sua correcção, transcrevendo em nota de rodapé os vocábulos emendados;

5) Assinalação das partes ilegíveis do original por [...];

6) Colocação entre < > das palavras ou linhas sobrescritas ou entrelinhadas;

7) Remissão para nota de rodapé de todas as indicações pertinentes que ajudem à leitura do documento;

8) Referenciação das dúvidas de leitura por (?);

B – Quanto a critérios de edição, optou-se por fazer sumários concisos dos teores documentais, introduzidos por data crónica (ano, mês e dia) e tópica (local). No fim assinala-se a cota documental. Quando útil, introduzem-se observações pertinentes ao quadro da tradição diplomática.



C — Projecto *Memórias Paroquiais*, do Centro de História, da Universidade de Lisboa / Caleidoscópio

Regras de Transcrição:

Com vista a um maior rigor crítico, de maneira a se poder obter toda a informação de carácter linguístico e histórico, optámos pelas seguintes normas de transcrição:

a) *Desenvolveram-se as abreviaturas. O til das abreviaturas foi desdobrado em m ou n, excepto em hũa e algũa, onde se manteve. Também se mantiveram as abreviaturas dos numerais.*

b) *Actualizou-se o emprego das maiúsculas e minúsculas.*

c) *Actualizou-se o emprego do ì e do j, do u e do v, do c e do ç; todavia, mantivemos o j quando tem valor de numeral.*

d) *A pontuação foi discretamente actualizada para uma melhor compreensão do texto.*

e) *Usou-se o apóstrofo. Separaram-se as palavras que se encontravam unidas e reuniram-se as sílabas dispersas.*

f) *Mantiveram-se as grafias dos antropónimos, topónimos e as formas dos numerais.*

g) *As mudanças de folio vão referidas entre barras /.../;*

h) *Os números, as sílabas e as palavras omissas que acrescentámos ao texto vão entre parênteses rectos [...].*

i) *As assinaturas foram precedidas da abreviatura **as**), referente à palavra (assinado).*

j) *No caso das palavras homógrafas, para uma mais fácil compreensão do texto, colocámos acento naquelas em que pertence. Como por exemplo nos seguintes casos:*

– **Esta**: pode ser pronome ou verbo; quando é verbo colocamos o acento, ficando **está**;

– **He**: pode ser verbo ou preposição; quando tem valor verbal apusemos-lhe o acento, ficando **hé**.



Cada investigador é livre de optar por qualquer um destes critérios de transcrição, ou por outros. A principal diferença entre eles reside no grau de actualização da ortografia dos documentos setecentistas, oscilando entre uma actualização maximalista, seguida no projecto de José Viriato Capela, e uma actualização minimalista, por nós seguida; actualização esta – segundo os critérios que nos orientam – que toma como quadro de referência os textos impressos da época, colocando-se o transcritor na posição de um tipógrafo setecentista medianamente culto e razoavelmente cuidadoso, atento, empenhado, qualificado e hábil, confrontado com o original manuscrito que tinha de converter em letra de forma.

Apêndice Documental e Inventários

I
Questionários

1. O questionário das *Informações Paroquiais de 1717*¹⁵⁵

Antonio de Vasconcellos e Souza por merce de Deos e da Santa See Apostolica Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, Senhor de Coja, do Conselho de Sua Magestade que Deos Guarde e seu sumilher da cortina etc^a. Fazemos saber aos Reverendos Piores das Collegiadas desta Cidade que para satisfazermos ao que nos he recomendado pelo Illustrissimo Senhor Nuncio deste Reino nos he necessario saber com indiuiduação quantos Beneficios Simples tem cada huma das ditas Collegiadas e quanto rendem com os fructos certos e incertos, cada hum dos ditos Beneficios, e lhes ordenamos sob pena de obediência que tanto que esta lhe for mostrada logo no termo de vinte e quatro horas nos dem suas informações com toda a verdade asim do numero dos Beneficios Simples das¹⁵⁶ suas Igrejas como do rendimento certo e incerto de cada hum delles. E as ditas informações serão entregues ao Escriuão da nossa Camara.

Dada em Coimbra sob o sello de nossas Armas e sinal do Doutor Manoel Moreira Rebello nosso Prouizor aos 26 de Mayo de 1717 annos.

Francisco Maciel Malheiro, Escriuão da Camera Eccleziastica a fiz.

(Ass.) Manoel Moreira Rebello

(Selo de chapa)

Ordem para os Reverendos Piores das Collegiadas informarem no termo de 24 horas quantos Beneficios Simples tem cada huma das suas Igrejas, e o que cada hum rendem de frutos certos, e incertos.

¹⁵⁵ A Ordem que deu origem ao inquérito acha-se em: AUC – *Cabido da Sé de Coimbra: “Informações que se houveram a respeito de algumas das Igrejas da cidade e Bispado de Coimbra”* (III, 1.^a D, 7, 5, 42).

¹⁵⁶ No original está grafado «da».

2. O questionário das *Informações Paroquiais de 1721* do Cabido da Sé de Coimbra¹⁵⁷

Nos Deão, Dignidades, Canegos [*sic*], & Cabbido Sede Episcopali Vacante desta Cidade, & Bispado de Coimbra, &c. Fazemos saber aos Reverêndos Priores, Reyttores, Vigarios, & Curas annuaes nossos subditos, a cada hũ dos quaes a presente for remetida, & apresentada, pella pessoa que levar o Rol dos confessados, ou por qualquer outra via, ã sua Magestade, ã Deos guarde, he servido, recomendarnos cõ toda a brevidade hajamos de enviar à Cidade de Lisboa Occidental as noticias seguintes.

¶ Quantas Capellas, ou Ermidas ha nessa freguesia, quaes são do Povo, & quaes de instituidores particulares, & estes como se chamavão, ou chamão, se algũa he frequentada de concurso de gente, por ser a Imagem milagrosa:

¶ Se na Igreja da freguesia, ou Capellas ha algũa reliquia insigne de que Santo, ou Santa, & se tem authentica certidão de Roma.

¶ Que numero de freguezes tem a freguesia, ã Mosteiros, se ha Casa de Misericordia; Hospitaes, ou Recolhimētos, em ã anno forão fundados, & por quem.

¶ Os letereiros de todas as Sepulturas, & Capellas, & Armas que tem.

¶ Todas as memorias antigas ã ouver no Cartorio da Igreja de quaesquer perogativas ã lhe fossem concedidas, ou succedidas.

¶ Que os Reverendos Parochos das Collegiadas declarem o numero dos Beneficios, quem os apresenta, & se hà Coadjuutores.

¶ Quantos livros ha de baptizados, cazados, & defuntos em que anno principiãrão, incluindo os que de presente servem.

¶ Se ha memoria de algum Varão insigne que natural fosse da dita freguesia, assinalado em virtudes, ou letras.

E para se satisfazer com a dita recomendação, mandamos ao Reverendo Parocho, ou a quem suas vezes fizer, ã tanto ã esta lhe for entregue, sob pena de quatro mil reis, pagos do Aljube, faça em termo de quinze dias toda a deligencia para averiguar as noticias insinuadas nesta Ordem, declarando por escrito, bem distintamente, o ã a cada hum dos Interroga-

¹⁵⁷ O *Interrogatório* que aqui se publica guarda-se em: AUC – *Cabido da Sé de Coimbra: Informações Paroquiais de 1721*, doc. 190 (III, 1.^a D, 5, 4, 28).

torios pertence, sem interpolação: & dado caso, q̃ encontrẽ com letras Goticas, & antigas, & não haja pessoas, q̃ as saibão ler, darão esta conta na informação q̃ fizerem, para à vista della, se mandar pessoa q̃ a lea, quando a noticia q̃ se dèr o pedir; & succedendo não achar noticias q̃ dar a algũ dos ditos interrogatorios, o declare no mesmo lugar insinuado; & feita esta deligência, do q̃ ouver, & achar no estãdo, & ser q̃ for, darà o Reverẽdo Parocho sua informação, q̃ farà, ou mãdarà fazer, & por elle serà jurada *in verbo Sacerdotis*, & assinada, & a mandarà entregar ao Escrivão da Camera do Bispado por pessoa segura dentro de mais cinco dias, alẽm dos quinze, q̃ se lhe dão para alcançar as noticias, & fazer a informação, tudo debaixo da mesma pena. Dada em Coimbra sob o sinal sômẽte do Reverẽdo Doutor Mauricio Sarayva da Costa nosso Provisor, aos 18. de Abril de 1721. annos. Frãscisco Maciel Malheiro Escrivão da Camera Ecclesiastica a fiz.

Mauricio Sarayva da Costa.

Ordem para o Reverendo Parocho a q̃ for presentada fazer a deligencia q̃ nella se declara.

3. O questionário das Informações de 1721 requeridas aos provedores das comarcas¹⁵⁸

Memoria das Noticias, que ElRey Nosso Senhor ordena se dem à Academia Real da Historia Portuguesa de todos os Cartorios, e Archivos do Reyno.

(...)

Das Provedorias das Comarcas.

Aos Provedores das Comarcas se encarrega, e encommenda muito que mandem hum Inventario de todas as instituições de Morgados, Capellas, Confrarias, Irmandades, Hospitales, e mais legados, e lugares pios de sua jurisdição; declarando quem foraõ os Instituidores, em que era, ou anno, e quem são hoje os Administradores.

Que mandem com grande cuidado trasladar os letreiros dos Romanos, Godos, ou Mouros, copiando as letras q̃ se poderem ler, com as mesmas regras, com os mesmos pontos, com as mesmas figuras, e mais circunstancias que tiverem, ainda que lhes falte parte, e estejaõ feitos em pedaços, avisando das mais memorias antigas, que houver nos seus dstrictos.

Que procurem saber se ha alguns livros manuscritos, que tenhaõ juntos Epitafios, e outros letreiros de Portugal, e o avisem para se mandarem copiar.

Que avisem das pessoas curiosas que tem noticias, e memorias antigas, ou livros manuscritos, que condusaõ à Historia, e dos lugares, e Aldeas de sua Comarca com a sua situação, e se nelles ha algumas antiguidades notaveis.

As noticias se mandarão todas ao Secretario da Academia com este sobrescrito. *Do serviço de Sua Magestade.*

Ao Conde de Villarmayor. Lisboa Occidental.

Para se remetterem estas noticias ao Secretario da Academia, não se deve esperar que estejaõ todas juntas, mas he conveniente que se mandem successivamente, assim como se forem descobrindo, para que mais promptamente possaõ usar dellas os Academicos, applicando-as cada hum logo à parte, a que pertencerem na Historia, que lhes está encommendada.

¹⁵⁸ O *Interrogatório* que aqui se publica está impresso em: *Collecçam dos Documentos, Estatutos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa*, vol. 1, Lisboa, Na Officina de Pascoal da Sylva, 1721.

4. O questionário hipotético das *Informações Paroquiais de 1732*¹⁵⁹

O que se procura saber dessa terra, he o seguinte:

- 1 Em que Provincia fica, a que Bispado, Comarca, Termo, e Freguesia pertence, quem he o seu Donatario, e que visinhos tem?
- 2 Se está situada em campina, valle, ou monte, e que povoações se descobrem della?
- 3 Se he Termo de outra terra, ou se tem Termo seu, que Lugares, ou Aldeas comprehende, e como se chamaõ?
- 4 Se a Paroquia está fóra do Lugar, ou dentro delle, qual he o seu Orago, quantos Altares tem, e de que Santos, quantas naves, se tem Irmandades, quantas, e de que Santos?
- 5 Se o Paroco he Cura, ou Vigario, ou Reytor, ou Prior, ou Abbade, e de que apresentação he, se tem Beneficiados, quantos, e que rendas tem estes, e o Paroco?
- 6 Se tem Conventos, e de que Religiosos, se tem Hospital, e por quem he administrado, se tem Casa de Misericordia, e qual fosse a sua origem?
- 7 Se tem algumas Ermidas, e de que Santos, se estão dentro, ou fóra do Lugar, e se acode a ellas romeiros, sempre, ou em alguns dias do anno, e quaes são estes?
- 8 Quaes são os frutos da terra, que os moradores recolhem em mayor abundancia?
- 9 Se tem Juiz ordinario, &c., Camera, ou se está sugeita ao governo das Justiças de outra terra, e qual he esta?
- 10 Se ha memoria, de que florescessem, ou della sahissem alguns homens insignes por virtudes, letras, ou armas?
- 11 Se tem familias nobres, quaes sejaõ os seus brazões, appellidos, e prerogativas?
- 12 Se tem feira, e em que dias, se he franca, e quantos dura?

¹⁵⁹ Não é fácil proceder a uma reconstituição das questões do Inquérito de 1732, por várias razões: são pouco numerosas as respostas que ainda existem na Torre do Tombo; muitos párocos não responderam à totalidade das questões, sobretudo na secção das serras; muitas das respostas não respeitam a numeração das perguntas do inquérito; e abundantes vezes os párocos alteraram a numeração das questões.

- 13 Se tem alguns privilegios, antiguidades, ou outras cousas dignas de memoria?
- 14 Se ha nessa terra, ou perto della alguma fonte, ou lagoa celebre? Se as suas aguas tem alguma qualidade especial?
- 15 Se for porto de mar, descreva-se o sitio que tem por arte, ou por natureza, as embarcações, que o frequentaõ, e que póde admittir?
- 16 Se a terra for murada, diga-se a qualidade de seus muros: se for praça de armas, descreva-se a sua fortificaçaõ. Se ha nella, ou no seu districto algum castello, ou torre antiga, e em que estado se acha ao presente?
- 17 E tudo o mais, que houver digno de memoria, de que não faça mençaõ o presente interrogatorio.

O que se procura saber dessa serra, he o seguinte:

- 1 Como se chama a serra, quantas legoas tem de comprido, e quantas de largo?
- 2 Os nomes dos principaes braços della?
- 3 Que rios nascem dentro do seu sitio, e algumas propriedades mais notaveis delles; as partes para onde correm, e onde fenecem?
- 4 Que Villas, e Lugares estaõ assim na serra; como ao longo della?
- 5 Se ha no districto algumas fontes de propriedades raras?
- 6 Se ha na serra minas de metaes, ou canteiras de pedras, ou de outros materiaes de estimaçaõ?
- 7 De que plantas, ou hervas medicinaes he a serra povoada, e se se cultiva em algumas partes, e de que generos de frutos he mais abundante?
- 8 Se ha na serra alguns Mosteiros, Igrejas de romagem, ou Imagens milagrosas?
- 9 Se ha noticia de que em algum tempo houvesse nessa serra homens insignes?¹⁶⁰

¹⁶⁰ Esta foi a questão mais difícil de reconstituir porque quase todos os párocos não lhe deram resposta. Esta reconstituição baseia-se na seguinte resposta do cura da Paróquia de Nossa Senhora da Graça de Sobral Pichorro: «*Não há noticia que haja nesta serra homeñs insignes, nem que fossem em tempo algum*» (TT – *Memórias Paroquiais: Dicionário Geográfico de Portugal*, vol. 42, n.º 422, pp. 265-268: 266).

- 10 Se ha nella criações de gados, ou de outros animaes, ou caça?
- 11 Se tem alguma lagoa, ou fojos notaveis?

O que se procura saber do rio dessa terra, he o seguinte:

- 1 Como se chama, assim o rio, como o sitio onde nasce?
- 2 Se nasce logo caudaloso?
- 3 Que outros rios entraõ nelle, e em que sitio?
- 4 Se he navegavel, e de que embarcações he capaz?
- 5 Se he de curso arrebatado, ou quieto, em toda a sua distancia, ou em alguma parte della?
- 6 Se corre de Norte a Sul, se de Sul a Norte, se de Nascente a Poente, ou se de Poente a Nascente?
- 7 Se he abundante de peixes, e de que especie saõ os que traz em mayor abundancia?
- 8 Se ha nelle pescarias, e em que tempo do anno?
- 9 Se as pescarias saõ livres, ou de algum Senhor particular, em todo o rio, ou em alguma parte delle?
- 10 Se se cultivaõ as suas margens, e se tem muitos arvoredos de fruto, ou silvestres?
- 11 Se tem alguma virtude particular as suas aguas?
- 12 Se conserva sempre o mesmo nome, ou o começa a ter differente em algumas partes, e como se chamaõ estas?
- 13 Se morre no mar, ou em outro rio, e como se chama este, e o sitio em que entra nelle?
- 14 Se tem alguma cachoeira, repreza, levada, ou açudes, que lhe embarcem o ser navegavel?
- 15 Se tem pontes de cantaria ou de pao, quantas, e em que sitios?
- 16 Se tem moinhos, lagares de azeite, pizõens, noras, ou outro algum engenho?
- 17 Se ha memoria de que em outro tempo tivesse outro nome?
- 18 Se em algum tempo, ou no presente se tirou ouro de suas areas?
- 19 Se os póvos usaõ livremente das suas aguas para a cultura dos campos, ou com alguma pensaõ?
- 20 E qualquer outra cousa notavel, que não vá neste interrogatorio.

5. O inquérito populacional de 1732¹⁶¹

Dom Luis Simões Brandão por merce de Deos, e da Santa See Apostolica Bispo de Angola, do Conselho de Sua Magestade e Vigario Capitular nesta Cidade, e Bispado de Coimbra, pello Reverendissimo Cabido, Sede Episcopali vacante, etc.^a. Aos Reverendos Parochos deste Bispado, faço saber que Sua Magestade que Deos guarde por seo decreto de vinte e sinco de Abril foi servido remetter me humas folhas impressas pera mandar repartir por Vossas Merces pera que cada hum na sua freguezia passe por certidão as noticias de todos os seos freguezes, escrevendo o numero delles na mesma folha impressa, e conformando se com o formulario, que o cursor deste Juizo lhes mostrará, sem acrescentarem, nem diminuirẽm couza alguma no que escreverem por assim ser expressa determinação do dito Senhor, pello que lhes ordeno e a cada hum em particular mando sob pena de obediencia, e da suspensão do Officio Parochial, que logo que o dicto cursor lhes mostrar o formulario, que leva, o tresladem, e tornem a entregar o exemplar ao mesmo cursor, e na folha impressa que elle lhe dexar [*sic*] escrevão as noticias de seos freguezes, como dicto fica, e me remettão a mesma folha, e certidão por portador seguro, em termo de des dias dipois que esta ordem lhe for intimada, e em o roteiro, que o cursor leva declararam o dia, e hora em que esta lhe foi apresentada, e a em que elle for despachado, no que lhes recomendo não haja a minima demora, por querer Sua Magestade se lhe remettão com a mayor brevidade as dictas noticias. Executem-o Vossas Merces assim na forma acima declarada.

Dada em Coimbra sob meo signal somente. Aos 9. de Mayo de 1732 annos e eu Leandro Vasquez de Miranda escrivão da Camara Eccleziastica o escrevj.

Bispo de Angola

Ordem pera os Reverendos Parochos satisfazerem ao que nella se lhes ordena.

Para Vossa Illustrissima ver e assignar.

¹⁶¹ AUC – *Câmara Eclesiástica*: III, 1.^a D, 7, 1, 13, doc. 22.

6. O questionário do *Diccionario Geografico*

É frequente vários investigadores de História local, quando publicam algumas *Informações Paroquiais de 1758*, caírem no erro de transcreverem o questionário que o Padre Luís Cardoso publicou no prólogo do primeiro tomo do *Diccionario Geografico* impresso em 1747. Para obviar a este lapso e para podermos fazer uma comparação com o questionário autêntico de 1758, deixamos aqui a transcrição dos interrogatórios insertos na obra deste presbítero oratoriano.

A publicação do questionário neste local serve ainda para o podermos comparar com o hipotético questionário de 1732 que tentámos reconstituir através das respostas dos párocos da Diocese de Viseu que chegaram até nós.

Todos os três inquéritos contêm diferenças. Se olharmos apenas ao número dos quesitos, verificamos que no inquérito de 1732 existem 17 questões sobre a *Terra*, 11 sobre a *Serra* e 20 sobre o *Rio*¹⁶². No *Diccionario Geografico* existem 29 questões sobre a *Terra*, 13 sobre a *Serra* e 23 sobre o *Rio*. No inquérito de 1758 existem 27 questões sobre a *Terra*, 13 sobre a *Serra* e 20 sobre o *Rio*.

Eis o questionário:

O que se procura saber dessa terra, he o seguinte:

- 1 Em que Provincia fica, a que Bispado, Comarca, Termo, e Freguesia pertence?
- 2 Se he delRey, ou de Donatario, e quem he este?
- 3 Quantos visinhos tem?
- 4 Se está situada em campina, valle, ou monte, e que povoações se descobrem della?
- 5 Se he Termo de outra terra, ou se tem Termo seu?

¹⁶² Para se confirmar esta realidade, veja-se, por exemplo, a resposta do pároco da freguesia de São João Baptista da Silva Escura (Eduardo Costa, «Os Inquéritos Paroquiais do século XVIII e algumas freguesias do Distrito de Aveiro (1732)», in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, n.º 82 (1955), pp. 130-148: 139-142).

- 6 Se o tem, que Lugares, ou Aldeas comprehende, como se chamaõ, e que visinhos tem?
- 7 Se a Paroquia está fóra do Lugar, ou dentro delle?
- 8 Qual he o seu Orago, quantos Altares tem, e de que Santos, quantas naves, se tem Irmandades, quantas, e de que Santos?
- 9 Se o Paroco se chama Cura, ou Vigario, ou Reytor, ou Prior, ou Abbade, e de que apresentação he?
- 10 Se tem Beneficiados, quantos, e que rendas tem estes, e o Paroco?
- 11 Se tem Conventos, e de que Religiosos?
- 12 Se tem Hospital, e por quem he administrado?
- 13 Se tem Casa de Misericordia, e qual fosse a sua origem?
- 14 E o que houver de notavel em qualquer destas cousas.
- 15 Se tem algumas Ermidas, e de que Santos?
- 16 Se estaõ dentro, ou fóra do Lugar?
- 17 Se acodem a ellas romeiros, sempre, ou em alguns dias do anno, e quaes saõ estes?
- 18 Quaes saõ os frutos da terra, que os moradores recolhem em mayor abundancia?
- 19 Se tem Juiz ordinario, &c., Camera, ou se está sugeita ao governo das Justiças de outra terra, e qual he esta?
- 20 Se he Couto, cabeça de Concelho, Honra, ou Behetria?
- 21 Se ha memoria, de que florescessem, ou della sahisses alguns homens insignes por virtudes, letras, ou armas?
- 22 Se tem familias nobres, quaes sejaõ os seus brazões, appellidos, e prerogativas?
- 23 Se tem feira, em que dias?
- 24 Se he franca, e quantos dias?
- 25 Se tem alguns privilegios, antiguidades, ou outras cousas dignas de memoria?
- 26 Se ha nessa terra, ou perto della alguma fonte, ou lagoa celebre? Se as suas aguas tem alguma qualidade especial?
- 27 Se for porto de mar, descreva-se o sitio que tem por arte, ou por natureza, as embarcações que o frequentaõ, e que póde admittir.
- 28 Se a terra for murada, diga-se a qualidade de seus muros: se for praça de armas, descreva-se a sua fortificaçaõ. Se ha nella, ou no seu dstricto algum castello, ou torre antiga, e em que estado se acha ao presente.

- 29 E tudo o mais, que houver digno de memoria, de que não faça menção o presente interrogatorio.

O que se procura saber dessa serra, he o seguinte:

- 1 Como se chama?
- 2 Quantas legoas tem de comprido, e quantas de largo?
- 3 Os nomes dos principaes braços della?
- 4 Que rios nascem dentro do seu sitio, e algumas propriedades mais notaveis delles; as partes para onde correm, e aonde fenecem?
- 5 Que Villas, e Lugares estão assim na serra; como ao longo della?
- 6 Se ha no districto algumas fontes de propriedades raras?
- 7 Se ha na serra minas de metaes, ou canteiras de pedras, ou de outros materiaes de estimação?
- 8 De que plantas, ou hervas medicinaes he a serra povoada, e se se cultiva em algumas partes, e de que generos de frutos he mais abundante?
- 9 Se ha na serra alguns Mosteiros, Igrejas de romagem, ou Imagens milagrosas?
- 10 A qualidade do seu temperamento?
- 11 Se ha nella criações de gados, ou de outros animaes, ou caça?
- 12 Se tem alguma lagoa, ou fojos notaveis?
- 13 E tudo o mais que houver digno de memoria?

O que se procura saber do rio dessa terra, he o seguinte:

- 1 Como se chama, assim o rio, como o sitio onde nasce?
- 2 Se nasce logo caudaloso?
- 3 Que outros rios entraõ nelle, e em que sitio?
- 4 Se he navegavel, e de que embarcações he capaz?
- 5 Se he de curso arrebatado, ou quieto, em toda a sua distancia, ou em alguma parte della?
- 6 Se corre de Norte a Sul?
- 7 Se de Sul a Norte?
- 8 Se de Nascente a Poente?
- 9 Se de Poente a Nascente?

- 10 Se he abundante de peixes, e de que especie são os que traz em mayor abundancia?
- 11 Se ha nelle pescarias, e em que tempo do anno?
- 12 Se as pescarias são livres, ou de algum Senhor particular, em todo o rio, ou em alguma parte delle?
- 13 Se se cultivaõ as suas margens, e se tem muitos arvoredos de fruto, ou silvestres?
- 14 Se tem alguma virtude particular as suas aguas?
- 15 Se conserva sempre o mesmo nome, ou o começa a ter differente em algumas partes, e como se chamaõ estas?
- 16 Se morre no mar, ou em outro rio, e como se chama este, e o sitio em que entra nelle?
- 17 Se tem alguma cachoeira, repreza, levada, ou açudes, que lhe embaracem o ser navegavel?
- 18 Se tem pontes de cantaria, ou de pao, quantas, e em que sitios?
- 19 Se tem moinhos, lagares de azeite, pizões, noras, ou outro algum engenho?
- 20 Se ha memoria de que em outro tempo tivesse outro nome?
- 21 Se em algum tempo, ou no presente se tirou ouro de suas areas?
- 22 Se os póvos usaõ livremente das suas aguas para a cultura dos campos, ou com alguma pensaõ?¹⁶³
- 23 E qualquer outra cousa notavel, que não vá neste interrogatorio.¹⁶⁴

¹⁶³ Por lapso, no original, no número da questão está grafado «21».

¹⁶⁴ *Idem.*

7. O questionário das *Informações Paroquiais de 1756*¹⁶⁵

J. M. J.

DOM MIGUEL DA ANNUNCIACAM CONEGO Regular de Santo Agostinho da Congregação Reformada de Santa Cruz, por mercê de Deos, e da Santa Sé Apostolica Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, Senhor de Cojã, e do Conselho de Sua Magestade Fidelissima: Fazemos saber, que Sua Magestade he servido, que Vossa mercê distinctamente responda aos Interrogatorios seguintes, e que nos mande a sua resposta, para nos a pormos na Sua Real prezença, o que Vossa mercê fará dentro do espaço d'hum mez, aproveitando-se deste tempo para conferir os pontos duvidozos com pessoas inteligentes, e peritas, que communicem á Vossa mercê a luz necessaria para o acerto.

A que horas principiou o Terremoto do primeiro de Novembro, e que tempo durou?

Se se percebeu, que fosse maior o impulso de huma parte, que de outra, v.g. do Norte para o Sul, ou pelo contrario, e se parece, que cahiraõ mais ruinas, para huma, que para outra parte?

Que numero de cazas arruinaria em cada Freguezia, se havia nella edificios notaveis, e o estado, em que ficaraõ?

Que Pessoas morreraõ, se algumas eraõ distintas?

Que novidade se vio no mar, nas fontes, e nos rios?

Se a maré vazou primeiro, ou encheu? Quantos palmos cresceu mais do ordinario? Quantas vezes se percebeu o fluxo, e refluxo extraordinario¹⁶⁶? Se se reparou, que tempo gastava em baxar a agoa, e quanto em tornar a encher?

Se abriu a Terra algumas boccas, o que nellas se notou, e se rebentou alguma fonte de novo?

¹⁶⁵ O *Interrogatório* que aqui se publica guarda-se em: TT – *Ministério do Reino*: Informações de Jurisdição Eclesiástica – Informação dos Párcos sobre o Terramoto em Lisboa, Distrito de Coimbra, m. 638.

¹⁶⁶ No original está grafado «*extraordinrio*».

Que providencias se deraõ immediatamente em cada lugar pelo Ecclesiastico, pelos Militares, e pelos Ministros?

Que Terremotos tem repetido depois do primeiro de Novembro, em que tempo, e que damno tem feito?

Se há memoria de que em algum tempo houvesse Terremoto, e que damno fez em cada lugar?

Que numero de Pessoas tem cada huma Freguezia declarando se poder ser, quantas há de diferente Sexo?

Se se experimentou alguma falta de mantimentos?

Se houve incendio, que tempo durou, e que damno fez?

Dada em Coimbra no nosso Palacio Episcopal sob nosso signal e Sello das nossas Armas aos 11 de Fevereiro de 1756.

D. Miguel Bispo Conde

8. O questionário das *Informações Paroquiais de 1758*¹⁶⁷

O QUE SE PROCURA SABER dessa terra he o seguinte.

Venha tudo escrito em letra legivel, e sem breves.

- 1 Em que Provincia fica, a que Bispado, Comarca, Termo, e Freguesia pertence?
- 2 Se he delRey, ou de Donatario, e quem o he ao presente?
- 3 Quantos visinhos tem?¹⁶⁸
- 4 Se está situada em campina, valle, ou monte, e que povoações se descobrem della, e quanto dista?
- 5 Se tem Termo seu, que Lugares, ou Aldeas comprehende, como se chamaõ, e quantos visinhos tem?
- 6 Se a Paroquia está fóra do Lugar, ou dentro delle, e quantos Lugares, ou Aldeas tem a Freguesia, todos pelos seus nomes?
- 7 Qual he o seu Orago, quantos Altares tem, e de que Santos, quantas naves tem; se tem Irmandades, quantas, e de que Santos?
- 8 Se o Paroco he Cura, Vigario, ou Reytor, ou Prior, ou Abbade, e de que apresentação he, e que renda tem?
- 9 Se tem Beneficiados, quantos, e que renda tem, e quem os apresenta?
- 10 Se tem Conventos, e de que Religiosos, ou Religiosas, e quem são os seus Padroeiros?
- 11 Se tem Hospital, quem o administra, e que renda tem?
- 12 Se tem Casa de Misericordia, e qual foy a sua origem, e que renda tem; e o que houver notavel em qualquer destas cousas?
- 13 Se tem algumas Ermidas, e de que Santos, e se estaõ dentro, ou fóra do Lugar, e a quem pertencem?
- 14 Se acode a ellas romagem, sempre, ou em alguns dias do anno, e quaes são estes?
- 15 Quaes são os frutos da terra, que os moradores recolhem em mayor abundancia?

¹⁶⁷ O *Interrogatório* que aqui se publica guarda-se em: BNP – *Manuscritos (MSS.)*: cx. 5, n.º 3.

¹⁶⁸ À mão, está acrescentado: «e o numero das pessoas».

- 16 Se tem Juiz ordinario &c., Camera, ou se está sujeita ao governo das Justiças de outra terra, e qual he esta?
- 17 Se he Couto, Cabeça de Concelho, Honra, ou Behetrâ?
- 18 Se ha memoria de que florecessem, ou della sahisses alguns homens insignes por virtudes, letras, ou armas?
- 19 Se tem feira, e em que dias, e quantos dura, se he franca, ou cativa?
- 20 Se tem Correyo, e em que dias da semana chega, e parte, e se o não tem, de que Correyo se serve, e quanto dista a terra aonde elle chega?
- 21 Quanto dista da Cidade Capital do Bispado, e quanto de Lisboa, Capital do Reyno?
- 22 Se tem alguns privilegios, antiguidades, ou outras cousas dignas de memoria?
- 23 Se ha na terra, ou perto della alguma fonte, ou lagôa celebre, e se as suas aguas tem alguma especial qualidade?
- 24 Se for porto de mar, descreva-se o sitio, que tem por arte, ou por natureza, as embarcações, que o frequentaõ, e que póde admittir?
- 25 Se a terra for murada, diga-se a qualidade de seus muros: se for Praça de armas, descreva-se a sua fortificaçaõ. Se ha nella, ou no seu districto algum Castello, ou Torre antiga, e em que estado se acha ao presente?
- 26 Se padeceo alguma ruina no terremoto de 1755, e em que, e se está já reparada?
- 27 E tudo mais, que houver digno de memoria, de que não faça mençaõ o presente Interrogatorio.

O QUE SE PROCURA SABER

dessa Serra he o seguinte.

- 1 Como se chama?
- 2 Quantas legoas tem de comprimento, e quantas de largura, onde principia, e onde acaba?
- 3 Os nomes dos principaes braços della?
- 4 Que rios nascem dentro do seu sitio, e algumas propriedades mais notaveis delles; as partes para onde correm, e onde fenecem?
- 5 Que Villas, e Lugares estaõ assim na Serra; como ao longo della?

- 6 Se ha no seu districto algumas fontes de propriedades raras?
- 7 Se ha na Serra minas de metaes, ou canteiras de pedras, ou de outros materiaes de estimação?
- 8 De que plantas, ou ervas medicinaes he a Serra povoada, e se se cultiva em algumas partes, e de que generos de frutos he mais abundante?
- 9 Se ha na Serra alguns Mosteiros, Igrejas de romagem, ou Imagens milagrosas?
- 10 A qualidade do seu temperamento?
- 11 Se ha nella creações de gados, ou de outros animaes, ou caça.
- 12 Se tem alguma lagôa, ou fojos notaveis?
- 13 E tudo o mais que houver digno de memoria?

**O QUE SE PROCURA SABER
do rio dessa terra he o seguinte.**

- 1 Como se chama, assim o rio, como o sitio onde nasce?
- 2 Se nasce logo caudaloso, e se corre todo o anno?
- 3 Que outros rios entraõ nelle, e em que sitio?
- 4 Se he navegavel, e de que embarcações he capaz?
- 5 Se he de curso arrebatado, ou quieto, em toda a sua distancia, ou em alguma parte della?
- 6 Se corre de Norte a Sul, se de Sul a Norte, se de Poente a Nascente, se de Nascente a Poente?
- 7 Se cria peixes, e de que especie são os que traz em mayor abundancia?
- 8 Se ha nelle pescarias, e em que tempo do anno?
- 9 Se as pescarias são livres, ou de algum Senhor particular, em todo o rio, ou em alguma parte delle?
- 10 Se se cultivaõ as suas margens, e se tem muito arvoredo de fruto, ou silvestre?
- 11 Se tem alguma virtude particular as suas aguas.
- 12 Se conserva sempre o mesmo nome, ou o começa a ter differente em algumas partes, e como se chamaõ estas, ou se ha memoria de que em outro tempo tivesse outro nome?
- 13 Se morre no mar, ou em outro rio, e como se chama este, e o sitio em que entra nelle?

- 14 Se tem alguma cachoeira, repreza, levada, ou açudes, que lhe embarquem o ser navegavel?
- 15 Se tem pontes de cantaria ou de pao, quantas, e em que sitio?
- 16 Se tem moinhos, lagares de azeite, pizoens, noras, ou outro algum engenho?
- 17 Se em algum tempo, ou no presente se tirou ouro de suas areas?
- 18 Se os póvos usam livremente das suas aguas para a cultura dos campos, ou com alguma pensão?
- 19 Quantas legoas tem o rio, e as povoações por onde passa, desde o seu nascimento até onde acaba?
- 20 E qualquer outra cousa notavel, que não va neste Interrogatorio.

9. O questionário das *Informações Paroquiais de 1763*¹⁶⁹

J. M. J.

Da veridica, e exacta averiguação sobre a materia conteûda nos interrogatorios abaixo insertos, depende o acerto de huma geografia que se pertende fazer: para o que, na fórma da ordem, que tenho do Excellen-tissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo Conde, se faz precizo, que Vm. informe, com individuação, sobre o exposto em todos e cada hum dos ditos interrogatorios; a qual informação com esta em carta fechada me remeterá a esta Cidade com a mais possivel brevidade por via do P. Francisco da Silva assistente no Collegio que foi da Companhia, sendo a mesma informação jurada. Deos guarde a Vm. muitos annos. Coimbra 25. de Fevereiro de 1763.

O Provizor do Bispado.

170

O que se pertende saber he o seguinte.

1. Como se chama essa terra?
2. Qual he o Orago da Freguezia?
3. Que titulo tem o Paroco, se he Prior, Reitor, ou Cura?
4. Quem apresenta a Igreja?
5. Quanto rende ao Paroco reduzido a dinheiro o que for em especie?
6. Quantas legoas dista de Lisboa, e quantas de Coimbra?
7. Quantos fogos tem toda a freguezia?

¹⁶⁹ O *Interrogatório* que aqui se publica guarda-se em: AUC – *Cabido da Sé de Coimbra: “Informações que se houveram a respeito de algumas das Igrejas da cidade e Bispado de Coimbra”* (III, 1.^a D, 7, 5, 42).

¹⁷⁰ Este exemplar do *Interrogatório* ostenta a seguinte assinatura autógrafa: «Manuel Roiz. Teixeira».

10. O questionário das *Informações Paroquiais de 1775*¹⁷¹

Em virtude da santa obediência e sob pena de se lhe dar em culpa, mando que, tanto que esta Ordem-circular lhe for apresentada, logo sem demora, havidas as precisas notícias, dentro do peremptório termo de seis dias primeiros seguintes dê e em carta selada remeta e faça entregar ao escrivão da Câmara Eclesiástica, que esta subscreveu, uma fiel e exacta informação jurada e de sua própria letra e sinal sobre os interrogatórios infra-escritos, passada do pé da cópia dos mesmos interrogatórios que pelo dito escrivão há-de ir assinada e lhe será entregue, para a deixar ficar em seu poder e como dito fica do pé dela dar a sua informação, e esta Ordem logo depois de a ler a tornará a entregar a quem lhe apresentar dando ao pé dela recibo de como a viu e leu, e para lhe dar pronta execução fica em seu poder a cópia dos ditos interrogatórios que são os seguintes:

1.º – Qual é o santo titular dessa igreja e freguesia, em que vila ou lugar está sita a igreja e quantas léguas dista desta Cidade; se é matriz ou filial e anexa, e de que igreja; com que freguesia ou freguesias confina a paróquia, em que distância e de que banda, se é do nascente, poente, norte ou sul que confina com elas; e se por essa freguesia ou junto dela discorre algum rio ou estrada real, como se chama e de que parte discorre, se do nascente, poente, norte ou sul?

2.º – Se o reverendo pároco dessa igreja é perpétuo ou anual e amovível, como se intitula, se prior, vigário, reitor ou cura, e quem costuma apresentá-lo; e se o mesmo reverendo pároco percebe em todo ou em parte os dízimos dessa igreja, ou quem os percebe, e quanto eles poderão render em cada ano, regulados uns por outros de cinco anos a esta parte?

¹⁷¹ Embora se desconheça se o Inquérito de 1775 foi enviado aos párocos da Diocese de Coimbra, publica-se aqui o *Interrogatório* da Diocese de Aveiro na esperança de que algum investigador o encontre e para uso dos que se dedicam ao estudo de alguma das antigas freguesias da Diocese de Coimbra que, em 1774, se incorporaram na então criada Diocese de Aveiro. Extraímos o texto de: P.º João Gonçalves Gaspar, *A Diocese de Aveiro no Século XVIII. Um inquérito de 22 de Setembro de 1775* (Sep. do jornal *Correio do Vouga*, Ano 43, n.º 2161, 7-IX-1973 e ss.), Aveiro, 1974, pp. 14-15. À data desta publicação, a carta-circular achava-se guardada na Cúria Diocesana de Aveiro (*Ibidem*, p. 15, nota 1).

3.º – Se essa igreja é colegiada, quantos benefícios tem, quem os apresenta, se são perpétuos, simples ou com obrigação de cura de almas, se o seu rendimento consiste em cômgrua certa, e quem a paga, ou em frutos e benesses, quanto importa o rendimento certo e o incerto de cada benefício anualmente, regulado o de um ano pelos outros de cinco a esta parte?

4.º – Quem tem obrigação de reedificar, ornar e paramentar a capela-mor e a sacristia dessa igreja, e quanto se dispõe anualmente na fábrica, ornato e paramentos dela, regulados uns anos pelos outros?

5.º – Se, além do reverendo pároco principal, há nessa igreja e freguesia um ou mais curas coadjutores, perpétuos ou amovíveis, quem os apresenta, quanto tem cada um de cômgrua anual e quem costuma satisfazer-lha?

6.º – Em que consiste o rendimento anual do reverendo pároco principal dessa igreja, se em todos ou parte dos dízimos, frutos e pé-de-altar ou em cômgrua anual, quem lha paga e quanto importa o rendimento certo e o incerto anualmente, regulados uns anos pelos outros, abatidas as despesas de cômgruas e quaisquer outros encargos anexos, com declaração da quantidade e qualidade das mesmas despesas anualmente?

7.º – Se essa igreja e frutos dela se acham gravados com alguma pensão eclesiástica, perpétua ou *ad tempus*, de quanto em cada ano, a favor de quem e com que autoridade se acha neles imposta?

II

Respostas aos Inquéritos

A pensar nos estudantes universitários e nos investigadores de História local ainda não familiarizados com as *Informações Paroquiais*, depois de as termos historiado e tentado mostrar o seu valor como fonte histórica, publicamos agora alguns exemplares de cada uma das séries disponíveis. Na sua transcrição e edição, orientámo-nos pelos critérios atrás explicitados no capítulo 6.

1. Informações Paroquiais de 1717

Publicamos como exemplo a resposta do prior da Colegiada de São Bartolomeu, deixando expresso o facto de as restantes respostas relativas às demais igrejas colegiadas da cidade de Coimbra serem mais sucintas.

1717 MAIO, 30, Coimbra – *Resposta do prior da Colegiada de São Bartolomeu, de Coimbra, ao Inquérito ordenado pelo núncio apostólico.*

AUC – *Cabido da Sé de Coimbra: “Informações que se houveram a respeito de algumas das Igrejas da cidade e Bispado de Coimbra”* (III, 1.^a D, 7, 5, 42).

Satisfazendo a huma Prouizão, que me foy apresentáda do Illustrissimo Senhor Bispo Conde pela qual me mandaua, como Prior desta Igreja de São Bartolomeu de Coimbra, dizesse com toda a clareza, e verdade, quantos benifícios tinha esta collegiada; o que rendia cada hum, assim de fruttos certos, como inçertos; e vendo os liuros das rendas desta minha Igreja, como tambem os do celeyro para dar cabal satisfação á Prouizão do dito Senhor achey, o que no rol abaxo decláro com aquella verdade, que se me pedia, e na dita Prouizão se me recomendaua.

Tem esta Igreja déz benifícios.

Tem de trigo sabido trezentos e quarenta alqueyres; destes se tirão 13. reços, déz para os déz Benifiziados, duas para o Prior, e huma para o Priestte, com que nesta forma cabe a cada reção de fruttos certos vinte, e sinco alqueyres; e com os jnçertos hum anno por outro virá a cada reção trinta alqueyres.

Tem de milho sabido quatro centos, e sessenta e sete alqueyres; destes se tirão 13. reços, déz para os déz Benefiziados, duas para o Prior, e huma para o Priestte, tirando sse tambem duzentas, e sincoenta e seis fangas que cada huma he menos, que alqueyre para o aprestimo do Prior; com que nesta forma tirando sse as 13. reços, e o apréstimo cabe a cada reção 17.

alqueires de milho de frutos çertos, e com os jnçertos hum anno por outro virá a cada reção 35. alqueires.

Tem de azeyte sabido quatorze alqueires de frutos çértos, e com os jnçertos virá a cada reção, hum anno por outro a 18. alqueires.

Item vinho hum anno por outro virá a cada reção a vinte almudes.

Item de capois sabido, cada anno dous mil reis a cada reção.

Item de huma renda da Lamaroza, que he de vinho que dão por elle vinte, e quatro mil reis, cabe a cada reção dous mil reis por não entrár o Priostte; e ficão somente doze reços entrando as duas do Prior; o quá se acha com a dita sua Igreja pençionáda com vinte, e sinco mil reis. Como tambem o Beneficiado Manoel dos Reis, com sinco mil reis de penção no seu beneficio, que tem nesta Igreja.

Coimbra 30. de Máyo de 1717.

(Ass.) O Prior Manoel Lopez Teyxeira

2. *Informações Paroquiais de 1721*

Começamos por publicar uma resposta de um pároco ao Inquérito de 1721 para de seguida vermos a sua súmula nas “*Noticias das Igrejas do Bispado de Coimbra*”.

1721 MAIO, 24, Ferreira do Zêzere – *Resposta do prior encomendado da Paróquia de São Miguel de Ferreira do Zêzere ao inquérito enviado pelo Cabido da Sé de Coimbra por determinação da Academia Real da História Portuguesa.*

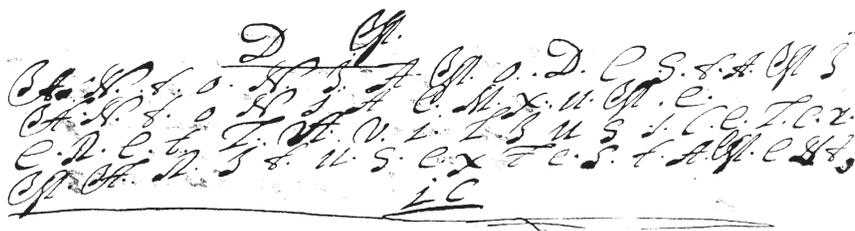
AUC – *Cabido da Sé de Coimbra: Informações Paroquiais de 1721* (III, 1.^a D, 5, 4, 28, doc. 108)

Em comprimento de huma ordem do Muito Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Cabbido da Santa See da Cidade de Coimbra para se fazer nesta freguezia de São Miguel da Villa de Ferreyra, a deligencia nella contheuda, fis toda a deligencia posiuel e as notiçias que achey são as que se seguem.

1. Achey hauer nesta freguezia quatro ermidas, huma de Santo Antonio no simo desta Villa; esta outra ermida de Nossa Senhora da Conceyção no lugar dos Carvalhaes; e no Lugar da Perotinha outra que he de São Siluestre ja aruinada; e de todas estas não consta de sua erecção, nem são de peçoas particulares, nem a ellas se ha feyta obrigação alguma; ha outra ermida do Senhor São Pedro do Casto, Apostollo, que esta em a imenencia de hum outeyro muito fragozo e accliue¹⁷², e mesmo se chama o outeyro de São Pedro; a este cerca de huma parte o Rio Zezere com hum grande pego de grande altura e comprimento, tambem por grandeza se chama o Pego de São Pedro; e de outra parte corre hum ribeiro chamado do Casto, por sahir de hum valle, que se chama do Casto, no fundo do qual está esta ermida no seu outeyro donde, parece thomaria a invocação de

¹⁷² *Aclive* significa «*íngreme, ladeirento, áspero, escabroso*» (António de Morais Silva, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10.^a ed., vol. I, Lisboa, Editorial Confluência, 1949, s.v. «*aclive*¹»).

São Pedro Casto. He esta de pedra branca, laurada, mas pouco polida com sua cappellinha, porem tudo ao Antigo; mostra esta obra ser creada de algum grande edefiço ja aruinado, porque nas mesmas paredes se deuisão pedras que não forão feitas para aquella obra, porquanto nellas se vem buracos, e trancadouros como de portas e outras demazias muitas que não herão neccessarias para os lugares em que estão; tem esta ermida sobre a porta principal, que he de arco, hum letreyro que esta em huma pedra ja resgada pelo meyo, mas bem se devizão as letras, que são portuguezas, e redondas, mas não se sabe entender, supposto muitos curiozos e de entendimento tem feyto esta deligencia; he este na forma seguinte¹⁷³.



Esta esta milagroza Imagem do Senhor São Pedro na sua cappellinha com hum nicho de madeira quasi como oratorio com alguma lemittada pintura; he de tanta deuoção e concurrencia dos fieis Christãos, que em alguns tempos do anno se acha visitarem esta deuota Imagem dentro de vinte e quatro horas mais de duas mil peçoas, e por todo o anno sempre se continua esta deuoção por muitos deuotos; he de muitos milagres, e tem muitos na sua cappellinha assim de çera de diversos modos, como de fungas¹⁷⁴, de quebrados, e quadros de milagres que tem feito e se vay continuando com esta deuoção, por diuersas partes; por todo este outeyro do Senhor São Pedro se acha muita quantidade de pedras brancas, e lavradas, e muitas dellas enterradas que pouco, a pouco vão apparecendo pelo discurso dos annos. Algumas destas mostrão ser, como bazes,

¹⁷³ Várias leituras epigráficas desta inscrição podem obter-se em: Carlos Batata e Paulo Arsénio, *Carta Arqueológica do Concelho de Ferreira do Zêzere*, Ferreira do Zêzere, Câmara Municipal – OZECARUS, 2006, pp. 102-103.

¹⁷⁴ «Fungas» refere-se, possivelmente, à doença infecto-contagiosa conhecida popularmente, também, como *esgana*.

e outras capiteis de colunas, outras redondas e compridas, e outras com alguns ramos, e feytios, e algumas de tanta grandeza assim por todo o outeyro, como nas paredes da ermida que não seria posiuel nestes tempos, leva llas a este sitio assim pela iminencia do outeyro como pelas serventias proximas a este sitio, por serem por serras muito fragozas e leuantadas; tambem se achão muitos e muitos alicerçes de paredes em boa distancia com que se acha deuercidade de pedras que mostram não serem obradas para os lugares em que se vão descobrindo.

2. Não ha Capella alguma nem Reliquia de Santo ou Santa.

3. Tem esta freguezia duzentos e sincoenta, e quatro fogos; nella não ha Mosteyro, nem Caza de Mizericordia, Hospital, Recolhimento algum.

4. Acha sse na Cappella Mor desta Igreja huma pedra com hum letreyro que eu algum tempo lii que dis: O Leçenciado Gaspar Dias Prior desta Igreja mandou fazer esta Cappella a sua custa; não me lembro da datta delle. Hoje se não pode ler por ser cayado muitas vezes; tambem se acham algumas sepulturas com os letreyros seguintes: Sepultura de Fernando Barrozo de Souza que foi Capitão de infantaria, escriuão da Camera, judicial e notas nesta Villa de Ferreyra, faleceo em os 3. de Fevereyro de 1638. Acha se mais outra sepultura com este letreyro: Sepultura de Simão Barrozo, e seus herdeyros. Tambem na Cappella Mor desta Igreja está outra sepultura que tambem tem letreyro mas não se diuizão as mais das letras delle; dizem ser dos comendadores desta que hoje he o Senhor Conde das Sarzedas. Tambem esta hum letreyro na Caza da Camera desta Villa que se não lee por ser de letra gotica e antiga¹⁷⁵.

5. Nesta Igreja não ha Cartorio, nem memoria alguma antiga.

6. Esta Igreja não he Colegial nem nella ha Beneficio algum ou Coadjutor.

¹⁷⁵ Pode obter-se a leitura desta epígrafe aqui: António Baião, *A Vila e o Concelho de Ferreira do Zêzere. Apontamentos para a sua História Documentada*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1918, p. 34.

7. Achão sse nesta Igreja sinco liuros; cada hum delles he de baptizados, cazados, e defuntos; em hum delles se não acha principio; tem o primeiro acento feito aos .27. do mes de Julho da Era de 1580; o segundo principiou aos .6. de Julho de 1637; o terceyro principiou a .6. de Abril de 1633 [*sic*]; o quarto principiou a .16. de Outubro de 1672; o quinto teve principio a .2. de Setembro de 1693; e o que de presente serue não ha noticia delle por estar o Reverendo Prior auzente; supposto vou acentando os baptizados, cazados, e defuntos em hum livro meo para delle os passar ao livro que ha de presente, se appareçer.

8. Nesta freguezia não ha memoria de varão algum insigne, asim em Letras, como em Vertudes.

Estas são as noticias que sey, e pude achar nesta freguezia acerca dos Interrogatorios contheudos na hordem incluza; assim o certificado, e juro in verbo sacerdotis. Hoje 24 de Maio de 1721 annos.

(Ass.) O Prior encomendado
Manoel Nunes Gonçalves

3. “Noticias das Igrejas do Bispado de Coimbra”

Para se poder comparar a resposta original de um pároco ao Inquérito de 1721 com a sùmula constante das “Noticias das Igrejas do Bispado de Coimbra”, transcrevemos o seguinte exemplo, exactamente da mesma paróquia:

1721¹⁷⁶ – *Informações da Paróquia de São Miguel de Ferreira do Zêzere extraídas das* “Noticias das Igrejas do Bispado de Coimbra”.

BNP – *Manuscritos (COD.):* Códice 148: “Noticias das Igrejas do Bispado de Coimbra”, n.º 24, fl. 157 v.º.

A igreja de Sam Miguel de Ferreyra he Priorado.

Ha nesta freguezia 4 ermidas, huma de Santo Antonio no simo. No Lugar dos Carvalhais a de Nossa Senhora da Conceyção. No Lugar da Perotinha huma de Sam Sylvestre. Ha outra ermida do Gloriozo Sam Pedro Apostolo imagem muito milagroza e de innumerauel concurso de gente.

Tem esta freguezia 254 fogos.

Ha nesta igreja sinco liuros de batizados, cazados, e defuntos, o 1.º do anno de 1580, o 2.º do anno de 1637, o 3.º do anno de 1643¹⁷⁷, o 4.º do anno de 1672, o 5.º do anno de 1693, que de prezente serue.

¹⁷⁶ A data da *informação* reporta-se a 1721. Mas as “Noticias das Igrejas do Bispado de Coimbra”, elaboradas pelos cónegos Pantaleão Pereira de Sampaio e Manuel Moreira Rebelo, terão sido redigidas entre 1721 e 1723, ano em que foram enviadas para a Academia Real da História Portuguesa. Vide «O livro 2.º da correspondência expedida e recebida pela Academia Real de História», in *O Arqueologo Português*, vol. XXVI (1923-1924), p. 84.

¹⁷⁷ Na resposta original do pároco está grafado «1633».

4. “Noticia das Villas e Lugares da Comarca de Coimbra”

Publicamos aqui a *notícia* do Concelho de Ansião, enviada pelo seu juiz, Manuel Rodrigues, ao provedor da Comarca de Coimbra, em 1721. Muitas destas *notícias* apresentam dificuldades especiais de leitura. Os juizes e escrivães destes concelhos e sobretudo das vintenas eram pessoas de escassa cultura e de reduzida experiência prática na escrita, produzindo textos pouco legíveis, mesmo para os seus contemporâneos. Depois publica-se a sua súmula retirada do “*Extracto das Noticias que o Doutor Bertolameu de Macedo Malheiro, Provedor da Comarca de Coimbra, remeteo á Academia Real da Historia Portugueza no anno de 1721*”.

[1721, Ansião] – *Informações do Concelho de Ansião, dadas pelo seu juiz, Manuel Rodrigues, em resposta ao pedido do provedor da Comarca de Coimbra, extraídas da “Noticia das Villas e Lugares da Comarca de Coimbra”*.

BNP – *Manuscritos (COD.)*: Códice 212: “*Noticia das Villas e Lugares da Comarca de Coimbra*”, fls. 48-49 v.º.

Lista das Cappellas, Morgados, Confrarias e moradores desta uilla de Ancião na forma que melhor se pode fazer pela ordem e roteiro que mandou (?) da prouedoria da Comarca de Coimbra e he o seguinte:

Item hum Morgado que instituiu o Reverendo Vigario que foi na Igreja desta uilla de Ancião Agostinho Vas de Almeida de que he adeministrador do dito morgado de parte delle Manoel Carualho morador nesta dita uilla.

Item a Cappella que instituiu João Freire desta uilla aos 18 de Outubro de 1603; parte della possui Luisa Freire desta uilla que manda dizer 24 missas e outra parte a possui Domingos Freire que manda dizer 18 missas morador na mesma uilla.

Item a Cappella que instituiu Manuel < Vas > do Moinho das Moitas deste termo; he possuidor della Heitor de Ssa Gonsalves; des missas manda dizer cad’hum anno.

Item a Cappella que instituiu Joana Bautista do Moinho d'Alem da Ponte termo desta uilla feita a dita instituissão aos 13 de Setembro de 1696 annos; he possuidor e administrador della Manoel Matheus do mesmo termo; manda dizer quatro missas cad'hum anno.

Item hum Morgado que instituiu o Doutor Antonio dos Santos conigo que foi na cidade de Lamego que parte delle esta nesta uilla; he adeministrador delle Manoel dos Santos da Guarda termo da uilla do Rabacal que auera 25 annos que foi instituido.

Item fes mais o dito Doutor huma Igreja de Mesericordia que não tem rendas á qual se anexou huma Albergaria de Nossa Senhora da Conseqião.

Item ha nesta Igreja a Irimandade [*sic*] do Santissimo Sacramento.

Item a Confraria das Almas.

Item a Confraria de Nossa Senhora do Rozairo.

Item a Confraria do Esperito Santo Deus, e todas pobres.

Item a Cappella que instituiu João Silueiro do Escampado; he possuidor della João Mendes do mesmo lugar; manda dizer 20 missas; sera instituida ha 50 annos.

Item a Cappella que instituiu a molher do dito João Silueiro, ha os ditos annos; he possuidor della Luis dos Santos do dito lugar; manda dizer 20 missas cad'hum anno.

Item Cappella que instituiu Martinho Saldanha do Escampado; he adeministrador Manoel Rodrigues do dito lugar; manda dizer 20 missas cad'hum anno.

Item Cappella que possui Manoel Freire Gameiro nesta uilla e o dito adeministrador assiste em Torres Novas.

Item Cappella que he adeministrador o padre Luis de Carualho desta uilla de Ancião.

Item a Cappella que he adeministrador o padre Bertollameu Barros desta uilla.

Item ha nesta uilla hum padrão que mandou fazer o Conde da Iriceira que ho qual consta que o Senhor Rey fes merce do lugar de Ancião ao Conde da Iriceira fazendo uilla tirando a da jurisdição de Coimbra auera 41 annos.

Item está esta uilla de Ancião situada em hum baixo; tem no principio della uma ponte de pedra por donde passa de jnuerno hum rio de agoa; o pe da uilla em huma penha nasce huma famoza leuada de agoa; o pe do dito olho de agoa estam¹⁷⁸ huns moinhos e lagar de azeite; e pela dita penha lanca peixes a agoa quando rebenta e ha tradição antiquissima que he fabrica dos mouros e pondo sse alguns coriozos com os ouidos o pe da penha por donde rebenta a dita agoa dizem que ouuem correr hum rio e muitos afirmão que auendo braco real se podia tirar a dita agoa e dar muito proueito os pouos para se regarem as fazendas.

Item esta como fica dito a uilla de Ancião em huma planicia baixa que do lado direito e esquerdo tem outeiros asperos e fragozos de pedra com muitos carualhos, oliuais e penhais.

Item tem a dita uilla corenta e sete moradores asim na dita uilla como alguns que morão contigos a dita uilla.

Item ha hum casal a que chamão o Casal do Peras situado em hum oiteiro que tem dois moradores.

Item tem a uilla por termo o lugar do Escampado que esta situado em hum outeiro alto e fragozo de pedras e montuozo, todo coberto de aruores asim de carualhos como oliuais; tem quarenta e quatro moradores.

¹⁷⁸ No documento está grafado «esta».

Item tem a dita uilla e termo nouenta e tres moradores.

Esta he a relação que melhor se pode fazer; e não hiram (?) os instituidores e a hera em que forão instituidas as cappellas e morgados foi por me não apresentarem as istituições a que assistem na minha jurisdição mandando as testificar para as inuiarem por hum offecial perante mim e eu Manoel Godinho da Silua escriuão da camera a fiz (?), escreui e asinej com o dito juis.

(Ass.) Manoel Godinho da Sylua

(Ass.) Manoel Rodrigues
juiz

5. “Extracto das Noticias”

O “*Extracto das Noticias que o Doutor Bertolameu de Macedo Malheiro, Provedor da Comarca de Coimbra, remeteo á Academia Real da Historia Portugueza no anno de 1721*” é, como o título deixa expresso uma súmula das respostas dos concelhos e das vintenas dirigidas ao provedor da Comarca de Coimbra.

No caso presente, perante as excepcionais dificuldades de leitura da resposta do juiz de Ansião, o redactor do “*Extracto*” conferiu ao seu texto uma redacção formalmente bastante distinta do documento inicial.

[1721, Coimbra] – *Notícia sobre a vila de Ansião, retirada do “Extracto das Noticias que o Doutor Bertolameu de Macedo Malheiro, Provedor da Comarca de Coimbra, remeteo á Academia Real da Historia Portugueza no anno de 1721”.*

BNP – *Manuscritos (COD.):* Códice 108: *Extracto das Noticias que o Doutor Bertolameu de Macedo Malheiro, Provedor da Comarca de Coimbra, remeteo á Academia Real da Historia Portugueza no anno de 1721*, fls. 27 v.º-28 v.º.

Villa de Ancião.

Noticia da Villa de Ancião da Comarca de Coimbra, a qual deu o Juiz Ordinario della Manoel Roiz, sobscripta, e assinada tambem por Manoel Godinho da Silva, Escrivão daquella Camera, e não tem data.

A Villa de Ancião està situada em huma planicie baixa, que do lado direito, e esquerdo tem outeiros asperos, e fragozos de pedras com muitos carvalhos, olivais, e pinhaes. Hà no principio della huma ponte de pedra por onde passa de Inverno hum rio. Ao pè desta Villa nasce de huma penha huma famosa leuada de agoa com que moem huñs moinhos, e hum lagar de azeite que ficão junto ao seu nascimento. Quando rebenta a agoa da dita penha lança de si peixes, que consigo tras das entranhas da mesma penha, e ha tradição vaga, e antiquissima ser fabrica de Mouros; e pondose alguñs curiosos com os ouvidos ao pè daquella penha por onde rebenta a dita

agoa dizem que ouvem correr hum rio, e muitos affirmão que se houuesse braço real para as despezas, se podia tirar a dita agoa, e dar com ella muito proveito aos povos para regarem suas fazendas.

Tem esta Villa de Ancião 47. moradores.

Tem hum cazal chamado Cazal de Peras situado em hum outeiro com 2. moradores.

Tem por termo a dita Villa o lugar do Escampado situado em hum outeiro alto, e fragoso de pedras todo cuberto de carvalhos, e olivais, com 44. moradores, e por todos entre Villa e termo são 93.

Ha na sobredita Villa hum Padrão, que mandou fazer o Conde da Ericeyra do qual consta que o Senhor Rey lhe fez mercè do lugar de Ancião, e o fez Villa tirando o da jurisdição de Coimbra, hauerà 41. anos.

Morgados, e Capellas.

Hà na dita Villa hum morgado que instituhio o Padre Agostinho Vaz de Almeida, Vigário que foi da Igreja da mesma Villa cujo Orago he de Nossa Senhora; não declara o tempo da instituição.

A Capella que em 18. de Outubro de 1603. instituhio João Freire da dita Villa, com obrigação de 42. missas, e tem dous possuidores: hum manda dizer 24. missas, e outro manda dizer 18.

A Capella que instituhio Manoel Vaz do Moinho das Moutas termo da dita Villa com obrigação de 10. missas, e não diz o tempo da instituição.

A Capella que instituhio Joanna Bautista do Moinho d'Álem da Ponte em 13. de Setembro de 1696. com a obrigação de 4. missas.

O morgado que instituhio o Doutor Antonio dos Santos, Conego que foi na Seè de Lamego, parte do qual està na dita Villa, e declara que haverà 25. annos que foi instituhido. Declara porem que o dito Conego fez a Igreja da Misericordia desta Villa, que nam tem rendas, e que a ella se annexou huma albergaria de Nossa Senhora da Conceição. Declara que na dita Igreja ha 4. confrarias, ou irmandades, a saber, a do Santissimo Sacramento, a das Almas, a de Nossa Senhora do Rozario, e a do Espirito Santo.

A Capella que hauerà 50. annos instituhio João Siluerio do Escampado com obrigação de 20. missas.

Cappella que instituhio Martinho Saldanha do Escampado (não diz quando) com obrigação de 20. missas.

Capella que possue Manoel Freire Gameiro, não diz o instituidor, nem o tempo.

Capella que administra o Padre Luis de Carvalho da dita Villa de Anciã, não diz o instituidor, nem o tempo.

Capella que administra o Padre Bertolameu de Barros da dita Villa não diz o instituidor, nem o tempo.

Capella que instituiu a mulher de João Siluerio atrás mencionado, hauerà os mesmos 50. annos com obrigação de 20. missas.

6. “*Memorias Geographicas e Historicas da Comarca de Coimbra*”

Publicamos aqui dois dos textos das “*Memorias Geographicas e Historicas da Comarca de Coimbra*”: o primeiro sobre o Mondego e a sua ponte coimbrã, já redigido de uma forma mais literária; o segundo comportando a forma de simples resposta ao interrogatório da Provedoria de Coimbra conforme o questionário da Academia Real da História Portuguesa, de 1721.

Doc. 1

[1721, Coimbra] – “Descrição do Rio Mondego” *extraída das “Memorias Geographicas e Historicas da Comarca de Coimbra”*.

BNP – *Manuscritos (COD.)*: Códice 213: “*Memorias Geographicas e Historicas da Comarca de Coimbra*”, fls. 1-2 v.º.

Descrição do Rio Mondego.

Na descrição do Bispado de Coimbra deue ter hum illustre lugar, o Rio Mondego por ser hum dos maes çellebres¹⁷⁹ da nossa Luzitania. Nasçe o Mondego no monte Hermineo, chamado vulgarmente Serra da Estrella, ou por ter em sj hum penedo figurado à maneira de Estrella, ou por aparecer sobre este monte huma Estrella da primeira grandeza, que alguns dizem ser a Estrella Dalva à que a Lingoa Latina dá o nome de Luçifero, e aduerte hum Author moderno, que alli houuera hum templo intitulado com este mesmo nome. Corre este Rio para o poente, e depois de ter visitado a çellebre Cidade de Coimbra, vaj pagar o tributo das suas aguas ao már oceano junto à Villa de Buarcos. Hé das poucas legoas a sua corrente, e tão plaçida, que parece espelho de cristal que se não moue, com esta tranquillidade tão fermoza, e aprazivel, não só fertiliza, mas fas allegres, e deleitauéis aos olhos os campos por onde passa; porem quando acontece receber em sj as cheas cauzadas, ou das neves, que em grande copia se derretem, ou das agoas, que nelle arrojão os montes, por entre os quaes fas

¹⁷⁹ No documento está grafado «çellebre».

o seu costumado curso, innunda tão soberbo, e hé tão espantozo, o furor com que caminha que arrebatá às arvores inteiras, o gado grosso, e meudo, e às vezes¹⁸⁰ athe as mesmas cazas com danno irreparavel das lauoiras, dos campos, e dos edificios, como tem mostrado a experiencia nos estragos, que ainda hoje se reconhecem nos uestigios, pelo que o erudito Luis Nunes fazendo menção d'elle lhe applicou com muita propriedade aquelles versos de Virgilio na Enejda “*rapidus montano flumine torrens; sternit agros, sternit sata laeta bouumque labores, praecipitesque trahit siluas*”.

Tem cauzado grandes ruinas na Cidade de Coimbra como dizemos na sua descripção. Nauega-se algumas legoas para çima da Cidade em barcos de capáz grandeza, porem não como em tempos maes antigos, nem com as comodidades de quando se fundou a noua Coimbra. O Doutor Fr. Bernardo de Brito na Geografia da nossa Luzitania escreuendo de Mondego diz, que antigamente se cauaua junto à elle muito ouro, e que àcima de Pena Coua, e em outros lugares se uião os sinaes manifestos donde se tirauão, e acreçenta Duarte Nunes de Leão, que muitos homens se sustentauão com o que tirauão das suas areas; a sua agua não só hé agradauel ao gosto quando se bebe, e muito proueitoza à saude, mas he tão delgada, que torna a roupa de linho, que nella se lava, maes alua, e branca, que se fosse ajudada com sabão, ou outro artefício, como dizem os Escriptores allegados, e taluéz, que esta exçellença, ou virtude natural desse occazião ao proprio nome deste Rio, e que os Romanos lhe chamarão *Munda* à *mundando*: tambem não parece fora da rezão, e ethimollogia, que o Arçebispo de Toledo Dom Rodrigo Ximenes dá ao nome do mesmo Rio quando diz, *Mondego, quazi mundam agens*, a qual hé muito maes propria, que à que lhe assina o Doutor João de Barros na interpretação dos nomes antigos, e modernos de muitos lugares de Espanha, escreue no Capitullo 3.º da sua obra manuscripta, que *Mondego*, ual o mesmo, que dizer *inter montes dego*, isto hé *curro*, porque donde nasce este Rio, que hé na Serra da Estrella sempre corre entre montes, e serras muito altas àthe junto à Coimbra; Estrabo lhe dá o nome de *Muliadas*. Porem deixadas estas ethimollogias para quem quizer gastar nellas inutilmente o tempo, hé çerto o que este Rio compensa tranquillo, e soçegado os dannos, que tem feito, e faz ainda quando com as enchentes se despenha soberbo, e impetuzo pois não

¹⁸⁰ No documento está grafado «*veze*».

somente allegra, mas fertilliza ¹⁸¹ os campos, que innunda com abundante producção de trigo, çeuada, linho finissimo, e prinçipalmente milho; hé fecundo de saborozissimos peixes, como são lampreas, saveis, trutas, e outros, como testefica a experiença, e referem os doutos Rezende, Brito, Vasconçellos, Nunes de Leão, e outros Authores assim naçionaes, como estrangeiros, que escreuerão a Geografia de Portugal. ¹⁸²

Sepultou debaixo das suas areas as duas pontes velhas fabricadas huma sobre outra, a primeira por El Rey D. Affonso Henriques no anno de 1132, a segunda por seu filho El Rey D. Sancho¹⁸³ 1.º no anno de 1210, e da nova, que sobre ambas leuantou a magnificencia del Rey Dom Manuel no anno de 1513, ¹⁸⁴ vay fazendo o mesmo, porque da sorre [*sic*] tem crecido as areias, que ¹⁸⁵ quasi todos os seus arcos se achão ja intopidos, e ha quasi hum seculo, que por nenhum pode passar hum barco a vella. Da parte da Cidade tambem sotterrou ruas inteiras, e arruinou suntuozos edeficios; hum destes foy o Convento de São Domingos, que os Religiozos desempararão pellos annos de 1596. Da parte opposta a Cidade tambem padecerão a mesma ruina os mosteiros de Santa Anna, e o de Santa Clara, e o Convento de São Francisco chamado da Ponte em razão de se haver fundado junto della; os quaes forão mudados para sitios mais seguros em que hoje existem: São dignas de lastimoza admiração as duas terriveis innundaçoens de que faz menção o Author¹⁸⁶ da Chronica dos Conegos Regrantes, sucedidas huma no anno de 1331, e outra no de 1511, e nesta diz, que alem de grauissimas perdas que houve nas vinhas, e na Cidade, padeceu deploravel danno o Mosteiro de Santa Cruz nas escrituras de memorias antiquissimas; a este danno se tem querido remediar encanando o rio, mas o que se tem conseguido foy ficar a parte em que está a Cidade mais exposta as innundaçoens. ¹⁸⁷

¹⁸¹ Palavra riscada.

¹⁸² Suprimiu-se parte deste período por repetir o teor do primeiro parágrafo.

¹⁸³ No documento parece estar grafado «2.º» mas, tanto pela data como pela referida filiação, só pode ser 1.º.

¹⁸⁴ Palavra riscada.

¹⁸⁵ *Idem*.

¹⁸⁶ No documento parece estar grafado «Athor».

¹⁸⁷ A partir daqui, o documento repete uma porção do texto anteriormente transcrito no segundo parágrafo, razão por que não se publica.

Doc. 2

1721 OUTUBRO, 16, [Vila Pouca do Campo] – *Notícia sobre o lugar de Vila Pouca do Campo, enviada à Academia Real da História Portuguesa.*

BNP – *Manuscritos (COD.):* Códice 213: “*Memorias Geographicas e Historicas da Comarca de Coimbra*”, fls. 21-21 v.º.

Rellação sobre os enterrogatorios que manda fazer o Serenissimo
Senhor Dom Joam o 5.º Rey de Portugal que Deos guarde,
no anno de 1721, em 4 de Outubro

He este lugar de Villa Pouca do Campo freguesia da Igreja do Amial, Bispado e Comarqua da Cidade de Coimbra, cujo orago hé Sam Justo.

1.º Neste lugar de Villa Pouca ha duas ermidas huma da Virgem Senhora Conceição, e outra do Invicto Martir Sam Sebastiam a qual fizerão os moradores do dito lugar de tempo immemoriauel e se diz que naquelles seculos o tomarão por aduogado contra os males da peste; e se uiu bem o efeito da sua proteção, porque nos mais lugares se uião aflitos seos moradores, e não nestes, desde o lugar honde esta sua ermida pouquo distante do dito lugar para o oriente, athe o fim do dito lugar.

Dentro neste destricto não há morgados nem irmandades e hospitais. Só se acha huma instituição de cappella de sincoenta missas annuais de esmola de sincoenta reis cada huma que instituhio Jsabel João molher que foi de Antonio Lopes Arouque de esmolla cada huma de sincoenta reis de que he administradora Dominguas Rodrigues molher do dito Antonio Lopes abzente.

2.º Neste lugar não há letreiros alguns antigos dos Godos, e Mouros; mas porem há alguns indícios e demonstraçois que nas partes mais baixas do dito lugar que hoie se chamão os Tilhois e Casal, e Fartamouros, lemite do dito lugar habitasem; e se mostra, porque se acha inda tegolhos munto grossos, e telhas quebradas e tigoelhos quebrados de munta grossura; e dizem algumas pessoas que tambem canos entalhados com tigoelho grosso que hoie se não uza.

3.º Não há notícia que haia liuros de letras de mão que tenham epitafios ou outros letreiros de Portugal.

4.º Não ha memorias antigas nem liuros manuscriptos que conduzão a historia deste Reino, alem do rellatado.

5.º Este lugar consta de cem fogos pouquo mais ou menos; esta situado em hum alto, e poucas cazas no mais baixo, lauado dos nortes. E pella parte do norte o cerca hum ameno campo que he o de Coimbra, donde dista pouquo mais de huma legoa. Tem uargeas fermozissimas da parte do nascente < e poente >, oliuais grandiozos, e do sul muitas uinhas; e pello meio do dito campo vai correndo o Rio Mondego; e ao parecer de todos se acha munto bem situado, pois he munto salutifero de que mandou o iuiz do dito lugar e concelho a mim escriuão que esta mandasse fazer para constar a qual rellação eu escriuão sobescreuj e asigney em os dezaseis dias do mes de Outubro de 1721 annos e eu Manoel Jorge Roseira escriuam que esta sobescreuj.

7. “Noticias” da Comarca de Leiria

Publicamos aqui, como simples exemplo, a *informação* sobre a vila de Pombal que o provedor da Comarca de Leiria enviou a 26 de Outubro de 1721 para a Real Academia da História Portuguesa.

1721 OUTUBRO, 26, Leiria – *Notícia sobre a vila de Pombal, enviada à Academia Real da História Portuguesa.*

BGUC – *Manuscritos*: Códice 503: “*Noticias remetidas á Academia Real*”, pelo provedor da Comarca de Leiria, Brás Raposo da Fonseca, fls. 118-121 v.º.

Pombal.

Está esta villa setuada entre as cidades de Leiria, e Coimbra, e tem 200. vizinhos, e está em hum valle ao pé do monte do castello, que lhe toma o nascente, e ao pé do outeiro das Mayas que lhe toma o sul; corre ao pé della o Rio Arunca, que vay desembocar ao Mondego; he terra da Ordem de Christo por ter sido antigamente dos Templarios, cujo castello (de boa fabrica, e fortificação para aquelle tempo) mandou fazer o Galdim Paes, Mestre que foi da dita vila, como por tradição consta, e se vé das chronicas antigas.

Na dita villa não há papeis antigos, nem pregaminhos de que se possa dar noticia, que conduza para a Historia, e só se achão quatro livros de registos que não contem couza notavel, ou digna de memoria, por que somente se achão provizões dos Senhores Reis antepassados, pramicas sobre vestidos, armas, cavalgaduras, siganos, e outras maes couzas. Mais se achão 15. livros de acordãos, e eleições que a Camara fas, e nam contem couza que possa servir.

Aldeas.

Para a parte do norte há as Aldeas seguintes.

Aldea dos Redondos setuada em hum tezo com quarenta vizinhos.

Aldea dos Anjos e Escoural situada no tezo da Ribeira com 35 vizinhos.

Aldea de Santorum, e Granja a mesma parte com 30. vizinhos.

Aldea da Perlariga [*sic*] em hum alto entre pinhaes, e com seus arrebaldes; tem 45. vizinhos.

Aldea de Agoa Travaça com Sacutos, e Matozos; está situada em hum valle ao nascente com 25. vizinhos.

Aldea de Folgado com o Casal dos Governos a mesma parte com 15. vizinhos.

O Lugar de Verigo que está ao nascente situada em huma serra com montes com 30. vizinhos.

Aldea de Coraon, e Barrocal fundada ao pé de huma serra á mesma parte, que tem com os seus arrebaldes 20. vizinhos.

Aldea do Valle fundada ao pé de humas asparas serras com 55. vizinhos.

Aldea da Arroteia, e Outeiro de Galegas fundada no alto de huma aspara serra ao nascente com 25. vizinhos; para a parte do sul há as Aldeas seguintes.

O Lugar da Melga¹⁸⁸ com seus arrebaldes ao pé de hum monte com 25. vizinhos.

Aldea dos Carvalhais, e Baldeira fundada em hum alto com 25. vizinhos.

Aldea do Pizão em hum alto com 25. vizinhos.

O Lugar de Punhete e Bachareis em hum alto com 12. vizinhos.

¹⁸⁸ No corpo do texto estava grafado «*Mayorga*», mas à margem está escrito «*Melga*».

O Lugar dos Andres e Cançarias em hum alto com 20. vezinhos.

O Lugar de Alqueidão, e Roxio em hum tezo com 15. vezinhos.

A Ribeira do Litão fundada na margem do Rio com 25. vezinhos.

O Lugar da Gaya, e Santiaes entre os vales donde nasse o Rio com 25. vezinhos.

O Lugar da Pipa em hum alto com 12. vezinhos.

O Lugar de Villa Cãa em hum tezo com seus aredores 35. vezinhos.

O Lugar de Tras dos Matos ao pé da Ribeira com 20. vezinhos.

O Lugar dos Lameiros e Cazais em hum tezo com 20. vezinhos.

O Lugar da Ponte de Asamaça em hum tezo com 20. vezinhos.

Aldea dos Vicentes e Gustula entre outeiros com 20. vezinhos.

Aldea da Barregueira e Carreyra em hum tezo com 25. vezinhos; para a parte do poente há as Aldeas seguintes.

Aldea da Ranha, e Carrinhos em hum tezo com 30. vezinhos.

O Lugar dos Travaços em huma cham com 15. vezinhos.

Aldea da Charnequa, e Casal Velho em huma cham com 25. vezinhos.

Aldea das Rozas com 30. vezinhos.

E não consta, nem se acha que em todas estas Aldeas haja couza memoravel [*sic*], nem papeis, pergaminhos, ou doações.

Cappellas.

Huma cappella sita na Igreja de Sancta Maria do Castello, com missa cotidiana, que instetuiu Donna Leonor da Silva, cuja instetuição está no cartorio do ecclesiastico da Cidade de Coimbra, de que he administrador Vicente de Souza de Vasconcellos assistente na Cidade de Lisboa.

Outra cappella, e morgado que instetuiu o Padre Manoel das Chagas, clerigo do habito de São Pedro no anno de 1596., de que he administrador Felix de Almeida do Amaral.

Outro morgado que instetuiu Rui Botelho natural da dita villa com cappella no corpo da Igreja Matris para a parte da Epistolla com duas missas cada semana, de que he administrador Antonio de Serpa morador em Friellas que tem a instetuição.

Outro morgado que instetuiu o Doutor Paulo Pinheiro com huma missa cada semana na sua cappella que tem no corpo da Igreja para a parte do Evangelho; não se sabe o tempo em que foi instetuida; he hoje administrador o Padre Belchior de São Hyeronimo religioso loyo morador na Cidade de Lisboa. Hum morgado que instetuiu o mesmo digo que instetuiu Ighes Martiães, de que he administrador o Padre Manoel da Cunha, e dis não sabe da instetuição, a qual cappella está na Aldea dos Anjos.

Huma cappella que instetuiu o Padre Diogo Pinto Fragozo, Abbade de Nossa Senhora da Purificação, freguezia de Villa Mayor, concelho de Lafões, e natural da villa de Pombal setuada na Igreja de Nossa Senhora do Cardal; foi instetuida no anno de 1683., e he administrador della o Padre Jozeph Serrão de Carvalho.

Hum morgado que instetuiu Andre Mascarenhas Coelho em o anno de 1670., de que he administrador Diogo de Oliveira Mascarenhas da mesma villa de Pombal.

Confrarias.

Há na dita villa as Irmandades e Confrarias seguintes.

A Irmandade da Misericórdia, e não consta da sua erecção.

A Irmandade do Santissimo Sacramento na matris São Martinho.

A Confraria das Almas com altar na mesma matris.

A Confraria de Nossa Senhora do Rozario com altar na mesma matris.

A Confraria de Jezus com altar na mesma matris.

Há mais na villa a Confraria de São Sebastião, e Santo Antonio com capelas particulares.

A Confraria de São João na Aldea da Prelariga [*sic*], e a de São Jorge da Aldea dos Redondos.

Nas duas freguezias do termo, há na de São Tiago as confrarias de Jezus, a das Almas, a do Rozario, a de Nossa Senhora dos Milagres.

Na freguezia de Vill Cam há as confrarias, do Rozario, São Bertholomeu, e das Almas.

Na dita villa não há letreiros do tempo dos Romanos, Godos, ou Mouros, e só achei na porta do castello por cima della huma crus, que he dos templarios, e se dis que na porta para a parte do sul havia hum letreiro gotico, mas como a pedra era branda o gastou o tempo.

Na dita villa não há pessoas coriozas que tenham memorias antigas, ou livros manuscriptos; e não dou noticia das Procições que fas a Camara por esta as dever dar, e ser huma das quatro villas para onde veio carta de Sua Magestade que Deos goarde e eu Christovão de Ssaá Noguejra escriuão da Prouedoria o fiz escrever, sobescreuj e asinej.

Christouão de Ssaá Noguejra.

8. *Informações Paroquiais de 1756*

Publicamos aqui um exemplar das *informações* sobre o Terramoto de 1755, da Paróquia de São Miguel de Penela:

1756 MAIO, 13, Penela – *Resposta do prior da Paróquia de São Miguel de Penela ao inquérito sobre os efeitos do Terramoto de 1755.*

TT – *Ministério do Reino*: Informações de Jurisdição Eclesiástica – Informação dos Párcos sobre o Terramoto em Lisboa, Distrito de Coimbra, Concelho de Penela, Paróquia de São Miguel de Penela, m. 638.

Excellentissimo Reverendissimo Senhor

Satisfazendo ao que Vossa Excellencia me ordena na rellação dos interrogatorios, que conferi com quem observava, e tinha intelligencia do que succedeo no sempre lamentavel Terremoto do 1.º de Novembro de 1755., respondo o seguinte.

Alguns dias antes do dito dia 1.º de Novembro estando o ceo sereno, e sem nuvens se escurecia o Sol, e quando se queria pôr se vião do Poente para o Sul humas fayxas de nuvens muito emcarnadas, que depois de posto se fazião pardas. Tremeo a terra na manha do dito dia 1.º de Novembro e ouve mais sinais, a que se seguio o grande Terremoto das nove horas athe hum coarto, digo das 9. horas, e hum 4.º da manhaã athe as nove, e meya, o qual duraria outo, athe nove minutos percebendo sse por algumas pessoas hum insollito cheyro, que suprendia a respiração.

Foy o Terremoto do dito dia de tres modos: pulsatorio, tremor, e inclinação. Foy pulsatorio porque se percebia levantar se a terra, e descer. Foy tremor subsecuto ao moto pulsatorio porque claramente se vião tremer os templos e edeficios, e logo a este instantaneamente se seguio o moto de inclinação, em que a terra deo o primeiro, e mais forte balanso para o Poente, e desse para o Nascente, e em estes balansos continuou o espasso de outo minutos, em que abrio paredes de templos, e edeficios, e cazas em

que para a parte do Poente se manifestão as mayores ruínas, e aberturas nas paredes, e fora mayor a ruína em este motu de inclinação em que juntamente ouve movimento umdullatorio, ou quazi circullar, se este durasse mais de outo minutos, que pareceo durar, se asollarião todos os edefícios, porque no dito espaço de minutos cahirão pedras, e cal, huns se abrião e fechavão, outros ficavão abertos.

Não se aruinarão cazas, nem edefícios como são duas altas torres, e muralhas do castello desta villa, mas todas ficarão com aberturas, e algumas cazas com ruínas que necessitão de reparos. Não consta que nesta villa, e freguezia morresse pessoa alguma no dito Terremoto; mas moverão muitas mulheres pella dita cauza, e pella mesma vão havendo muitas vertigens, pezos, e queixas de cabeça, erizipellas, queyxas cutaneas, e perturbação dos sentidos.

Turbarão-se as agoas das fontes sahindo humas brancas e outras vermelhas.

No lugar do Pastor, freguezia, e termo desta villa, em terra aonde nunca ouve sinal de agoa rebentarão dous olhos della negra, como agoa de polvora, e o barro que dellas se tirava hera da mesma cor, e no mesmo lugar, aonde nascião se tornavão a sumergir: e observando com huma vara o fundo do ducto della se não achava firmeza. Em outros sitios se achavão as fontes com o nascimento mudado do lugar bayxo para o alto, e com mais abundancia, e caudalloza corrente; outras fontes secarão; encherão alguns regatos mais; a agoa dos poços, e sisternas ondiava com força tanta, que em altura grande parecia querer sahir pellas bocas dos mesmos.

Dous < annos > antes do Terremoto nas vizinhanças do lugar chamado Povia de Pegas freguezia do Zambujal termo da Cidade de Coimbra se abrio hum boca na terra de altura de mais de sincoenta braças em cuja profundidade se via grande altura de agoas.

Os eclesiasticos continuarão na ocasião do Terremoto, e depois com deprecassons, e procissons de penitencia implorando a Divina Mizericordia, edeficando os animos, e exortando-os para a penitencia com a lembrança de tam lamentavel, e nunca visto successo.

Os movimentos da terra que ouve, conforme as suas deferenças assim mencionadas não se podem numerar porquanto desde o dito dia primeiro de Novembro raros são os dias, ou noutes, em que não aparecessem sinais, que prenosticassem futuro tremor, e tem sido muitos de dia, mas mais de noute da huma para as duas horas depois da meya noute e nas mais horas em que por se achar o povo recolhido poucos os adevertião, mas observa sse depois do mayor terremoto as rimas¹⁸⁹ das cazas se tem aberto mais ao passo das repetidas suçussois destes menores tremores.

Ha tres para coatro annos treme a terra nas horas noturnas repetidas vezes o que se tem observado por muitos; e outros conhecem haver tremor desde o dito tempo¹⁹⁰ pellos, effeitos que observão nas aberturas não esperadas, que se vião de fresco, mas antes do terremoto em muitos edefícios, e cazas.

Não há falta alguma de alimentos, mas antes pella bondade de Deos neste Paiz se ve tudo muito abundante, e barato de todos os frutos.

Incendios não os ouve.

As pessoas que tem esta freguezia de São Miguel de Penella da idade de sete annos para sima tem homens quinhentos e vinte, e sete pouco mais, ou menos. E mulheres são seis sentas, e sete pouco mais, ou menos. He o que se me ofere [*sic*] dizer na materia da conta, que se pede.

Penella 13 de Mayo de 1756.

De Vossa Excellencia subdito o mais humilde.

(Ass.) O Prior emcomendado João Domingues

¹⁸⁹ *Rimas* significa o mesmo que *fendas* (António de Moraes Silva, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10.^a ed., vol. IX, Lisboa, Editorial Confluência, 1956, s.v. «rima²»).

¹⁹⁰ No documento está grafado «*tempos*».

9. Informações Paroquiais de 1758

Exclusivamente a pensar nos interessados pela História local que não tenham ainda contactado com as *Informações Paroquiais de 1758*, publicamos aqui um exemplar, da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção de Avô, do Arcediagado de Seia, que tem a particularidade – que não é inteiramente incomum – de as respostas não conterem a numeração das questões do interrogatorio e de não intitular a separação das três secções, por terras, serras e rio. Publicamos depois a resposta do prior da Paróquia de Nossa Senhora da Natividade de Macieira de Cambra, do Arcediagado do Vouga, organizada segundo os quesitos do questionário.

Doc. 1

1758 ABRIL, 28, Avô – *Resposta do vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção de Avô ao Inquérito Paroquial de 1758.*

TT – *Memórias Paroquiais: Dicionário Geográfico de Portugal*, vol. 5, n.º 64, pp. 937-942.

Illustrissimo Reverendissimo Senhor Doutor Provisor

Em execuçam da ordem de Vossa Merce, que me foi apresentada com a copia dos interrogatorios sobre o que Sua Magestade Fedillissima he servido mandar me, que eu responda o que posso dizer he o seguinte.

No principado da Beira, na Comarca da Cidade da Guarda, no Bispado de Coimbra, na concavidade de huns altos montes, entre as caudalozas correntes de dous cristalinos rios povoados de fronzozas arvores, e frescos sinceiraes¹⁹¹, está fundada a villa de Avô chamada antigamente Firmiens como consta da Choronica Beneditina escripta por Frey¹⁹² Leam.

¹⁹¹ *Sinceiraes* significa o mesmo que *salgueiraes* (António de Morais Silva, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10.ª ed., vol. X, Lisboa, Editorial Confluência, 1957, s.v. «sinceiral»).

¹⁹² No documento está grafado «Frye».

No tempo presente hé da Coroa, e Alcaide Mor della o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo Conde de Coimbra, e o Reverendissimo Cabido da Sé do dito Bispado, he senhor dos dizimos della e seo termo.

Hé esta villa mais antiga do que grande, porque hoje, só tem vizinhos, cento e trinta e quatro, e pessoas adultas quinhentas e trinta, e oito.

Tem seo termo, que comprehende sinco freguezias, que sam Aldeia das Des, Pomares, Anceris, Santa Ovaya, e Piodam, e nestas se comprehendem muntos logares com proprias denominacoens, como melhor diram os Reverendos Parrochos dellas em suas relaçois; esta so tem de freguezia os dous lugares da Moura, e Valado, que este tem vizinhos, onze, e aquelle doze com suas Cappelas, ou Ermidas, a do lugar da Moura dedicada ao Divinissimo Espirito Santo aonde na primeira octava da sua festa concorem em romaria os freguezes desta villa, e tambem os das freguezias de Pomares, Anceris, e Bemfeita; a do lugar do Valado dedicada a Santo Antonio, que no seo dia se festeja com Missa Cantada.

A Igreja Matriz desta villa está fundada fóra da terra, mas no melhor lugar della; he hum dos milhores templos deste Bispado, pellas obras, que seos freguezes, nam perdoando a nenhuma despezas lhe tem feito, e de presente fazem.

Mas tudo isto hé lemitado tributo à sua Soberana Protetora Maria Santissima em seo enefavel Misterio da Assumpção, a quem esta Igreja venera por protetora, e toda esta freguezia proclama por Padroeira, e sendo este sumptuozo Templo dedicado a May de Deos, parecia justo, que nos seos Altares se não venerassem outras Jmagens mas que todos tres fossem à Raynha dos Ceos < e > Terra offerecidos se bem com diversos titulos, porque no coleteral da parte do Evangelho se adora a Senhora da Piedade, e no da Epistola se venera a Senhora do Rozario.

O Parrocho desta Igreja he vigario apresentado pello Reverendissimo Cabido da Sé de Coimbra, cujo Beneficio rende em frutos sertos, e insertos duzentos mil reis.

Hé esta Igreja Collegiada porque tem dous Beneficios da mesma apresentação, e sendo iguaes nas obrigaçoens, não o sam no rendimento, porque rende hum quarenta mil reis, e o outro oitenta mil reis, pagos pellos rendeiros do mesmo Reverendissimo Cabbido, que os apresenta.

Tem esta villa as cappellas seguintes:

Primeiramente algum tanto distante della, está huma da Senhora do Mosteiro, e hé antiga tradiçam, que fora de Religiozos Beditinos, mas hoje nam existem mais do que ruinas das ofecinas, e huma grande cappella dedicada a Senhora das Neves, que se venera em huma antiquissima, e devota Imagem; tem tambem dous Altares coletraes nos quaes se veneram no da parte do Evangelho o Patrono das Hespanhas Sam Thiago Mayor, e no da Epistola ao Senhor Sam José; todo o preparo desta cappella, e adorno de varios nichos, que se acham dispersos na breve distancia, que vai desta villa àquelle lugar, sam reedificados, e compostos à custa da Irmandade da mesma Senhora, que hé a unica, que tem esta villa.

A esta cappella acodem os moradores desta villa por antequissima devoçam com suas Ladainhas em todos os sabbados da Quaresma, em dia do Senhor Sam Jose, e em duas das Ladainhas geraes, e no da festa da mesma Senhora a sinco de Agosto em todos os annos.

Adornam tambem a esta villa a Cappella do Senhor Sam Miguel a quem festeijam os Fieis em duas festividades, na de sua apariçam em oito de Mayo, e no de sua dedicaçam a vinte e nove de Setembro; e Cappella de Santo Antonio, e a de Santo Antam, Santa Quiteria, e a da Senhora dos Anjos, que de todas hé a mais moderna a sua fundaçam.

Fóra desta villa quazi hum quarto de legoa se venera em sua Cappella o Principe dos Apostolos o Senhor Sam Pedro; acha sse esta fundada em lugar alto, espaçozo, que delle se descortina largas distancias; he huma das mais antigas e frequentada Romaria porque todas as sextas feiras de Mayo vam a ella em prociçam as Cruzes desta villa, Pomares, e Anceris, e por costume antigo, que excede a memoria na primeira quinta feira depois de Domingo de Paschoa se ajuntavam naquella Cappella deszoito [*sic*]

freguezias em prociçam, e como sucedessem algumas desordens por virem de duas e tres legoas de distancia o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Bispo Conde deste Bispado commutou lhe o votto a algumas das mais distantes, e em este dia no mesmo sitio se fás huma pequena feira, franca.

Os frutos que produs esta terra, sam todos aquelles que se lhe semeiam, em mayor abundancia, milho, vinho, azeite, senteio, e castanhas, e todo o genero de frutas com particular gosto.

Tem esta villa juis ordinario, quatro vereadores, hum procurador, dous escrivais do publico, tudo posto pello Corregedor da Comarca da Cidade da Guarda; tambem tem juis de orfãos posto por Sua Magestade.

Nella tem florecido Varois Illustres em Armas, e Letras: o primeyro o Illustrissimo Dom Mathias Jacome de Figueiredo, Bispo que foi nas partes do Oriente, que na conversam das Almas fes a Deos muntos serviços; o Reverendissimo Dom Frey¹⁹³ Daniel de Afonceca, da militar Ordem de Christo, que depois de ter o gráo de Doutor na Univercidade de Coimbra, em que varias vezes fes patente a sua literatura na Faculdade de Theologia, ocupando o lugar de Dom Prior do Real Convento de Thomar, faleceo, deixando à sua Religiam na falta de tal prelado huma eterna saudade. Nas Armas teve por filho aquelle famozo Cappitam de Infantaria Bras Garcia Mascarenhas, que depois teve o governo da Praça de Alfaiates; nas Guerras da Aclamasam fes tantos serviços, quantos constam dos historiadores daquelles tempos, e naquelle em que se fazia singular em Armas se fes memoravel nas Letras compondo varias obras em metricas cadencias, e entre todas tem o primeiro lugar, hum liuro intitulado *Veriatio Tragico*, que correo depois de impreso com grande aceitação dos sabios; tem ao Dezembargador Bernardo Duarte de Figueiredo, que depois de ter servido varios lugares por Ministro com grande aceitação de todos, obteve beca na Relaçam do Porto governando esta alguns annos como chanceler, e se aponzentou [*sic*] na Caza da Suplicasam de Lisboa nos Agravos; teve o Reverendo Antonio Coelho de Miranda formado nos Sagrados

¹⁹³ No documento está grafado «Frye».

Canones, varam sempre nomeado pella grande literatura, que tinha, e especial engenho nas materias literarias, faleceo sendo dezembargador da Relaçam do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha Dom Thomas de Almeida.

Nam tem esta villa Correio, e se lançam as cartas na villa de Louroza (distante della meia legoa) nos Domingos e se vam buscar a mesma villa, nos sabbados, que as tras de Coimbra, e leva o Correio da villa de Cea.

Esta villa dista da Cidade Capital do Bispado que hé Coimbra, nove legoas, e de Lisboa Capital do Reyno quarenta.

Tem esta villa dentro em si hum antiquissimo Castello, e bem dá a conhecer a sua antiguidade, pello munto arruinado, que ao prezente se acha, ainda que pouca destruiçam experimentou no terremoto do anno de mil e sete centos e cincoenta e sinco, nem esta villa com elle a padeceo.

Na situaçam desta villa, nam há serra memoravel sem embargo, que confina com a da Estrela, que estendendo seos braços por diverssas partes por este sitio continua the a villa da Louzan, e sopposto, que nesta distancia lhe nam faltem povoaçoes habitadas de algumas pessoas, com tudo nam tem lugar digno de memoria; tem muntos, e varios nascentes de Agoa pois por acazo se vera vale, que ao mesmo tempo se lhe nam divize o cristalino de muntas agoas, ainda que se lhe nam descubra virtude medicinal alguma, comtudo sam ao gosto espiciozas.

Tres legoas, mas em parte do termo desta villa, junto ao lugar da Fornia, ha poucos annos se descobriram humas Minas, em que se trabalhou algum tempo, pessoas que vieram com provizam Regia, para faze lo, mas em breve se finalizou o trabalho, por < não > corresponder ao interesse que se esperava.

Nam se sabe que a referida Serra da Estrela, nem os seos braços, que estende por este sitio tenha plantas medicinaes com particular virtude criadas. A neve fás nella seu asento a mayor parte do anno, em toda a parte della os frios que < se > experimentam sam quazi continuos, porque ainda

os pastores que nella pastoream o gado de ovelhas, e algumas vacadas, na ardente estancia da canicula se vem precizados de noute a acender fogo para temperar o seo calor o rigorozo dos Ares.

Desta Serra nascem varios Rios, Arroyos, e Ribeiros, e aquelles famozos trez, Zezere, Mondego, e Alva, tendo todos o berço do seo nascimento, naquella fammoza Lagoa no alto da mesma Serra, e como dos primeiros Rios, nam faltará, quem dê noticia, pellas varias serras que com as suas agoas regam, eu só direi do Rio Alva, que com suas correntes cristalinas igualmente deleita esta vila.

Este logo no seo nascimento hé caudalozo, e fazendo varios giros pella dita Serra donde nasce, vem, mostra ce opolento de muntas agoas, que recebe na vila de Sam Romam, sendo necessario para aver de pasar se com seguranca o fazer se lhe huma ponte junto a Ermida da Senhora do Desterro; desce com arrebatado curso the Villa Cova a Coelheira donde se ve com outra ponte de pedra, e com igual fortuna discorre pella vila de Sendomil donde tem outra ponte da mesma arquitetura; continua o seo curso pella vila de Santo Sebastiam da Feira aonde tem ponte de pedra; chega ao sitio chamado de Entre as Agoas aonde se encorpora com a caudeloza Ribeira de Alvoco das Varzias, e continuando o seo arrebatado curso, passa pelo meio desta villa aonde tem ponte de pedra, e daqui vai descendo a Villa Cova de Sub Avó, Coja, e Arganil, e da<hi> a Ponte da Mosela, athe que cansado de vadiar por tantas Serras, vay enrequiser o Mondego de agoas na Foz de Alva, finalizando o curso com o nome.

Corre este Rio do Nascente, para o Poente, e nam tem as suas agoas virtude alguma particular, e nas areas delle se costuma tirar algumas pequenas faiscas de ouro, e sempre conservou o seo nome de Rio Alva, nem há memoria tivesse outro; desde o seo nascimento the o referido sitio onde finaliza (contando em direitura) terá doze legoas, e pellos giros, que fás, serão quaze outras tantas.

Pella abundancia das aguas era munto capas de ser navegavel, mas o arrebatado curso, os varios asudes, cachoeiras, e vages [*sic*], que para muntos Engenhos se acham feitos o prohibe ser.

No breve curso de duas legoas, entre moinhos, lagares e moendas, se contam mais de sincoenta; cria muntos peixes, e com mais abundancia sam bogas, e barbos e todo este pescado tem especial gosto, e livres para quem os pesca em toda a parte do anno, sem que se pague o menor tributo.

As margens deste Rio se nam cultivam, por serem altas penhas com varios arvoredos.

Nam se gloria esta villa só com dar franca passagem a este Rio Alva, mas tambem a huma Ribeira chamada da Moura, tomando o seo nome do lugar aonde tem o seo principio, e discorrendo por varias partes vem ao lugar de Pomares aonde tem sua ponte de pedra, e depois de ter enrequisido a varias pessoas senhores dos engenhos de pizois, e moinhos, e lagares de azeite, que nella se encontram, se vem meter com o referido Rio Alva no meio desta mesma villa, onde tem huma primorosa ponte de pedra com huma courasa de cantaria.

As margens desta Ribeira se cultivam pella fertilidade do terreno; no lugar em que se mete no dito Rio tem huma lameda de Alemos, e Nogueiras, que no Veram com o denso dos ramos empedem os ardores do Sol.

Sam estas as grandezas mais veridicas desta villa escriptas com toda a semsiridade e verdade.

Avo de Abril 28 de 1758.

De Vossa Merce

O mais reverente, e humilde subdito

(Ass.) O Vigario Caetano de Souza

Doc. 2

1758 JUNHO, 9, Macieira de Cambra – *Resposta do prior da Paróquia de Nossa Senhora da Natividade de Macieira de Cambra ao Inquérito Paroquial de 1758.*

TT – *Memórias Paroquiais: Dicionário Geográfico de Portugal*, vol. 22, n.º 21, pp. 119-126.

Excellentissimo e Reverendissimo Senhor.

Respondendo aos interrogatorios, que Vossa Excellencia he servido propor me da parte de Sua Magestade Fidillissima, sobre o que se pertende saber desta terra he o seguinte.

1 Este valle, chamado Cambra, fica na provincia da Beyra bayxa e pertence ao Bispado de Coimbra, Comarcha de Esgueira¹⁹⁴, Termo, e Correyção da Villa da Feyra, e a maior parte e melhor delle à freguezia intitulada Macieyra de Cambra.

2 De prezente he senhor de prover a dita Igreyja, como Senhor Donatario deste Condado, o Serinissimo Senhor D. Pedro, Infante de Portugal.

3 Tem esta freguezia pessoas assistentes nella, oyto centas, e oytenta, e seis de comunhão; e menores duzentas, e quarenta e nove; que todas fazem o numaro, de mil, e cento, e trinta, e sinco.

4 Està cituada a dita freguezia em varios altos, e bayxos deste valle, e no melhor citio delle, donde se descobrem as povoaçoens seguintes: os lugares, de Carregoza, Arrifaninha, e Lordello, com distancia de pouco mais de meya legoa. Descobrem-se mais, os lugares de Refojos, Villa Cham, e Armental, com distancia de pouco mais de coarto de legoa;

¹⁹⁴ Entrelinhado, está grafado «*com.^a e ouvidoria*».

e também se vem os logares de Cavião, Marelaens, e Cepellos, que distão tres quartos de legoa.

5 He esta freguezia cabeça de concelho, chamado o Concelho de Cambra, que comprehende nove freguezias que são: Aroens, Junqueyra, Cepellos, Roge, Macieyra, Villa Cova, Codal, Vila Cham, Castelãos. Destas freguezias, e lugares dirão os seus Parochos os vezinhos que tem.

6 A parochia està no principio do lugar do Souto. Tem desacete lugares que são: Souto, Quintam, Padraustos, Sancta Cruz, Macieyra a Velha, Passos, Carvalha, Gainde, Tagim, Aljaris, São Bartholomeo, Louroza, Malhundos, Pintalhos, Cabanellas, e Paredes.

7 O seu Orago he a Senhora da Natividade,¹⁹⁵ a qual està colocada no altar mor, cuja figura he de vulto; tem mais duas figuras de estampa; ào lado do Evangelho, huma de São Jozeph; e ao lado da Epistolla, outra de São Joaquim. He a Igreyja de huma nave; tem dous altares colatraes; no da parte da Epistolla, està a figura de hum Sancto Christo; e no da parte do Evangelho a Senhora da Conceyção de estampa, e Sancto Antonio, com São Bernardo, ambos de vulto. Tem mais duas capellas àos lados da Igreyja fora do corpo della cada hum com seu arco por honde se entra da mesma Igreyja para ellas; huma do Santissimo Sacramento, que està ao lado da Epistolla; outra ao lado do Evangelho da Senhora do Rosario, cuja figura he de vulto; e com o altar mor, fazem o numero de cinco altares. Irmandades tem sò duas que são: a do Sancto nome de Jesus; e a da Senhora do Rosario.

8 O Parocho, he prior, e foy apresentado, pelo Serinissimo Senhor D. Francisco, que Deos tem, que foy Infante de Portugal; hoje he esta apresentação do Serinissimo Senhor D. Pedro, como assim fica dito. A renda em que se deve lotar este Beneficio (não sendo arendado) he em hum conto de reys.

9 Nao tem Beneficiados.

¹⁹⁵ Entrelinhado, está grafado: «vulgo S. Maria de Macieira».

10 Nao tem Conventos.

11 Nao tem Hospital.

12 Não tem Caza de Misericordia.

13 Ha nesta freguezia coatro Capellas; huma que he do Parocho, com a figura do Sancto Christo, com o titulo do Senhor do Calvario. As tres que tem o titulo: huma da Sancta Cruz, outra de São Bartholomeo, e outra de Santo Aleyxo, todas dentro dos lugares; pertense a sua administração aos freguezes, que ali vão ouvir Missa, exceto a do Senhor do Calvario, que desta he fabricario o Parocho. A nenhuma destas Ermidas costuma hir povo de romagem de que se fassa memoria.

14 Sò sim no dia da solemnidade dos seus Sanctos, como he, em dia de São Bartholomeo, à Capella deste Sancto. Em dia de Sancto Aleyxo, que se festeja na primeyra Dominga de Mayo, à Capella deste Sancto. Em dia de Sancta Cruz, à Capella assim chamada; e em dia do Senhor do Calvario, que he na Dominga antes do dia da Senhora da Natividade, à esta Capella.

15 Os fructos da terra em mais abundancia, que os moradores recolhem, he milho, senteio e vinho verde, e algum linho, e do mais não he couza digna de memoria.

16 Tem juiz ou juizes, porque são dous Ordinarios; tem Camera, tudo sugeyto a Correyção do Ouvidor da Villa da Feyra, que aqui vem devassar destas Justiças todos os annos.

17 He cabeça do Concelho, como fica dito, e nesta Igreyja se celebrão as festas reaes, como a do Corpo de Deos, Anjo Custodio, e Santa Izabel, vindo aqui à todas as tres festas as Cruzes das mais Igreyjas, por serem sofraganeas à esta de Macieyra.

18 Athe o presente, não há memoria, que desta terra sahisse, nem nella floressa, algum homem de virtudes, letras, ou armas de que se possa fazer memoria.

19 Tem a Feyra de Gandara todos os mezes, à nove; dura hum dia. Tem a Feyra do Santo Aleyxo, no primeyro Domingo de Maio, e tambem dura hum dia, e ambas são captivas.

20 Não tem Correyo, e se valle do da Villa da Feyra, que dista daqui tres legoas, ahonde se vão buscar, e levar as cartas ao Sabbado, tudo na forma do Correyo de Lisboa, e Porto.

21 Dista da Cidade Capital do Bispado treze legoas; e da Cidade Capital do Reyno, quarenta e sete.

22 Não tem privilegios, nem antiguidades de que se fassa memoria.

23 Não tem fonte, que pelo seu arteficio se fassa selebre, nem alagoa, que por sua grandeza, seja couza digna de memoria; mas sim o devem ser as agoas que nascem nestes montes, por serem as mais excellentes que há.

24 Não he Porto de mar.

25 Não he terra murada, nem Praça de armas, nem tem torre, nem Castello algum.

26 Não padeceo a mais leve ruina no terremoto de 755.

27 Neste interrogatorio nao ha mais couza alguma digna de memoria.

1 A serra, que cerca todo este valle, se reparte com quatro nomes.

2 Tem quatro legoas em redondo; a largura, não he couza de que se possa fazer apresso, por ser a sua forma alta e aguda; principia honde chamão as Baralhas, e acaba honde chamão a Escayva.

3 Os nomes, e principais braços della, he este das Baralhas honde principia; e atè Villa Cova, fas huma legoa; outra ào Galinheyro; outra à Cruz da Seara, e a outra à sobredita Escayva, honde ajusta os quatro braços, e as quatro legoas com os ditos seus nomes.

4 Dentro deste citio, há tres rios, e todos tres correm do Norte para o Sul. O primeyro, chamado Cayma nasce em Alvergaria das Cabras, em hum regato muy tenue; e vem engroçando com as vertentes da serra, porem não se fas caudelozo senão por inverno grande, ou trovoada. He todo cheyo de assudes, e muinhos, incapaz de navegação alguma; o peixe que tras são excellentes trutas. Os rios chamados hum da Borbolga, e outro Trancozo, tem os mesmos asudes, e a mesma pescaria, ambos incapazes de navegação. O da Borbolga nasse em hum pequeno olho de agoa em Santo Aleyxo; o de Trancozo do mesmo modo em Villa Cova; todos tres se juntão no lugar de Areas, e vão meter-se no rio Vouga.

5 Ao pè desta serra ficão em redondo della estes lugares: Lordello, Armental, Codal, Arrifaninha, Refojos, Tagim, Aljaryz, Pintalhos, Cabanellas, Sandiaens, Marelaens, Cavião. Não tem villas, nem mais lugar de que se fassa memoria.

6 Não tem fonte de arteficio raro, sò a qualidade das agoas serem as melhores do Reyno, como fica dito.

7 Não tem a serra minas de metal algum; mas excellente pedraria commua, e em muita quantidade.

8 Não tem plantas, nem ervas medicinaes, porque sò he povoada de pedras, mato razo, e em poucas partes della se cultiva algum milho groço, e centeyo.

9 Não ha nesta serra Mosteiros, nem Igreijas de Romagem.

10 A qualidade do seu temperamento he excellente.

11 Os gados sam muito inferiores em razão da mà qualidade, e aspreza dos pastos.

12 Não tem Lagoas.

No que respeyta ao terseyro interrogatorio o que se pode dar conta he ao seguinte:

5 Sempre o rio em sahindo dos asudes he de curso arebatado.

8 Tem os ditos rios, como ja fica dito, a pescaria de trutas, e esta pescaria he permitida a todos exceto no tempo defezo que manda a Ley, e não tem outro couto.

10 Não se cultivão as suas margens de nenhum delles, porque tudo he monte de pedraria.

11 Não tem virtude particular as suas agoas.

12 Sempre conservão todos os tres rios o mesmo nome, e não hà memoria de que tivessem outro titulo.

15 Tem o Rio Cayma duas pontes de pedra, huma no lugar de Padrastos, outra no lugar de Areas.

16 Tem todos os tres rios muinhos, mas não lagares de azeyte por que o não lavra a terra, nem outro algum ingenho.

17 Nunca se tirou ouro de suas areas.

18 Livrementemente uzam os povos em algumas partes das suas agoas para a cultura dos campos.

Não ha mais couza alguma digno de memoria.

Macieyra de Cambra 9 de Junho de 758.

(Ass.) Manoel de Mello

10. Informações Paroquiais de 1763

Para servir de mero exemplo, publicamos aqui a resposta avulsa do cura da Paróquia de Nossa Senhora da Expectação de Lorvão, seguida da notícia publicada no *Portugal Sacro-Profano* para se poder fazer a comparação entre a fonte original da informação e a obra, alegadamente do Padre Luís Cardoso, ou de Paulo Dias de Niza.

Doc. 1

1763 ABRIL, 20, Lorvão – *Resposta do cura da Paróquia de Nossa Senhora da Expectação de Lorvão ao Inquérito ordenado pelo provisor do Bispado de Coimbra.*

AUC – *Cabido da Sé de Coimbra: “Informações que se houveram a respeito de algumas das Igrejas da cidade e Bispado de Coimbra”* (III, 1.^a D, 7, 5, 42).

Em satisfação a huma ordem do Muito Reverendo Doutor Provisor do Bispado de Coimbra fis a seguinte relação segundo os itens da mesma ordem.

1 He Lorvão o nome desta terra cuja freguezia tem outros varios cazais e povoacois.

2 O orago da mesma freguezia he a Senhora da Esperanca.

3 O seu Paroco he Cura anual de São João a São João.

4 He a Igreja da apresentação in solidum do Real Mosteiro do mesmo Lugar de Lorvão.

5 Tem outo mil reis de Congra [sic] em dinheiro. Com alguñs frutos chega a fazer quinze mil e quinhentos ordinariamente; isto he o que tem

certo. Com o pe d'altar que pende de incerteza rendera alguñs anos outenta mil reis e em outros poderá pasar e tãobem em outros não chegará e nestes termos não tem rendimentos certos mais do que os 15500.

6 Dista de Coimbra duas legoas e de Lisboa trinta e outo.

7 Consta de trezentos e outenta fogos segundo o Rol dos Confessados pouco mais ou menos e isto he o que poso informar com verdade e sendo necessario afirmo in verbo sacerdotis.

Lorvão hoje 20 de Abril de 1763.

(Ass.) O Cura Jozé Brandão

Doc. 2

1767 – *Notícia da Paróquia de Nossa Senhora da Expectação de Lorvão, extraída do Portugal Sacro-Profano, de Paulo Dias de Niza.*

Pub.: Paulo Dias de Niza, *Portugal Sacro-Profano, ou Catalogo Alfabético de todas as Freguezias dos Reinos de Portugal, e Algarve*, Parte I, Lisboa, Na Officina de Miguel Manescal da Costa, 1767, p. 332.

LORVÃO, Freguezia no Bispado de Coimbra, tem por Orago N. Senhora da Expectação, o Paroco he Cura annual da apresentação das Religiosas de S. Bernardo do Mosteiro de Lorvão, rende oitenta mil reis: dista de Lisboa trinta e seis leguas, e de Coimbra duas, tem trezentos e oitenta fogos.

11. “Relações” Paroquiais de 1769

Para que melhor se compreenda a natureza das “Relações” de 1769, publicamos aqui uma delas – a da Paróquia de São Tiago da Guarda –, a menos extensa das duas que estão completas.

1769 MAIO, 26, Santiago da Guarda – “Relação do estado da Parochia de São Thiago da Guarda”, redigida pelo Padre Diogo Mendes.

AUC – Cabido da Sé de Coimbra (III, 2.^a D, 14, 5: *Colações de S. Tiago da Guarda*).

Relação do estado da Parochia de São Thiago da Guarda pello que pertense ao temporal, material da Igreja, Confrarias, e Capellas

O Orago desta Igreja he o Apostollo São Thiago; he filial do vicariato d’Abiul, curato annual da apresentação da Madre Abadeça do Real Mosteiro de Lorvão.

Para o Parocho não há rendimento certo, mais que de des mil reis que as Religiozas¹⁹⁶ lhe dão de congrua e dois mil reis para cera. Na mayor parte da freguezia são as Religiozas senhoras de duas partes dos dizimos, e a terceira a Mitra e na terça parte da freguezia, a pouco mais ou menos, que hé o conselho de Val do Boy, as Religiozas metade dos dizimos, e primicias que lhes pertense por contrato antigo feito, com os chamados jesuitas do Collegio de Evora, pelo encargo de curar aquelles moradores freguezes desta Igreja. Para o Mosteiro de Lorvão andão arendados os dizimos de toda a freguezia, em trezentos e outenta e tantos mil reis.

A Igreja não tem fabrica alguma só as¹⁹⁷ esmolas que se dão pellas sepulturas: os mayores, e erdados trezentos reis; e pelos filhos familias, e menores cento e sincoenta; e desta esmola se paga a quem lava a roupa, dá agoa, e varre a Igreja, e algum conserto mais leve da mesma¹⁹⁸ Igreja.

¹⁹⁶ No documento está grafado «Reliozas».

¹⁹⁷ No documento está grafado «a».

¹⁹⁸ No documento está grafado «mes».

Tem cazas de residencia, nouas, e com boa acomodação, sem passaes, nem quintal que lhe pertensa, ou bens alguns.

O edefício da Igreja tem sessenta e oito palmos de comprido; he feito de pedra, e cal, sem naves; o seo tecto he forrado de madeira, apainellado, mas não de esteyra, tudo feito de poucos annos; Sacristia com cayxois os necessarios; pulpito; fonte baptismal ja com algum defeito, mas sem inormidade; tres pias de agoa benta, huma as portas principaes, outra as travessas, e outra saindo da Sancristia. Tem boa torre com 4. sineiras, e hum só sino.

O Altar mor está em boa forma tanto na altura, como em o comprimento feito de pedra e cal, e azullado por fora; o seo retabullo hé de pedra com coatro collunas, e no meyo destas tres pienhas, na do meyo está a Imagem do Apostollo São Thiago, na do llado direito a da Senhora da Graça, e o esquerdo a do Divino Espirito Santo, todas de pedra, feito tudo á antiga.

Pertensem a Capella mor sinco frontaes: hum de damasco branco, com sebastes emcarnados, quazi novo, e os coatro das 4. cores de que uza a Igreja; destes he de damasco, o encarnado, e os mais de osteda¹⁹⁹ ja com bastante uzo mas não disformes.

Tem duas vestimentas vermelhas: huma de damasco, e outra de lam; duas brancas da mesma materia; duas roxas, huma de damasco, e outra de lam; huma de osteda verde, todas capazes ainda de servir, preparadas com estollas, e manipolos. Tem caliz de prata muito bom com patena e colher; coatro bolsas de corporaes com seis mezas destes, e sanguinhos bastantes; dois veos brancos; dois emcarnados; dois roxos, e hum verde; sinco alvas; outros tantos amitos e cordois tudo em bom uzo; coatro toalhas; seis castisaes, dois de estanho, e coatro de páo pratiados, e huma cruz para o Altar tudo ja com bastante uzo; coatro galhetas de estanho com seus pratos; hum pano de durante²⁰⁰ verde com que se cobre o Altar.

Na parede que fas divizão da Capella mor a Igreja há hum arco de pedra bem feito, e pintado; emcostado a parede do arco está hum Altar

¹⁹⁹ *Osteda* ou *ostenda* era «cierta clase de tela de lana procedente de la ciudad de Ostende, Flandres» (Rosa María Dávila Corona, Montserrat Duran Pujol e Máximo García Fernández, *Diccionario Histórico de Telas y Tejidos. Castellano-Catalán*, Valladolid, Junta de Castilla y León – Consejería de Castilla y León, 2004, s.v. «ostenda»).

²⁰⁰ *Durante* é um «tecido de lã, lustroso como cetim» (António de Morais Silva, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10.^a ed., vol. IV, Lisboa, Editorial Confluência, 1952, s.v. «durante»).

colletral [*sic*] com seo retabollo de madeira pintado em que está collocado o Santissimo Sacramento em hum Sacrario de madeira, feito a moderna por fora pintado de pedra fingida, e por dentro forrado de melania²⁰¹ de prata com a sua porta dourada, fichadura com chave de prata; vazo da mesma feito com grandeza, coberto com capa de tella de ouro, e de roda franja do mesmo.

No outro lado da parte esquerda está outro Altar dedicado a Santo Antonio com seo retabollo de pedra pintada com coatro collunas entre as quais há tres pienhas; na do meyo está hum nicho com sua vidraça em que está huma perfeitissima Imagem de Nossa Senhora do Monte do Carmo que hum devoto há des ou onze annos mandou fazer para a mesma Igreja que todos estes Parochianos adorão e uenerão com muita deuocão e todos os annos em o seo dia²⁰² 16. de Julho se lhe faz por deuotos a sua festa de Missa cantada com o Sacramento exposto, e sermão de manhaã e tarde com²⁰³ a sua novena antes desta.

Na pienza da parte direita esta a Imagem de São João Baptista feito de madeira, e na esquerda Santo Antonio feito de pedra e ambas feitas com decencia.

Pouco abayxo destas colletraes na parede da parte direita está metido hum arco de pedra bem feito, e pintado com huma capella e seo retabollo de madeira pintada; no meyo está huma perfeita Imagem de Christo em huma cruz; e ao²⁰⁴ lado direito sobre huma pienza está a Imagem de Santo Antão e a parte esquerda de São Sebastião ambas de pedra muito bem feitas.

Em correspondencia esta outro arco com a mesma formalidade com sua capella chamada das Almas com seo retabollo de madeira pintadas as Almas, e a hum lado em huma pienza está a Imagem de Nossa Senhora do Rozario feita de pedra; e ao outro com pienza está a Imagem do Menino Jezus.

²⁰¹ *Melânia* é uma «*espécie de tecido ondeado, de lã ou de seda, próprio para decorações*» (António de Moraes Silva, *Op. cit.*, 10.^a ed., vol. VI, Lisboa, Editorial Confluência, 1954, s.v. «melânia»).

²⁰² No documento está grafado «*dias*».

²⁰³ No documento está grafado «*co*».

²⁰⁴ No documento está grafado «*a*».

Nesta Igreja há sinco confrarias que os freguezes della pela sua deuoção forão criando, e para os seus prinçípios recorrerão aos Senhores Ordinarios; estabelecerão, e confirmarão seus estatutos e compromissos.

Destas huma he a do Divino Espirito Santo que seo rendimento he de oliveiras que tem dispersas pela freguezia que derão e vão dando os que querem entrar por confrades, cada huma sua, para gozarem dos sufragios estabelecidos no compromisso, e ficão estes confrades com a obrigação de acompanhar o Irmão confrade falecido [*sic*] de sua caza the a sepultura, e rezar lhe pela alma 5. Padres Nossos, e 5. Ave Marias: O mordomo que naquelle anno serue, tem obrigação de ir com o guião a caza do defunto e levar cera para os confrades terem aceza emquanto se encomenda, e o mesmo na Igreja emquanto se não sepulta.

Há na mesma confraria trinta Irmaos do numero com suas vestes brancas que alem da oliveira que tera dado por confrades, quando entra por Irmão dá outra das melhores que tem. Destes trinta Irmaos quando algum morre alem da obrigação de acompanharem para a sepultura cada hum alem de lhe mandar dizer huma missa por sua alma e a confraria lhe manda dizer vinte e huma, e se he cazado a sua molher quinze.

No dia do Espirito Santo, são estes trinta Irmaos obrigados a assistir a missa com as suas vestes, e na Pascoa (?) o mesmo por ser o dia em que se costuma fazer a festa de sermão em que dão ao Pregador de esmola 1200. reis e missa cantada por que me dão 200. reis e aos Padres a cada hum cem reis, e na quarta feira seguinte hum nocturno pelas almas dos Irmaos, e confrades defuntos, de que me dão sette centos, e sincoenta e a cada Padre cento e sincoenta, e nesse mesmo dia se fas a eleyção de Juis, e mordomos que hão de servir no anno seguinte sendo obrigados pelo compromisso a confessarem se dentro do outavario os trinta Irmaos, que tãobem tem a obrigação de virem ou mandarem assistir as Missas das 5.^{as} feiras que principião depois da Pascoa the o Espirito Santo, que a confraria paga por esmola de 80. reis cada huma, e manda dizer pelas tencois dos seus Irmaos e Confrades. Tem a juro por diversas maos cento e dezouto mil reis e as suas oliveiras lhe renderão hum anno por outro vinte the 25. alqueires de azeyte pouco mais ou menos.

A segunda confraria he a das Almas que tãobem o seo rendimento he de oliveiras por dar cada confrade dos que o são, huma, e tem a obrigação de ir a caza do defunto e acompanha lo the a sepultura e rezar lhe des Padre

Nossos e des Ave Marias²⁰⁵, e o mordomo ir com o guião e cera para arder enquanto se encomenda, e mesmo na Igreja enquanto se não sepulta; a ceia he a custa da confraria que tãobem manda dizer pela alma de cada confrade duas missas.

Manda a confraria dizer em todas as segundas feiras do anno huma Missa no seo proprio Altar pelas almas dos seus confrades falecidos; no dia 5.º do outauario dos Santos hum officio de 9. licois com Missa cantada de que o Parocho tem sette centos e sincoenta, e os Padres cada hum duzentos reis por esmolla do officio, e Missa e no mesmo dia costuma haver sermão de que o Pregador tem 1200., e a quem dis as Missas das 2.^{as} feiras de esmolla cada huma de 80. reis, e por não haver quem se sugeitase a esta obrigação pela tenue esmolla, principalmente depois que aqui falecerão tres Sacerdotes, eu as digo ainda que tenha mayor esmolla por não se acrescentar mais despeza a confraria; Tem esta por diverssas [*sic*] maos sincoenta e sette mil reis a juro; tem vestimenta, estola, manipolo de damasco branco com sebastes encarnados, alva, amito, e cordão, missal, e tãobem outro ornamento de cazulla, dalmaticas, copa de asperges de cor funebre, e o seo Altar ornado de coatro castiçais, frontal de madeira pintado com cor de festa, e luto, e alem deste outro novo de damasco branco com sebastes encarnados; coatro toalhas e hum pano de durante verde para se cobrir o Altar, e as suas oliveiras lhe poderão render hum anno por outro vinte the 25. alqueires de azeite pouco mais ou menos.

A terceyra confraria he a de Santo Antonio; tem hum guião que na morte dos seus confrades, que ja não são muitos, os uay acompanhar; as suas oliveiras lhe poderão render hum anno por outro 4. ou 5. alqueires de azeyte; tem a juro quarenta e noue mil e quatrocentos reis. Tem o seo Altar muito bem ornado com banquetta e coatro castiçaes, dois de bronze, e dois de prata, frontal de madeira pintado de festa e luto, outro de damasco branco com sebastes encarnado, e nouo; coatro toalhas, hum pano verde para cobrir o seo Altar; caliz de prata, patena e colher; hum toribollo da mesma materia que he o que serve na Igreja. No dia do Santo, digo no primeiro de Junho se lhe dá principio a sua trezena, e no dia do Santo se lhe fas a sua festa de missa cantada de que eu e os Reverendos Padres

²⁰⁵ No documento está grafado «Ave Maria».

não recebemos esmolla, com sermão que costuma ser a sua esmolla 1200., que pagão os devotos.

A quarta confraria he a da Senhora do Rozario e não tem rendimento mais do que o de humas poucas de oliveiras que hum anno por outro lhe renderão dois ou tres alqueires de azeyte.

Esta e a de Santo Antonio esta em uzo muito antigo de que na primeira semana da quaresma se fazem por cada confraria destas dois nocturnos pelas almas dos seus confrades de que o Parocho tem de esmola de cada huma mil e seis centos, e os padres noucentos reis.

A quinta confraria he a do Santissimo Sacramento, e muito mais moderna pela não ter esta freguezia nem Sacrario, pois se collocou no anno de 1749.

Eu e os mais freguezes pelo grande dezejo que tinhamos de tão grande thezouro, bem e consolação das almas requeremos ao Prelado nos concedese aquella graça para o que se offereserão esmollas e alcansada a licença para a erecção se mandou fazer o Sacrario que está com a perfeição que fica dito, se comprou vazo, dealmaticas [*sic*], capa de asperjes, veo de hombros de matizes com seo galão, cordão e borlla de ouro, manga de coz, palio, tudo de damasco branco e frontaes do mesmo.

Estabaleseu-se o compromisso e aprovou-se pelo Prelado; entrarão²⁰⁶ muitos Irmaos de veste vermelha, e mais confrades, dando cada hum de esmolla sua oliveira e com o rendimento desta que se hia ajuntando se mandou fazer huma costodia a moderna de prata dourada, que custou mais de cem mil reis. Depois desta paga se foi reseruando o que podia e se mandou fazer hum caliz tão[bem]²⁰⁷ de prata com patena, e colher tudo dourado.

A confraria pelos seus confrades falecidos lhe manda dizer duas missas, e pellas almas de cada Irmão vinte. A sua festa está detreminada pelo compromisso o fazer se na 3.^a Dominga do mes de Agosto em que há missa cantada com o Sacramento exposto, sermão de manhaã e tarde e por costume dão de esmolla por cada hum 1600. reis e no fim do ultimo sermão se fas huma solemne procição a roda da Igreja; no fim desta se enserra o Sacramento no Sacrario.

²⁰⁶ No documento está grafado «*estrarão*».

²⁰⁷ O redactor do documento ter-se-á esquecido de completar a palavra.

Da missa cantada nunca leuei esmolla nem os Reverendos Padres por devoção que temos e ainda os Padres que vem de fora praticão o mesmo; a esmolla dos sermoes e gasto de cera, armação da Igreja he a custa dos seis Irmaos que em cada anno se elegem para servirem e fazerem a festa.

Esta nos primeiros annos daua contas no Eccleziastico, mas o Provedor desta comarca que he o de Thomar, tendo noticias della obrigou aos officiaes que lhe levassem o livro, e não o fazendo, os obrigou por caminheyros, e cominaçois de sequestro, embargarão se as ordens, poz se aggrauo, deu se conta ao Prelado, e ultimamente o mesmo Provedor as esta tomando há 4. ou 5. annos, e o mesmo das mais asima declaradas.

Nesta Igreja há hum capelão que todos os Domingos e dias Santos vem de manhã dizer Missa ao povo, e lhe dão de esmolla dezanove mill e duzentos que se tirão dos liquidos das confrarias, e sempre foi este o uzo, e costume praticado.

Fora desta Igreja há huma capella de São João do Lugar do Pinheyro e no dia do Santo he o Parocho obrigado a ir em procissão, e o povo e dizer nella Missa e o costume praticado hé darem lhe de esmolla duzentos reis. Esta não tem bens alguns, só o tenue rendimento de humas fogaças que os devotos offeressem ao Santo e deste piqueno rendimento e zello dos moradores daquelle lugar, a tem muito bem asiada tanto no corpo da capella como no Altar e retabollo que há poucos annos se lhe fes, de madeira pintada, e o Santo encarnado, e hé tãobem de madeira; tem caliz, patena, e colher, missal, vestimenta de osteda branca, alva, tres toalhas tudo bom, frontal de madeira pintado e do seo rendimento, e despeza the ao presente dá conta no Eccleziastico.

No Casal de Santa Anna há outra capella com a Imagem de Santa Anna, feita de pedra, e em o outro lado a do Divino Espirito Santo tãobem da mesma materia feitos a antiga mas com boa decencia; tãobem não tem rendimento mais do que de alguma fogaça, e como este tenue rendimento hé bem administrado, delle e do zello dos moradores daquelle casal a tem muito bem asiada, e preparada com uestimenta de osteda nova, alua, cordão, amito, caliz, patena e colher, missal e tres toalhas, frontal de madeira pintado; esta não tem qualquer (?) livro de contas por não haver rendimento, e só se assentão as fogaças em hum caderno, de que se daua conta em a vezita, e ainda desta tenuidade o Provedor da cidade de Coimbra obrigou a apresentarem lho e as vay tomando. No dia da Santa hé

o Parocho obrigado ir com procição a dita capella e nella dizer Missa e lhe dão de esmolla duzentos reis.

No Casal dos Nogueyros há outra capella do Apostollo São Pedro que hé feito de madeira e de novo encarnado; esta com boa decencia e a capella tãobem não tem rendimento mais do que de alguma fogaça e deste se uay asiando a capella e Altar, que tem boa vestimenta de osteda, alva, caliz, patena, missal, com tres toalhas do Altar.

No Casal de São Vicente há outra capella com a Imagem de São Vicente feito de pedra e com boa decencia; esta nada tem de rendimento, e seus moradores pobres, e não tem mais que duas toalhas de Altar, huma vestimenta, alva, cordão, e amito, corporaes com sua bolsa, e missal, e nunca teve caliz, e quando nella se dis Missa para administrar os sacramentos a algum enfermo vem o caliz de outra capella que lhe fica vezinha.

No Lugar das Louriceyras há outra capella de Santo Antonio feito de madeira com boa decencia; esta tem suas oliveyras que os devotos daquelles lugares tem dado ao Santo, e com o seo rendimento que hum anno por outro sera de sinco alqueires de azeyte, e desse lhe mandei acrescentar a capella e levantar de roda, compor o Altar com hum retabollo, fazer telhados e asolhar de madeira e se acha composta, e com boa acomodação para o povo que nella ouve Missa nos Domingos e dias Santos. Tem boa vestimenta de osteda, alva, cordão, e amito, caliz, patena, e colher, corporaes e sanguinhos, missal; tem livro em que se assenta a receyta e despeza, e the o presente se tomão em vezita.

No Lugar do Val do Boy há outra capella com a invocação de Nossa Senhora da Piedade com o Senhor nos bracos tudo feito de pedra com muita decencia; esta não tem rendimento, mais do que o de humas fogaças, e com este tenue rendimento, e zello dos moradores esta a capella asiada com vestimenta de damasco, e outra de osteda roxa, duas alvas, coatro toalhas, caliz, patena, e colher, duas bolças de corporaes, e duas destas (?), sanguinhos, e missal, frontal de madeira pintado de festa e luto, e da contas ao Doutor Provedor da Comarca de Coimbra.

No Lugar da Charnequa há outra capella da Senhora da Memoria feita de madeira e bem encarnada; esta não tem rendimento algum, e o zello dos moradores daquelle lugar a tem composta com vestimenta, alva, amito, e cordão, caliz, patena, missal, corporaes e sanguinhos, frontal novo de osteda branca, e duas toalhas para o Altar.

Há mais outra capella chamada da Senhora da Moutta Santa que he pertense ao Morgado do Excellentissimo Conde de Castello Melhor; este tem a obrigação de a paramentar e dar tudo o necessario, e nem por isso he a das que esta com melhor aseyo; a sua Imagem he de pedra com a invocação da Senhora da Moutta Santa; o seo Altar tem frontal de madeira pintada, e hum de damasco, e vestimenta do mesmo em bom uzo, duas alvas, corporaes, sanguinhos, missal, e duas toalhas velhas; dois Altares colleteraes, hum com a Imagem de São Braz feito de pedra, e o outro a de São Sebastião de madeira que estão sobre os Altares sem retabollo, nem banquetta, nem toalhas pelas não haver.

Nesta Igreja não achei obrigação de missa alguma mais do que as que ficão declaradas respective as capellas e confrarias.

Depois da Pastoral de 20 de Fevereiro de 1756 continuo a dize llas pro popullo, na forma da mesma e destas me não dão esmolla alguma ainda que ja a requeri suposta a tenuidade desta Igreja na sua congrua.

Alem das Festas que a Igreja manda selebrar nos dias solemnes haverá des ou onze annos que em dia de São Sebastião há festa de sermão de que se da de esmolla ao pregador 1200. reis e Missa cantada de que por devoção não aseyito esmolla, e a mais despeza, sermão e cera concorrem os devotos.

Em treze de Junho a Festa de Santo Antonio em que há sermão e dão ao pregador mil e duzentos, e missa cantada de que não asseito, nem os Reverendos Padres esmolla, e para a mais despeza concorrem os devotos.

Em dezasseis de Julho como ja fica dito, se fas a Festa de Nossa Senhora do Monte do Carmo com o Senhor exposto, sermão de manhã e tarde; por cada hum se dá de esmolla 1600. reis, e da Missa cantada, não asseito esmolla nem os Reverendos Padres por devoção á Senhora.

Na terceyra Dominga do mes de Agosto a Festa do Sacramento, tem dois sermois de manhã e tarde, e por cada hum se dá de esmolla 1600. reis, e da Missa cantada não asseito esmolla, nem os Reverendos Padres, e como todas estas coatro Festas, se lhe deo principio²⁰⁸ depois de eu aqui resedir e como dellas não resebo esmolla não posso declara llas a quanto e só digo o que aqui achei praticado respctive [*sic*] a alguma Missa que por

²⁰⁸ No documento está grafado «*princio*».

promessa se manda cantar a algum Santo hé que o que a canta lhe dão 200. reis e a cada hum dos Padres que ajuda cem reis.

Alem destes sermoes destas e outras festas, e os da festa das Almas, e Espirito Santo, como ja disse, há somente os da quaresma, sendo a primeira em 4.^a feira de sinza, as 5 Domingas, morte²⁰⁹ e payxão na quinta feira Santa, enterro na 6.^a, e resureyção no dia de Pascoa, de que se dá de esmolla ao pregador nove mil reis que são fintados pello povo.

O uzo que achei nesta Igreja respectivo ao funeral, e bem da alma, he: nos que tem bens para officios de 9. licois se dá ao Parocho nove mil e duzentos, e a outo Padres que assistem 4800., cem reis a cada hum pella Missa e outros cem por assistir a cantoria; e os que não tem bens para 9. licois, e os tem para tres nocturnos se dá ao Parocho sinco mil e seis centos, e sincoenta e aos Padres a cada hum coatro centos e sincoenta, hum tostão pela missa, e sincoenta reis pela cantoria; e se tem menos bens, se fazem dois, ou hum nocturno; e se nada tem hum nocturno com Missa pelo amor de Deos.

Nos cazamentos o uzo que aqui achei, e se pratica, he trazer a espoza em sua companhia duas molheres chamadas madrinhas, e cada huma destas o comum hé dar de offerta meyo tostão, ou tres vinteis, e o espozo com os seos dois chamados padrinhos, o ordinario hé dar cada hum seo tostão, e alguma ves seis vinteis.

Pella Pascoa há costume ir o Parocho com sobrepeliz, e estolla, cruz do povo, caldeirinha com agoa benta por caza dos freguezes, e cada hum dá o seo follar como hé sua vontade, e a mayor parte he de 50., ou 60. reis, outros de cem reis, e outros de 120. reis; outros dão outro genero de follar que fazendo a conta a tudo depois de junto nem he menos de sinco moedas, nem mais de seis.

Quanto ao reparo e reedificação da Igreja o que sei e tenho experimentado he que achando esta alem de piquena e muito bayxa e estar o tecto aruinando-se entrei a persuadir os meos freguezes para que se acrescentase, levantase em roda, e madeirase de novo, e se lhe metese hum arco entre esta, e a Capella Mor; todos convierão em que se fizesse a obra, fazendo

²⁰⁹ No documento está grafado algo incompreensível e cujo sentido não se alcança, assemelhável a «*moredato*». Pareceu-nos que o que fazia sentido no contexto das celebrações de Quinta-Feira Santa seria o vocábulo *morte*, suscitado pela expressão que vem a seguir: «*e payxão*».

se finta pello povo, e para carretos dos materiaes puzerão os lavradores os seus carros prompts e os que os não têm fazião outro serviço, como arincar pedra, ajudada lla a carregar, servir pedreyros, etc.^a e o mesmo se praticou com²¹⁰ a obra da torre que se fez depois do concerto da Igreja.

Dei conta a Madre Abbadeça de Lorvão, e mandou levantar a capella e acrescentar a Sancristia.

Relação pello que pertense ao Clero

Nesta freguezia há tres Sacerdotes dos quais hum hé o Padre Francisco João natural e morador no Lugar do Alquejdão de idade de noventa annos e este ja para o exercicio da Igreja se pode reputar por morto, porque alem dos annos, por dores que padese o mais dos dias não pode dizer Missa.

O segundo hé o Padre Bartholomeo Luis natural e morador no Lugar da Sobreira de idade de sessenta, e hum annos, filho de homem que foi lavrador; he sadio e logra boa saude; foi ordenado a tittullo de seo patrimonio, e alem deste tem mais bens e muito com que se possa sustentar; nunca servio beneficio nem foi Parocho; he de bons costumes, prudente, caritativo, zellozo, e exacto nas suas obrigacois. Anda decentemente vestido em habito clerical; não tem em sua caza molher mais do que hum a sua irmã. Não sabe o canto cham, só segue as suas toadas; sabe as cerimoniaes e ritos da Igreja; he confessor aprovado ha mais de vinte e cinco annos, e seo estudo o costumou fazer sempre pelos livros de moral que tem, e os seus auctores são Bonacinas, Feliz Potestas, Larraga, e o Padre Sanches, e alguns espirituaes; não esteve no seminario por se ordenar antes da sua erecção, nem cursou na Universidade e ajuda no que pode no seo ministerio.

O terceyro he o Padre Manoel João natural e morador no Lugar do Val de Avessada de idade de trinta e nove annos filho de lavrador; tem boa saude; não tem servido de Parocho, sem beneficio; foi ordenado a tittullo de seo patrimonio, e alem deste tem outros bens com que decentemente se pode sustentar; he de bons costumes, e genio prudente, sobrio, caritativo,

²¹⁰ No documento está grafado «co».

zellozo do bem das almas, e exacto nas obrigações do seo ministerio; anda decentemente vestido, tanto nas funções da Igreja como fora dellas. Não tem em sua casa mulher alguma e se sente com hum criado e lhe fas o comer. Sabe ordinariamente o canto cham, e perito nas cerimoniaes, e ritos da Igreja. He confessor aprovado, e a applicação de seo estudo a fas pello Padre Antoini, Larraga, Pratica de Corella, e a Sagrada Biblia, e seus livros espirituaes. Ordenou-se no Seminario para onde foi com menores e sahio com as de Missa que foi em Junho de 1758. He capelão nesta Igreja dizendo as Missas dos Domingos e dias Santos pela manhaã ao povo, e ajuda a confessar tanto na Igreja como aos Sacramentos.

Minoristas

Nesta freguezia há tres, dos quais hum he Manoel de São João natural, e morador no Lugar do Alqueydão de idade de 36. annos, filho de homem que vivia de suas fazendas; não he muito sadio por padecer há annos queyxa em huma perna, e lhe impede alguma couza o andar²¹¹ dezembaraçadamente. Tem já constituido patrimonio de que anda de posse, e alem deste tem mais alguns bens por heransa de seo Pay de cujo rendimento se sustenta. He de bons costumes, genio prudente, sobrio, caritativo, zellozo do bem das almas. Tem prima tonsura e dous grãos; tras vestido decente ao seo estado. He bacharel formado na Faculdade dos Sacrados Canones; esta adido a Igreja e nella assiste as funções ajudando no seo ministerio.

O segundo he Manoel Rodrigues natural e morador no Lugar do Carvalho de idade de 32. annos; tem prima tonsura, e hum grão; filho de lavrador, tem o seo patrimonio constituido em posse e dominio, e a heransa de sua May com que se pode sustentar decentemente; he filho de lavrador; tem saude; hé de bons costumes, prudente, sobrio e caritativo, zellozo do bem das almas; anda em habito clerical decentemente vestido; está adido á Igreja, e ajuda no seo ministerio.

O terceyro hé Manoel Lopes de idade de 46. annos natural e morador no Lugar da Lagoa, filho de homem lavrador; tem prima tonsura, e os coatro grãos; tem saude. Por denuncia que delle dei por crime de concubinato,

²¹¹ No documento está grafado «*anda*».

por que foi prezo no Aljube aonde esteve quaze anno e meyo, e condenado em pena pecuniaria e 4. annos de degredo e para o Bispado de Portallegre de que o Bispo lhe perdoou hum anno, e não tem satisfeito aos mais por ir alcansando recursos fundado na sua muita pobreza; anda tonsurado, e em habito clerical e por velho, e roto ja indecente²¹², e lhe não sinto modo donde possa descobrir meyo para comprar outro que pellos seus destemperos tem consumido tudo quanto erdou de seos Pays. Depois de vir do Aljube e estar em sua caza alguns tempos se principiou a levantar huma fama de que se tratava illicitamente com huma Serafina da Cruz molher de Luis Mendes do Lugar dos Mattos freguezia de Nossa Senhora da Orada, e que por este disgosto o marido da dita (se dis) lancara senica, ou outro veneno em hum pouco de sal com que sua molher costumava temperar o comer, e disto se fes denuncia ao Juiz do Crime da Cidade de Coimbra, que pronunciou a prisão o dito marido, e este para escapar, e não ser prezo se abzentou de sua caza, e Patria, e depois deste cazo não consta que o dito Manoel Lopes tornasse a sua caza, nem se tratasse com a dita molher que se saiba.

Relação do estado da Parochia pello que pertense ao Povo

Junto a esta Igreja não há morador algum; e em pouca distancia há huns coatro cazais de pouca povoação; e a estes se vão seguindo outros lugares devididos huns dos outros, e por esta ordem estão os cazais, e lugares da Freguezia, e por isso muito dispersa com lugares de legoa a Igreja, e caminho de serra.

Os Parochianos estão suficientemente instruidos nos misterios da nossa Santa Fé, sem haver cathecismo proprio na Parochia, e o metudo [*sic*] por onde as acho mais instruidas he pelo da Cartilha do Mestre Ignacio, e por huma formalidade²¹³, de aprender, que pelas Igrejas mandou repartir o Senhor Bispo D. João de Mello, e alguns mais coriozos tem o cathecismo que compos o Padre D. Joaquim da Emcarnação da Congregação de Santa Cruz.

²¹² No documento está grafado «*indente*».

²¹³ No documento está grafado «*formalide*».

Não he esta povoação da mais falta de exemplares porquanto nas Festas, e funçois da Igreja vem assistir nellas, e o fazem com devoção e piedade.

No que respeita a assistencia da Missa Parochial, explicação do Evangelho e doutrina aos meninos alguma falta há nos freguezes de que os tenho reprehendido, ainda que por outra parte os desculpo por ficarem distantes da Igreja, e ouvirem missa nas capellas, onde me consta não há falta, e ser toda esta gente homens que em toda a semana andão lidando e ocupados no seo trabalho, e os que são mais vezinhos a Igreja a ella assistem ou suas familias. Tãobem não tenho rezão de me queyxar delles na materia de dezobedientes, e ouvirem com docilidade as minhas admoestaçois mas sempre se achão alguns que suposto as ouvem, vão seguindo as suas teimas, ou genio e são tementes as censuras da Igreja.

Não são dos menos observantes do preceyto da Santificação dos Domingos, e dias Festivos, e se me consta os não guardão são reprehendidos, e condenados, e nesta materia cuidado não ha muita devassidão. Nem me consta²¹⁴ de quem se entregue com excesso em vinho e menos ocupados em jogos, por não haver nesta freguezia semelhante emprego, e só em huma parte nos Domingos e dias Santos por algumas vezes o da bolla em que não tenho noticia de escandallo.

Tãobem aqui não há feiras mais do que duas no anno, sem memoria da sua antiguidade: huma hé no primeiro Domingo do mes de Junho, chamada a da Moutta Santa, e se fas no mesmo sitio em que está a Capella da Senhora, aonde concorrem muitos mercadores e vendedores de diverssas terras; e outra em dia de São Thiago junto a esta Igreja com a mesma variedade de generos, e pessoas.

No que respeita a instrução que cada hum deve ter nas obrigacois dos seus resptivos [*sic*] estados, sempre se achão muytas faltas, mas não as considero nesta freguezia de mayor nota, e escandelozas, e a que aqui conheso por mayor hé a pouca união e amizade que há entre²¹⁵ Joze Antonio, e Manoel Marques cunhados hum, do outro, moradores no Val d' A vessada que há annos se não tratão com aquella amizade [*sic*] e concordia que entre elles deve haver, como proximos, vezinhos, e cunhados de que por muitas vezes os tenho reprehendido, e por algumas os tenho reduzido,

²¹⁴ No documento está grafado «*costa*».

²¹⁵ Riscado: «*Antonio*».

mas dura lhe por pouco tempo. Nesta quaresma os fis aqui vir humas poucas de vezes para que os dezobrigasse, e não o fis sem ²¹⁶ se perdoarem, e virem em companhia hum do outro; algum tempo lhe durou esta paz, mas ja me consta a vão perdendo.

No Casal de São Vicente há huma Izabel solteira que tem genio, e lingoa muito solta, amiga de semiar discordias, e odios; nesta pouco fructo fazem as minhas admoestações; e no Lugar da Sobreyra outra chamada Bernarda filha que ficou de João Freire tãobem com²¹⁷ os mesmos vicios.

No Lugar da Mouta Negra Antonia Maria molher de Manoel Mendes há muitos annos que se trata com pouca amizade com sua irmã Bernarda dos Santos molher de Francisco João do mesmo lugar, e por muitas vezes tenho feito com que a Bernarda a busque, e procure, o que tem feito, mas nem isto tem sido bastante para a reduzir á união; só nesta quaresma me consta a dita Antonia Maria lhe pedira perdão, e se fallarão huns dias. Não fazem mal hum a outra, mas sempre escandeliza, a falta de comunicação e trato entre vezinhas e irmans.

Na materia do ocio não há que reprehender, porque toda esta povoação he composta de homens lavradores, e outros trabalhos, inclinados a agricultura amigos de grengiar e adquirir para o governo da sua familia, e caza e por isso se não encontrão muitas vezes ociozos e menos nos templos em dia de semana. Não sei que haja quem se persuada de embustes de feyticeyras, mezinheyras, benzedeyras, e menos quem exercite este trato.

Não conheço por esta freguezia homens orgulhozos, litigiozos, ou inquietos, nem peccados publicos de que rezulte escandallo, ou discordias graves entre as familias, e o mais grave que sei e conheso hé o que tenho declarado.

São Thiago da Guarda e de Mayo 26 de 1769.

De Vossa Illustrissima Reverendissima

Reverente Sudito

(Ass.) O Cura Diogo Mendes

²¹⁶ Repetido e riscado: «sem».

²¹⁷ No documento está grafado «cos».

12. Informações Paroquiais de 1769

Publicamos aqui o único exemplar que conseguimos encontrar de umas possíveis *Informações Paroquiais de 1769*, da Paróquia de São Miguel de Fermelã, do Arcediado do Vouga.

1769 SETEMBRO, 10, Fermelã – *Resposta do reitor da Paróquia de São Miguel de Fermelã a uma Ordem-circular do vigário capitular da Diocese de Coimbra.*

AUC – *Cabido da Sé de Coimbra: Informações Paroquiais de 1721* (III, 1.^a D, 5, 4, 28, doc. 106). O documento está erradamente misturado com as *Informações Paroquiais de 1721*.

Em satisfação da respeitavel Ordem circular do Ilustrissimo e Reverendissimo Senhor Vigario Capitular deste Bispado expedida em os dezasete de Agosto proximo preçedente, achei, sei, me consta o seguinte.

§.1. Não tem esta Parochia privilegios, e duações dos Senhores Reis deste Reino.

§.2. Não tem arquiuo aonde se guardem os livros, titulos, ou papeis desta Parochia, e os que há param na mam do Reitor.

§.3. A omniçam dos mordomus das confrarias desta freguezia e suas feliais ánxas foi a cauza de se não venderem nem aforarem algumas das propriades [*sic*] das respectiuas confrarias, que andauam de renda, ignorando talvez os ditos mórdomus o estabelecido na Regia Ley de quatro de Julho do anno proximo passado, e resultou depois da Ley nouçima respetiua deste presente anno, que o Corregedor desta Comarca de Aveiro empedio, que os tabaliañs della escreuessem contractos de venda, ou aforamentos das ditas terras, pello, que nenhuma dellas se venderam nem aforaram, desde a espediçam da dita Ley do anno precedente, athé o presente; antes o dito Menistro enviou cartas da parte de Sua Magestade, a todos os Parochos deste Arsidiado, do Vouga, para que lhe mandaçem

relaçam de todas as propriedades adventiças desde o anno de 1611. a esta parte, que se não tiuessem aforado, ou vendido, ao que satisfis, do que se siguiu mandar proceder nelles á sequestro, e se este proseguir terem as confrarias considerauei perjuizo pella tenuidade do rendimento con que ficam, porque soposto tenham outras aforadas de muito mais tempo, o rendimento destas nam será suficiẽte para a sua deçente sustentaçam cujas fazendaas [*sic*] sam de campo foreiras ao Marques de Angeja; exseto tres mil curzados [*sic*], que se acham a juro em este Lugar de Fermelãã, con obrigaçam de huma missa quotidiana, que satisfazem os mordomus do Santiçimo; os pasais desta igreja se acham applicados, as padroeiras della, exseto huma diminuta quantidade, que pesue o Parocho de tempo immemoriauel;

§.4. Nam há procurador da Igreja porem sim hum juis dela que custuma ser dos principais lavradores, e o que este anno serue, hé Joam Domingues do Lugar do Richico²¹⁸; elege çe em dia de Sam Joam Baptista; tem obrigaçam de acestir a missa comventual, e leuar a Crux en todas as proçisonis [*sic*]; prezide²¹⁹ as jleiçãois [*sic*] con o Reitor; hé obrigado no pincipio do seu anno á dar Rol ao Reitor de doze homens á que chamam jleitos, que seruem de votarem na factura dos mordomus das confrarias, e en todos os mais negoçios pertencentes a Igreja, e darem conta ao Reitor dos pecados escandalozos que há na freguezia; ademenistra treze mil e seis centos reis, da fabrica, que se referio em o parrafo 4º. (?) da carta circular; e as esmollas, que dam os erdeiros dos que falesem que he trezentos reis de sepultura, sendo maiores, e menores cento sincoenta reis, e o exsesso da sera, que se consome em os ofiçios, pois a paguam os referidos á quatro centos reis o arate [*sic*], tendo a comprado pello que corre, o menssionado juis da Igreja, que da fabrica major dá conta ao Doutor Prouedor, e da menor ao Doutor vezitador; á jleçam do referido juis da Igreja as fazem os mencionados jleitos e todos os mais mordomus das confrarias em o arco da Igreja prezedindo o Parocho, con o escrivam que jlege o dito juis, em o referido dia de Sam Joam; tem mais estes obrigaçam de fazerem jleçam do pregador da quaresma, em a primeira outaua do adorauei dia do Naçimento

²¹⁸ Actualmente, este topónimo grafa-se como *Roxico*.

²¹⁹ No documento está grafado «*rezide*».

do Menino Jezus, e nam se fazendo dentro em os primeiros quinze dias fica a jlição [sic] devoluta aos Senhores Prelados deste Bispado, e tudo o mais que pertence a fabrica e corpo da Igreja, pertence dar a sua devida execuçam o referido juis della;

§.5. Mestre de Meninos, que ensine á ler, e escreuer, há dois: hum, denominado Joze Francisco Esmerado, clerigo de menores²²⁰, e outro Manoel Dias, do Richico, clerigo inissiado en dois grãos de menores; não seruem por auctoridade de pesoa alguma, nem tem salario detreminado por este exerciçio.

Femelaã, 10 de Setembro de 1769.

(Ass.) O Reitor Antonio Barradas de Araujo Coutinho

²²⁰ No documento está grafado «*meres*».

13. *Informações Paroquiais de 1774*

Publicamos aqui as duas únicas respostas ao Inquérito de 1774 que foi possível localizar:

Doc. 1

1774 DEZEMBRO, 26, Rabaçal – *Resposta do cura da Paróquia de Santa Maria Madalena do Rabaçal a uma circular expedida pela administração diocesana inquirindo sobre o estado da igreja, sua fábrica e confrarias da paróquia.*

AUC – *Cabido da Sé de Coimbra: Informações Paroquiais de 1721* (III, 1.^a D, 5, 4, 29, doc. 208A). O documento está erradamente misturado com as *Informações Paroquiais de 1721*.

Excellentissimo e Reverendissimo Senhor

Em observancia da Ordem circular de Vossa Excellencia que me foi apprezentada em 22 deste mes de Dezembro dou a Vossa Excellencia a enformação seguinte.

Nesta freguezia do Rabaçal não ha Ecclesiastico algum.

A igreja tem capella mor com bom lageamento, e he o tecto de cantaria; tem retabulo e tribuna, porem he alguma couza escura e nececita de arco mais levantado; nesta está o altar mor com o tabernaculo do Santissimo Sacramento ahonde ha irmandade e desta irmandade ou confraria se da conta ao Doutor Provedor; não tem dinheiro algum porque o pouco rendimento que tem de algum azeite, annuais dos irmaos, e esmolas se gasta nas despezas que fas; a esta dá a Univercidade padrueira annualmente 3000 reis, 22 arrateis de sera, e seis alqueires de azeite, e não tem outra fabrica.

O corpo da igreja se acha muito mal aseado pois esta lageado de pedra muito tosca, e esta nececetado de forro por não ter senão guarda po; he muito baixo e desporprocionado pois tendo de comprimento 88 palmos so tem de largo 25.

Tem 4 altares, dous colaterais, e dous nos lados. Hum dos colaterais he de Nossa Senhora da Graca que he confraria e consta do livro das contas ter de liquido 34000 reis; o outro he do Devino Espirito Santo ahonde ha huma irmandade ou confraria que tem de liquido 33671 reis. Hum do lado direito he de Nossa Senhora do Rozario que tem de liquido 55753 reis que tambem he confraria; no lado esquerdo esta o do Senhor Jesus que não tem rendimento algum por ser lhe agora obrigado (?) ao seu aseio hum admenistrador de hua capella que se acha abolida; os liquidos das referidas confrarias não se achão no poder dos mordomos e são productos de oliveiras que se venderão por ordem do Doutor Provedor desta Comarca que ahinda não mandou fazer entrega aos mesmos mordomos e nem do producto do rendimento de azeite em dous annos de safra que estiverão sequestrados que se não sabe em quanto emportarão e tambem se venderão algumas oliveiras do Martir Sam Sebastiam por 7000 reis. Tem esta Igreja sinos porem incapazes não so por serem muito pequenos mas por serem de tam pequena voz que nem na terra se ouvem. A fabrica menor da Igreja não tem couza alguma por não ter mais rendimento do que a esmola das sepulturas e alguma condemnacão que não chega para a despeza que fas. Esta he a enformação que posso dar a Vossa Excellencia que Deos guarde muitos annos.

Rabacal 26 de Dezembro de 1774.

De Vossa Excelencia

O mais humilde e obediente subdito

(Ass.) O Cura Diogo Joze

Doc. 2

1774 DEZEMBRO, 28, Santiago da Guarda – *Resposta do cura da Paróquia de São Tiago da Guarda a uma circular expedida pela administração diocesana inquirindo sobre o estado da igreja, sua fábrica e confrarias da paróquia.*

AUC – *Cabido da Sé de Coimbra (III, 2.^a D, 14, 5: Colações de S. Tiago da Guarda).*

Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo

Em vinte e tres da presente fui entregue da Ordem circular de Vossa Excellencia, e digo que nesta freguezia ha dois Sacerdotes naturaes da mesma: hum o Padre Bartholomeo Luis de idade de 64. ou 65. annos confessor ha mais de trinta annos, pois me consta ja era aprovado havia annos antes de eu vir para esta freguezia aonde estou há 30. Há mais outro chamado o Padre Manoel João de quarenta e 6. ou 47. annos tãobem confessor, há mais de quinze annos; tem seus Patrimonios estabelecidos em fazendas que lhe dotarão seus Pays; tem sua²²¹ aplicação aos livros e parese me que sciencia para o confissionario. Contra a suas vidas, e boñs costumes não tenho couza em contrario. Há mais hum minorista com patrimonio preparado; este terá trinta e 4. annos pouco mais ou menos. Chama se Manoel Roiz Freire.

A Igreja parese me esta asiada, e em boa porprosaõ depois de hum concerto que se lhe fes, e hum acrescentamento²²² que teve tanto no corpo da Igreja como na altura; tem sinco Altares; não tem nada de fabrica, mais do que a esmolla que tem da cova de qualquer defunto que são 300. reis e este rendimento se lansa em hum livro, e se distribue, por hum tanto que se dá a quem vare [*sic*] a Igreja, lava a roupa, e para a agoa necessaria para as pias, lavatorio, e o que fica de crescimento se vay ajuntando para concertos de tilhados e portas, e estrados, e as Religiozas de Loruão donatarias ornam o seo Altar da Capella Mor.

Há sinco confrarias; a do Santissimo he estabelecida do anno²²³ de 1749.; não tem bens mais do que humas oliveiras dispersas por toda a freguezia que dão os Irmaos e Confrades nas suas entranses²²⁴, e o azeite que estas tem rendido se tem gasto em ornato do mesmo Altar; só há poucos dias que se vendeo hum azeyte em que se fizerão trinta mil reis que derão a juro. Há outra do Espirito Santo que terá cem mil reis a juro, e a das Almas sessenta mil reis a juro; a de Santo Antonio terá a juro sincoenta mil reis; a da Senhora do Rozario não tem nada. Todas estas coatro confrarias

²²¹ No documento está grafado «suas».

²²² No documento está grafado «acrestamento».

²²³ Repetida e riscada a expressão: «do anno».

²²⁴ Deve referir-se à *entraça*, isto é, a entrada dos irmãos ou confrades na irmandade ou confraria.

tinhão suas oliveiras espalhadas pella freguezia, e foram sequestradas²²⁵ de seus frutos, e o anno passado vendidas, e todo este dinheiro de huma couza, e outra, esta nas mãos dos depozitarios, e de quem comprou, e outro em Thomar; e agora consta de presente, que o Doutor Provedor o manda ajuntar todo para a dita villa de Thomar para o mandar entregar a cada huma das ditas respectivas confrarias da Comarca.

Isto he o que a Vossa Excellencia posso informar a quem o Ceo guarde por muitos annos com vida, saude, e sua graça.

São Thiago da Guarda, e de Dezembro, 28. de 1774.

De Vossa Excellencia

Reverente subdito

(Ass.) O Cura Diogo Mendes

²²⁵ No documento está grafado «sequestrados».

14. “Estado das Igrejas, Fabricas, e Confrarias”

Publicamos aqui um excerto do “Estado das Igrejas, Fabricas, e Confrarias”, relativo à Paróquia de São Tiago da Guarda para se poder estabelecer uma comparação com a resposta ao Inquérito de 1774.

1774 DEZEMBRO, 28, São Tiago da Guarda – *Síntese da resposta do cura da Paróquia de São Tiago da Guarda a uma circular expedida pela administração diocesana, extraída do “Estado das Igrejas, Fabricas, e Confrarias” do Bispado de Coimbra.*

AUC – Cabido da Sé de Coimbra: “Estado das Igrejas, Fabricas, e Confrarias”, p. 47 (III, 1.^a D, 4, 1, 120).

= São Thiago da Guarda =

A Igreja desta Freguezia está com boa proporção, e asseio. A fabrica maior pertence ás Religiozas de Lorvão: a menor consiste nas esmolas das sepulturas: tem cinco altares, e as seguintes

Confrarias

Do Sacramento: tem algumas oliveiras, e a juro	30\$000
Do Espirito Santo: terá a juro	100\$000
Das Almas: tem a juro	60\$000
De Santo Antonio: terá a juro	50\$000
Da Senhora do Rozario: não tem nada.	

Estas confrarias tinham algumas oliveiras que lhe foram vendidas pella Provedoria, e todo o dinheiro dellas está nas mãos, dos depositarios, porem dizem que brevemente se entregará.

São Thiago da Guarda de Dezembro 28 de 1774.
Cura Diogo Mendes

15. Informações Paroquiais de 1775

Para servir de exemplo, publicamos aqui uma das respostas ao Inquérito de 1775, realizada na recém-criada Diocese de Aveiro, na Paróquia de Santo André de Esgueira.

1775 SETEMBRO, 30, Esgueira – *Resposta do vigário da Paróquia de Santo André de Esgueira ao Inquérito Paroquial de 1775.*

Pub.: P.^º João Gonçalves Gaspar, *A Diocese de Aveiro no Século XVIII. Um inquérito de 22 de Setembro de 1775* (Sep. do jornal *Correio do Vouga*, Ano 43, n.º 2161, 7-IX-1973 e ss.), Aveiro, 1974, pp. 71-72²²⁶.

Satisfazendo a sempre veneranda determinação, o que posso informar sobre os entrelocutórios retro é o seguinte:

1. – Esta freguesia de Esgueira tem por seu Orago Santo André; acha-se situada nesta vila de Esgueira, distante da cidade de Aveiro perto de um quarto de légua; confina com a freguesia da vila de Eixo para a parte do nascente, em distância de uma légua; igualmente confina para a parte do norte com a freguesia de São Julião de Cacia, em distância de três quartos de légua; não tem rio caudaloso e só um regato, caminhando para as partes da dita vila e freguesia de Eixo; por ela discorre uma estrada pública para a parte do norte, que vai dar à cidade do Porto.

2. – O reverendo pároco, João Freire Cabral de Albuquerque Maldonado, colado em vigário perpétuo na dita igreja por apresentação das Religiosas do Real Mosteiro de Lorvão, não percebe os dízimos, mas sim estes se repartem em três partes: uma destas percebe o Excelentíssimo Senhor Bispo deste Bispado; a segunda se reparte pelos quatro beneficiados, de que se compõe a Colegiada desta igreja; e a terceira parte a percebe o Comendador – cujas ao todo, uns anos pelos outros, poderão render novecentos mil réis, em que vêm a cada uma das terças recontadas trezentos mil réis.

²²⁶ Por não termos acesso ao documento original, transcrevemos aqui a leitura publicada, tendo apenas procedido ao desenvolvimento das abreviaturas como fizemos nas nossas transcrições.

3. – Compõe-se esta Colegiada, como dito fica, de quatro benefícios simples sem obrigação de curar, que só a têm o sobredito pároco, e os apresentam cada um de per si em perpétuo as mesmas reverendíssimas Religiosas, e neles se acham os mesmos beneficiados colados, como já o eram seus antecessores. O rendimento destes é, como dito fica, daquela terça parte dos dízimos, que se reparte entre os ditos quatro beneficiados, recebendo-a em espécie, conforme o que Deus dá; e, além disto, percebem mais o pé-de-altar em todos os benesses da igreja com o pároco, em igual parte, não tendo este mais que cada um daqueles. E desta forma virá a perceber cada um dos ditos beneficiados, computando o valor dos frutos e mais benesses da igreja, uns anos por outros, feita a conta a cinco e mais anos a esta parte, oitenta mil réis; cujos beneficiados não assistem na dita Colegiada e nela têm seus coadjutores, dando cada um destes cinquenta mil réis ânuos aos próprios beneficiados, e aqueles ficando percebendo aquela dita terça dos dízimos e mais benesses paroquiais com obrigação de missa quotidiana, que repartem entre todos quatro, ficando desta forma cada um com a obrigação de semana por mês.

4. – A capela-mor é reedificada por obrigação pelo Comendador, e por composição que se presume antigamente faria; dá todos os anos cinco mil réis, que o seu rendeiro anualmente entrega. A sacristia e ornamentos perfazem-se por conta dos quatro beneficiados, que também por antiga composição costumam dar anualmente cinco mil réis para o seu reparo, que por módica esta parcela se reconhece necessidade maior; estes mesmos pagam toda a cera da capela-mor no quotidiano e festas maiores, azeite para a lâmpada, cujas duas parcelas importarão em doze mil réis; pagam ao tesoureiro para hóstias dez alqueires de trigo e doze almudes de vinho, para a lavagem da roupa mil e seiscentos reis; pagam mais ao prioste, que arrecada os dízimos, em pão e dinheiro, oito mil seiscentos e cinquenta réis, e ao carreiro e mulheres que recolhem os frutos ao celeiro onze mil réis, e nestas miudezas paga outro tanto o comendador.

5. – Alem do reverendo vigário, há um cura coadjutor, que anualmente apresenta o dito reverendo vigario, e tem este de cõngrua cada um ano, dez mil réis em dinheiro e vinte alqueires de trigo com vinte e cinco de vinho cozido – tudo pago pelo comendador.

6. – Consiste o rendimento do reverendo vigário em quarenta mil réis em dinheiro de cõngrua, que anualmente lhe paga o comendador por meio de seu rendeiro, com o pé-de-altar na presidência de missas cantadas, ofícios e recebimentos, que lhe poderá render, feita a mesma conta uns anos por outros, quinze mil réis, por entrar só pela quinta parte, atendendo a serem quatro os beneficiados, e neste pé-de-altar não entram as ofertas dos baptizados, que pertencem por costume antigo ao tesoureiro da igreja. Desfruta mais o reverendo vigário a esmola das missas duma capela sita no lugar de Taboeira, com obrigação de missa nos domingos e dias santos, por estar em distância da igreja quase uma légua, de que lhe dão sessenta e cinco alqueires de trigo e outro tanto de milho, que paga a quem lhas lá vai dizer.

7. – Não tenho notícia que esta igreja e frutos dela se achem gravados com alguma pensão eclesiástica, perpétua ou de tempos.

É o que dos itens interrogatórios posso informar, que tudo é a mesma verdade, conforme o melhor que tenho alcançado do tempo que sirvo de pároco nesta freguesia, que sendo necessário, juro *in verbo sacerdotis*.

Esgueira, 30 de Setembro de 1775.

O Vigário,

(Ass.) João Freire Cabral de Albuquerque Maldonado

- III -

Índices Documentais

1. As *Informações Paroquiais de 1721* existentes no A.U.C.²²⁷

- Abiul (1)
- Agadão (2)
- Aguada de Baixo (3)
- Aguada de Cima (4)
- Águas Belas (5)
- Aguda (6)
- Águeda (7)
- Albergaria-a-Velha (8)
- Aldeia das Dez (9)
- Alfarelos (10)
- Alhadas (11)
- Almaça (12)
- Almoster (13)
- Alquerubim (14)
- Alrote (15)
- Alvares (16)
- Alvoco da Serra (17)
- Alvoco das Várzeas (18)
- Alvorge (19)
- Ançã (21)
- Ancas (20)
- Anceriz (24)
- Angeja (22)
- Anobra (23)
- Antanhol (25)
- Aradas (26)
- Arazedo (27)
- Arcos (28)
- Arcozelo (29)
- Arega (30)
- Arganil (31)
- Aveiro (32):
 - Espírito Santo
 - N.^a Sr.^a da Apresentação
 - São Miguel
 - Vera-Cruz
- Avelar (33)
- Avelãs de Cima (34)
- Avô (35)
- Ázere (36)

²²⁷ AUC – *Cabido da Sé de Coimbra: Informações Paroquiais de 1721* (III, 1.^a D, 5, 4, 27-29). A lista das freguesias aqui apresentada está disposta por ordem alfabética seguindo a grafia actual dos topónimos. Em alguns casos difere da ordem pela qual, há várias décadas atrás, as respostas dos párocos ao Inquérito de 1721 foram organizadas e numeradas no Arquivo da Universidade de Coimbra. Entre parênteses, referenciamos a numeração do AUC.

- Barcouço (37)
- Barrô de Aguada (39)
- Beco (40)
- Belazaima²²⁸ (41)
- Bemposta (43)
- Bendafé (44)
- Benfeita (42)
- Bobadela (45)
- Bolho (46)
- Botão (47)
- Branca (48)
- Brasfemes (49)
- Brenha (50)
- Buarcos (51)
- Cabra (52)
- Cacia (53)
- Cadafaz (54)
- Candosa (55)
- Canelas (56)
- Cantanhede (57)
- Carapinha (58)
- Carapineira (59)
- Carrapichana (60)
- Carregosa (61)
- Carvalho (62)
- Casal Comba (63)
- Castanheira do Vouga (64)
- Castelões (65)
- Castelo Viegas (66)
- Cativeiros (67)
- Ceira (69)
- Celavisa (70)
- Cepelos (71)
- Cegos (72)
- Cercosa (73)
- Cerdeira (74)
- Cernache (75)
- Chão de Couce (76)
- Cioga do Campo (77)
- Codal (78)
- Coentral (84)
- Coimbra (79):
 - S. Cristóvão
 - S. João de Almedina
 - S. Pedro
 - S. Tiago
 - Salvador
 - Santa Justa
 - Sé
- Coja (80)
- Colmeal (81)
- Condeixa-a-Nova (82)
- Condeixa-a-Velha (83)
- Cordinhã (85)
- Cortegaça (86)
- Couto do Mosteiro (87)
- Covão do Lobo (88)
- Covas²²⁹ (89)
- Covelo²³⁰ (90)
- Covões (91)

²²⁸ Belazaima ou Belazaima do Chão.

²²⁹ Lugar do termo da vila de Lagos da Beira.

²³⁰ A designação actual da freguesia e da paróquia é Covelo mas, quase sempre, na documentação setecentista, se usa o topónimo Covelos, tendo em atenção que havia um Covelo de Cima e um Covelo de Baixo. Nos inventários do presente *Roteiro* usamos a grafia oficial actual.

- Cunhedo²³¹ (92)
- Degracias (93)
- Dornes (94)
- Ega (95)
- Eiras (96)
- Eixo (97)
- Ervedal da Beira (98)
- Esgueira (99)
- Espariz (100)
- Espinhal (101)
- Espinhel (102)
- Espinho de Mortágua (103)
- Fajão (104)
- Farinha Podre (S. Pedro) (105)
- Fermelã (106)
- Ferreira-a-Nova²³² (107)
- Ferreira do Zêzere (108)
- Figueira da Foz²³³ (109)
- Figueira de Lorvão²³⁴ (110)
- Figueiró da Serra (111)
- Figueiró dos Vinhos (112)
- Folgoso (113)
- Folhadosa (114)
- Folques (115)
- Freixo da Serra (117)
- Friúmes (118)
- Frossos (119)
- Furadouro (120)
- Galizes (121)
- Gatões (122)
- Girabolhos²³⁵ (123)
- Góis (124)
- Gouveia (125):
 - S. Julião
 - S. Pedro
- Graça de Pedrógão²³⁶ (126)
- Granja do Ulmeiro (127)
- Ílhavo (128)
- Juncais (129)
- Lagares (130)
- Lagarinhos (131)
- Lageosa (132)
- Lages (133)
- Lagos da Beira (134)
- [– Lamarosa (Santo Varão da)]²³⁷ (269)
- Lamas de Miranda (135)
- Lamas do Vouga (136)
- Lavegadas (138)
- Lavos (137)
- Liceia (139)
- Linhares (140)
- Loriga (141)
- Lorvão (142)
- Lourical (143)
- Lourosa (144)
- Lousã (145)

²³¹ *Cunhedo* ou *Oliveira do Cunhedo*, designa-se actualmente Oliveira do Mondego.

²³² *Ferreira-a-Nova* ou *Santa Eulália a Nova de Ferreira*.

²³³ *Figueira da Foz* ou *São Julião da Figueira da Foz do Mondego*.

²³⁴ *Figueira de Lorvão* ou *São João Baptista da Figueira junto a Lorvão*.

²³⁵ Girabolhos situava-se no termo da vila de Seia, comarca da Guarda. Tinha os lugares de Girabolhos e Urtigueira.

²³⁶ Graça de Pedrógão era uma paróquia da vila de Pedrógão Grande.

²³⁷ A *informação* da Paróquia de Santo Varão da Lamarosa encontra-se junto da *informação* da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção de Tentúgal.

- Luso (146)
- Macieira de Alcoba (147)
- Macieira de Cambra (148)
- Macinhata de Seixa (149)
- Macinhata do Vouga (150)
- Maiorca (151)
- Mamarrosa (152)
- Mangualde (da Serra) (153)
- Marmeleira (154)
- Mata Mourisca (155)
- Meãs (do Campo) (156)
- Meda de Mouros (157)
- Melo (158)
- Meruje²³⁸ (159)
- Mesquitela (160)
- Midões (161)
- Mira (162)
- Miranda do Corvo (163)
- [– Mogofores]²³⁹ (28)
- Moimenta da Serra (164)
- Moita (165)
- Montemor-o-Velho (166):
 - S. Martinho
 - S. Miguel
 - Salvador
 - Santa Maria da Alcáçova
- Mortágua (167)
- Mouronho (168)
- Murtede (169)
- Nabainhos (170)
- Nabais (171)
- Nespereira (172)
- Nogueira do Cravo (173)
- Oiã (174)
- Óis da Ribeira (175)
- Oliveira do Bairro (176)
- Oliveira do Hospital (177)
- Oliveirinha (178)
- Ossela (179)
- Ourentã²⁴⁰ (180)
- Outil (181)
- Paços da Serra (182)
- Paio Mendes (183)
- Pala (184)
- Palmaz (185)
- Pampilhosa (do Botão) (186)
- Paradela (187)
- Paranhos (188)
- Pedrulha (189)
- Pelmá (190)
- Penacova (191)
- Penalva de Alva (192)
- Penela (193):
 - S. Miguel
 - Santa Eufémia
- Pereira (194)

²³⁸ Os topónimos *Meruje/Meruge* e *Várzea de Meruje/Várzea de Meruge* aparecem grafados com dupla grafia, sendo que a Igreja Católica usa oficialmente a grafia *Meruje*, enquanto a administração autárquica usa a grafia *Meruge*. Perante esta discrepância, usamos aqui a grafia *Meruje* quando nos referimos à paróquia e a grafia *Meruge* quando nos referimos à autarquia local. Verificámos as grafias nas *páginas Web* oficiais da diocese e do município.

²³⁹ A *informação* da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Mogofores está junta à da Paróquia de São Paio de Arcos, de que era anexa.

²⁴⁰ Juntamente com a *informação paroquial* de 1721 está, actualmente (2012), a de 1674.

- Pinhanços (195)
- Pinheiro de Coja (196)
- Piódão (197)
- Pocariça (198)
- Pomares (199)
- Pombal (200)
- Pombalinho (201)
- Pombeiro (da Beira) (202)
- Portunhos (203)
- Pousaflores (204)
- Póvoa de Midões (205)
- Préstimo (206)
- Pussos (207)
- Quiaios (208)
- Recardães (209)
- Redondos (210)
- Rego da Murta (211)
- Requeixo (212)
- Riba de Alva (213)
- Ribeira de Fráguas (116)
- Rio de Vide (214)
- Rio Torto (215)
- Roge (216)
- Sabugueiro (217)
- Salgueirais (218)
- Salreu (219)
- Sameice (221)
- Samuel (222)
- Sandomil (255)
- Sangalhos (223)
- Santa Comba a par de Seia (224)
- Santa Comba Dão (225)
- Santa Eulália de Seia (226)
- Santa Marinha (227)
- Santa Ovaia (228)
- Santiago de Litém (246)
- Santo Varão (229)
- São Facundo (230)
- São Gião²⁴¹ (220)
- São Joaninho (231)
- São João da Boavista (232)
- São João de Loure (233)
- São Lourenço do Bairro (234)
- São Martinho a par de Seia (236)
- São Martinho da Cortiça (237)
- São Martinho de Árvore (235)
- São Miguel de Poiares (238)
- São Paio de Codeço²⁴² (239)
- São Paio de Farinha Podre (240)
- São Paio de Gouveia (241)
- São Paulo de Frades (242)
- São Romão (243)
- São Silvestre do Campo (244)
- São Tiago a par de Seia (245)
- Sarzedo (247)
- Sazes da Beira (249)
- Sazes de Lorvão²⁴³ (248)
- Sebal (250)
- Secarias (251)
- Segadães (252)
- Seia (68)
- Seixo de Gatões (254)
- Seixo da Beira (253)
- Sepins (256)
- Serpins (257)
- Sinde (258)

²⁴¹ São Gião ou São Julião, sendo *São Gião* o topónimo e *São Julião* o orago.

²⁴² São Paio de Codeço ou São Paio de Gramaços.

²⁴³ Sazes de Lorvão ou Santo André de Sazes.

- Sobral (259)
- Soure (260)
- Souselas (261)
- Soza (262)
- Tábua²⁴⁴ (38)
- Talhadas (263)
- Tamengos (264)
- Tapéus (265)
- Tavadrede (266)
- Taveiro (267)
- Teixeira (268)
- Tentúgal²⁴⁵ (269)
- Torre de Vale de Todos (270)
- Torre de Vilela (271)
- Torroselo (272)
- Tourais (273)
- Travanca de Farinha Podre²⁴⁶ (274)
- Travanca de Lagos (275)
- Travancinha (276)
- Trezói (277)
- Trofa do Vouga (278)
- Trouxemil (279)
- Troviscal (280)
- Vacariça (281)
- Vagos (282)
- Vale de Remígio (283)
- Vale Maior (285)
- Valezim (284)
- Valongo (do Vouga) (286)
- Várzea de Góis (287)
- Várzea de Meruje (288)
- Ventosa (do Bairro) (289)
- Verride (290)
- Vide (291)
- Vil de Matos (300)
- Vila Cã (292)
- Vila Chã de Cambra (293)
- Vila Cortês da Serra (294)
- Vila Cova à Coelheira (295)
- Vila Cova de Perrinho (296)
- Vila Cova de Alva ou de Sub-
-Avô²⁴⁷ (297)
- Vila Facaia (298)
- Vila Franca (da Serra) (299)
- Vila Nova de Anços (301)
- Vila Nova de Monsarros (303)
- Vila Nova do Casal (302)
- (Vila Nova de) Poiares (304):
 - Santo André
 - Santa Maria
- Vila Pouca da Beira (305)
- Vila Ruiva (306)
- Vila Seca (307)
- Vilarinho da Lousã (309)
- Vilarinho do Bairro (308)
- Vimieiro (310)
- Vinha da Rainha (311)
- Vinhó (312)
- Zambujal (313)

²⁴⁴ Na organização documental do Arquivo da Universidade de Coimbra, este documento está identificado como pertencendo a Barras. Trata-se, no entanto, da resposta da Paróquia de Tábua e não de Barras, que não era mais do que uma das suas localidades.

²⁴⁵ Junto tem a notícia do curato anexo de Santo Varão da Lamarosa, freguesia da vila de Tentúgal.

²⁴⁶ Travanca de Farinha Podre passou a chamar-se Travanca do Mondego.

²⁴⁷ *Vila Cova de Sub-Avô* designa-se actualmente Vila Cova de Alva.



- Bairro. Ver *São Lourenço do Bairro*.
- Boavista. Ver *São João da Boavista*.
- Codeço. Ver *São Paio de Codeço*.
- Cortiça. Ver *São Martinho da Cortiça*.
- Couto de Lavos. Ver *Lavos*.
- Couto de Maiorca. Ver *Maiorca*.
- Couto de Tavadede. Ver *Tavadede*.
- Feira. Ver *Riba de Alva*.
- Fráguas. Ver *Ribeira de Fráguas*.
- Gramaços. Ver *São Paio de Codeço*.
- Gouveia. Além de *Gouveia*, ver, também, *São Paio de Gouveia*.
- Lamarosa (Santo Varão). Ver a resposta de *Tentúgal*.
- Litém. Ver *São Tiago de Litém*.
- Loure. Ver *São João de Loure*.
- Oliveira do Cunhedo. Ver *Cunhedo*.
- Oliveira do Mondego. Ver *Cunhedo*.
- Pedrógão Grande. Ver *Graça*.
- Poiares. Ver *São Miguel de Poiares e (Vila Nova) de Poiares*.
- São Julião. Ver *São Gião*.
- São Sebastião da Feira. Ver *Riba de Alva*.
- Santo André de Sazes. Ver *Sazes de Lorvão*.
- Santo Varão da Lamarosa. Ver a resposta de *Tentúgal*.
- São Pedro de Farinha Podre. Ver *Farinha Podre*.
- São Paio de Gramaços. Ver *São Paio de Codeço*.
- São Pedro de Alva. Ver *Farinha Podre (São Pedro)*.
- Seixo do Ervedal. Ver *Seixo da Beira*.
- Tábua. Ver *Barras*, a que na colecção do AUC corresponde a Paróquia de Tábua, com o n.º 38.
- Vila Nova do Ceira. Ver *Várzea de Góis*.

2. As “Notícias das Igrejas do Bispado de Coimbra”²⁴⁸

Igrejas da Cidade²⁴⁹:

- Sé, fls. 1-5.
- S. Pedro, fls. 5-7.
- S. João de Almedina, fls. 7 v.º-8 v.º.
- Salvador, fls. 8 v.º-10.
- S. Cristóvão, fls. 10-11 v.º.
- S. Tiago, fls. 11 v.º-16 v.º.
- S. Bartolomeu, fls. 16 v.º-18.
- Santa Justa, fls. 18-21 v.º.

Arcediagado do Vouga:

- Santa Marinha de Alquerubim, fls. 22 v.º-23.
- S. Miguel de Fermelã, fls. 23-23 v.º.
- S. Tomé de Canelas, fl. 23 v.º.
- S. Martinho de Salreu, fls. 23 v.º-24 v.º.
- S. Pedro de Valongo, fls. 24 v.º-26.
- S. Cristóvão de Macinhata do Vouga, fls. 26-26 v.º.
- Santa Eulália de Vale Maior, fl. 26 v.º.
- Santo André de Macinhata de Seixa, fls. 26 v.º-27.
- Santa Cruz de Albergaria-a-Velha, fls. 27-27 v.º.
- N.^a Sr.^a da Natividade de Macieira de Cambra, fl. 27 v.º.
- S. João Baptista de Cepelos, fls. 27 v.º-28.
- Santa Marinha de Palmaz, fls. 28-28 v.º.
- S. Pedro de Ossela, fls. 28 v.º-29.
- S. Paio da Bemposta, fls. 29 v.º-30 v.º.
- S. Vicente da Branca, fl. 30 v.º.

²⁴⁸ BNP – *Manuscritos (COD)*: Códice 148: “Notícias das Igrejas do Bispado de Coimbra”.

²⁴⁹ A Igreja de São João de Santa Cruz, pertencendo ao *nullius diæcesis* de Santa Cruz, de Coimbra, está sempre ausente das *Informações Paroquiais*, com excepção da *informação* de 1756 em que foi redigida uma única *memória* de todas as paróquias da cidade.

- S. Pedro de Castelões, fls. 30 v.º-31 v.º.
- Salvador de Roge, fl. 31 v.º.
- S. João Baptista de Vila Cova [de Perrinho], fls. 31 v.º-32.
- N.ª Sr.ª da Purificação de Vila Chã de Cambra, fl. 32.
- Salvador de Carregosa, fls. 32-32 v.º.
- S. Tiago de Codal, fl. 32 v.º.
- S. Tiago de [Ribeira de] Fráguas, fls. 32 v.º-33.
- N.ª Sr.ª [das Neves] de Angeja, fls. 33-33 v.º.
- Santo André de Esgueira, fls. 33 v.º-36.
- Salvador de Ílhavo, fls. 36-41.
- S. Tiago de Vagos, fls. 41 v.º-43.
- S. João Baptista de Loure, fls. 43-43 v.º.
- S. Paio de Frossos, fl. 43 v.º.
- S. Julião de Cacia, fls. 43 v.º-44 v.º.
- S. Teotónio de Brenha, fl. 44 v.º.
- S. Miguel de Recardães, fls. 44 v.º-46.
- Santa Eulália de Águeda, fls. 46 v.º-47 v.º.
- N. Sr.ª da Assunção de Espinhel, fls. 47 v.º-49.
- S. Tomé de Mira, fls. 49-50.
- S. Pedro das Aradas, fls. 50 v.º-51.
- S. Mamede de Bolho, fl. 51.
- S. Martinho de Murtede, fls. 51-52.
- Santa Eulália de Aguada de Cima, fls. 52-52 v.º.
- S. Martinho de Casal Comba, fl. 52 v.º.
- S. João Baptista de Sepins, fls. 52 v.º-53 v.º.
- S. Miguel de Aveiro, fls. 53 v.º-61.
- Vera Cruz de Aveiro, fls. 61-65.
- N.ª Sr.ª da Apresentação de Aveiro, fls. 65-65 v.º.
- Espírito Santo de Aveiro, fls. 65 v.º-66 v.º.
- S. Paio de Requeixo, fl. 66 v.º.
- Santo Isidoro de Eixo, fls. 67-67 v.º.
- S. Miguel de Soza, fl. 67 v.º.
- N.ª Sr.ª da Assunção de Lamas [do Vouga], fls. 67 v.º-68.
- Salvador de Trofa, fls. 68-69 v.º.
- S. Pedro de Segadães, fls. 69 v.º-70.
- S. Simão da Mamarrosa, fl. 70.

- S. Lourenço do Bairro, fls. 70-71.
- S. Miguel de Vilarinho do Bairro, fls. 71-71 v.º.
- S. Miguel de Oliveira do Bairro, fls. 71 v.º-72.
- S. Sebastião²⁵⁰ de Óis da Ribeira, fls. 72-72 v.º.
- N.ª Sr.ª da Conceição de Orentã, fls. 72 v.º-73.
- Santo André de Barrô da Aguada, fls. 73-73 v.º.
- S. Tiago do Préstimo, fls. 73 v.º-74.
- S. Mamede das Talhadas, fl. 74.
- S. Martinho de Macieira de Alcoba, fl. 74.
- S. Mamede da Castanheira [do Vouga], fl. 74 v.º.
- S.ª M.ª Madalena de Agadão, fl. 75.
- S. Martinho de Aguada de Baixo, fl. 75.
- S. Simão de Oiã, fls. 75-75 v.º.
- S. Vicente de Sangalhos, fls. 75 v.º-76.
- S. Pedro de Avelãs de Cima, fls. 76-78 v.º.
- S. Paio de Arcos, fl. 79.
- N.ª Sr.ª da Conceição de Mogofores²⁵¹, fls. 79-80.
- S. Tiago da Moita, fls. 80-81.
- S. Miguel de Vila Nova de Monsarros, fls. 81-82.
- S. Vicente da Vacariça, fls. 82-82 v.º.
- N.ª Sr.ª da Natividade do Luso, fls. 82 v.º-83.
- Santa Marinha da Pampilhosa, fl. 83.
- S. Pedro de Espinho, fls. 83-83 v.º.
- S. Miguel da Marmeleira de Mortágua, fls. 83 v.º-84.
- N.ª Sr.ª da Conceição de Cercosa, fls. 84-84 v.º.
- N.ª Sr.ª da Conceição de Carvalho, fls. 84 v.º-85 v.º.
- N.ª Sr.ª da Assunção de Penacova, fls. 85 v.º-88.
- N.ª Sr.ª da Assunção de Mortágua, fls. 88-88 v.º.
- S. João Baptista de Figueira de Lorvão, fls. 88 v.º-89 v.º.
- N.ª Sr.ª da Expectação de Lorvão, fls. 89 v.º-90.
- S. Mateus de Botão, fls. 90-91.

²⁵⁰ O orago desta freguesia é, actualmente, Santo Adrião, o que já se verificava em 1758.

²⁵¹ Há duas notícias da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Mogofores. A outra encontra-se no fl. 135.

- S.^a M.^{a252} de Barcouço, fls. 91-92 v.º.
- S. Tiago de Souselas, fls. 92 v.º-93.
- S. João Baptista de Brasfemes, fls. 93-93 v.º.
- N.^a Sr.^a da Pedrulha, fl. 93 v.º.
- Santo André de Sazes [de Lorvão], fl. 94.
- Santa Comba Dão, fls. 94-95.
- S. Martinho da Torre de Vilela, fls. 95-95 v.º.
- S. João Evangelista de Vil de Matos, fls. 95 v.º-96.
- Santo André de Cordinhã, fl. 96.
- S. Tomé de Trezói, fls. 96-96 v.º.
- N.^a Sr.^a da Assunção de Ventosa [do Bairro], fls. 96 v.º-97.
- N.^a Sr.^a da Assunção de Ancas, fl. 97.
- S. Tiago de Trouxemil, fls. 97-98.
- S. Paulo de Lordemão²⁵³, fls. 98-98 v.º.
- S. Tiago de Eiras, fls. 98 v.º-99 v.º.
- S. Facundo (Antuzede), fls. 100-100 v.º.
- S. Martinho de Árvore, fls. 100 v.º-101.
- S. Julião de Portunhos, fl. 101.
- N.^a Sr.^a da Conceição da Pocariça, fls. 101-101 v.º.
- S. Pedro de Tamengos, fls. 101 v.º-102.
- S. Sebastião das Meãs [do Campo], fls. 102-102 v.º.
- N.^a Sr.^a do Pranto de Arazede, fls. 102 v.º-103 v.º.
- Santa Eulália de Ferreira-a-Nova, fls. 103 v.º-104.
- S. Mamede de Vale de Remígio, fls. 104-104 v.º.
- Santa Cruz do Vimieiro, fl. 104 v.º.
- Santa Columba do Couto do Mosteiro, fls. 105-105 v.º.
- S. João Baptista de S. Joaninho, fls. 105 v.º-106.
- S. Miguel do Sobral, fls. 106-106 v.º.
- S. Gens de Pala, fl. 106 v.º.
- Salvador do Covão do Lobo, fls. 106 v.º-107.
- Santo António dos Covões, fls. 107-107 v.º.
- S. João de Cioga do Campo, fls. 107 v.º-108.
- S. João Baptista do Seixo de Gatões, fl. 108.

²⁵² O actual orago da paróquia é Nossa Senhora do Ó.

²⁵³ Trata-se da Paróquia de São Paulo de Frades.

- N.^a Sr.^a das Virtudes de Gatões, fls. 108-108 v.^o.
- S.^a M.^a de Alcáçova de Montemor-o-Velho, fls. 108 v.^o-109 v.^o.
- S. Miguel de Montemor-o-Velho, fls. 109 v.^o-111.
- S. Martinho de Montemor-o-Velho, fls. 111-115.
- S.^a M.^a Madalena de Montemor-o-Velho, fls. 115-116.
- Salvador de Montemor-o-Velho, fls. 116-117 v.^o.
- N.^a Sr.^a da Assunção de Tentúgal, fls. 117 v.^o-120 v.^o.
- S. Silvestre do Campo, fls. 120 v.^o-121.
- S.^a M.^a Madalena de Outil, fl. 121.
- Santa Susana da Carapinheira, fls. 121-121 v.^o.
- Salvador de Maiorca, fls. 121 v.^o-123.
- S. Pedro das Alhadas, fl. 123.
- S. Pedro de Buarcos, fls. 123 v.^o-124 v.^o.
- S. Martinho do Couto de Tavarede, fls. 124 v.^o-125 v.^o.
- S. Julião da Figueira da Foz, fls. 125 v.^o-127.
- Santa Cruz de Redondos, fls. 127-127 v.^o.
- S. Miguel de Liceia, fl. 127 v.^o.
- S. Tiago de Cortegaça, fl. 128.
- Santo Isidoro de Almaça, fl. 128.
- Santo André de Óis do Bairro, fl. 128 v.^o.
- S. Mamede do Couto de Quiaios, fls. 128 v.^o-130 v.^o.
- N.^a Sr.^a da Expectação de Ançã, fls. 130 v.^o-131.
- S. Pedro de Belazaima, fls. 131-131 v.^o.
- S. Pedro de Cantanhede, fls. 131 v.^o-134 v.^o.
- N.^a Sr.^a da Conceição de Mogofores²⁵⁴, fl. 135.

Arcediagado de Penela:

- S.^a M.^a do Couto de Semide, fls. 136-136 v.^o.
- S. Miguel de Foz de Arouce, fls. 136 v.^o-137 v.^o.
- Santo António do Casal de Ermio, fls. 137 v.^o-138.
- N.^a Sr.^a do Socorro de Serpins, fls. 138-138 v.^o.

²⁵⁴ Há duas notícias da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Mogofores. A outra encontra-se nos fls. 79-80.

- S. Pedro de Vilarinho da Lousã, fls. 138 v.º-139.
- Salvador de Miranda do Corvo, fls. 139 v.º-141.
- N.ª Sr.ª da Graça de Campelo, fl. 141.
- N.ª Sr.ª da Nazaré do Coentral, fl. 141 v.º.
- S. Domingos da Castanheira²⁵⁵, fls. 141 v.º-142 v.º.
- S. Mateus de Alvares, fls. 142 v.º-143.
- N.ª Sr.ª da Assunção de Pedrógão Grande, fls. 143-145 v.º.
- Santa Catarina de Vila Facaia, fl. 146.
- N.ª Sr.ª da Graça de Pedrógão Grande, fls. 146-146 v.º.
- S. João Baptista de Figueiró dos Vinhos, fls. 146 v.º-150.
- N.ª Sr.ª da Graça da Aguda, fl. 150 v.º.
- Espírito Santo do Avelar, fls. 150 v.º-151.
- N.ª Sr.ª da Consolação de Chão de Couce, fl. 151.
- N.ª Sr.ª da Conceição de Arega, fl. 151 v.º.
- Santo Aleixo do Beco, fls. 152-154.
- N.ª Sr.ª do Pranto de Dornes, fls. 154 v.º-155 v.º.
- S. Vicente de Paio Mendes, fls. 155 v.º-156.
- Santo Estêvão de Vila Nova de Pussos, fls. 156 v.º-157.
- N.ª Sr.ª das Neves de Pousaflores, fls. 157-157 v.º.
- S. Miguel de Ferreira [do Zêzere], fl. 157 v.º.
- S. Pedro do Rego da Murta, fls. 157 v.º-158.
- N.ª Sr.ª da Graça de Maçãs de Caminho, fls. 158-158 v.º.
- S. João Baptista da Pelmá, fls. 158 v.º-159.
- Salvador de Almoster, fl. 159.
- S. Bartolomeu de Vila Cã, fls. 159-160.
- N.ª Sr.ª das Neves [de Abiul], fls. 160-162 v.º.
- S. Tiago de Litém, fls. 162 v.º-163.
- S. Martinho de Pombal, fls. 163-165.
- N.ª Sr.ª da Conceição da Redinha, fls. 165-165 v.º.
- S. Sebastião do Espinhal, fls. 165 v.º-166.
- Espírito Santo de Lamas de Miranda, fls. 166-166 v.º.
- N.ª Sr.ª da Purificação de Podentes, fl. 166 v.º.
- S. Miguel de Penela, fls. 166 v.º-170.
- Santa Eufémia de Penela, fls. 170-170 v.º.

²⁵⁵ Castanheira do Pedrógão corresponde à actual Castanheira de Pêra.

- S. Sebastião da Cumieira, fls. 170 v.º-171.
- S. Domingos da Lagarteira, fl. 171 v.º.
- N.ª Sr.ª da Graça da Torre de Vale de Todos, fls. 171 v.º-172.
- N.ª Sr.ª da Conceição de Ansião, fl. 172.
- S. Tiago da Guarda, fls. 172-172 v.º.
- N.ª Sr.ª da Orada, fls. 172 v.º-173 v.º²⁵⁶.
- N.ª Sr.ª da Anunciação do Pombalinho, fl. 174.
- S. Sebastião das Degracias, fl. 174.
- S.ª M.ª Madalena do Rabaçal, fls. 174-174 v.º.
- N.ª Sr.ª da Conceição do Zambujal, fls. 174 v.º-175.
- S. Pedro de Vila Seca, fls. 175-175 v.º.
- S. Tiago de Almalaguês, fls. 175 v.º-176 v.º.
- Santo Estêvão de Castelo Viegas, fls. 176 v.º-177.
- N.ª Sr.ª da Alegria [de Antanol], fl. 177.
- N.ª Sr.ª da Assunção de Cernache, fls. 177-178.
- Santa Cristina de Condeixa-a-Nova, fls. 178-179 v.º.
- S. Pedro de Condeixa-a-Velha, fls. 179 v.º-181.
- Espírito Santo do Furadouro, fl. 181.
- N.ª Sr.ª da Graça de Ega, fls. 181-181 v.º.
- S. Pedro do Sebal, fls. 181 v.º-182.
- Santa Catarina de Anobra, fl. 182.
- N.ª Sr.ª da Saúde²⁵⁷ de Belide, fl. 182 v.º.
- S. Tiago de Figueiró do Campo, fls. 182 v.º-183.
- S. Tiago de Soure, fls. 183-185 v.º.
- N.ª Sr.ª da Graça de Almagreira, fls. 185 v.º-186.
- S. Mamede da Mata Mourisca, fls. 186-186 v.º.
- N.ª Sr.ª da Conceição de Lavos, fls. 186 v.º-187.
- S. Tiago do Lourical, fls. 187-188.
- N.ª Sr.ª da Graça da Vinha da Rainha, fl. 188 v.º.
- N.ª Sr.ª da Purificação de Samuel, fls. 188 v.º-189.
- N.ª Sr.ª da Expectação de Reveles, fl. 189.
- N.ª Sr.ª da Conceição do Couto de Verride, fls. 189-190 v.º.
- N.ª Sr.ª da Conceição de Vila Nova da Barca, fls. 190 v.º-191 v.º.

²⁵⁶ A notícia da Igreja de Nossa Senhora da Orada está repetida nos fólios 201-202.

²⁵⁷ Na *informação paroquial* de 1758 e no *Portugal Sacro-Profano* o orago aparece como Nossa Senhora das Neves. Actualmente (2012), o orago é Nossa Senhora da Saúde.

- N.^a Sr.^a da Conceição de Brunhós, fl. 192.
- N.^a Sr.^a da Conceição da Gesteira, fls. 192-192 v.^o.
- N.^a Sr.^a de Finisterra de Vila Nova de Anços, fls. 192 v.^o-194.
- S. Sebastião de Alfarelos, fl. 194.
- S. Gabriel da Granja do Ulmeiro, fl. 194 v.^o.
- Santo Varão, fls. 194 v.^o-195.
- Santo Estêvão de Pereira, fls. 195-195 v.^o.
- N.^a Sr.^a da Conceição de Arzila, fl. 195 v.^o.
- S. Justo do Ameal, fl. 196.
- S. Lourenço de Taveiro, fls. 196-196 v.^o.
- S. Martinho do Bispo, fls. 196 v.^o-197.
- N.^a Sr.^a da Ajuda²⁵⁸ de Bendafé, fl. 197.
- S. Silvestre da Lousã, fls. 197-198 v.^o.
- Espírito Santo de Tapéus, fls. 198 v.^o-199.
- S. Paulo de Maçãs de D.^a Maria, fl. 199.
- S. Tiago de Rio de Vide, fls. 199-199 v.^o.
- N.^a Sr.^a da Graça de Águas Belas, fls. 199 v.^o-200.
- S.^a M.^a Madalena de Alvaiázere, fls. 200-200 v.^o.
- N.^a Sr.^a da Expectação de Paião, fls. 200 v.^o-201.
- N.^a Sr.^a da Orada²⁵⁹, fls. 201-202.
- N.^a Sr.^a da Conceição do Alvorge, fls. 202-203.
- N.^a Sr.^a da Conceição de Assafarge, fls. 203-203 v.^o.

Arceidiagado de Seia:

- N.^a Sr.^a da Assunção de Ceira, fls. 204-204 v.^o.
- S.^a M.^a de Poiares, fl. 204 v.^o.
- Santo André de Poiares, fl. 205.
- S. Miguel de Poiares, fl. 205 v.^o.
- S. José das Lavegadas, fls. 205 v.^o-206.
- Salvador de Pombeiro, fls. 206-208.
- S. Pedro de Várzea de Góis, fl. 208.

²⁵⁸ Actualmente (2012), o orago da Paróquia de Bendafé é Nossa Senhora da Graça.

²⁵⁹ Atrás, nos fls. 172 v.^o-173 v.^o, existe outra notícia da Igreja de Nossa Senhora da Orada.

- N.^a Sr.^a da Assunção de Góis, fls. 208 v.^o-210 v.^o.
- N.^a Sr.^a das Neves de Cadafaz, fl. 210 v.^o.
- S. Miguel de Celavisa, fls. 210 v.^o-211.
- S. Pedro de Folques, fls. 211-212.
- S. Gens de Arganil, fls. 212-215.
- S. Sebastião do Colmeal, fls. 215-215 v.^o.
- S. Sebastião das Secarias, fl. 215 v.^o.
- S. João Baptista de Sarzedo, fl. 216.
- N.^a Sr.^a da Assunção de Fajão, fl. 216 v.^o.
- S. Miguel de Coja, fls. 216 v.^o-218.
- S. Tiago de Pinheiro de Coja, fls. 218-218 v.^o.
- S. Sebastião de Meda de Mouros, fl. 218 v.^o.
- S. Martinho da Cortiça, fls. 218 v.^o-219 v.^o.
- Bom Jesus da Carapinha, fls. 219 v.^o-220.
- S. Pedro de Farinha Podre, fls. 220-220 v.^o.
- S. Paio de Farinha Podre, fls. 220 v.^o-221 v.^o.
- S. Pedro de Folhadosa, fls. 221 v.^o-222 v.^o.
- S. Paio de Codeço²⁶⁰, fl. 223.
- S. Julião de Mouronho, fls. 223 v.^o-224.
- N.^a Sr.^a da Anunciação de Espariz, fls. 224-224 v.^o.
- S. Sebastião da Feira (Oliveira do Hospital), fls. 224 v.^o-225.
- Santa Eulália (termo de Seia), fls. 225-225 v.^o.
- S. Jerónimo de Cabra, fl. 225 v.^o.
- S. Martinho de Sameice, fls. 225 v.^o-227.
- N.^a Sr.^a da Expectação de Freixo da Serra, fl. 227.
- Santa Ovaia (Oliveira do Hospital), fl. 227 v.^o.
- N.^a Sr.^a da Graça da Bobadela, fls. 227 v.^o- 228 v.^o.
- N.^a Sr.^a do Rosário de Alvoco da Serra, fls. 228 v.^o-229.
- Santa Luzia de Pinhaços, fls. 229-229 v.^o.
- S. Pedro de Folgosinho, fls. 230-230 v.^o.
- S. Sebastião de Paradela, fl. 230 v.^o.
- S. Bartolomeu de Aldeia das Dez, fls. 230 v.^o-231 v.^o.
- Santa Isabel de Teixeira, fl. 231 v.^o.
- N.^a Sr.^a da Expectação de Nogueira [do Cravo], fls. 231 v.^o-232.

²⁶⁰ Actualmente, São Paio de Codeço designa-se São Paio de Gramaços.

- S. Miguel de Galizes, fls. 232-232 v.º.
- S. Miguel de Oliveirinha, fls. 233-233 v.º.
- S. Sebastião de Cepos, fl. 233 v.º.
- Santa Cecília da Benfeita, fls. 233 v.º-234.
- Santo António de Cerdeira, fl. 234.
- N.ª Sr.ª da Conceição de Vila Cortês [da Serra], fl. 234 v.º.
- S. Pedro de Gouveia, fls. 234 v.º-237.
- S. Paio de Gouveia, fls. 237-237 v.º.
- S. Julião de Gouveia, fls. 237 v.º-238.
- S. João Baptista de Moimenta da Serra, fls. 238 v.º-239.
- S. Vicente de Mangualde [da Serra], fl. 239.
- Santa Eufémia de Lagarinhos, fls. 239-239 v.º.
- Santo André de Alvoco das Várzeas, fls. 239 v.º-240.
- N.ª Sr.ª do Rosário de Torrocelo, fl. 240.
- S. Domingos de Rio Torto, fl. 240 v.º.
- N.ª Sr.ª do Rosário de Valezim, fl. 240 v.º.
- Santo Isidoro de Melo, fl. 241.
- S. Facundo de Candosa, fl. 241 v.º.
- N.ª Sr.ª da Conceição de Sinde, fls. 241 v.º-242.
- Salvador de Tourais, fls. 242-243.
- S. João da Boavista, fl. 243 v.º.
- Santa Comba a par de Seia, fls. 244-244 v.º.
- S. Pedro de Sandomil, fl. 244 v.º.
- N.ª Sr.ª do Rosário de Sazes [da Beira], fls. 244 v.º-245.
- N.ª Sr.ª da Conceição de Figueiró da Serra, fl. 245.
- N.ª Sr.ª das Neves de Salgueirais, fls. 245-245 v.º.
- S. Sebastião de Cativelos, fl. 245 v.º.
- S. João Baptista do Sabugueiro, fls. 245 v.º- 246.
- N.ª Sr.ª da Assunção de Arcozelo, fl. 246.
- Santa Marinha de Oliveira do Cunhedeiro, fls. 246-246 v.º.
- S. Mateus de Friúmes, fl. 246 v.º.
- N.ª Sr.ª da Assunção de Linhares, fls. 246 v.º-249.
- N.ª Sr.ª da Assunção de Vila de Vide, fl. 249.
- S. Julião do lugar de S. Gião, fl. 249 v.º.
- S. Tiago de Juncais, fl. 249 v.º.

- S. Tiago de Travanca de Farinha Podre²⁶¹, fl. 250.
- N.^a Sr.^a da Graça de Vila Ruiva, fl. 250.
- N.^a Sr.^a do Rosário de Mesquitela, fl. 250 v.^o.
- S. Tomé de Penalva [de Alva], fls. 250 v.^o-251.
- S. Bento de Anceriz, fl. 251.
- S. Vicente de Vila Franca [da Serra], fl. 251 v.^o.
- N.^a Sr.^a da Conceição²⁶² de Loriga, fl. 251 v.^o.
- S. Mamede de Ázere, fls. 251 v.^o-252.
- S. João Baptista de Lagos da Beira, fls. 252-252 v.^o.
- N.^a Sr.^a do Ó da Lageosa²⁶³, fl. 252 v.^o.
- Santo André do Ervedal, fls. 252 v.^o-253.
- S. Pedro de Seixo [da Beira], fls. 253-253 v.^o.
- N.^a Sr.^a do Rosário de Travancinha, fl. 253 v.^o.
- N.^a Sr.^a da Assunção de Vinhó, fl. 254.
- N.^a Sr.^a da Graça de Nespereira, fls. 254-254 v.^o.
- S. Lourenço da Carrapichana, fls. 254 v.^o-255.
- S. Martinho de Nabainhos, fls. 255-255 v.^o.
- N.^a Sr.^a da Conceição do Piódão, fl. 255 v.^o.
- Santa Luzia de Pomares, fls. 255 v.^o-256.
- S. Mamede de Vila Cova à Coelheira, fl. 256 v.^o.
- N.^a Sr.^a da Apresentação de Covelo, fls. 256 v.^o-257.
- N.^a Sr.^a da Assunção de Avô, fls. 257-257 v.^o.
- N.^a Sr.^a da Natividade de Vila Cova de Sub-Avô, fls. 258-259.
- S. Domingos das Lages, fl. 259.
- Santa Justa de Girabolhos, fls. 259-259 v.^o.
- S. Pedro de Travanca de Lagos da Beira, fl. 259 v.^o.
- N.^a Sr.^a do Amparo de S. Romão, fls. 259 v.^o-260.
- S. Sebastião de Vila Pouca da Beira, fls. 260-261.
- N.^a Sr.^a da Conceição de Covas, fls. 261 v.^o-262.
- N.^a Sr.^a da Conceição de Lagares, fl. 262.
- S. Miguel de Meruje, fl. 262.

²⁶¹ Conforme já atrás se disse, Travanca de Farinha Podre designa-se, actualmente, Travanca do Mondego.

²⁶² O orago da Paróquia de Loriga passou a ser Santa Maria Maior.

²⁶³ Grafamos aqui o topónimo com a letra /g/ como a Igreja o faz. Como freguesia civil, grafamos o topónimo com a letra /j/ conforme os usos oficiais respectivos.

- N.^a Sr.^a do Pranto de Midões, fls. 262-263.
- N.^a Sr.^a da Graça da Póvoa de Midões, fl. 263.
- Santa Cruz²⁶⁴ de Oliveira do Hospital, fls. 263 v.^o-265.
- Santa Marinha, fls. 265-265 v.^o.
- S. Cosme de Alrote, fl. 266.
- S. Cosme de Nabais, fl. 266.
- N.^a Sr.^a da Assunção de Vila Nova do Casal, fls. 266-266 v.^o.
- S. Martinho a par de Seia, fls. 266 v.^o-267.
- N.^a Sr.^a da Assunção de Seia, fls. 267-268 v.^o.
- S. Tiago a par de Seia, fls. 268 v.^o-269.
- S. Pedro de Lourosa, fl. 269 v.^o.
- S.^a M.^a Maior de Tábua, fls. 269 v.^o-270 v.^o.
- S. Miguel de Paços [da Serra], fl. 270 v.^o.
- S. Tiago da Várzea de Meruje, fls. 270 v.^o-271 v.^o.
- S. Martinho de Paranhos, fl. 271 v.^o.

3. As “Noticias dos Conventos do Bispado de Coimbra”²⁶⁵

- *Noticias do Collegio do Carmo de Coimbra e do Convento de Religiozas da Villa de Tentugal e das pessoas de hum e outro sexo, naturais do mesmo Bispado de Coimbra dignas de memoria que a Academia Real da Historia Portuguesa offerece Fr. Manoel de Sá. Anno 1722, fls. 1-53 v.^o.*
- *Noticias pertencentes ao Collegio de S. Bernardo da Cidade de Coimbra, fls. 55-62 v.^o.*
- *Noticias do Collegio Real de S. Thomas da Cidade de Coimbra que o Reitor delle offrece á Academia da Historia Ecleziastica conforme a resolução de Sua Magestade que Deos guarde de 4 de Marco de 1721, fls. 63-73 v.^o.*
- *Collegio de S. Boaventura de Coimbra, fls. 83-85.*
- *Noticia do Convento de S. Francisco da Ponte, fls. 87-89 v.^o.*
- *Notiças da Fundação do Real Mosteiro o Velho de Santa Clara de Coimbra, fls. 91-94.*
- *Notiças do Real Mosteiro Nouo de Santa Clara de Coimbra, fls. 95-96.*

²⁶⁴ O orago da Paróquia de Oliveira do Hospital é, actualmente, Exaltação da Cruz.

²⁶⁵ BNP – *Manuscritos (COD)*: Códice 149.

– *Memória do Mosteiro de N.^a Sr.^a de Campos, cito no lugar de Sendelgas, duas legoas apartado de Coimbra, e subordinado áos Religiozos de Nosso Padre S. Francisco, fls. 97-97 v.º.*

– *As noticias que se puderão alcansar da fundação, sitio, e fundadores do Real Convento de S. Christina do Campo de Coimbra, fls. 99-100.*

– *Relação do Mosteiro de N.^a Sr.^a do Conuento de Religiozas da 3.^a Ordem de S. Francisco, fls. 101-102 v.º.*

– *Noticia que El Rey Nosso Senhor que Deos guarde ordena se dê a Academia Real da Historia Portuguesa do Conuento de Santo Antonio da Figueira, fls. 103-103 v.º.*

– *Relação do Mosteiro da Madre de Deos de Vinhô da Ordem de Santa Clara, fls. 105-108 v.º.*

– *Relação do Conuento do Espirito Santo de Gouuea da Ordem de S. Francisco, fls. 109-110.*

– *Descripção da origem, e mais coizas do Mosteiro de Santa Clara de Figueiro dos Vinhos, fls. 111-114 v.º.*

– *Sítio, fundação, obra, livraria, privilégios, rendas e reitores do Collegio nouo de S. Agostinho dos Conegos Regulares, fls. 115-122.*

4. A “Noticia das Villas e Lugares da Comarca de Coimbra”²⁶⁶

– *Extracto que se fez do numero das pessoas e fogos de que se compoem o termo desta Cidade de Coimbra²⁶⁷, fls. 1-6 v.º.*

– Lorvão, fls. 9-9 v.º.

– Sebal Grande, fls. 11-11 v.º.

– Bera, fls. 13-13 v.º.

– Barreira, fl. 15.

– Figueira (da Beira), fls. 17-18 v.º.

²⁶⁶ BNP – *Manuscritos (COD)*: Códice 212. Nesta listagem, actualizámos a grafia dos topónimos. O códice contém muitas páginas em branco por ser uma colectânea de respostas avulsas, cada uma das quais não ocupa a totalidade dos bifólios.

²⁶⁷ Este “*Extracto*” não abrange a totalidade do termo da cidade de Coimbra porque, por determinação da Academia Real da História Portuguesa, as informações deveriam ser enviadas para Lisboa à medida que iam sendo reunidas para que os académicos pudessem ir avançando com os seus trabalhos.

- Trespasseiro da escritura de ajuste entre a Câmara de Pombal e o síndico dos religiosos de N. Sr.^a do Cardal, fls. 19-22 v.º.
- Pombal, fls. 23-35 v.º.
- Ribeira de Frades, fls. 38-38 v.º.
- Sarzedela, fls. 40-41.
- Fonte Coberta, fl. 42.
- Picoto, fls. 44-45.
- Zouparria, fl. 46.
- Ansião, fls. 48-49 v.º.
- Pedrulha, fls. 50-52.
- Aljazedo, fls. 53-53 v.º.
- Corujeira, fl. 55.
- Orvieira, fls. 56-56 v.º.
- Monte São, fl. 57.
- Cegonha, fl. 58.
- Vale de Boi, fls. 59-59 v.º.
- Feteira, fl. 60.
- Góis, fls. 62-65 v.º.
- Várzea de Góis, fls. 66-67.
- Reguengo de Samuel, fls. 68-68 v.º.
- Reguengo de Liceia, fl. 70.
- Vila Nova de Monsarros, fls. 71-75.
- Ançã, fls. 76-80 v.º.
- Buarcos, fls. 82-87.
- Vila Franca de Aldeias, fl. 88.
- Trouxemil, fls. 89-90.
- São Martinho do Bispo²⁶⁸, fl. 91.
- Mucela, fl. 92.
- Redondos, fls. 94-95.
- Traveira, fl. 97 v.º.
- Couto de Tavadre, fls. 98-98 v.º.
- Lousã, fls. 100-111.
- Celavisa, fls. 114 e 116.
- Rio de Galinhas, fl. 115.

²⁶⁸ Mais adiante, no fl. 185, há outra *informação* de São Martinho do Bispo.

- Liceia de Santa Cruz, fl. 115.
- Loureiro, fl. 115.
- Alcouce, fl. 115.
- Bendafé, Sandelgas, Cordinhã, fl. 115 v.º.
- Pampilhosa, Vilela, fl. 116.
- Palhacana, fl. 117.
- Pé de Cão, fl. 118.
- Larçã, fl. 118 v.º.
- Matos de Façalamim, fl. 118 v.º.
- Pão Quente, fl. 118 v.º.
- Beçudo, fl. 118 v.º.
- Sebal Pequeno, fl. 118 v.º.
- Vila Pouca de Cernache, fl. 118 v.º.
- São Martinho de Árvore, fl. 118 v.º.
- Carvalhal, fl. 119.
- Alcarraques, fl. 119.
- Carregais, fl. 119.
- Figueiró do Campo, fl. 119.
- Abrunheira, fls. 120-120 v.º.
- Brunhós, fls. 122-122 v.º.
- Reguengo de Belide, fls. 124-125.
- Villa Nova da Barca, fls. 126-127.
- Taveiro, fls. 128-129.
- Façalamim, fls. 130-130 v.º.
- Mouta Santa, fls. 132-133.
- Vila Chã de Poiães, fls. 134-136.
- Casconha, fls. 138-139.
- Couto da Vacariça, fls. 140-141 v.º.
- Friúmes, fls. 142-143.
- Vila Nova de Outil, fls. 144-144 v.º.
- Sepins Grande, fl. 146.
- São Paulo, fls. 148-149.
- Vila Nova de Anços, fls. 150-151 v.º.
- Couto de Semide, fls. 153-155.
- Fala, fl. 156.
- Cioga do Monte, fls. 158-158 v.º.

- Amieiro, fls. 160-160 v.º.
- Reguengo das Abitureiras, fls. 162-163.
- Louriçal, fls. 164-165.
- Couto de Maiorca, fls. 166-170 v.º.
- Terra Nova do Paião, fls. 172-173.
- Gatões, fls. 174-175.
- Montemor-o-Velho, fls. 176-180 v.º.
- *Index dos titollos que pertencem a Villa de Montemor o Velho do livro que fez Antonio Correa da Fonseca das suas antiguidades*, fls. 181-182.
- Alvorge, fls. 183-183 v.º.
- São Martinho do Bispo²⁶⁹, fl. 185.
- Carvalho, fls. 187-190 v.º.
- Arganil, fls. 192-195 v.º.
- Arzilla, fl. 196.
- Serpins, fls. 197-200.
- Couto de Vale de Todos, fls. 201-204.
- Coutto de Arazede, fls. 205-207.
- Couto de Outil, fls. 209-209 v.º.
- Couto de Cadima, fls. 211-211 v.º.
- Louriçal, fls. 213-219.
- Pombeiro, fls. 222-224 v.º.
- Alfarelos, fls. 225-225 v.º.
- Couto de Lavos, fls. 227-228 v.º.
- Couto de Ulmar, fls. 229-230.
- Amieira, fls. 231-232 v.º.
- Maiorca, fls. 233-238 v.º.
- Moinho da Mata, termo de Montemor-o-Velho, fl. 240.
- Couto de Quiaios, fls. 241-242.
- Couto de Serra Ventoso, fls. 243-249 v.º.
- Freguesia de São Sebastião de Montemor-o-Velho, fls. 251-252.
- Souselas, fls. 253-253 v.º.
- Cernache, fls. 254-257.
- Couto de Casal Comba, fls. 258-258 v.º.
- Cegonha, fls. 260-260 v.º.

²⁶⁹ Atrás, no fl. 91, há outra *informação* de São Martinho do Bispo.

- Eiras, fls. 262-263 v.º.
- Logo de Deus, fl. 264.
- Avenal, fl. 266.
- Ameal, fls. 267-267 v.º.
- Ardazube, fl. 269.
- Zouparria, fl. 270.
- Antes, fl. 271.
- Marmeleira, fls. 273-273 v.º.
- Travassô, fls. 274-274 v.º.
- Sobreiro, fls. 276-276 v.º.
- Botão, fls. 278-279 v.º.
- Ventosa do Bairro, fls. 282-283.
- Arrifana de Poiares, fls. 284-286 v.º.
- Couto das Alhadas, fls. 288-289.
- Couto de Alcabideque, fl. 290.
- Algaça, fls. 291-292.
- Hombres²⁷⁰, fls. 293-293 v.º.
- Ventosa de Condeixa, fl. 295.
- Bolho, fls. 297-297 v.º.
- Almoster, fls. 299-299 v.º.
- Bruscos, fls. 301-303.
- Couto de Verride, fls. 304-307.
- Miranda, fls. 308-330.
- Cantanhede, fls. 333-342.
- Couto de Fermozelha, fls. 343-343 v.º.
- Condeixa-a-Velha, fls. 345-346.
- Couto de Monte Redondo, fls. 347-350.
- Anobra, fls. 352-353.
- Terra Velha de Paião, fls. 354-356 v.º.
- Sazes, fls. 358-359 v.º.
- Relação das notícias recebidas do Senado da Câmara de Coimbra, fls. 360-361 v.º.
- Pereira, fls. 362-366.

²⁷⁰ *Homeres* escreve-se actualmente *Hombres*. Situa-se em São Pedro de Alva, Penacova.

- Couto de Mogofores, fls. 367-368.
- Reguengo do Seixo, fls. 369-369 v.º.
- Couto de Aguim, fls. 371-372.
- Penela, fls. 373-377 v.º.
- Levira, fl. 378.
- Podentes, fls. 379-379 v.º.
- Sobral, fl. 380.
- Couto de Vila Verde, fl. 381.
- Cruz dos Morouços, fl. 382.
- Lista das Aldeias que tem a Vila de Pombal, fls. 383-384 v.º.
- Couto de Santo Varão, fl. 387.
- Brasfemes, fl. 389.
- Monte Arcado, fl. 390.
- Vila Franca, fl. 391.
- Póvoa de Santa Cristina, fl. 392.
- Vale de Canas, fl. 393.
- Gabrielos (Granja do Ulmeiro), fl. 394.
- Casais de Eiras, fl. 395.
- Alcarraques, fl. 395.
- Antuzede, fl. 396.
- Lamarosa, fl. 396.
- Quimbres, fl. 397.
- Antanol, fl. 398.
- *Lista dos moradores que ha neste Concelho da Conraria*, fl. 399.
- Adémias, fl. 401.
- Couto de Arazede, fl. 401.
- Ceira, fl. 402.
- Casas Novas, fl. 404.
- Pombalinho, fl. 405.
- Legação, fl. 405 v.º.
- Palheira, fl. 405 v.º.
- Alfafar, fl. 406.
- Palhais, fl. 407.
- Reguengo de Liceia, fls. 408-408 v.º.
- Carvalhal, fls. 409-409 v.º.
- Carapineira, fls. 410-410 v.º.

- Terra Nova de Paião, fls. 412-412 v.º.
- Penacova, fls. 413-413 v.º.
- Amieiro, fls. 415-415 v.º.
- Reguengo das Abitureiras, fls. 417-417 v.º.
- Couto de Quiaios, fls. 419-420 v.º.
- Gabrielos, fls. 421-422 v.º.
- Moinho da Mata, fls. 423-423 v.º.
- Couto de Arazedo do Bispo, fls. 425-425 v.º.
- Terra Velha de Paião, fls. 427-427 v.º.
- Gesteira, fls. 428-429 v.º.
- Figueiró do Campo, fls. 430-430 v.º.
- Reguengo de Belide, fls. 431-431 v.º.
- Couto de Tavadere, fls. 433-434 v.º.
- Vila Nova da Barca, fl. 435.
- Palhais, fls. 436-436 v.º.
- Reguengo do Seixo, fls. 437-437 v.º.
- Liceia, fl. 438.
- Alfarelos, fls. 439-440 v.º.
- Amieira da Azoia, fls. 441-441 v.º.
- Granja do Ulmeiro, fls. 443-444 v.º.
- Vila Franca, fls. 445-445 v.º.
- Couto de Cadima, fls. 447-448 v.º.
- Couto das Alhadas, fls. 449-449 v.º.
- Gesteira, fls. 451-452.
- Couto de Verride, fls. 453-454 v.º.
- Brunhós, fls. 455-455 v.º.
- *Rol dos moradores que há no lugar de Gattoins*, fls. 456-457 v.º.
- *Copia da carta do Doutor Manoel Pereira da Silva Leal com a inscrição incluza que nella remeteo*²⁷¹, fls. 458-458 v.º.
- *Lista das Terras em que o Prouedor da Comarca de Coimbra entra em correição*, fls. 460-462 v.º.

²⁷¹ Neste códice não se encontra a aludida inscrição que existiria no castelo de Pombal, ainda que se descrevam os complicados trabalhos de engenharia para se obter a sua leitura.

5. O “*Extracto das Noticias*”²⁷²

O “*Extracto das Noticias*” possui no final um minucioso índice toponímico que facilita a localização dos topónimos cujas *Notícias* se pretendam consultar. Por esta razão e por ser muito extenso, não se publica aqui a lista das localidades abrangidas da Provedoria de Coimbra.

6. As “*Memorias Geographicas e Historicas da Comarca de Coimbra*”²⁷³

O título deste pequeno códice é enganador, porquanto as “*Memorias Geographicas e Historicas*” não se circunscrevem todas, geograficamente, à área da Comarca de Coimbra. Eis o seu elenco:

- *Descrição do Rio Mondego*, fls. 1-3 v.º.
- Vila do Bispo²⁷⁴, fls. 5-7.
- Condeixa-a-Nova, fls. 8-18.
- Murtede, fls. 19-20 v.º.
- Vila Pouca do Campo, fls. 21-21 v.º.
- Sepins Pequeno, fls. 23-24.
- Montemor-o-Velho: *Lembrança dos Liuros que se acharam, antigos e modernos na Camera da Villa de Montemor o Velho*, fls. 25-30 v.º.
- Almeida, fls. 32-32 v.º.
- Veiros²⁷⁵, fls. 34-37 v.º.

²⁷² BNP – *Manuscritos (COD.)*: Códice 108: “*Extracto das Noticias que o Doutor Bertolameu de Macedo Malheiro, Provedor da Comarca de Coimbra, remeteo á Academia Real da Historia Portugueza no anno de 1721. E na dita Academia forão entregues a mim o Beneficiado Francisco Leitam Ferreira, para as Memorias Ecclesiasticas do Bispado de Coimbra, que me estam encomendadas*”.

²⁷³ BNP – *Manuscritos (COD.)*: Códice 213. Sem interesse para a área geográfica deste *Roteiro*, este manuscrito inclui três *memórias* sobre Vila do Bispo, Almeida e Veiros.

²⁷⁴ Trata-se de Vila do Bispo, no Algarve.

²⁷⁵ Trata-se da vila alentejana de Veiros, situada, actualmente, no Concelho de Estremoz.

7. As “Notícias” da Comarca de Leiria²⁷⁶

Das “Notícias” que o provedor da Comarca de Leiria, Brás Raposo da Fonseca, enviou em 1721 à Academia Real da História Portuguesa, reportam-se à área geográfica da Diocese de Coimbra as seguintes:

- Vila de Soure, fls. 102-112.
- Vila de Ega, fls. 113-115.
- Vila da Redinha, fls. 115 v.º-117 v.º.
- Vila de Pombal, fls. 118-121 v.º.

8. As Informações Paroquiais de 1756²⁷⁷

A “*Informação dos Párcos sobre o Terramoto em Lisboa*”, que podemos designar por *Informações paroquiais de 1756*, estão conservadas na Torre do Tombo, no fundo *Ministério do Reino*: Informações de Jurisdição Eclesiástica.

As respostas dos párcos estão organizadas por distritos, concelhos e paróquias. É assim que as elencaremos aqui para proveito dos investigadores. Limitamo-nos a inventariar as que, à época, se reportavam à Diocese de Coimbra. Como facilmente se constata, perdeu-se uma parte significativa das respostas dos párcos, a não ser que se encontrem em parte incerta no nosso gigantesco arquivo nacional.

8.1. Distrito de Aveiro

8.1.1. Concelho de Águeda:

- | | |
|--------------------|----------------------|
| a) Agadão | d) Águeda |
| b) Aguada de Baixo | e) Barrô |
| c) Aguada de Cima | f) Belazaima do Chão |

²⁷⁶ BGUC – *Manuscritos*: Códice 503: “*Notícias remetidas á Academia Real*”, pelo provedor da Comarca de Leiria, Brás Raposo da Fonseca.

²⁷⁷ TT – *Ministério do Reino*: Informações de Jurisdição Eclesiástica – Informação dos Párcos sobre o Terramoto em Lisboa, m. 638.

- | | |
|-------------------------|-----------------------|
| g) Castanheira do Vouga | m) Macinhata do Vouga |
| h) Espinhel | n) Óis da Ribeira |
| i) Fermentelos | o) Préstimo |
| j) Lamas do Vouga | p) Recardães |
| l) Macieira de Alcoba | q) Segadães |

8.1.2. Concelho de Albergaria-a-Velha:

- | | |
|-----------------------|----------------------|
| a) Albergaria-a-Velha | d) Frossos |
| b) Alquerubim | e) São João de Loure |
| c) Branca | f) Vale Maior |

8.1.3. Concelho de Anadia:

- | | |
|-------------------|---------------------------|
| a) Ancas | e) Óis do Bairro |
| b) Arcos | f) Sangalhos |
| c) Avelãs de Cima | g) Vila Nova de Monsarros |
| d) Moita | h) Vilarinho do Bairro |

8.1.4. Concelho de Aveiro:

- | | |
|--|-----------------------|
| a) Aradas | e) Aveiro (Vera Cruz) |
| b) Aveiro (Espírito Santo) | f) Cacia |
| c) Aveiro (N. ^a Sr. ^a da Apresentação) | g) Esgueira |
| d) Aveiro (S. Miguel) | h) Requeixo |

8.1.5. Concelho de Estarreja:

- | | |
|------------|-----------|
| a) Canelas | c) Salreu |
| b) Fermelã | |

8.1.6. Concelho de Ílhavo:

Nenhuma resposta.

8.1.7. Concelho de Mealhada:

- | | |
|----------------|------------------------|
| a) Barcouço | d) Pampilhosa do Botão |
| b) Casal Comba | e) Ventosa do Bairro |
| c) Luso | |

8.1.8. Concelho de Oliveira de Azeméis²⁷⁸:

- | | |
|-------------------------------------|-----------------------|
| a) Bemposta ou Pinheiro da Bemposta | c) Macinhata de Seixa |
| b) Carregosa | d) Ossela |
| | e) Palmaz |

8.1.9. Concelho de Oliveira do Bairro:

- | | |
|--------------|-----------------------|
| a) Mamarrosa | c) Oliveira do Bairro |
| b) Oiã | d) Troviscal |

8.1.10. Concelho de Sever do Vouga:

- a) Talhadas

8.1.11. Concelho de Vagos:

- | | |
|------------------|----------|
| a) Covão do Lobo | c) Vagos |
| b) Soza | |

8.1.12. Concelho de Vale de Cambra:

- | | |
|-----------------------|--------------------------|
| a) Cepelos | d) Roge |
| b) Codal | e) Vila Chã |
| c) Macieira de Cambra | f) Vila Cova de Perrinho |

²⁷⁸ Além das seguintes respostas, na Torre do Tombo existe, também, a de Nogueira do Cravo (São Cristóvão) que não pertencia à Diocese de Coimbra. A Paróquia de São Cristóvão de Nogueira do Cravo era do termo da Vila da Feira, da Comarca de Esgueira e da Diocese do Porto. A Paróquia de Nossa Senhora da Expectação de Nogueira do Cravo situava-se na Comarca de Viseu e na Diocese de Coimbra.

8.2. Distrito de Coimbra

8.2.1. Concelho de Arganil:

- | | |
|-------------|-------------------------------------|
| a) Anceriz | g) Pomares |
| b) Arganil | h) Pombeiro da Beira |
| c) Benfeita | i) São Martinho da Cortiça |
| d) Celavisa | j) Sarzedo |
| e) Cerdeira | l) Secarias |
| f) Coja | m) Vila Cova de Alva ²⁷⁹ |

8.2.2. Concelho de Cantanhede:

- | | |
|---------------|-------------|
| a) Ançã | f) Murtede |
| b) Bolho | g) Ourentã |
| c) Cadima | h) Outil |
| d) Cantanhede | i) Pocariça |
| e) Cordinhã | j) Sepins |

8.2.3. Concelho de Coimbra:

- | | |
|-------------------------------------|---------------------------|
| a) Ameal | 2. Santa Cruz |
| b) Antanol | 3. Santa Justa |
| c) Arzila | 4. S. Tiago |
| d) Assafarge | 5. S. Bartolomeu |
| e) Botão | 6. S. Cristóvão |
| f) Castelo Viegas | 7. S. João de Almedina |
| g) Ceira | 8. S. Pedro |
| h) Cernache | 9. Sé |
| i) Coimbra, cidade ²⁸⁰ : | j) Lamarosa (Santo Varão) |
| 1. Salvador | l) São Facundo (Antuzede) |

²⁷⁹ Vila Cova de Alva ou Vila Cova de Sub-Avô.

²⁸⁰ As respostas dos párocos da cidade de Coimbra foram redigidas num único texto.

- | | |
|-------------------------------------|-----------------------------|
| m) São João do Campo ²⁸¹ | q) Torre ou Torre de Vilela |
| n) São Martinho de Árvore | r) Trouxemil |
| o) São Silvestre | s) Vil de Matos |
| p) Taveiro | |

8.2.4. Concelho de Condeixa-a-Nova:

- | | |
|--------------------|-------------------------|
| a) Anobra | e) Condeixa-a-Velha |
| b) Belide | f) Ega |
| c) Bendafé | g) Sebal ²⁸² |
| d) Condeixa-a-Nova | h) Vila Seca |

8.2.5. Concelho da Figueira da Foz:

- | | |
|-----------------------------------|-------------|
| a) Alhadas | g) Maiorca |
| b) Brenha | h) Paião |
| c) Buarcos | i) Quiaios |
| d) Ferreira-a-Nova ²⁸³ | j) Redondos |
| e) Figueira da Foz do Mondego | l) Tavadede |
| f) Lavos | |

8.2.6. Concelho de Góis:

- | | |
|------------|--------------------------------------|
| a) Alvares | d) Góis |
| b) Cadafaz | e) Vila Nova do Ceira ²⁸⁴ |
| c) Colmeal | |

²⁸¹ São João do Campo corresponde à antiga *Cioga do Campo*.

²⁸² Há duas respostas com data tópica de Sebal.

²⁸³ No microfilme 1076 faltam as imagens da resposta desta paróquia. O investigador interessado terá de requerer à Torre do Tombo a consulta do original ou solicitar uma cópia. Agradecemos a diligência da Dr.^a Odete Martins, coordenadora do Gabinete de Leitura Pública e Referência da Torre do Tombo, no acesso às imagens digitais do manuscrito.

²⁸⁴ Vila Nova do Ceira corresponde à antiga *Várzea de Góis*.

- | | |
|---------------------------|------------------------|
| e) Galizes | l) Nogueira do Cravo |
| f) Lagares | m) Penalva de Alva |
| g) Lagos da Beira | n) Santa Ovaia |
| h) Lajeosa ²⁸⁸ | o) São Gião |
| i) Lourosa | p) Travanca de Lagos |
| j) Meruge | q) Vila Pouca da Beira |

8.2.12. Concelho de Pampilhosa da Serra:

- a) Fajão

8.2.13. Concelho de Penacova:

- | | |
|-----------------------|-------------------------------------|
| a) Carvalho | e) Paradela |
| b) Figueira de Lorvão | f) Penacova |
| c) Friúmes | g) São Pedro de Alva ²⁸⁹ |
| d) Lorvão | |

8.2.14. Concelho de Penela:

- | | |
|---------------------------|-------------|
| a) Espinhal | d) Podentes |
| b) Penela (S. Miguel) | e) Rabaçal |
| c) Penela (Santa Eufémia) | |

8.2.15. Concelho de Soure:

- | | |
|--------------|---------------|
| a) Alfarelos | d) Pombalinho |
| b) Degracias | e) Samuel |
| c) Gesteira | f) Soure |

²⁸⁸ Grafamos aqui o topónimo com a letra /j/ conforme o uso oficial autárquico, ainda que a Igreja grafe o nome da paróquia com a letra /g/.

²⁸⁹ São Pedro de Alva é o nome da antiga *Farinha Podre* (São Pedro). Embora na Torre do Tombo esteja registada como pertencendo à Paróquia de São Paio de Farinha Podre, pela assinatura de pároco conclui-se que a resposta pertence a São Pedro da Farinha Podre. A data tópica do documento reduz-se a «*Farinha Podre*».

- g) Tapéus
- h) Vila Nova de Anços
- i) Vinha da Rainha

8.2.16. Concelho de Tábua:

- a) Ázere
- b) Covas
- c) Covelo
- d) Espariz
- e) Mouronho
- f) Pinheiro de Coja
- g) Póvoa de Midões
- h) São João da Boavista
- i) Sinde

8.2.17. Concelho de Vila Nova de Poiares

- a) São Miguel de Poiares²⁹⁰

8.3. Distrito da Guarda

8.3.1. Concelho de Celorico da Beira:

- a) Carrapichana
- b) Linhares
- c) Mesquitela
- d) Salgueirais

8.3.2. Concelho de Fornos de Algodres:

- a) Juncais

8.3.3. Concelho de Gouveia:

- a) Arcozelo
- b) Cabra (Ribamondego)
- c) Cativelos
- d) Figueiró da Serra
- e) Gouveia (S. Pedro)
- f) Gouveia (S. Julião)

²⁹⁰ Na Torre do Tombo, a resposta do pároco de São Miguel de Poiares está arquivada no Distrito de Vila Real onde existe uma paróquia com o nome de Poiares, no Concelho de Peso da Régua, que tem como orago São Miguel. Consultando os registos paroquiais de São Miguel de Poiares, da Diocese de Coimbra, verifica-se coincidência de nome entre quem subscreve os assentos de baptismo, por exemplo, e quem assinou a resposta ao inquérito de 1756: o cura José Matos Andrade.

- | | |
|-----------------------|-------------------------|
| g) Gouveia (S. Paio) | m) Nabais |
| h) Mangualde da Serra | n) Paços da Serra |
| i) Melo | o) Vila Cortês da Serra |
| j) Moimenta da Serra | p) Vila Franca da Serra |
| l) Nabainhos | q) Vinhó |

8.3.4. Concelho de Seia:

- | | |
|-------------------------------|--|
| a) Alvoco da Serra | m) São Romão |
| b) Folhadosa | n) Sazes da Beira |
| c) Girabolhos | o) Seia (N. ^a Sr. ^a da Assunção) |
| d) Loriga | p) Torrocelo |
| e) Sabugueiro | q) Tourais |
| f) Sandomil | r) Travancinha |
| g) Santa Comba de Seia | s) Valezim |
| h) Santa Eulália | t) Várzea de Meruge |
| i) Santa Marinha | u) Vide |
| j) Santiago a par de Seia | v) Vila Cova à Coelheira |
| l) São Martinho a par de Seia | |

8.4. Distrito de Leiria

8.4.1. Concelho de Alvaiázere²⁹¹:

- | | |
|-----------------------------------|------------------|
| a) Almoester | e) Pelmá |
| b) Alvaiázere | f) Pussos |
| c) Maçãs de Caminho | g) Rego da Murta |
| d) Maçãs de D. ^a Maria | |

8.4.2. Concelho de Ansião:

- | | |
|------------------|---------------------------|
| a) Ansião | c) Pousaflores |
| b) Chão de Couce | d) Santiago da Guarda |
| | e) Torre de Vale de Todos |

²⁹¹ As respostas dos párocos das freguesias situadas no actual Concelho de Alvaiázere já estão publicadas em: Mário Rui Simões Rodrigues e Saul António Gomes, *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas. Alvaiázere*, Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura – Palimage, 2007. Na colecção de originais existentes na Torre do Tombo, há documentos fora da respectiva secção concelhia. As respostas dos párocos das freguesias do Concelho de Ansião também se encontram publicadas pelos mesmos autores.

8.6. Distrito de Viseu

8.6.1. Concelho de Mortágua:

- | | |
|---------------------------------------|--------------------|
| a) Almaça | f) Mortágua |
| b) Cercosa | g) Pala |
| c) Cortegaça | h) Sobral |
| d) Espinho de Mortágua ²⁹⁵ | i) Vale de Remígio |
| e) Marmeleira | |

8.6.2. Concelho de Santa Comba Dão:

- | | |
|----------------------|-----------------|
| a) Couto do Mosteiro | c) São Joaninho |
| b) Santa Comba Dão | |

9. As *Informações Paroquiais de 1758*²⁹⁶

- Abiul, vol. 1, n.º 10, pp. 93-110.
- Agadão²⁹⁷, vol. 42, n.º 3, p. 1; e vol. 9, n.º 196, pp. 1267-1274.
- Aguada de Baixo, vol. 42, n.º 1, p. 1.
- Aguada de Cima, vol. 1, n.º 47, pp. 345-350.
- Águas Belas, vol. 1, n.º 49, pp. 355-358.
- Aguda, vol. 1, n.º 54, pp. 379-384.
- Águeda, vol. 1, n.º 55, pp. 385-394.
- Albergaria-a-Velha, vol. 1, n.º 68, pp. 479-482.

²⁹⁵ Na coleção da Torre do Tombo, o documento está localizado no Concelho de Espinho. Pela assinatura do pároco – vigário Manuel Bernardes –, conclui-se tratar-se não de Espinho mas de Espinho de Mortágua.

²⁹⁶ TT – *Memórias Paroquiais*. Na base de dados informática da Torre do Tombo existem actualmente (2012) vários lapsos na grafia dos topónimos das “*Memórias Paroquiais*”, facto que impede o investigador de encontrar as respostas de algumas paróquias e obriga a uma busca mais sistemática directamente na fonte ou na sua reprodução gráfica (em microfilme ou nas imagens digitalizadas). Na listagem que aqui fornecemos, tentámos suprir todos esses lapsos; por exemplo: *Gouvea* em vez de *Gouveia*, *Tourães* em vez de *Tourais*, *Quiajos* em vez de *Quiaios*, entre outros.

²⁹⁷ A *informação* da Paróquia de Santa Maria Madalena de Agadão está inserta na *memória* da Paróquia de São Mamede de Castanheira do Vouga.

- Aldeia das Dez, vol. 42, n.º 10, p. 4.
- Alfarelos, vol. 2, n.º 52, pp. 461-464.
- Alhadas, vol. 2, n.º 67, pp. 527-528.
- Almaça, vol. 42, n.º 13, p. 6.
- Almagreira, vol. 3, n.º 6, pp. 67-74.
- Almalaguês, vol. 42, n.º 14, p. 6.
- Almofter, vol. 3, n.º 14, pp. 129-134.
- Alquerubim, vol. 2, n.º 4, pp. 15-18.
- Alrote, vol. 17, n.º 86a, pp. 481-482.
- Alvaiázere, vol. 42, n.º 15, pg. 7.
- Alvoco da Serra, vol. 3, n.º 50, pp. 371-374.
- Alvoco das Várzeas²⁹⁸, vol. 42, n.º 17, p. 8.
- Alvorge, vol. 3, n.º 53, pp. 397-408.
- Ameal, vol. 3, n.º 70, pp. 535-540.
- Ançã, vol. 4, n.º 1, pp. 1-6.
- Ancas, vol. 4, n.º 2, pp. 7-8.
- Anceriz, vol. 42, n.º 18, p. 8.
- Angeja, vol. 4, n.º 9, pp. 45-52.
- Anobra, vol. 4, n.º 20, pp. 95-100.
- Ansião, vol. 42, n.º 19, p. 9.
- Antanhol, vol. 4, n.º 25, pp. 133-136.
- Antuzede, vol. 42, n.º 20, p. 9.
- Aradas²⁹⁹, vol. 5, n.º 44, pp. 799-820.
- Arazedo, vol. 4, n.º 37, pp. 207-210.
- Arcos, vol. 4, n.º 46, pp. 254-257.
- Arcozelo, vol. 4, n.º 53, pp. 285 e ss. (inum.).
- Arega, vol. 4, n.º 65, pp. 363-378.
- Arganil, vol. 4, n.º 72, pp. 425-460.
- Arrifana de Poiães, vol. 5, n.º 15, pp. 639-642.
- Arzila, vol. 5, n.º 24, pp. 701-704.
- Assafarge, vol. 42, n.º 23, p. 11.
- Aveiro³⁰⁰:
 - S. Miguel, vol. 5, n.º 44, pp. 799-820.

²⁹⁸ Alvoco das Várzeas ou das Vargens.

²⁹⁹ As *informações* de São Pedro de Aradas estão incluídas na *memória* de Aveiro.

³⁰⁰ As respostas das freguesias da cidade de Aveiro formam uma só unidade.

- Espírito Santo, vol. 5, n.º 44, pp. 799-820.
- N.ª Sr.ª da Apresentação, vol. 5, n.º 44, pp. 799-820.
- Vera Cruz ou Santa Cruz, vol. 5, n.º 44, pp. 799-820.
- Avelar, vol. 5, n.º 49, pp. 843-846.
- Avelãs de Caminho, vol. 42, n.º 27, p. 12.
- Avelãs de Cima, vol. 5, n.º 48, pp. 839-842.
- Avô, vol. 5, n.º 64, pp. 937-942.
- Ázere, vol. 5, n.º 69, pp. 975-978.
- Barcouço, vol. 6, n.º 37, pp. 299-302.
- Barrô de Aguada, vol. 42, n.º 30, p. 17.
- Beco, vol. 6, n.º 72, pp. 505-508.
- Belazaima do Chão, vol. 6, n.º 79, pp. 589-592.
- Belide, vol. 6, n.º 80, pp. 593-594.
- Bemposta³⁰¹, vol. 6, n.º 94, pp. 667-670.
- Bendafé, vol. 6, n.º 90, pp. 655-656.
- Benfeita, vol. 6, n.º 91, pp. 657-660.
- Bobadela, vol. 7, n.º 28, pp. 925-928.
- Bolho, vol. 7, n.º 35, pp. 973-976.
- Botão, vol. 7, n.º 48, pp. 1055-1066.
- Branca, vol. 7, n.º 61, pp. 1187-1194.
- Brenha, vol. 7, n.º 65, pp. 1209-1212.
- Brunhós, vol. 7, n.º 82, pp. 1283-1284.
- Buarcos, vol. 7, n.º 85, pp. 1293-1298.
- Cabra³⁰², vol. 8, n.º 16, pp. 95-96.
- Cacia, vol. 8, n.º 29, pp. 165-172.
- Cadafaz, vol. 42, n.º 41a, p. 22.
- Cadima, vol. 8, n.º 33, pp. 193-196.
- Campelo, vol. 8, n.º 67, pp. 437-444.
- Candosa, vol. 42, n.º 41, p. 22.
- Canelas, vol. 9, n.º 105, pp. 719-724.
- Cantanhede, vol. 9, n.º 110, pp. 745-752.
- Carapinha, vol. 9, n.º 123, pp. 819-820.

³⁰¹ Bemposta ou Pinheiro da Bemposta.

³⁰² Cabra ou Vila de Cabra.

- Carapinheira³⁰³, vol. 42, n.º 42, p. 23.
- Carrapichana, vol. 42, n.º 44, p. 24.
- Carregosa, vol. 9, n.º 152, pp. 985-988.
- Carvalho, vol. 9, n.º 175, pp. 1109-1116.
- Casal Comba, vol. 10, n.º 238, pp. 1597-1612.
- Casal de Ermio, vol. 42, n.º 52, p. 27.
- Castanheira do Pedrógão³⁰⁴, vol. 9, n.º 190, pp. 1237-1242.
- Castanheira do Vouga, vol. 9, n.º 196, pp. 1267-1274.
- Castelões, vol. 9, n.º 204, pp. 1317-1320.
- Castelo Viegas, vol. 10, n.º 223, pp. 1491-1494.
- Cativeiros, vol. 42, n.º 49, p. 26.
- Ceira, vol. 10, n.º 250, pp. 1677-1684.
- Celavisa, vol. 42, n.º 402a, p. 202.
- Cepelos, vol. 10, n.º 261, pp. 1767-1770.
- Cepas, vol. 42, n.º 54, p. 33.
- Cercosa³⁰⁵, vol. 42, n.º 55, p. 33.
- Cerdeira, vol. 42, n.º 56, p. 34.
- Cernache dos Alhos, vol. 34, n.º 133 (143), pp. 961-966.
- Chão de Couce, vol. 10, n.º 294, pp. 2027-2030.
- Cioga do Campo, vol. 11, n.º 332, pp. 2287-2290.
- Codal, vol. 11, n.º 337, pp. 2311-2312.
- Coentral, vol. 42, n.º 61, p. 38.
- Coimbra³⁰⁶:
 - Santa Cruz, vol. 11, n.º 349, pp. 2371-2400.
 - S. Pedro, vol. 11, n.º 349, pp. 2371-2400.
 - S. João de Almedina, vol. 11, n.º 349, pp. 2371-2400.
 - Salvador, vol. 11, n.º 349, pp. 2371-2400.
 - S. Cristóvão, vol. 11, n.º 349, pp. 2371-2400.
 - S. Bartolomeu, vol. 11, n.º 349, pp. 2371-2400.
 - S. Tiago, vol. 11, n.º 349, pp. 2371-2400.

³⁰³ Da *Paróquia* de Santa Susana da Carapinheira há mais informações na *memória* de Montemor-o-Velho.

³⁰⁴ Castanheira do Pedrógão ou Castanheira de Pêra.

³⁰⁵ A *informação* da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Cercosa está inserta na *memória* da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Carvalho.

³⁰⁶ As *informações* das paróquias da cidade de Coimbra constam de uma *única relação*.

- Santa Justa, vol. 11, n.º 349, pp. 2371-2400.
- Sé, vol. 11, n.º 349, pp. 2371-2400.
- Coja, vol. 11, n.º 347, pp. 2359-2362.
- Colmeal, vol. 42, n.º 62, p. 38.
- Condeixa-a-Nova, vol. 11, n.º 369, pp. 2523-2524.
- Condeixa-a-Velha, vol. 11, n.º 370, pp. 2525-2528.
- Cordinhã, vol. 11, n.º 378, pp. 2565-2566.
- Cortegaça, vol. 42, n.º 65, p. 40.
- Couto do Mosteiro, vol. 42, n.º 212, p. 100.
- Covão do Lobo, vol. 12, n.º 434, pp. 2973-2976.
- Covas, vol. 12, n.º 439, pp. 3011-3018.
- Covelo, vol. 12, n.º 450, pp. 3073-3076.
- Covões, vol. 12, n.º 453, pp. 3131-3138.
- Cumieira, vol. 11, n.º 364, pp. 2501-2504.
- Degracias, vol. 13, n.º 12, pp. 65-68.
- Dornes, vol. 13, n.º 31, pp. 185-190.
- Ega, vol. 13, n.º (E) 4, pp. 13-18.
- Eiras, vol. 42, n.º 75, p. 46.
- Eixo, vol. 13, n.º (E) 13, pp. 63-70.
- Ervedal da Beira, vol. 13, n.º (E) 38, pp. 299-306.
- Esgueira, vol. 14, n.º 58, pp. 413-420.
- Espariz, vol. 14, n.º 65, pp. 457-460.
- Espinhal, vol. 14, n.º 70, pp. 475-488.
- Espinhel, vol. 14, n.º 71, pp. 489-498.
- Espinho de Mortágua, vol. 14, n.º 72, pp. 499-502.
- Fajão, vol. 15, n.º 9, pp. 43-50.
- Farinha Podre (S. Pedro), vol. 15, n.º 24, pp. 125-128.
- Fermelã, vol. 15, n.º 44, pp. 275-282.
- Ferreira do Zêzere, vol. 15, n.º 52, pp. 319-324.
- Ferreira-a-Nova, vol. 15, n.º 50, pp. 313-316.
- Figueira da Foz, vol. 42, n.º 92, p. 58.
- Figueira de Lorvão, vol. 42, n.º 145, p. 77.
- Figueiró do Campo, vol. 15, n.º 81, pp. 507-508.
- Figueiró dos Vinhos, vol. 15, n.º 83, pp. 517-520.
- Folgosinho, vol. 15, n.º 97, pp. 597-600.
- Folhadosa, vol. 15, n.º 99a, pp. 615-624.

- Folques, vol. 42, n.º 93, p. 58.
- Foz de Arouce, vol. 16, n.º 137, pp. 861-866.
- Freixo da Serra³⁰⁷, vol. 23, n.º 125, pp. 782-783; vol. 42, n.º 101, p. 63.
- Friúmes, vol. 42, n.º 104, p. 64.
- Frossos, vol. 16, n.º 202, pp. 1233-1234.
- Furadouro³⁰⁸, vol. 13, n.º (E) 4, pp. 13-18.
- Galizes³⁰⁹, vol. 42, n.º 105, p. 65; e vol. 25, n.º (N) 31, pp. 233-240.
- Gatões, vol. 17, n.º 24, pp. 121-124.
- Gesteira, vol. 17, n.º 41, pp. 229-232.
- Girabolhos, vol. 42, n.º 114, p. 68.
- Góis, vol. 42, n.º 117, p. 69.
- Graça de Pedrógão Grande, vol. 42, n.º 120, p. 70.
- Granja do Ulmeiro, vol. 17, n.º 108, pp. 587-590.
- Ílhavo, vol. 18, n.º (J) 17, pp. 105-146.
- Juncais, vol. 42, n.º 131, p. 73.
- Lagares da Beira, vol. 19, n.º 10, pp. 49-52.
- Lagarinhos, vol. 42, n.º 133, p. 74.
- Lagarteira, vol. 19, n.º 11, pp. 53-56.
- Lageosa, vol. 19, n.º 13, pp. 61-62.
- Lages, vol. 42, n.º 134, p. 74.
- Lagos da Beira, vol. 19, n.º 25, pp. 137-140.
- Lamarosa³¹⁰, vol. 36, n.º 43, pp. 257-270.
- Lamas de Miranda, vol. 42, n.º 135, p. 74.
- Lamas do Vouga, vol. 19, n.º 40, pp. 203-210.
- Lavegadas, vol. 42, n.º 139, p. 75.
- Lavos, vol. 19, n.º 65, pp. 475-480.
- Liceia, vol. 20, n.º 84, pp. 641-644.
- Linhares da Beira, vol. 20, n.º 90, pp. 673-686.
- Loriga, vol. 21, n.º 124, pp. 1147-1154.

³⁰⁷ As *informações* da Paróquia de Nossa Senhora da Expectação de Freixo da Serra estão insertas na *memória* da Paróquia de Santo Isidoro de Melo.

³⁰⁸ As *informações* da Paróquia do Espírito Santo do Furadouro estão incluídas na *relação* da Paróquia de Nossa Senhora da Graça de Ega.

³⁰⁹ Da Paróquia de São Miguel de Galizes colhem-se *informações* na *memória* da Paróquia de Nossa Senhora da Expectação de Nogueira do Cravo.

³¹⁰ As *informações* da Paróquia de Santo Varão da Lamarosa estão incluídas na *relação* da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção de Tentúgal.

- Lorvão, vol. 42, n.º 144, p. 77.
- Lourçal, vol. 42, n.º 147, p. 78.
- Lourosa da Serra da Estrela, vol. 21, n.º 145, pp. 1271-1274.
- Lousã, vol. 21, n.º 151, pp. 1305-1312.
- Luso, vol. 42, n.º 151, p. 79.
- Maçãs de Caminho, vol. 22, n.º 5, pp. 21-24.
- Maçãs de D.^a Maria, vol. 22, n.º 6, pp. 25-30.
- Macieira de Alcoba, vol. 22, n.º 19, pp. 111-114.
- Macieira de Cambra, vol. 22, n.º 21, pp. 119-126.
- Macinhata de Seixa, vol. 42, n.º 156, p. 81.
- Macinhata do Vouga, vol. 22, n.º 23, pp. 131-140.
- Maiorca, vol. 22, n.º 33, pp. 221-224.
- Mamarrosa, vol. 22, n.º 40, pp. 263-268.
- Mangualde da Serra, vol. 42, n.º 160, p. 82.
- Marmeleira de Mortágua, vol. 22, n.º 61, pp. 409-412.
- Mata Mourisca, vol. 22, n.º 81, pp. 553-556.
- Meãs do Campo, vol. 42, n.º 177, p. 88.
- Meda de Mouros, vol. 23, n.º 103, pp. 679-682.
- Melo, vol. 23, n.º 125, pp. 779-784.
- Meruje, vol. 25, n.º 267, pp. 1977-1980.
- Mesquitela, vol. 23, n.º 134, pp. 837-842.
- Midões, vol. 23, n.º 141, pp. 891-894.
- Mira, vol. 23, n.º 152, pp. 973-992.
- Miranda do Corvo, vol. 42, n.º 190, p. 91.
- Mogofores, vol. 42, n.º 193, p. 92.
- Moimenta da Serra, vol. 42, n.º 195, p. 93.
- Moita³¹¹, vol. 9, n.º 171, pp. 1089-1092.
- Montemor-o-Velho³¹²:
 - S. João do Castelo, vol. 24, n.º 199, pp. 1465-1498.
 - S. Miguel, vol. 24, n.º 199, pp. 1465-1498.
 - S.^a M.^a Madalena, vol. 24, n.º 199, pp. 1465-1498.
 - Salvador, vol. 24, n.º 199, pp. 1465-1498.
 - S. Martinho, vol. 24, n.º 199, pp. 1465-1498.

³¹¹ Moita (São Tiago) ou Carvalhais.

³¹² As *informações* das freguesias da vila de Montemor-o-Velho constam de uma única *memória*.

- S.^a M.^a de Alcáçova, vol. 24, n.º 199, pp. 1465-1498.
- Mortágua, vol. 24, n.º 223, pp. 1641-1646.
- Mouronho, vol. 25, n.º 243, pp. 1819-1824.
- Murtede, vol. 25, n.º 265, pp. 1951-1954.
- Nabainhos, vol. 42, n.º 224, p. 105.
- Nabais, vol. 25, n.º (N) 1, pp. 1-4.
- Nespereira³¹³, vol. 17, n.º 87, pp. 483-488.
- Nogueira do Cravo³¹⁴, vol. 25, n.º (N) 31, pp. 233-240.
- Oiã³¹⁵, vol. 14, n.º 71, pp. 489-498.
- Óis da Ribeira, vol. 26, n.º 9, pp. 83-84.
- Oliveira do Bairro, vol. 26, n.º 23, pp. 197-200.
- Oliveira do Hospital, vol. 26, n.º 27, pp. 235-236.
- Oliveirinha, vol. 26, n.º 28, pp. 237-238.
- Orada, vol. 26, n.º 32, pp. 283-284.
- Ossela, vol. 26, n.º 40, pp. 331-334.
- Outil, vol. 26, n.º 61, pp. 459-462.
- Paião, vol. 27, n.º 24, pp. 141-148.
- Paio Mendes, vol. 27, n.º 26, pp. 153-156.
- Pala, vol. 27, n.º 34, pp. 185-190.
- Palmaz, vol. 27, n.º 38, pp. 203-208.
- Pampilhosa do Botão, vol. 42, n.º 278, p. 131.
- Paradela, vol. 27, n.º 69, pp. 447-452.
- Paranhos, vol. 27, n.º 81, pp. 521-522.
- Pedrógão Grande, vol. 28, n.º 105, pp. 673-688.
- Pedrógão de Coja³¹⁶, vol. 42, n.º 303, p. 141.
- Pedrulha, vol. 42, n.º 304, p. 141.
- Pelmá, vol. 28, n.º 111, pp. 723-728.

³¹³ A *informação* da Paróquia de Nossa Senhora da Graça de Nespereira encontra-se na *memória* de São Julião de Gouveia.

³¹⁴ Refere-se à Paróquia de Nossa Senhora da Expectação de Nogueira do Cravo. Há também uma *memória* da Paróquia de São Cristóvão de Nogueira do Cravo que pertencia à Diocese do Porto.

³¹⁵ A resposta relativa à Paróquia de São Simão de Oiã está inclusa na *memória* da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção de Espinhel, de que era anexa.

³¹⁶ Não foi possível localizar esta freguesia de *Pedrógão de Coja*. Deve tratar-se de um lapso cometido pelo desconhecido autor dos suplementos das “*Memórias Paroquiais*”. Referindo-se esta *memória* ao orago de Nossa Senhora da Graça, talvez haja confusão com a Paróquia da Graça de Pedrógão Grande.

- Penacova, vol. 42, n.º 306, p. 142.
- Penalva de Alva, vol. 42, n.º 305, p. 142.
- Penela³¹⁷:
 - São Miguel, vol. 28, n.º 116, pp. 777-786.
 - Santa Eufémia, vol. 28, n.º 116, pp. 777-786.
- Pereira, vol. 28, n.º 145, pp. 1045-1052.
- Pinhanços a par de Seia, vol. 29, n.º 181, pp. 1297-1298.
- Pinheiro de Coja, vol. 29, n.º 186, pp. 1317-1320; e vol. 42, n.º 324, p. 154.
- Piódão³¹⁸, vol. 42, n.º 96, p. 59.
- Pocariça, vol. 42, n.º 338, p. 161.
- Podentes, vol. 42, n.º 325, p. 155.
- Pomares, vol. 29, n.º 206, pp. 1419-1422.
- Pombal, vol. 42, n.º 331, p. 158.
- Pombalinho, vol. 29, n.º 210, pp. 1441-1444.
- Pombeiro da Beira, vol. 29, n.º 212, pp. 1449-1456.
- Portunhos, vol. 30, n.º 235, pp. 1809-1812.
- Pousaflores, vol. 30, n.º 250, pp. 1897-1900.
- Póvoa de Midões³¹⁹, vol. 23, n.º 141, pp. 891-894.
- Póvoa de Santa Cristina³²⁰, vol. 36, n.º 43, pp. 257-270.
- Préstimo, vol. 30, n.º 261, pp. 1947-1958.
- Pussos, vol. 42, n.º 359, p. 172.
- Quiaios, vol. 30, n.º (Q) 12, pp. 85-88.
- Rabaçal, vol. 31, n.º 3, pp. 9-12.
- Recardães, vol. 31, n.º 32, pp. 169-174.
- Redinha, vol. 42, n.º 371, p. 173.
- Redondos³²¹, vol. 31, n.º 37, pp. 201-204.
- Rego da Murta, vol. 31, n.º 47, pp. 273-276.

³¹⁷ Não existe *memória* da Paróquia de Santa Eufémia de Penela. Na *memória* da Paróquia de São Miguel de Penela colhem-se algumas referências àquela freguesia.

³¹⁸ No suplemento das “*Memórias Paroquiais*”, o topónimo está grafado como «*Foz do Piódão*», reproduzindo as informações sobre Piódão constantes do *Portugal Sacro-Profano*.

³¹⁹ As *informações* da Paróquia de Nossa Senhora da Graça da Póvoa de Midões estão incluídas na *memória* da Paróquia de Nossa Senhora do Pranto de Midões.

³²⁰ Da Paróquia da Póvoa de Santa Cristina colhem-se informações na *memória* da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção de Tentúgal.

³²¹ Redondos ou Buarcos de Cima.

- Requeixo, vol. 42, n.º 375, p. 175.
- Reveles, vol. 31, n.º 74, pp. 419-422.
- Ribeira de Fráguas, vol. 32, n.º 98, pp. 585-588.
- Rio de Vide, vol. 32, n.º 138, pp. 831-838.
- Rio Torto³²², vol. 17, n.º 87, pp. 483-488; e vol. 42, n.º 380, p. 178.
- Roge, vol. 32, n.º 141, pp. 849-856.
- Sabugueiro³²³, vol. 10, n.º 246, pp. 1651-1662; e vol. 42, n.º 384, p. 184.
- Salgueirais, vol. 42, n.º 386, p. 187.
- Salreu, vol. 33, n.º 28, pp. 181-184.
- Sameice, vol. 33, n.º 37, pp. 263-266.
- Samuel, vol. 33, n.º 43, pp. 297-308.
- Sandomil, vol. 33, n.º 55, pp. 375-378.
- Sangalhos, vol. 42, n.º 390, p. 193.
- Santa Comba a par de Seia, vol. 11, n.º 358, pp. 2465-2468.
- Santa Comba Dão, vol. 11, n.º 360, pp. 2473-2480.
- Santa Eulália de Seia, vol. 14, n.º 109, pp. 799-802.
- Santa Marinha, vol. 22, n.º 57, pp. 381-388.
- Santa Ovaia, vol. 26, n.º 44, pp. 345-346.
- Santiago da Guarda, vol. 18, n.º 118, pp. 651-652.
- Santiago de Litém, vol. 21, n.º 94, pp. 951-960.
- Santo André de Poiares, vol. 42, n.º 327, p. 156.
- Santo Varão, vol. 39, n.º 134, pp. 767-776.
- São Facundo, vol. 15, n.º 2, pp. 3-6.
- São Joaninho, vol. 18, n.º (J) 28, pp. 211-214.
- São João da Boavista, vol. 7, n.º 24, pp. 903-906.
- São João de Loure, vol. 21, n.º 127, pp. 1165-1168.
- São Julião de Gouveia, vol. 17, n.º 87, pp. 483-488.
- São Gião³²⁴ (de Penalva de Alva), vol. 42, n.º 130a, p. 73.
- São Lourenço do Bairro, vol. 6, n.º 5, pp. 27-32.

³²² Além do resumo do suplemento, existe uma *informação* da Paróquia de São Domingos de Rio Torto na *memória* de São Julião de Gouveia.

³²³ A *informação* da Paróquia de São João Baptista de Sabugueiro está contida na *memória* da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção de Seia.

³²⁴ São Gião ou São Julião. A *informação* de São Julião de Penalva de Alva encontra-se no final da referida página, com uma numeração (130) repetida.

- São Martinho a par de Seia³²⁵, vol. 10, n.º 246, pp. 1651-1662.
- São Martinho da Cortiça, vol. 11, n.º 390, pp. 2659-2664.
- São Martinho de Árvore, vol. 5, n.º 23, pp. 697-700.
- São Martinho do Bispo, vol. 42, n.º 170, p. 85.
- São Miguel de Poiares³²⁶, vol. 40, n.º 192, pp. 1149-1152; e vol. 42, n.º 326, p. 155.
- São Paio de Codeço³²⁷, vol. 11, n.º 340, pp. 2321-2324.
- São Paio de Farinha Podre, vol. 15, n.º 25, pp. 129-132.
- São Paio de Gouveia, vol. 17, n.º 88, pp. 489-496.
- São Paulo de Frades, vol. 42, n.º 97, p. 59.
- São Pedro de Gouveia, vol. 17, n.º 86, pp. 475-480.
- São Romão, vol. 32, n.º 146, pp. 881-888.
- São Sebastião da Feira, vol. 15, n.º 33, pp. 221-228.
- São Silvestre do Campo, vol. 35, n.º 172, pp. 1283-1286.
- São Tiago a par de Seia³²⁸, vol. 10, n.º 246, pp. 1651-1662.
- São Vicente, vol. 39, n.º 152, pp. 919-922.
- Sarzedo, vol. 34, n.º 92, pp. 739-742.
- Sazes da Beira³²⁹, vol. 42, n.º 396, p. 196.
- Sazes de Lorvão, vol. 42, n.º 397, p. 196.
- Sebal Grande, vol. 34, n.º 95, pp. 751-758.
- Secarias, vol. 42, n.º 399, p. 197.
- Segadães, vol. 34, n.º 99, pp. 779-784.
- Seia, vol. 10, n.º 246, pp. 1651-1662.
- Seixo de Gatões, vol. 34, n.º 109, pp. 845-848.
- Seixo do Ervedal³³⁰, vol. 34, n.º 114, pp. 869-876.
- Semide, vol. 34, n.º 120, pp. 897-900.
- Sepins, vol. 10, n.º 263, pp. 1779-1790.
- Serpins, vol. 34, n.º 138, pp. 1029-1036.

³²⁵ A *informação* da Paróquia de São Martinho a par de Seia está contida na *memória* da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção de Seia.

³²⁶ São Miguel de Poiares ou Vila Chã de Poiares.

³²⁷ São Paio de Codeço ou São Paio de Gramaços.

³²⁸ A *informação* da Paróquia de São Tiago a par de Seia está contida na *memória* da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção de Seia.

³²⁹ Há informações sobre Sazes da Beira na *memória* de Sandomil. A *memória* existente no volume 42 do suplemento tem o topónimo erradamente grafado como «*Sazes da Barreira*».

³³⁰ Seixo do Ervedal ou Seixo da Beira.

- Sinde, vol. 35, n.º 174, pp. 1293-1300.
- Sobral de Mortágua, vol. 35, n.º 191, pp. 1411-1416.
- Soure, vol. 42, n.º 424, p. 271.
- Souselas, vol. 35, n.º 238, pp. 1701-1702.
- Soza, vol. 35, n.º 240, pp. 1711-1720.
- Tábua, vol. 43, n.º 434, p. 307.
- Talhadas, vol. 36, n.º 14, pp. 65-72.
- Tamengos, vol. 36, n.º 17, pp. 81-84.
- Tapéus, vol. 36, n.º 20, pp. 97-102.
- Tavarede, vol. 36, n.º 24, pp. 121-122.
- Taveiro, vol. 36, n.º 25, pp. 123-130.
- Teixeira, vol. 36, n.º 32, pp. 177-188.
- Tentúgal, vol. 36, n.º 43, pp. 257-270.
- Torre de Vale de Todos, vol. 38, n.º 62, pp. 319-323.
- Torre de Vilela, vol. 43, n.º 445, p. 339.
- Torrocelo, vol. 37, n.º 80, pp. 913-916.
- Tourais, vol. 37, n.º 86, pp. 947-950.
- Travanca da Bemposta, vol. 43, n.º 453, p. 443.
- Travanca de Lagos da Beira, vol. 37, n.º 97, pp. 1049-1054.
- Travancinha, vol. 43, n.º 454, p. 443.
- Trezói, vol. 37, n.º 110, pp. 1113-1116.
- Trofa do Vouga, vol. 37, n.º 116, pp. 1145-1150.
- Trouxemil, vol. 37, n.º 106, pp. 1093-1096.
- Troviscal, vol. 37, n.º 121, pp. 1173-1176.
- Vacariça, vol. 43, n.º 457, p. 449.
- Vagos, vol. 38, n.º 4, pp. 17-28.
- Vale de Remígio, vol. 43, n.º 460, p. 457.
- Vale Maior, vol. 38, n.º 42, pp. 231-234.
- Valezim, vol. 38, n.º 86, pp. 483-486.
- Valongo do Vouga, vol. 38, n.º 35, pp. 189-208.
- Várzea de Góis, vol. 38, n.º 98, pp. 545-552.
- Várzea de Meruje, vol. 38, n.º 99, pp. 553-556; e vol. 43, n.º 474, p. 480.
- Ventosa do Bairro, vol. 39, n.º 130, pp. 731-748.
- Verride, vol. 39, n.º 145, pp. 853-856.
- Vide da Foz do Piódão, vol. 43, n.º 481, p. 495.

- Vil de Matos³³¹, vol. 40, n.º 230, pp. 1389-1392.
- Vila Cã (Pombal), vol. 39, n.º 181, pp. 1091-1098.
- Vila Chã de Macieira de Cambra, vol. 39, n.º 187, pp. 1127-1130.
- Vila Cortês da Serra, vol. 40, n.º 196, pp. 1187-1188.
- Vila Cova à Coelheira, vol. 40, n.º 205, pp. 1229-1232.
- Vila Cova de Alva³³², vol. 43, n.º 489, p. 518.
- Vila Cova de Perrinho³³³, vol. 32, n.º 141, pp. 849-856.
- Vila Facaia, vol. 40, n.º 208, pp. 1235-1238.
- Vila Franca da Serra, vol. 40, n.º 216, pp. 1301-1304.
- Vila Nova da Barca, vol. 40, n.º 236, pp. 1413-1418.
- Vila Nova de Anços, vol. 43, n.º 498, p. 539.
- Vila Nova de Monsarros, vol. 42, n.º 199, p. 95.
- Vila Nova do Casal, vol. 43, n.º 497, p. 538.
- Vila Pouca da Beira, vol. 40, n.º 249, pp. 1499-1506.
- Vila Ruiva, vol. 40, n.º 257, pp. 1591-1594.
- Vila Seca, vol. 40, n.º 260, pp. 1601-1602.
- Vilarinho da Lousã, vol. 43, n.º 508, p. 562.
- Vilarinho do Bairro, vol. 41, n.º 322, pp. 1943-1946.
- Vimieiro³³⁴, vol. 43, n.º 509, p. 563.
- Vinha da Rainha, vol. 41, n.º 345, pp. 2095-2098.
- Vinhó, vol. 41, n.º 349, pp. 2115-2118.



- Ançã. Ver as *memórias* de *Cioga do Campo* e de *São Facundo*, cuja paróquia se situavam no termo daquela vila.
- Antuzede. Ver *S. Facundo*.
- Bemposta ou Pinheiro da Bemposta. Ver *Teixeira*, cuja paróquia se situava no termo daquela vila.
- Buarcos. Além de *Buarcos*, interessa ver *Redondos*, antigamente chamada Buarcos de Cima.

³³¹ Vil de Matos ou Vila de Matos.

³³² Vila Cova de Alva ou Vila Cova de Sub-Avô.

³³³ As *informações* de Vila Cova de Perrinho estão incluídas na *memória* de Roge.

³³⁴ O autor dos suplementos localiza esta paróquia no termo da «*villa da Figueira da Fós*».

- Carvalhais. Ver *Moita*.
- Castelões. Ver *Castelãos*.
- Codeço. Ver *São Paio de Codeço*.
- Couto do Mosteiro. Ver *São Joaquinho e Vimieiro*.
- Ferreiros. Ver *Moita*.
- Gouveia. Ver *São Julião de Gouveia, São Paio de Gouveia e São Pedro de Gouveia*.
- Gramaços. Ver *São Paio de Codeço*.
- Guarda. Ver *Santiago da Guarda*.
- Litém. Ver *Santiago de Litém*.
- Pinheiro da Bemposta. Ver *Bemposta*.
- Préstimo. Ver *Macieira de Alcoba*, situada no termo da vila de Préstimo.
- Santa Maria de Arrifana de Poiares. Ver *Arrifana de Poiares*.
- São Cosme de Alrote. Ver *Alrote*.
- São João do Campo. Ver *Cioga do Campo*.
- São Pedro de Castelãos ou de Castelões. Ver *Castelãos*.
- São Tiago da Mouta. Ver *Moita*.
- Vale de Ermio. Ver *Vale de Remígio*.
- Vila Chã de Poiares. Ver *São Miguel de Poiares*.
- Vila Nova de Oliveirinha. Ver *Oliveirinha*.
- Vila Nova do Casal. Ver *Lagarinhos, Cativelos e Várzea de Meruje*, além da própria *Vila Nova do Casal*.
- Vila Nova do Ceira. Ver *Várzea de Góis*.

10. As Informações Paroquiais de 1763³³⁵

Como atrás já se disse, das *Informações paroquiais de 1763* possuímos as respostas individuais dos párocos ao inquérito então solicitado e um «roteiro» levado por um caminheiro a algumas paróquias com o propósito de suprir a falta de resposta a alguma das questões ou à totalidade do questionário.

As respostas individualizadas de que dispomos são as que se seguem³³⁶:

³³⁵ AUC – *Cabido da Sé de Coimbra: “Informações que se houveram a respeito de algumas das Igrejas da cidade e Bispado de Coimbra”* (III, 1.^a D, 7, 5, 42).

³³⁶ As respostas dos párocos, separadas por arcediagados, foram aqui ordenadas alfabeticamente.

Arcediagado do Vouga

- | | |
|----------------------|--------------------------|
| – Brasfemes | – Montemor-o-Velho: |
| – Carvalho | – S. Martinho |
| – Cortegaça | – S. Miguel |
| – Couto do Mosteiro | – Santa Maria Madalena |
| – Eiras | – Santíssimo Salvador |
| – Figueira da Foz | – Pampilhosa |
| – Figueira de Lorvão | – São Martinho de Árvore |
| – Lorvão | – São Paulo de Frades |
| – Luso | – Trezói |
| – Meãs | – Vacariça |
| | – Vimieiro |

Arcediagado de Seia

- | | |
|----------------------|---|
| – Aldeia das Dez | – Poiares |
| – Alrote e São Cosme | – Póvoa de Midões |
| – Cadafaz | – Sabugueiro |
| – Cativelos | – Salgueirais |
| – Celavisa | – Santo André de Poiares |
| – Cepos | – São Gião ou São Julião |
| – Cerdeira | – São Paio de Gramaços ³³⁷ |
| – Colmeal | – São Pedro de Gouveia |
| – Covelo | – Secarias |
| – Freixo da Serra | – Tábua |
| – Friúmes | – Travancinha e Vila do Casal |
| – Galizes | – Valezim |
| – Lages | – Vila Cova à Coelheira |
| – Mangualde da Serra | – Vila de Cabra e Arcozelo ³³⁸ |
| – Nespereira | – Vila de Vide |
| – Penalva de Alva | – Vila Nova do Casal |
| – Pinheiro de Coja | – Vila Ruiva |

³³⁷ São Paio de Gramaços ou São Paio de Codeço.

³³⁸ A Igreja de São Jerónimo de Vila de Cabra era anexa da Igreja de Nossa Senhora da Assunção de Arcozelo, que era a matriz.

Arcediagado de Penela

- | | |
|------------------------------|------------------------|
| – Águas Belas | – Miranda do Corvo |
| – Alvaiázere | – Podentes |
| – Alvares | – Pombal (S. Martinho) |
| – Ansião | – Redinha |
| – Casal de Ermio | – Soure |
| – Furadouro | – Vila Nova de Anços |
| – Graça (de Pedrógão Grande) | – Vilarinho da Lousã |
| – Lamas de Miranda | – Zambujal |
| – Mata Mourisca | |

Do «roteiro», transportado por caminheiro entre meados de Agosto e inícios de Setembro de 1763, constam as respostas, parciais ou totais, das seguintes paróquias³³⁹:

- | | |
|----------------------------------|-------------------------|
| – Penacova ³⁴⁰ | – Lagarinhos |
| – Mucela (S. José das Lavegadas) | – Rio Torto |
| – Cadafaz | – São Julião de Gouveia |
| – Góis | – São Paio de Gouveia |
| – Folques | – Nabainhos |
| – Anceriz | – Freixo da Serra |
| – Piódão | – Carrapichana |
| – Aldeia das Dez | – Vila Ruiva |
| – Sazes da Beira | – Juncais |
| – São Tiago a par de Seia | – Cativeiros |
| – Pinhanços | – Girabolhos |
| – São Martinho a par de Seia | – Travancinha |
| – Santa Marinha a par de Seia | – Galizes |
| – Moimenta da Serra | |

³³⁹ Aqui mantivemos a ordem do «Roteiro».

³⁴⁰ Tinha anexas as igrejas de Santo André de Poiães, São Mateus de Friúmes e Santa Marinha de Oliveira do Cunhado.

11. As Informações Paroquiais de 1775³⁴¹

- | | |
|---------------------------------------|----------------------|
| – Agadão | – Cepelos |
| – Aguada de Baixo | – Codal |
| – Aguada de Cima | – Covão do Lobo |
| – Águeda | – Eirol |
| – Albergaria-a-Velha | – Eixo |
| – Alquerubim | – Esgueira |
| – Ancas | – Espinhel |
| – Angeja | – Fermelã |
| – Aradas | – Fermentelos |
| – Arcos | – Frossos |
| – Aveiro: | – Ílhavo |
| – Espírito Santo | – Lamas do Vouga |
| – N. Sr. ^a da Apresentação | – Macieira de Alcoba |
| – S. Miguel | – Macieira de Cambra |
| – Vera Cruz | – Macinhata de Seixa |
| – Avelãs de Caminho | – Macinhata do Vouga |
| – Avelãs de Cima | – Mamarrosa |
| – Barrô | – Mira |
| – Belazaima do Chão | – Moita |
| – Branca | – Oiã |
| – Cacia | – Óis da Ribeira |
| – Canelas | – Óis do Bairro |
| – Carregosa | – Oliveira do Bairro |
| – Castanheira do Vouga | – Ossela |
| – Castelões | – Palmaz |

³⁴¹ Como atrás se disse, apenas se conhecem as respostas das *Informações Paroquiais de 1775* da Arquidiocese de Braga e da Diocese de Aveiro. Considerando que a Diocese de Aveiro foi erigida no ano anterior, nela se incorporando as paróquias situadas na Comarca de Esgueira que até então integravam o Arcediado do Vouga, elencamos aqui as paróquias da Diocese de Aveiro de que se conhecem respostas ao inquérito do Cardeal da Cunha pela utilidade que esta lista pode representar para alguns investigadores que recorrerem ao presente *Roteiro*. A listagem das respostas dos párocos foi realizada a partir da sua edição impressa: P.^o João Gonçalves Gaspar, *A Diocese de Aveiro no Século XVIII. Um inquérito de 22 de Setembro de 1775* (Sep. do jornal *Correio do Vouga*, Ano 43, n.º 2161, 7-IX-1973 e ss.), Aveiro, 1974, pp. 14-15. Nesta data, os documentos encontravam-se na Cúria Diocesana de Aveiro.

- Pinheiro da Bemposta
- Préstimo
- Recardães
- Requeixo
- Ribeira de Fráguas
- Roge
- Salreu
- Sangalhos
- São João de Loure
- São Lourenço do Bairro
- Segadães
- Soza
- Talhadas
- Travanca de Grijó (ou da Bem-
posta)
- Travassô
- Trofa do Vouga
- Troviscal
- Vagos
- Vale Maior
- Valongo do Vouga
- Vila Chã
- Vila Cova de Perrinho
- Vilarinho do Bairro

– IV –

Índice Toponímico: As Paróquias da Diocese de Coimbra no século XVIII

Notas:

1. Excluímos desta listagem as paróquias da Diocese de Coimbra das quais não existe nenhuma *Informação Paroquial*, o que sucede, quase invariavelmente, com aquelas que pertenciam ao Isento de Santa Cruz.
2. Referenciamos os oragos constantes da obra *Portugal Sacro-Profano*. Na sua falta, recorreremos à resposta ao Inquérito de 1758. Na falta de ambos, referenciamos o orago actual, conforme a informação disponibilizada pela respectiva diocese.

Legenda:

- a) Nas *Informações Paroquiais de 1758*: **X** = Há resposta do pároco; **Ap.** = Há uma breve notícia num dos volumes de suplementos das “*Memórias Paroquiais*”; **x** = Há informação inserta na resposta de outra paróquia; (**x**) = A resposta do pároco inclui várias paróquias da mesma localidade.
- b) Nas *Informações Paroquiais de 1763*: **X** = Há resposta do pároco em documento avulso; **R** = Há resposta do pároco no “*Roteiro*” transportado por um caminheiro.
- c) No “*Estado das Igrejas*” (1774-75): **X** = Há sumário da resposta do pároco às questões 2 e 3; **+** = Há, também, sumário anexo da resposta do pároco à questão 1, sobre o clero.

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	“Notícias das Igrejas”	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profano	Inf. Paroq. 1763	“Relações” (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	“Estado das Igrejas” (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
1	Abiul	N.ª Sr.ª das Neves	X	X	X	X	I, 2-3					X	
2	Agadão	S.ª M.ª Madalena	X	X	X	Ap. e x	I, 7-8						X
3	Aguada de Baixo	S. Martinho Bispo	X	X	X	Ap.	I, 9						X
4	Aguada de Cima	Santa Eulália	X	X	X	X	I, 9						X
5	Águas Belas	N.ª Sr.ª da Graça	X	X	X	X	I, 10	X				X	
6	Aguda	N.ª Sr.ª da Graça	X	X	X	X	I, 10					X	
7	Águeda	Santa Eulália	X	X	X	X	I, 11						X
8	Albergaria-a-Velha	Santa Cruz	X	X	X	X	I, 13						X
9	Aldeia das Dez	S. Bartolomeu Apóstolo	X	X	X	Ap.	I, 20	XR				X+	
10	Alfarelos	S. Sebastião	X	X	X	X	I, 27					X	
11	Alhadas	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	X	I, 30					X	
12	Almaça	Santo Isidoro	X	X	X	Ap.						X	
13	Almagreira	N.ª Sr.ª da Graça		X	X	X	I, 32					X	
14	Almalagúes	S. Tiago Apóstolo		X		Ap.	I, 32					X	
15	Almoster	Salvador	X	X	X	X	I, 33					X	
16	Alquerubim	Santa Marinha	X	X	X	X	I, 17						X
17	Alrote	S. Cosme	X	X		X	I, 35	X				X+	
18	Alvaiázere	S.ª M.ª Madalena		X	X	Ap.	I, 38	X				X	
19	Alvares	S. Mateus	X	X	X		I, 38	X				X	
20	Alvoco da Serra	N.ª Sr.ª do Rosário	X	X	X	X	I, 40					X+	

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	“Notícias das Igrejas”	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profano	Inf. Paroq. 1763	“Relações” (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	“Estado das Igrejas” (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
21	Alvoco das Várzeas ou das Vargens	Santo André Apóstolo	X	X	X	Ap.						X+	
22	Alvorge	N.ª Sr.ª da Conceição	X	X	X	X	I, 41					X	
23	Ameal	S. Justo		X	X	X	I, 43					X	
24	Ançã	N.ª Sr.ª do Ó	X	X	X	X	I, 46					X	
25	Ancas	N. Sr.ª da Assunção	X	X	X	X	I, 46						X
26	Anceriz	S. Bento	X	X	X	Ap.	I, 49	R				X+	
27	Angeja	N.ª Sr.ª das Neves	X	X		X	I, 47						X
28	Anobra	Santa Catarina	X	X	X	X	I, 49					X	
29	Ansião	N.ª Sr.ª da Conceição		X	X	Ap.	I, 46	X	X			X	
30	Antanhol	N.ª Sr.ª da Alegria	X	X	X	X	I, 50					X	
31	Antuzede	Santo Agostinho				Ap.							
32	Aradas	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	x	I, 51-52						X
33	Arazede	N.ª Sr.ª do Pranto	X	X	X	X	I, 52					X	
34	Arcos	S. Paio	X	X	X	X	I, 54						X
35	Arcozelo	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	X	X	I, 55	X					
36	Arega	N.ª Sr.ª da Conceição	X	X	X	X	I, 57					X	
37	Arganil	S. Gens	X	X	X	X	I, 58					X+	
38	Arrifana de Poiares	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X		X	I, 64					X+	
39	Arzila	N.ª Sr.ª da Conceição		X	X	X	I, 65-66					X	
40	Assafarge	N.ª Sr.ª da Conceição		X	X	Ap.	I, 66					X	

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	“Notícias das Igrejas”	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal - Sacro - Profano	Inf. Paroq. 1763	“Relações” (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	“Estado das Igrejas” (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
41	Aveiro	S. Miguel	X	X	X	(x)	I, 69						X
42	Aveiro	Espírito Santo	X	X	X	(x)	I, 69						X
43	Aveiro	N.ª Sr.ª da Apresentação	X	X	X	(x)	I, 69						X
44	Aveiro	Santa Cruz ou Vera Cruz	X	X	X	(x)	I, 69						X
45	Avelar	Espírito Santo	X	X		X	I, 70					X	
46	Avelãs de Caminho	Santo António				Ap.	I, 70						X
47	Avelãs de Cima	Santa Eulália	X	X	X	X	I, 70						X
48	Avó	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	X	X	I, 73					X+	
49	Ázere	S. Mamede	X	X	X	X	I, 74					X+	
50	Barcouço	N.ª Sr.ª do Ó	X	X	X	X	I, 83					X	
51	Barró de Aguada	Santo André Apóstolo	X	X	X	Ap.	I, 86						X
52	Beco	Santo Aleixo	X	X	X	X	I, 89					X	
53	Belazaima (do Chão)	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	X	I, 90						X
54	Belide	N.ª Sr.ª das Neves		X	X	X	I, 91					X	
55	Bemposta ou Pinheiro da Bemposta	S. Paio	X	X	X	X	I, 93					X	X
56	Bendafém	N.ª Sr.ª da Graça	X	X	X	X	I, 94					X	
57	Benfeita	Santa Cecília	X	X	X	X	I, 92					X+	
58	Bobadela	N.ª Sr.ª da Graça	X	X	X	X	I, 98-99					X+	
59	Bolho	S. Mamede	X	X	X	X	I, 100						

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	“Notícias das Igrejas”	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profano	Inf. Paroq. 1763	“Relações” (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	“Estado das Igrejas” (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
60	Boião	S. Mateus	X	X	X	X	I, 102					X	
61	Branca	S. Vicente Mártir	X	X	X	X	I, 105						X
62	Brasfemes	S. João Baptista	X	X			I, 81	X				X	
63	Brenha	S. Teotónio	X	X	X	X	I, 106					X	
64	Brunhós	N.ª Sr.ª da Conceição		X		X	I, 109					X	
65	Buarcos	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	X	I, 109					X	
66	Cabra ou Vila de Cabra (Ribamondego)	S. Jerónimo	X	X	X	X	I, 114 e II, 298	X					
67	Cacia	S. Julião	X	X	X	X	I, 144						X
68	Cadafaz	N.ª Sr.ª das Neves	X	X	X	Ap.	I, 117	XR				X +	
69	Cadima	N.ª Sr.ª do Ó			X	X	I, 117					X	
70	Campelo	N.ª Sr.ª da Graça		X	X	X	I, 122-123					X	
71	Candosa	S. Facundo Mártir	X	X		Ap.	I, 128					X +	
72	Canelas	S. Tomé Apóstolo	X	X	X	X	I, 129						X
73	Cantanhede	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	X	I, 131					X	
74	Carapinha	Bom Jesus	X	X		X	I, 133					X +	
75	Carapinha	Santa Susana	X	X		Ap. e x						X	
76	Carrapichana	S. Lourenço	X	X	X	Ap.	I, 136-137	R					
77	Carregosa	Salvador	X	X	X	X	I, 138						X
78	Carvalho	N.ª Sr.ª da Conceição	X	X	X	X	I, 142	X				X	

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	“Notícias das Igrejas”	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profano	Inf. Paroq. 1763	“Relações” (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	“Estado das Igrejas” (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
79	Casal Comba	S. Martinho Bispo	X	X	X	X	I, 154					X	
80	Casal de Ermio	Santo António		X		Ap.	I, 154	X				X	
81	Castanheira (do Pedrógão ou de Pêra)	S. Domingos		X	X	X	I, 144-145					X	
82	Castanheira do Vouga	S. Mamede	X	X	X	X	I, 145						X
83	Castelo Viegas	Santo Estêvão	X	X	X	X	I, 151					X	
84	Catúvelos	S. Sebastião	X	X	X	Ap.	I, 153	XR				X+	
85	Cêira	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	X	X	I, 157					X+	
86	Celavisa	S. Miguel	X	X	X	Ap.	II, 190-191	X				X+	
87	Cepelos	S. João Baptista	X	X	X	X	I, 159						X
88	Cepos	S. Sebastião	X	X		Ap.	I, 160	X				X+	
89	Cercosa	N.ª Sr.ª da Conceição	X	X	X	Ap. e x						X	
90	Cerdeira	Santo António	X	X	X	Ap.	I, 161	X				X+	
91	Cernache (dos Alhos)	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	X	X	II, 213					X	
92	Chão de Couce	N.ª Sr.ª da Consolação	X	X	X	X	I, 164-165					X	
93	Cioga ou S. João do Campo	S. João Evangelista	X	X	X	X	I, 170					X	
94	Codal	S. Tiago Apóstolo	X	X	X	X	I, 171						X
95	Coentral	N.ª Sr.ª da Nazaré	X	X	X	Ap.	I, 173					X	
96	Coimbra	Santa Cruz			X	(x)							
97	Coimbra	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	(x)	I, 174						

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	“Notícias das Igrejas”	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profano	Inf. Paroq. 1763	“Relações” (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	“Estado das Igrejas” (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
98	Coimbra	S. João de Almedina	X	X	X	(x)	I, 174						
99	Coimbra	Salvador	X	X	X	(x)	I, 174						
100	Coimbra	S. Cristóvão	X	X	X	(x)	I, 174						
101	Coimbra	S. Bartolomeu		X	X	(x)	I, 174						
102	Coimbra	S. Tiago	X	X	X	(x)	I, 174						
103	Coimbra	Santa Justa	X	X	X	(x)	I, 174						
104	Coimbra, Sé	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	X	(x)	I, 173-174						
105	Coja	S. Miguel	X	X	X	X	I, 173					X+	
106	Colmeal	S. Sebastião	X	X	X	Ap.	I, 175	X					
107	Condeixa-a-Nova	Santa Cristina	X	X	X	X	I, 177					X	
108	Condeixa-a-Velha	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	X	I, 178					X	
109	Cordinhã	Santo André Apóstolo	X	X	X	X	I, 179					X	
110	Cortegaça	S. Tiago Apóstolo	X	X	X	Ap.	I, 180	X				X	
111	Couto do Mosteiro	Santa Columba	X	X	X	Ap.	I, 192	X				X	
112	Covão do Lobo	Salvador	X	X	X	X	I, 185					X	
113	Covas	N.ª Sr.ª da Conceição	X	X	X	X	I, 186					X+	
114	Covelo ou Covelos	N.ª Sr.ª da Apresentação	X	X	X	X	I, 188	X				X+	
115	Covões	Santo António	X	X		X	I, 190						
116	Cumieira	S. Sebastião		X		X	I, 177					X	
117	Degracias	S. Sebastião	X	X	X	X	I, 201					X	

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	“Notícias das Igrejas”	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profano	Inf. Paroq. 1763	“Relações” (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	“Estado das Igrejas” (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
118	Dornes	N.ª Sr.ª do Pranto	X	X	X	X	I, 205					X	
119	Ega	N.ª Sr.ª da Graça	X	X	X	X	I, 207					X	
120	Eiras	S. Tiago Apóstolo	X	X		Ap.	I, 208	X				X	
121	Eirol	Santa Eulália											X
122	Eixo	Santo Isidoro	X	X		X	I, 208-209						X
123	Ervedal (da Beira)	Santo André Apóstolo	X	X		X	I, 212-213					X+	
124	Esgueira	Santo André Apóstolo	X	X	X	X	I, 216						X
125	Espariz	N.ª Sr.ª da Anunciação	X	X	X	X	I, 217					X+	
126	Espinhal	S. Sebastião	X	X	X	X	I, 217-218					X	
127	Espinhel	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	X	X	I, 218						X
128	Espinho de Mortágua	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	X	I, 218					X	
129	Fajão	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	X	X	I, 227					X+	
130	Farinha Podre ou S. Pedro de Alva	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	X	I, 230					X+	
131	Fermelã	S. Miguel	X	X	X	X	I, 234			X			X
132	Fermentelos	Santo André			X								X
133	Ferreira (do Zêzere)	S. Miguel	X	X	X	X	I, 235-236					X	
134	Ferreira-a-Nova	Santa Eulália	X	X	X	X	I, 236					X	
135	Figueira da Foz	S. Julião	X	X	X	Ap.	I, 240	X				X	
136	Figueira de Lorvão	S. João Baptista	X	X	X	Ap.	I, 240	X				X	
137	Figueiró da Serra	N.ª Sr.ª da Conceição	X	X	X		I, 242						

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	“Notícias das Igrejas”	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profanum	Inf. Paroq. 1763	“Relações” (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	“Estado das Igrejas” (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
138	Figueiró do Campo	S. Tiago Apóstolo		X		X	I, 241-242					X	
139	Figueiró dos Vinhos	S. João Baptista	X	X	X	X	I, 242					X	
140	Folgosinho	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	X	I, 244						
141	Folhadosa	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	X	I, 244-245					X+	
142	Folques	S. Pedro Apóstolo	X	X		Ap.	I, 245	R				X+	
143	Foz de Arouce	S. Miguel		X	X	X	I, 252					X	
144	Freixo da Serra	N.ª Sr.ª da Expectação	X	X		x e Ap.	I, 259-260	XR					
145	Friúmes	S. Mateus Apóstolo	X	X	X	Ap.	I, 261	X				X	
146	Frossos	S. Paio	X	X	X	X	I, 262						X
147	Furadouro	Espírito Santo	X	X		x	I, 263	X				X	
148	Galizes	S. Miguel	X	X	X	Ap. e x	I, 265	XR				X+	
149	Gatões	N.ª Sr.ª das Virtudes	X	X	X	X	I, 268					X	
150	Gesteira	N.ª Sr.ª da Conceição		X	X	X	I, 271					X	
151	Girabolhos	Santa Justa	X	X	X	Ap.	I, 273	R				X+	
152	Goís	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	X	Ap.	I, 274	R				X+	
153	Graça (de Pedrógão Grande)	N.ª Sr.ª da Graça	X	X	X	Ap.	II, 113-114	X				X	
154	Granja do Ulmeiro	S. Gabriel	X	X		X	I, 283					X	
155	Ílhavo	Salvador	X	X		X	I, 294						X
156	Juncais	S. Tiago Apóstolo	X	X	X	Ap.	I, 302	R					
157	Lagares (da Beira)	N.ª Sr.ª da Conceição	X	X	X	X	I, 306					X+	

Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	“Notícias das Igrejas”	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profano	Inf. Paroq. 1763	“Relações” (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	“Estado das Igrejas” (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
158	Lagarinhos	Santa Eufémia	X		Ap.	I, 306	R				X +	
159	Lagarteira	S. Domingos	X		X	I, 306						
160	Lageosa	N.ª Sr.ª da Expectação	X	X	X	I, 307					X +	
161	Lages	S. Domingos	X		Ap.	I, 306	X				X +	
162	Lagos da Beira	S. João Baptista	X	X	X	I, 309					X +	
163	Lamarosa	Santo Varão	X	X	x			X			X	
164	Lamas de Miranda	Espírito Santo	X	X	Ap.	I, 311-312	X				X	
165	Lamas do Vouga	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	X	I, 312						X
166	Lavegadas	S. José	X		Ap.	I, 319	R				X +	
167	Lavos	N.ª Sr.ª da Conceição	X	X	X	I, 316					X	
168	Liceia	S. Miguel	X	X	X	I, 319-320					X	
169	Linhares (da Beira)	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	X	I, 321						
170	Loriga	S.ª M.ª Maior	X	X	X	I, 331-332					X +	
171	Lorvão	N.ª Sr.ª da Expectação	X	X	Ap.	I, 332	X				X	
172	Lourçal	S. Tiago Apóstolo	X	X	Ap.	I, 335					X	
173	Lourosa (da Serra da Estrela)	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	I, 336					X +	
174	Lousã	S. Silvestre	X		X	I, 337					X	
175	Luso	N.ª Sr.ª da Natividade	X	X	Ap.	I, 340	X				X	
176	Mações de Caminho	N.ª Sr.ª da Graça	X	X	X	II, 2					X	
177	Mações de D.ª Maria	S. Paulo Apóstolo	X	X	X	II, 2					X	

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	“Notícias das Igrejas”	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profano	Inf. Paroq. 1763	“Relações” (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	“Estado das Igrejas” (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
178	Macieira de Alcoba	S. Martinho Bispo	X	X	X	X	II, 5						X
179	Macieira de Cambra	N.ª Sr.ª da Natividade	X	X	X	X	II, 5						X
180	Macinhata de Seixa	Santo André Apóstolo	X	X	X	Ap.	II, 6						X
181	Macinhata do Vouga	S. Cristóvão	X	X	X	X	II, 6						X
182	Maiorca	Salvador	X	X	X	X	II, 7-8					X	
183	Mamarrosa	S. Simão Apóstolo	X	X	X	X	II, 9						X
184	Mangualde da Serra	S. Vicente Mártir	X	X	X	Ap.	II, 10	X				X+	
185	Mameleira (de Mortágua)	S. Miguel	X	X	X	X	II, 15					X	
186	Mata Mourisca	S. Mamede	X	X	X	X	II, 19-20	X				X	
187	Meãs (do Campo)	S. Sebastião	X	X	X	Ap.	II, 23-24	X				X	
188	Meda de Mouros	S. Sebastião	X	X	X	X	II, 24					X+	
189	Melo	Santo Isidoro	X	X	X	X	II, 28						
190	Meruje	S. Miguel	X	X	X	X	II, 19					X+	
191	Mesquitela	N.ª Sr.ª do Rosário	X	X	X	X	II, 29-30						
192	Midões	N.ª Sr.ª do Pranto	X	X	X	X	II, 31-32					X+	
193	Mira	S. Tomé Apóstolo	X	X	X	X	II, 34						X
194	Miranda do Corvo	Salvador	X	X	X	Ap.	II, 35	X				X	
195	Mogofores	N.ª Sr.ª da Conceição	X	X		Ap.							
196	Moimenta da Serra	S. João Baptista	X	X	X	Ap.	II, 57-58	R				X+	
197	Moita ou Carvalhais	S. Tiago Apóstolo	X	X	X	X	I, 139-140						X

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	“Notícias das Igrejas”	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profano	Inf. Paroq. 1763	“Relações” (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	“Estado das Igrejas” (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
198	Montemor-o-Velho	S. João do Castelo (N.ª Sr.ª da Victória)				(x)						X	
199	Montemor-o-Velho	S. Miguel	X	X	X	(x)	II, 45	X				X	
200	Montemor-o-Velho	S.ª M.ª Madalena		X	X	(x)	II, 45	X				X	
201	Montemor-o-Velho	Salvador	X	X		(x)	II, 46	X				X	
202	Montemor-o-Velho	S. Martinho	X	X	X	(x)	II, 46	X				X	
203	Montemor-o-Velho	S.ª M.ª de Alcáçova (Sr.ª da Assunção)	X	X	X	(x)	II, 46					X	
204	Mortágua	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	X	X	II, 51					X	
205	Mouronho	S. Julião	X	X	X	X	II, 56					X+	
206	Murtede	S. Martinho Bispo	X	X	X	X	II, 58					X	
207	Nabainhos	S. Martinho Bispo	X	X	X	Ap.	II, 59	R					
208	Nabais	S. Cosme Mártir	X	X	X	X	II, 59						
209	Nespereira	N.ª Sr.ª da Graça	X	X		x	II, 63	X					
210	Nogueira do Cravo	N.ª Sr.ª da Expectação	X	X	X	X	II, 67					X+	
211	Oiã	S. Simão Apóstolo	X	X	X	x	II, 76 e 88						X
212	Óis da Ribeira	Santo Adrião	X	X	X	X	II, 76						X
213	Óis do Bairro	Santo André		X	X								X
214	Oliveira do Bairro	S. Miguel	X	X	X	X	II, 81-82						X
215	Oliveira do Cunhedo ou do Mondego	Santa Marinha	X	X			II, 82					X+	
216	Oliveira do Hospital	Exaltação da Cruz	X	X	X	X	II, 82					X+	

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	"Notícias das Igrejas" 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profano	Inf. Paroq. 1763	"Relações" (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	"Estado das Igrejas" (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
217	Oliveirinha (Vila Nova de)	S. Miguel	X	X	X	II, 82-83					X+	
218	Orada	N.ª Sr.ª da Expectação		X	X	II, 70-71					X	
219	Ossela	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	II, 85					X	X
220	Ourentã	N.ª Sr.ª da Conceição	X	X								
221	Outil	S.ª M.ª Madalena	X	X	X	II, 88					X	
222	Paços da Serra	S. Miguel	X	X		II, 92					X+	
223	Paião	N.ª Sr.ª do Ó		X	X	II, 94-95					X	
224	Paio Mendes	S. Vicente Mártir	X	X	X	II, 95-96					X	
225	Pala	S. Gens	X	X	X	II, 96					X	
226	Palmaz	Santa Marinha	X	X	X	II, 98						X
227	Pampilhosa (do Botão)	Santa Marinha	X	X	Ap.	II, 99	X				X	
228	Paradela	S. Sebastião	X	X	X	II, 105					X+	
229	Paranhos (da Beira)	S. Martinho	X	X	X						X+	
230	Pedrógão Grande	N.ª Sr.ª da Assunção		X	X	II, 114					X	
231	Pedrulha	Santa Maria	X	X	Ap.						X	
232	Pelmá	S. João Baptista	X	X	X	II, 115					X	
233	Penacova	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	Ap.	II, 115-116	x				X	
234	Penalva de Alva	S. Tomé Apóstolo	X	X	Ap.	II, 116	X				X+	
235	Penela	S. Miguel	X	X	X	II, 118					X	
236	Penela	Santa Eufémia	X	X	x	II, 118					X	

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	"Notícias das Igrejas"	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profanum	Inf. Paroq. 1763	"Relações" (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	"Estado das Igrejas" (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
237	Pereira	Santo Estêvão	X	X	X	X	II, 123					X	
238	Pinhanços a par de Seia	Santa Luzia	X	X	X	X	II, 130	R				X+	
239	Pinheiro de Coja	S. Tiago Apóstolo	X	X	X	X e Ap.	II, 131 e 132	X				X+	
240	Piódão	N.ª Sr.ª da Conceição	X	X	X	Ap.	II, 134	R				X+	
241	Pocariça	N.ª Sr.ª da Conceição	X	X	X	Ap.	II, 139-140					X	
242	Podentes	N.ª Sr.ª da Purificação	X	X	X	Ap.	II, 135	X				X	
243	Pomares	Santa Luzia	X	X	X	X	II, 136					X+	
244	Pombal	S. Martinho Bispo	X	X	X	Ap.	II, 137	X				X	
245	Pombalinho	N.ª Sr.ª da Anunciação	X	X	X	X	II, 137					X	
246	Pombeiro da Beira	Salvador	X	X	X	X	II, 138					X+	
247	Portunhos	S. Julião	X	X	X	X	II, 144					X	
248	Pousaflores	N.ª Sr.ª das Neves	X	X	X	X	II, 147-148					X	
249	Póvoa (de Santa Cristina)	S. João Evangelista				x							
250	Póvoa de Midões	N.ª Sr.ª da Graça	X	X	X	x	II, 146	X				X+	
251	Préstimo	S. Tiago	X	X	X	X	II, 149-150						X
252	Pussos (Vila Nova de)	Santo Estêvão	X	X	X	Ap.	II, 151					X	
253	Quiaios	S. Mamede	X	X	X	X	II, 153					X	
254	Rabaçal	S.ª M.ª Madalena		X	X	X	II, 156-157				X	X	
255	Recardães	S. Miguel	X	X	X	X	II, 162						X
256	Redinha	N.ª Sr.ª da Conceição		X	X	Ap.	II, 162	X				X	

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	“Notícias das Igrejas”	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profano	Inf. Paroq. 1763	“Relações” (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	“Estado das Igrejas” (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
257	Redondos ou Buarcos de Cima	Vera Cruz	X	X	X	X	II, 163					X	
258	Rego da Murta	S. Pedro ad vincula	X	X	X	X	II, 165					X	
259	Requeixo	S. Pelágio	X	X	X	Ap.	II, 168					X	
260	Reveles	N.ª Sr.ª da Expectação		X	X	X	II, 169					X	
261	Ribeira de Fráguas	S. Tiago Apóstolo	X	X		X	II, 173					X	
262	Rio de Vide	S. Tiago Apóstolo	X	X	X	X	II, 180					X	
263	Rio Torto	S. Domingos	X	X		x e Ap.	II, 180	R					
264	Roge	Salvador	X	X	X	X	II, 181						X
265	Sabugueiro	S. João Baptista	X	X	X	x e Ap.	II, 189	X				X +	
266	Salgueirais	N.ª Sr.ª das Neves	X	X	X	Ap.	II, 191	X					
267	Salreu	S. Martinho Bispo	X	X	X	X	II, 192						X
268	Sameice	S. Martinho Bispo	X	X		X	II, 194					X +	
269	Samuel	N.ª Sr.ª da Purificação	X	X	X	X	II, 195					X	
270	Sandomil	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	X	II, 197					X +	
271	Sangalhos	S. Vicente Mártir	X	X	X	Ap.	II, 197						X
272	Santa Comba a par de Seia	Santa Comba	X	X	X	X	I, 176						
273	Santa Comba Dão	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	X	X	I, 176						
274	Santa Eulália de Seia	Santa Eulália	X	X	X	X	I, 224					X +	
275	Santa Marinha	Santa Marinha	X	X	X	X	II, 14-15	R				X +	
276	Santa Ovaia	N.ª Sr.ª da Expectação	X	X	X	X	II, 85					X +	

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	“Notícias das Igrejas”	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profano	Inf. Paroq. 1763	“Relações” (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	“Estado das Igrejas” (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
277	Santiago da Guarda	S. Tiago		X	X	X	I, 285		X		X	X	
278	Santiago de Litém	S. Tiago	X	X	X	X	I, 326					X	
279	Santo André de Poiares	Santo André Apóstolo	X	X		Ap.	II, 135	X				X+	
280	Santo Varão	Santo Varão	X	X	X	X	II, 290					X	
281	São Facundo	S. Facundo	X	X	X	X	I, 226						
282	São Gião ou Julião (de Penalva de Alva)	S. Julião	X	X	X	Ap.	I, 301	X				X+	
283	São Joaninho	S. João Baptista	X	X	X	X	I, 296						
284	São João da Boavista	S. João Baptista	X	X	X	X	I, 98					X+	
285	São João de Loure	S. João Baptista	X	X	X	X	I, 332						X
286	São Julião de Gouveia	S. Julião	X	X	X	X	I, 301	R				X+	
287	São Lourenço do Bairro	S. Lourenço	X	X		X	I, 78						X
288	São Martinho a par de Seia	S. Martinho	X	X	X	X	II, 18	R				X+	
289	São Martinho da Cortiça	S. Martinho Bispo	X	X	X	X	I, 181					X+	
290	São Martinho de Árvore	S. Martinho Bispo	X	X	X	X	I, 65	X					
291	São Martinho do Bispo	S. Martinho Bispo		X		Ap.	II, 18					X	
292	São Miguel de Poiares (Vila Chã)	S. Miguel	X	X	X	X e Ap.	II, 32 e II, 300					X+	
293	São Paio de Codeço ou de Gramaços	S. Pelágio	X	X		X	I, 172 e II, 95	X				X+	
294	São Paio de Farinha Podre (ou do Mondego)	S. Paio	X	X		X	I, 230					X+	

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	“Noticias das Igrejas”	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profano	Inf. Paroq. 1763	“Relações” (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	“Estado das Igrejas” (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
295	São Paio de Gouveia	S. Pelágio	X	X	X	X	I, 279 e II, 95	R					
296	São Paulo de Frades	S. Paulo Apóstolo	X	X		Ap.	II, 110	X				X	
297	São Pedro de Castelões	S. Pedro Apóstolo	X	X		X	I, 146						X
298	São Pedro de Gouveia	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	X	I, 279 e II, 113	X				X +	
299	São Romão	S. Romão	X	X	X	X	II, 183					X +	
300	São Sebastião da Feira	S. Sebastião	X	X	X	X	I, 232					X +	
301	São Silvestre (do Campo)	S. Silvestre	X	X	X	X	II, 222						
302	São Tiago a par de Seia	S. Tiago	X	X	X	X	II, 201	R				X +	
303	São Vicente	S. Vicente				X	II, 293						
304	Sarzedo	S. João Baptista	X	X	X	X	II, 205					X +	
305	Sazes da Beira	N.ª Sr.ª do Rosário	X	X	X	x e Ap.	II, 205	R				X	
306	Sazes de Lorvão	Santo André Apóstolo	X	X		Ap.	II, 205-206					X	
307	Sebal Grande	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	X	II, 206					X	
308	Secarias	S. Sebastião	X	X	X	Ap.	II, 206	X				X +	
309	Segadães	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	X	II, 207						X
310	Seia	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	X	X	I, 156					X +	
311	Seixo de Gatões	S. João Baptista	X	X		X	II, 209						
312	Seixo do Ervedal ou da Beira	S. Pedro ad vincula	X	X		X	II, 210					X +	
313	Semide	N.ª Sr.ª da Assunção		X	X	X	II, 211					X	
314	Sepins	S. João Baptista	X	X	X	X	I, 159					X (27)	

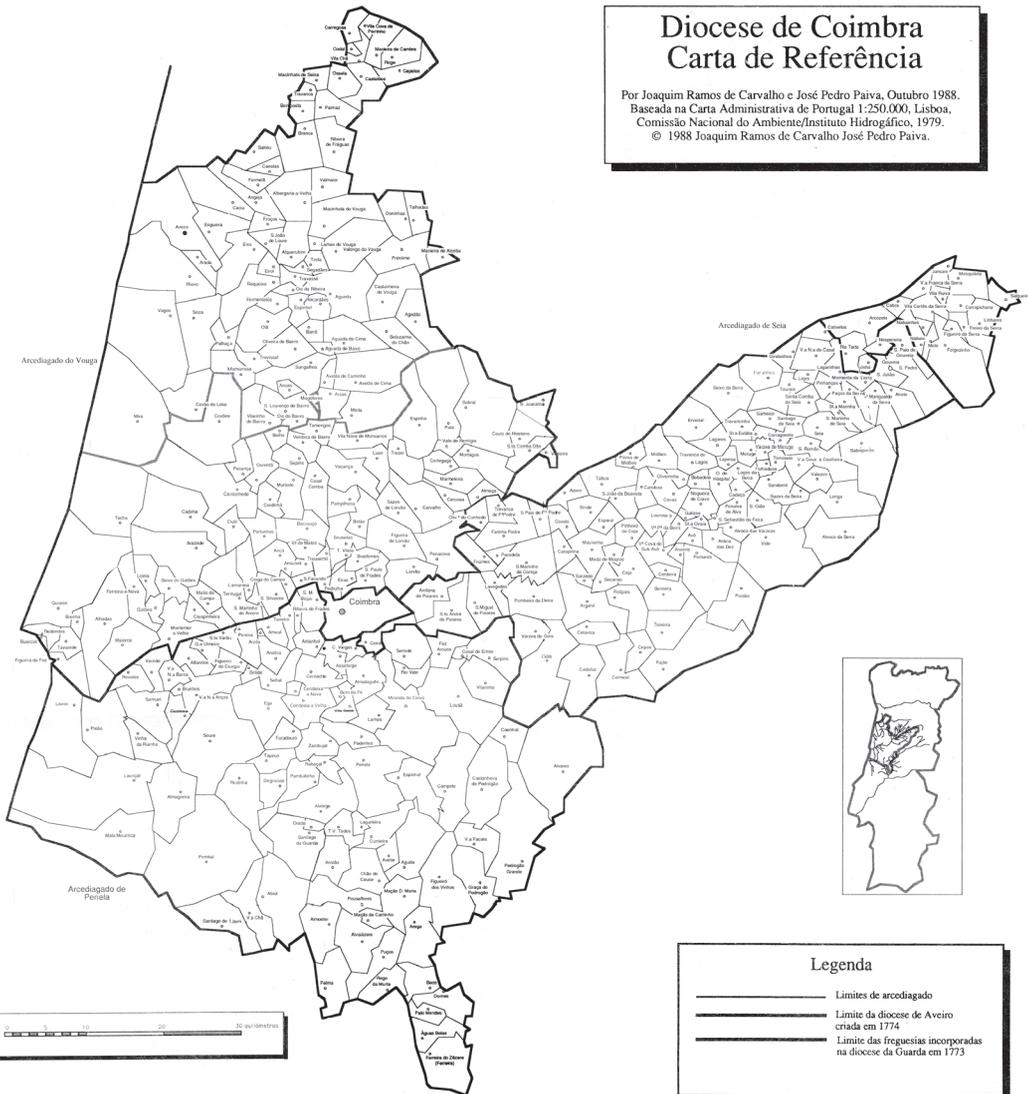
	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	“Notícias das Igrejas”	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profano	Inf. Paroq. 1763	“Relações” (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	“Estado das Igrejas” (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
315	Serpins	N.ª Sr.ª do Socorro	X	X	X	X	II, 214					X	
316	Sinde	N.ª Sr.ª da Conceição	X	X	X	X	II, 222					X+	
317	Sobral (de Mortágua)	S. Miguel	X	X	X	X	II, 227						
318	Soure	S. Tiago Apóstolo	X	X	X	Ap.	II, 231	X				X	
319	Souselas	S. Tiago Apóstolo	X	X		X	II, 236						
320	Soza	S. Miguel	X	X	X	X	II, 236						X
321	Tábua	S.ª M.ª Maior	X	X		Ap.	II, 238	X				X+	
322	Talhadas	S. Mamede	X	X	X	X	II, 240						X
323	Tamengos	S. Pedro Apóstolo	X	X		X	II, 241						
324	Tapéus	Espírito Santo	X	X	X	X	II, 241					X	
325	Tavarede	S. Martinho Bispo	X	X	X	X	II, 242						
326	Taveiro	S. Lourenço	X	X	X	X	II, 242					X	
327	Teixeira	Santa Isabel	X	X		X	II, 244					X+	
328	Tentugal	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X		X	II, 245						
329	Torre de Vale de Todos	N.ª Sr.ª da Graça	X	X	X	X	II, 252-253					X	
330	Torre de Vilela	S. Martinho Bispo	X	X	X	Ap.	II, 253						
331	Torreselo	N.ª Sr.ª do Rosário	X	X	X	X	II, 254					X+	
332	Tourais	Salvador	X	X	X	X	II, 255					X+	
333	Travanca da Bemposta	S. Martinho				Ap.							X
334	Travanca da Farinha Podre (ou do Mondego)	S. Tiago Apóstolo	X	X			II, 260					X+	

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	"Notícias das Igrejas"	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profano	Inf. Paroq. 1763	"Relações" (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	"Estado das Igrejas" (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
335	Travanca de Lagos da Beira	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	X	II, 260					X +	
336	Travancinha	N.ª Sr.ª do Rosário	X	X	X	Ap.	II, 260	XR					
337	Travassô	S. Miguel											X
338	Trezói	S. Tomé Apóstolo	X	X		X	II, 261	X					
339	Trofa do Vouga	Transfiguração de Cristo	X	X		X	II, 262						X
340	Trouxemil	S. Tiago Apóstolo	X	X	X	X	II, 260						
341	Troviscal	S. Bartolomeu Apóstolo	X		X	X	II, 263						X
342	Vacariça	S. Vicente Mártir	X	X		Ap.	II, 264-265	X					
343	Vagos	S. Tiago Apóstolo	X	X	X	X	II, 265						X
344	Vale de Remígio	S. Mamede	X	X	X	Ap.							
345	Vale Maior	Santa Eulália	X	X	X	X	II, 273						X
346	Valezim	N.ª Sr.ª do Rosário	X	X	X	X	II, 280-281	X				X +	
347	Valongo do Vouga	S. Pedro Apóstolo	X	X		X	II, 271						X
348	Várzea de Góis ou V.ª N.ª do Ceira	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	X	II, 284					X (27)	
349	Várzea de Meruje	S. Tiago Apóstolo	X	X	X	X e Ap.	II, 284					X +	
350	Ventosa do Bairro	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	X	X	II, 290						
351	Verride	N.ª Sr.ª da Conceição	X	X	X	X	II, 292					X	
352	Vide (da Foz do Piodão)	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	X	Ap.	II, 294	X				X +	
353	Vil de Matos ou Vila de Matos	S. João Evangelista	X	X	X	X	II, 308						
354	Vila Cã (Pombal)	S. Bartolomeu Apóstolo	X	X	X	X	II, 298					X	

	Localidade	Orago	Inf. Paroq. 1721	“Notícias das Igrejas”	Inf. Paroq. 1756	Inf. Paroq. 1758	Portugal Sacro-Profano	Inf. Paroq. 1763	“Relações” (1769)	Inf. Paroq. 1769	Inf. Paroq. 1774	“Estado das Igrejas” (1774-75)	Inf. Paroq. 1775
355	Vila Chã de Macieira de Cambra	N.ª Sr.ª da Purificação	X	X	X	X	II, 299						X
356	Vila Cortês da Serra (Linhares)	N.ª Sr.ª da Conceição	X	X	X	X	II, 301						
357	Vila Cova à Coelheira	S. Mamede	X	X	X	X	II, 302	X				X+	
358	Vila Cova de Sub-Avó ou de Alva	N.ª Sr.ª da Natividade	X	X	X	Ap.	II, 303					X+	
359	Vila Cova de Perrinho	S. João Baptista	X	X	X	x							X
360	Vila Facaia	Santa Catarina Virgem	X	X	X	X	II, 303					X	
361	Vila Franca da Serra	S. Vicente Mártir	X	X	X	X	II, 305						
362	Vila Nova da Barca	N.ª Sr.ª da Conceição		X	X	X	II, 309-310					X	
363	Vila Nova de Anços	N.ª Sr.ª de Fimis Terrae	X	X	X	Ap.	II, 310	X				X	
364	Vila Nova de Monsarros	S. Miguel	X	X	X	Ap.	II, 311-12						
365	Vila Nova do Casal	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X		Ap.	II, 310	X				X+	
366	Vila Pouca da Beira	S. Sebastião	X	X	X	X	II, 309					X+	
367	Vila Ruiva	N.ª Sr.ª da Graça	X	X	X	X	II, 314	XR					
368	Vila Seca	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	X	II, 314-315					X	
369	Vilarinho da Lousã	S. Pedro Apóstolo	X	X	X	Ap.	II, 327	X				X	
370	Vilarinho do Bairro	S. Miguel	X	X	X	X	II, 326						X
371	Vimieiro (Santa Comba Dão)	Santa Cruz	X	X		Ap.	II, 330-331	X					
372	Vinha da Rainha	N.ª Sr.ª da Graça	X	X	X	X	II, 331					X	
373	Vinhó	N.ª Sr.ª da Assunção	X	X	X	X	II, 332					+(27)	
374	Zambujal	N.ª Sr.ª da Conceição	X	X			II, 336	X				X	

Diocese de Coimbra Carta de Referência

Por Joaquim Ramos de Carvalho e José Pedro Paiva, Outubro 1988.
 Baseada na Carta Administrativa de Portugal 1:250.000, Lisboa,
 Comissão Nacional do Ambiente/Instituto Hidrográfico, 1979.
 © 1988 Joaquim Ramos de Carvalho José Pedro Paiva.



Legenda

- Limites de arcebisado
- Limite da diocese de Aveiro criada em 1774
- Limite das freguesias incorporadas na diocese da Guarda em 1773

Índice Geral

História da Região Centro de Portugal	7
I – PERCURSOS DA HISTÓRIA LOCAL PORTUGUESA	9
Percurso da História Local	11
1. A narrativa histórico-corográfica	12
2. A história particular das localidades	16
3. Percursos de uma nova história local	22
4. A história local: uma história aplicada	24
II – INFORMAÇÕES PAROQUIAIS SETECENTISTAS DA DIOCESE DE COIMBRA: Roteiro para os Investigadores de História Regional e Local ..	27
Apresentação: Informações Paroquiais Setecentistas da Diocese de Coimbra: Roteiro para os Investigadores de História Regional e Local	29
1. Introdução	33
2. A Diocese de Coimbra no Século XVIII	35
3. As Informações Paroquiais Setecentistas	39
3.1. As <i>Informações Paroquiais de 1717</i>	42
3.2. As <i>Informações Paroquiais de 1721</i>	42
3.2.1. As “ <i>Memorias Ecclesiasticas do Bispado de Coimbra</i> ” e a “ <i>Historia Ecclesiastica de Coimbra</i> ”	43
3.2.2. As “ <i>Noticias das Igrejas do Bispado de Coimbra</i> ”	45
3.2.3. As “ <i>Noticias dos Conventos do Bispado de Coimbra</i> ”	46
3.2.4. A “ <i>Noticia das Villas e Lugares da Comarca de Coimbra</i> ”	47
3.2.5. As “ <i>Memorias Geographicas e Historicas da Comarca de Coimbra</i> ”	48
3.2.6. As “ <i>Noticias</i> ” da Comarca de Leiria	49
3.3. As <i>Informações Paroquiais de 1732</i> e o <i>Diccionario Geografico</i>	49
3.4. O inquérito populacional de 1732	51
3.5. As <i>Informações Paroquiais de 1756</i>	55
3.6. As <i>Informações Paroquiais de 1758</i>	58
3.7. As <i>Informações Paroquiais de 1763</i>	59

3.8. As “ <i>Relações</i> ” Paroquiais de 1769	60
3.9. As possíveis <i>Informações Paroquiais</i> de 1769	63
3.10. As <i>Informações Paroquiais de 1774</i> e o “ <i>Estado das Igrejas, Fabricas, e Confrarias</i> ”	64
3.11. As <i>Informações Paroquiais de 1775</i>	66
4. Outras <i>informações</i> setecentistas com interesse para a História local	68
4.0. Dicionários	69
4.1. Bibliografias de História local	70
4.2. Cartografia	72
4.3. Corografias e Geografias setecentistas	76
4.4. Repertórios, Catálogos e Censos	77
4.5. Memórias	79
4.6. Relatos de viagem	80
5. As <i>Informações Paroquiais</i> como fonte histórica	81
a) As <i>Informações Paroquiais de 1717</i>	82
b) As <i>Informações Paroquiais de 1721</i>	83
c) As <i>Informações Paroquiais de 1732</i>	83
d) As <i>Informações Paroquiais de 1756</i>	84
e) As <i>Informações Paroquiais de 1758</i>	86
f) As <i>Informações Paroquiais de 1763</i>	91
g) As “ <i>Relações</i> ” Paroquiais de 1769	92
h) As possíveis <i>Informações Paroquiais</i> de 1769	96
i) As <i>Informações Paroquiais de 1774</i>	96
j) As <i>Informações Paroquiais de 1775</i>	97
6. Critérios de transcrição	99
Apêndice Documental e Inventários	105
I – Questionários	107
1. O questionário das <i>Informações Paroquiais de 1717</i>	109
2. O questionário das <i>Informações Paroquiais de 1721</i> do Cabido da Sé de Coimbra	110
3. O questionário das <i>Informações</i> de 1721 requeridas aos provedores das comarcas	112
4. O questionário hipotético das <i>Informações Paroquiais de 1732</i>	113
5. O inquérito populacional de 1732	116
6. O questionário do <i>Diccionario Geografico</i>	117

7. O questionário das <i>Informações Paroquiais de 1756</i>	121
8. O questionário das <i>Informações Paroquiais de 1758</i>	123
9. O questionário das <i>Informações Paroquiais de 1763</i>	127
10. O questionário das <i>Informações Paroquiais de 1775</i>	128
II – Respostas aos Inquéritos	131
1. <i>Informações Paroquiais de 1717</i>	133
2. <i>Informações Paroquiais de 1721</i>	135
3. “ <i>Noticias das Igrejas do Bispado de Coimbra</i> ”	139
4. “ <i>Noticia das Villas e Lugares da Comarca de Coimbra</i> ”	140
5. “ <i>Extracto das Noticias</i> ”	144
6. “ <i>Memorias Geographicas e Historicas da Comarca de Coimbra</i> ”	147
7. “ <i>Noticias</i> ” da Comarca de Leiria	152
8. <i>Informações Paroquiais de 1756</i>	157
9. <i>Informações Paroquiais de 1758</i>	160
10. <i>Informações Paroquiais de 1763</i>	173
11. “ <i>Relações</i> ” Paroquiais de 1769	175
12. <i>Informações Paroquiais de 1769</i>	190
13. <i>Informações Paroquiais de 1774</i>	193
14. “ <i>Estado das Igrejas, Fabricas, e Confrarias</i> ”	197
15. <i>Informações Paroquiais de 1775</i>	198
III – Índices Documentais	201
1. As <i>Informações Paroquiais de 1721</i> existentes no A.U.C.	203
2. As “ <i>Noticias das Igrejas do Bispado de Coimbra</i> ”	210
3. As “ <i>Noticias dos Conventos do Bispado de Coimbra</i> ”	221
4. A “ <i>Noticia das Villas e Lugares da Comarca de Coimbra</i> ”	222
5. O “ <i>Extracto das Noticias</i> ”	229
6. As “ <i>Memorias Geographicas e Historicas da Comarca de Coimbra</i> ” ...	229
7. As “ <i>Noticias</i> ” da Comarca de Leiria	230
8. As <i>Informações Paroquiais de 1756</i>	230
9. As <i>Informações Paroquiais de 1758</i>	240
10. As <i>Informações Paroquiais de 1763</i>	253
11. As <i>Informações Paroquiais de 1775</i>	256
IV – Índice Toponímico: As Paróquias da Diocese de Coimbra no século XVIII	259

ISBN 978-989-703-056-7



9 789897 030567